

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**Isabele Vianna Nogarol**

**EDUCAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA E AS QUESTÕES DE  
GÊNERO E FEMINISMO NO CURSO DE LETRAS INGLÊS**

**VITÓRIA  
2020**

ISABELE VIANNA NOGAROL

EDUCAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA AS QUESTÕES DE GÊNERO  
E FEMINISMO NO CURSO DE LETRAS INGLÊS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de Linguística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz

Coorientadora: Profa. Dra. Michele Schifler

VITÓRIA

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

N775e Nogarol, Isabele, 1993-  
Educação em língua inglesa e as questões de gênero e  
feminismo no curso de Letras Inglês / Isabele Nogarol. - 2020.  
180 f. : il.

Orientador: Daniel Ferraz.

Coorientadora: Michele Schiffler.

Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal  
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. formação de professores. 2. feminismo. 3. equidade de  
gênero. I. Ferraz, Daniel. II. Schiffler, Michele. III.  
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências  
Humanas e Naturais. IV. Título.

CDU: 80

---

Isabele Viana Nogarol

**“EDUCAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA E QUESTÕES DE GÊNERO E FEMINISMO NO CURSO DE LETRAS INGLÊS”**

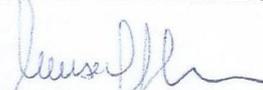
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 18 de fevereiro de 2020.

Comissão Examinadora:



**Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz (UFES/USP)**  
Orientador e Presidente da Comissão Examinadora



**Profª Drª Michele Freire Schiffler (UFES)**  
Coorientadora



**Prof. Dr. Micheline Mattedi Tomazi (UFES)**  
Examinador Interno



**Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz (UFES/USP)**  
Por: **Profª Drª Fabiana Poças Biondo Araujo (UFMS)**  
Examinadora Externa

ISABELE VIANNA NOGAROL

EDUCAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA AS QUESTÕES DE GÊNERO E  
FEMINISMO NO CURSO DE LETRAS INGLÊS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística na área de Linguística Aplicada.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Daniel de Mello Ferraz  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

---

Prof. Dra. Michele Freire Schiffler  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Coorientadora

---

Prof. Dra. Fabiana Poças Biondo Araújo  
Universidade de São Paulo

---

Profa. Dra. Micheline Mattedi Tomazi  
Universidade Federal do Espírito Santo

Dedico este trabalho aos meus pais,  
Monica e Ronaldo, e à minha avó, que  
me deram todo o suporte para seguir  
este caminho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecendo em primeiro lugar a Deus, de quem tirei minhas forças para seguir e enfrentar as dificuldades. Agradeço também a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, e em especial:

Ao meu orientador Daniel de Mello Ferraz, cujo exemplo inspirou esta pesquisa; agradeço pela confiança, paciência, dedicação e sensibilidade; e à minha coorientadora, Michele Schiffler, pela orientação cuidadosa, carinho e sensibilidade;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, com quem muito aprendi ao longo do mestrado;

Às professoras Walkyria Monte Mór, Cláudia Jotto Kawachi Furlan, Fabiana Poças Biondo Araújo e Micheline Matedi Tomazi, que aceitaram o convite para participar do exame de Qualificação e do exame final deste trabalho, e que certamente ofereceram valiosas contribuições à pesquisa;

À UFES, onde a pesquisa se realizou, seus professores e alunos, e em especial aos professores que concederam turmas por abrir as portas para este diálogo com muita boa vontade e confiança;

A todos os colegas do Programa de Pós-Graduação;

Aos meus pais, Monica e Ronaldo e à minha avó Arlinicie, que me deram coragem para seguir até o fim.

## RESUMO

Por meio desta pesquisa de mestrado, pretende-se investigar a formação de professores do curso de Letras Inglês e compreender de quais formas os temas feminismo e gênero estão presentes nessa formação. Buscamos embasamento teórico em Louro (1997) e Butler (1999), para quem o conceito de gênero faz parte da identidade do sujeito. Gênero circula em ambientes de prática social diariamente, tais como religião, ambientes de trabalho e ambientes educacionais. Silvestre (2015) complementa que “(...) a escola tem a responsabilidade de oferecer o acesso a LEs/LAs para que os/as aprendizes possam: conhecer, participar e dar novos contornos à própria realidade; transitar na diversidade; refletir sobre o mundo em que se vive e agir crítica e criativamente” (SILVESTRE, 2015, p. 64). Logo, busca-se responder às perguntas: As formações docentes se preocupam com as discussões sobre gêneros e sexualidades em suas práticas pedagógicas e currículos? Os estudos de gênero e sexualidades podem contribuir para a formação de professores? Os professores de inglês são capacitados para lidar com a educação crítica e as teorias feministas em sua formação? Baseada em André (2008) e em Creswell (2009), essa pesquisa é qualitativa e etnográfica, na qual descrevemos e analisamos visões, entendimentos e hábitos culturais de determinados grupos em seus contextos, aulas no curso de Letras-Inglês, levando as minhas interpretações e o contexto de alguns grupos de alunos e professores em consideração durante a análise. Realizou-se uma coleta e análise de dados de forma qualitativa, na qual fizemos uso de entrevistas e rodas de conversas com professores e alunos e observações de aulas com o objetivo de compreender melhor como essas perspectivas estão presentes no ambiente em questão. Dessa forma, foi possível constatar que feminismo e gênero, mesmo que timidamente em alguns momentos, são temas que preocupam docentes e discentes dos grupos específicos analisados durante a pesquisa.

**Palavras-chave:** formação de professores; feminismo; equidade de gênero.

## **ABSTRACT**

Through this Master's degree research, it is intended to investigate the professional qualification of teachers of the English Language and Literature graduation course in order to understand in what ways themes like feminism and gender are present in this qualification. We consider - as theoretical grounding - Louro (1997) and Butler (1999), for whom the concept of gender is part of the identity of the person. Gender surrounds us in social practice environments daily, such as religion, work environments and, as the focus of this research, educational contexts. Silvestre (2015) complements that "(...) the school has the responsibility to offer access to foreign/additional languages so that the learners can know, participate and give new contours to the their own reality; transit in diversity; reflect on the world in which one lives and act critically and creatively" (SILVESTRE, 2015, p. 64, our translation). Therefore, it is sought to answer the questions: Are teacher education courses concerned with discussions about genres and sexualities in their pedagogical practices and curricula? Can gender and sexuality studies contribute to teacher education? Are teachers educated to deal with critical education and feminist theories in their training? Grounded in André (2008) and Creswell (2009), this research is qualitative and ethnographic, in which we describe and analyze points of view, understandings and cultural habits of certain groups in their contexts, classes in the English Language and Literature course, taking my interpretations and context of students and teachers into account during the analysis. We conducted data collection and analysis in a qualitative way, in which we used interviews and conversations with teachers and students and observations of classes with the objective of better understanding how the perspective of these themes are present in the environment in question. Thus, it was found that feminism and gender, even if timidly at some moments, are issues that concern teachers and students of the specific groups analyzed throughout the research.

**Keywords:** teacher education; feminism; gender equity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. CONTEXTUAIZAÇÃO E METODOLOGIA</b> .....	19
1.1 O pesquisador qualitativo e a colcha de retalhos .....	23
1.2 A entrevista .....	24
1.3 O contexto e os colaboradores/participantes .....	29
1.4 Estudos de gênero e Feminismo no Brasil e no Espírito Santo: uma breve revisão de literatura .....	33
<b>2. EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA <i>VERSUS</i> ENSINO TRADICIONAL DE LÍNGUAS</b> .....	38
2.1 Formação de professores e educação em língua inglesa.....	51
<b>3. OS ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA EM LÍNGUA INGLESA</b> .....	63
3.1 Feminismo e a mulher negra.....	68
3.2 Feminismo e a questão de gênero.....	73
<b>4. ESTUDOS DE GÊNERO, FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADES</b> .....	83
4.1 Identidades e interseccionalidades .....	88
4.2 Formação de professores e eixos interseccionais .....	96
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	111
<b>ANEXOS</b> .....	117



## INTRODUÇÃO

Devido às minhas vivências como mulher, eu, Isabele, pesquisadora, capixaba, professora de inglês, e integrante de nossa sociedade, surgiu o desejo de estudar feminismo de forma mais profunda, assim como as questões de gênero. Dentro desses temas, investigar se está presente no processo de formação de professores e qual o entendimento dos participantes sobre o tema. Desde o início deste trabalho, viso tecer dados e teorias, objetivando favorecer uma prática dialógica que desconstrua a separação da teoria e da prática. Esse tipo de pesquisa já vem sendo realizada no PPGEL por meio das pesquisas de, por exemplo, Merlo (2018), Fonseca (2018), Salera (2019), Fadini (2020), Rezende (2020) e Ferreira (2020), entre outras.

Factualmente, desde pequenas, muitas de nós, mulheres, somos ensinadas dentro de nossas casas por nossos respectivos familiares e em ambientes sociais a nos comportarmos como “mocinhas”: devemos “nos sentar de forma correta”, não podemos falar alto, não podemos falar de certos assuntos ou usar “palavrões”, devemos ser submissas e “servir” aos homens da casa, entre tantas outras imposições, as quais vivenciei fortemente. Defendo que as questões que vivenciei e que muitas mulheres vivenciam possuem uma relação histórica, como afirma Nader, “trata-se de um cenário montado a partir da lógica do patriarcalismo, cuja exploração e exclusão feminina faz parte de uma história de contradições e desigualdades sociais [...]” (NADER, 2013, p.2). Além disso, acredito que muitas das restrições, imposições comportamentais e subordinações as quais nós mulheres vivenciamos em sociedade estão relacionadas também ao sexismo, “[...] As demandas por reconhecimento em gênero estão associadas ao androcentrismo e ao sexismo cultural que insistem em privilegiar o universo masculino e depreciar quase tudo o que é considerado feminino [...]” (JARDIM, CAVAS, 2017, p.82). Dessa forma, sexismo é entendido como o preconceito envolvendo gênero ou/e orientação sexual, isso ocorre nas mais diversas situações do nosso cotidiano, como a objetivação sexual da mulher em propagandas, a discriminação de alguém ou de um grupo baseado em orientação sexual ou gênero e quando alguém afirma que rosa é para meninas e azul é para meninos, por exemplo. Nesta pesquisa, presenciamos

algumas declarações de alunas que se identificam com essa realidade que descrevo, como ilustrado no caso abaixo, após a pergunta: “Você já sofreu sexismo?”:

*Bruna: [...] e também quando [...] meu antigo padraço trazia amigos aqui em casa eles se dirigiam a mim pra ir buscar as bebidas porque eu era mulher no ambiente, eles se dirigiam a mim ou as minhas irmãs mulheres pra a gente ir buscar a bebida como se a gente fosse garçõete mas.. eu euu.<sup>1</sup>. eu não deixei que isso acontecesse, eu fui clara, também questão de arrumar casa [...] tinha antes a ideia de que as mulheres tinham que arrumar a casa e os homens trabalhar, mas eu e minhas irmãs a gente lutou contra isso mas esses são os exemplos mais básicos, e mercado de trabalho ainda não porque eu ainda não trabalho e acho que em questão de aparência física também né [...], se espera da mulher que ela seja atraente, que ela se cuide mais que o homem e os meus avós, minhas avós principalmente pensavam mais isso, agora com os meus primos homens ninguém pensou isso [...]*

*Brenda: acho que isso já aconteceu comigo dentro da família da gente principalmente com os idosos, os avós da gente que você não pode fazer isso não que isso não é coisa de menina não [...], os mais velhos sempre falam esse tipo de coisa que o que é de homem e o que é de mulher, [...] sofri muito isso quando eu era adolescente, você não pode ficar até tarde na rua porque isso é coisa de menino, isso é coisa de você não é macho, e eu uai, o que que tem a ver, nesse tipo de coisa.*

Nos relatos iniciais fornecidos pela aluna Bruna considero relevante destacar que as mulheres são constantemente colocadas em uma posição de “servir” ao homem da casa. Por isso elas são responsabilizadas por tarefas domésticas, como faxinas e preparo de refeições. Outra constatação feita pela estudante se refere à aparência física, pois era esperado dela que se mantivesse atraente e “bem cuidada”. Entretanto, essa pressão social não era exigida sobre seus primos homens. Além disso, Brenda comenta sobre as cobranças das pessoas mais velhas, especificamente dos seus avós, algo que diz respeito aos comportamentos e atividades consideradas masculinas e restritas aos meninos. A aluna menciona atividades das quais era privada de participar, como “ficar na rua até tarde”. Creio ser de conhecimento comum que o relatado feito pelas alunas é parte do cotidiano de muitas mulheres brasileiras.

Em contrapartida, essa pressão não se dá dessa mesma forma sobre os homens durante sua criação, pois, como afirma Pereira (2012), vemos que “[...] a ‘linguagem das mulheres’, com a emotividade, a hesitação, indicativas de

---

<sup>1</sup> Optamos nessa pesquisa por retirar as marcações de fala das transcrições presentes nas entrevistas dos participantes no decorrer da mesma.

trivialidade e incerteza, conduzem a uma fala sem poder, presente em uma fala mais forte e vigorosa, normalmente atribuída aos homens” (PEREIRA, 2012, p. 378). Ou seja, a pressão que é socialmente exercida sobre os homens se volta à cobrança por interesse em questões consideradas masculinas na medida em que “[...] desde cedo, não apenas meninos, mas também homens crescidos, tendem a categorizar negativamente os meninos que não correspondem ao estereótipo masculino cultural e que participam de interesses femininos.” (PERSON, 2010, p. 1167, tradução nossa<sup>2</sup>). Em seguida, apresento o relato de um participante, homossexual, que passou por essas pressões exercidas sobre homens que diferem das exercidas sobre mulheres quando questionamos, “Você já sofreu sexismo?”:

*Giovane: sim, não vou mentir, porque eu sou gay entendeu [...], minha família por exemplo é super tradicional, religiosa entendeu, cristã, sempre teve essa ideia assim de homem ser o provedor da casa sabe, tem que ser macho, tem que ser tudo isso entendeu, então sexismo pra mim é uma coisa tipo rotina entendeu, [...] mais na minha família do que fora dela assim com amigos, [...] por exemplo na faculdade jamais, assim, não que eu me lembre mas [...],mas eu acho que sexismo é uma coisa até mesmo na minha família assim que eu vejo assim é uma coisa mais recorrente pra mulher entendeu do que pro homem, mas se eu já sofri, já sofri sexismo.*

Diante disso, considero como a parte mais intrigante da fala de Giovane o fato dessas cobranças de padrões e preconceitos serem provenientes de seu ambiente familiar, o qual ele afirma ser religioso e tradicional. Dessa maneira, o aluno demonstra que em seu seio familiar existe uma rotina opressiva. Em contrapartida, afirma não haver essa cobrança na faculdade, mas talvez entre amigos, mesmo ocorrendo em menor proporção. Penso que as atitudes da família de Giovane caracterizam-se como provenientes do patriarcado que se perpetua dentro de muitas casas brasileiras, conceito abordado por Nader (2013),

Nas sociedades patriarcais a relação hierárquica e de autoridade se baseia no princípio da superioridade masculina que se constitui em um ingrediente fundamental dos mecanismos de dominação de gênero. Considerando a teoria de o dualismo hierarquizado ser a raiz da violência de gênero, logo, isso resulta em interesses de subordinação da mulher, colocada como ser inferior[...]. (NADER, 2013, p.4)

---

<sup>2</sup> Traduzimos todos os autores que publicaram originalmente em inglês.

Mediante ao que foi abordado sobre cobranças sociais normativas exercidas em diferentes proporções sobre homens e mulheres, em especial os que não se encaixam nesse padrão, acredito que Giovane se enquadra nessa discussão por não atender às expectativas de sua família. Como Nader afirma, “Historicamente, a sustentação da identidade masculina patriarcal foi pautada no ideal de virilidade [...]” (NADER, 2013, p. 5) Ou seja, o patriarcado, além do peso sobre as mulheres, também exercia (e creio que ainda exerce) um forte peso sobre meninos e homens para que se adequem à padrões masculinos. Tais cobranças podem gerar situações de insegurança, desafios e preconceitos sobre indivíduos que não se adequam a tais padrões. Alguns até mesmo escondem por muitos anos sua sexualidade (em caso de não conformidade com a heterossexualidade vigente) buscando fugir de tais situações. Creio que o ambiente familiar deveria ser o local de maior aceitação, que nos respeita e nos oferece suporte em dificuldades que possamos enfrentar socialmente. Não obstante, entendo que pensar dessa forma seria utópico diante do que vivenciamos atualmente, em tempos onde presenciamos uma onda de (neo)conservadorismo.

De acordo com Pereira (2012), o que encontramos nas famílias brasileiras é um modelo de patriarcado que rege os lares e pesa na criação de meninas e meninos. “[...]O patriarcado no Brasil se manifesta na sua forma estrutural tendo como representante máxima a figura da família patriarcal” (NADER, MORGANTE, 2019, p. 116). Esse modelo impõe comportamentos padrões que pesam na constituição das identidades dos indivíduos. Sendo o ambiente familiar nosso primeiro contexto de socialização, é normal que carreguemos atitudes provenientes deste meio até adquirimos consciência, ou oportunidade para refletir sobre o que vai além dele.

Em relação aos ‘modos’ de fala, a “linguagem das mulheres” é concebida, por Lakoff, como “um estilo particular de fala” (Hymes, 1972; Tannen, 1984; Pereira, 2009) aprendido durante a socialização no contexto da família; as meninas aprendem, desde cedo, a serem “pequenas damas”. (PEREIRA, 2012, p. 378).

Em contrapartida, a forma como esses comportamentos referentes à masculinidade ou feminilidade são transmitidos pode variar dentro de culturas diferentes e em espaços diferentes de tempo. “Nada há de puramente natural e

dado em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2007, p. 17). Acredito que vivências diferentes podem afetar singularmente a forma como as mulheres se enxergam socialmente, como por exemplo crescer em uma família fortemente influenciada pela igreja e envolta por parentes ou pessoas extremamente machistas, ou numa família com uma visão mais aberta e que entenda e pratique questões como feminismo.

No decorrer da entrevista feita com a aluna Jamily obtivemos uma resposta acerca desse assunto quando foi perguntado: “Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?”

*Jamily: [...]principalmente as pessoas que têm determinada religião têm muito medo da diversidade, da aceitação porque a bíblia em si, eu acho a bíblia muito machista gente, eu tenho a minha religião e tal, mas tem que entender que a bíblia foi feita há séculos e séculos atrás, que tem um conceito histórico e que foi feita por homens. E naquela época os homens ficavam acima das mulheres e as mulheres aceitavam isso, hoje em dia não é mais assim, só que por as pessoas acreditarem na bíblia e levarem a bíblia como verdade absoluta, eles acham que vai ser isso e acabou, então se hoje em dia tá lá assim mulher tem que ser igual ao homem eles vão falar “não, mas na bíblia tá lá: mulher submissa ao homem. Então, vai ser submissa” [...]*

Similarmente ao relato fornecido pela aluna, eu mesma cresci numa família que seguia rigidamente os dogmas da igreja presbiteriana, uma vertente bastante tradicional da igreja evangélica. Esta posiciona a mulher em uma relação de submissão ao homem, no dever de assumir as tarefas de casa, por exemplo. Enxerguei, por muito tempo, o sexo como algo errado e sujo; acreditava que se o praticasse antes do casamento nunca mais conseguiria me casar. Acredito que isso seja consequência de ter sido doutrinada para acreditar que nenhum homem me valorizaria se eu não fosse mais virgem, pensamento demasiadamente arcaico. Inclusive, era cobrada com muita seriedade em questões como casamento e sexualidade, visto que se eu não “arrumasse” um marido até uma certa idade, ficaria malvista pela igreja e pela sociedade. Nesse sentido, ouvia afirmações sexistas como: “se não arrumar marido logo vai ficar pra titia, e mulher que fica pra titia é feio, fica sozinha”. Dentro da minha realidade infantil tais coisas eram internalizadas como verdades que quase me

assombravam, pela insistência no assunto de que eu só seria suficiente com um bom homem da igreja ao meu lado.

Portanto, em nenhum momento me foi incentivado a ser suficiente sozinha, a buscar crescimento intelectual e profissional independentemente de ser ao lado de alguém ou não. Ter um marido parecia vir acima de tudo isso, e esse “marido” deveria ser da igreja. A priori, eu pensava assim por medo e pela pressão que foram a mim impostas pela minha família e pela igreja, a qual eu era obrigada a frequentar não só aos domingos, assim como os cultos semanais. Tudo isso sem minha opinião/vontade pessoal, pois eu odiava ir àquela igreja.

Posteriormente, consegui romper com essa visão ideológica ao entrar na universidade, quando tive contato com uma gama de pessoas diferentes. Como se não bastasse o que foi exposto até agora, pessoas próximas que participaram da minha criação, além dessas questões, também carregam um forte preconceito contra homossexuais. Esses preconceitos são fruto de uma sociedade que precisa urgentemente de mudar. Preconceitos são ensinados e aprendidos e passados de geração em geração, precisamos cada vez mais buscar cessar essa propagação. Acerca dessa questão, em outro momento durante a discussão sobre a pergunta: “Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?”, a aluna Jamily desabafou:

*Jamily: [...]na verdade eu nunca vi na bíblia escrito assim que homem não podia se relacionar com homem, mas eu não sei eles falam que têm, mas eu particularmente nunca vi. Mas eles falam assim que eles não aceitam e quando a gente fala assim que o primeiro mandamento da lei de Deus é amar o próximo como a ti mesmo, nossa eles vão pra cima, às vezes me dá um medo assim deles achar que eles, que vão me fazer alguma coisa, [...] eles colocam um requisito lá pra você amar o próximo sendo que na bíblia não há requisito, você só tem que amar, gente ama vai lá [...]*

Assim, mesmo tendo sido criada nesse meio no qual a religião era seguida com tanto radicalismo e a bíblia era usada como escudo para atitudes homofóbicas, concordo com a aluna Jamily acima. Na minha perspectiva, não entendo como é possível se espalhar tanto ódio, tanta vontade de querer atrapalhar a vida e a felicidade de outras pessoas que só querem exercer seus direitos e sexualidades. Compartilho o sentimento de indignação da aluna e penso que o amor ao próximo, que tanto é pregado na igreja, está bem distante

de ser exercido no cotidiano. Nessa perspectiva, me deparo de forma mais corriqueira com desrespeito às pessoas que não atendem aos requerimentos considerados cristãos. Creio que esses discursos se aproximam mais do ódio do que do amor. Antes mesmo de entrar em contato com outras pessoas e com outras perspectivas, as quais de certa forma me “libertaram” de pensamentos arcaicos, nunca consegui entender esse paradoxo em um contexto onde pregam que devemos amar e respeitar ao próximo. Para Person (2010),

Sabemos agora que, além daquilo que é inato e daquilo que é adquirido, a cultura em que vivemos desempenha um papel importante não apenas em nossas práticas sexuais, mas também na maneira como conceituamos o gênero. Nossas formulações sobre o que é inato e o que é aprendido (ou socializado) nunca podem ser definitivas ou universais, nem que seja porque os costumes sexuais e os preconceitos de gênero são transmitidos de forma diferente em diferentes culturas e séculos, às vezes até em décadas diferentes (PERSON, 2010, p. 1166, tradução nossa).

Não obstante, mudei a minha perspectiva e abdiquei daquele pensamento arcaico que me privava de viver e aceitar as diferenças, tanto sociais quanto de crescimento independente. Em contrapartida, a minha família não mudou a perspectiva sobre essas questões. Em concordância com os pensamentos de Foucault (1988), no entendimento de Ferraz (2014), dentro da família tradicional a sexualidade é encerrada, confiscada como se fosse assunto proibido. O que é considerado, de fato, é o casal hétero, procriador que vai se casar e viver na “normalidade”. Assim, dentro do que foi exposto, sendo temas como sexualidade, estudos de gênero e feminismo um tabu dentro das famílias em geral e na escola, como poderiam os estudos de linguagem / linguística crítica problematizar questões como identidades, gênero, sexualidade, equidade e direitos humanos?

Atualmente, vemos denúncias de muitas mulheres adultas que se posicionam sobre abusos sofridos na infância (os quais elas não reconheciam como abuso, por falta de orientação ou muitas vezes por influência do abusador) e nos indagamos: A escola / universidade não poderia se concretizar como um espaço para essa conscientização?

Além das questões já colocadas, as mulheres sofrem diariamente com a pressão social por um padrão de beleza difundido na sociedade em uma proporção bem maior do que os homens. Durante a entrevista, questionamos:

“Quais são os problemas que, ao seu ver, a mulher ainda enfrenta na sociedade de hoje?” e aluna Bruna comenta sobre a ditadura da beleza:

*Bruna: [...] a ditadura da beleza também é um problema, se espera da mulher que ela seja bonita, que ela se cuide, que ela seja feminina, se ela não é feminina ela é vista como um termo pejorativo sapatão, ou desleixada [...]*

Visto que propagandas, programas de TV, redes sociais, revistas, quais sejam, as mídias de massa trazem em sua maioria mulheres sempre muito bem arrumadas e com corpos sempre “esbeltos” de acordo com o padrão imposto socialmente. Entretanto são provenientes, na maioria das imagens, de muitos efeitos digitais ou de procedimentos estéticos caríssimos. Isso se caracteriza em uma abordagem midiática, que impõe um padrão inatingível para mulheres comuns. Como consequência, por não desejarem esses padrões impostos e normativos ou por desejarem algo inalcançável imposto pelas mídias, muitas têm problemas de autoestima e depressão. Eu mesma, como mulher, posso afirmar que não atingir aos padrões sociais de beleza interfere em como me enxergo; já me senti mal diversas vezes com a minha aparência, com o meu corpo. Pessoas bem próximas do meu convívio priorizam a estética imposta socialmente, e em muitos momentos são apontadas características físicas minhas fora do padrão como sendo negativas. Exemplificando, se, ao vestir um biquini, minhas estrias e celulites ficam aparentes, sou chamada de “relaxada e preguiçosa”. Entre outras situações que vivencio desde muito nova.

Creio que isso exerça uma carga sobre a timidez e insegurança em excesso que apresento ainda na vida adulta. Indo ao encontro das ideias de Bourdieu (2012),

*A probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica da experiência do "corpo alienado"), o mal-estar, a timidez ou a vergonha são tanto mais fortes quanto maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros. Ela varia nitidamente segundo o sexo e a posição no espaço social (BOURDIEU, 2012, p. 81).*

Diariamente nos deparamos em meios de mídia com essas mulheres com corpos perfeitos e isso – não deveria -, mas afeta a nossa subjetividade e

identidades. Somos emocionalmente forçadas a atingir tais padrões estéticos, o que considero muito cruel, visto que seres humanos possuem biótipos diferentes, somos diversidade e há muita beleza em tal coisa. Nessa perspectiva, acredito que a visão dos homens sobre as mulheres é consideravelmente influenciada por essas imagens. Em momentos de socialização, ouvi diversas vezes de homens críticas às meninas por características que eles consideram “defeitos” no corpo, como celulites, estrias, falta de “peito ou bunda”. Entende-se como se, em virtude disso, as mulheres fossem obrigadas a atingirem um padrão de perfeição para agradá-los: “não pode ser seca demais, não pode ser cheinha demais, como se as mulheres tivessem a obrigação de terem proporções perfeitas em tudo”. Eu mesma, como mulher ouvi comentários como: “você seria mais bonita se colocasse silicone”, “você de frente parece que está de costas”, “se malhasse mais seu corpo ficaria lindo”, entre outros comentários depreciativos. Porém é irrelevante ao falante a minha boa relação com o meu corpo e o fato de eu não considerar necessárias tais mudanças.

Concomitantemente, acredito também que essa visão equivocada que homens e inclusive algumas mulheres apresentam seja fruto do machismo, e por isso necessitamos de maior investigação nessa área. Sob as óticas das narrativas supracitadas, defendemos que a educação pode ser utilizada como meio de aproximar alunas e alunos aos temas que os ajudem a entender as questões de feminismo e gênero. Investigamos aqui as opiniões e entendimentos sobre essas perspectivas de grupos determinados de docentes e discentes em um contexto de formação de professores de inglês (curso que me formei), que é o curso de Letras Inglês de uma Universidade do Espírito Santo.

Como venho ressaltando, eu, Isabele, como mulher, pesquisadora, capixaba, professora de inglês, e integrante de nossa sociedade, me encontro diariamente em face da indignação interna no que tange à situação da mulher em nosso contexto. Quero reforçar que vivenciei uma criação cheia de repressões machistas referentes aos comportamentos e atitudes pautadas principalmente na religião evangélica. Porém, em muitas situações não tive forças para me posicionar ou me defender por ter sido silenciada em tantos momentos por pessoas de convívio próximo que participaram da minha criação.

Entretanto, já na fase adulta e ao ingressar como estudante na universidade me deparei com uma pluralidade de indivíduos, os quais carregavam concepções de vida tão distintas de tudo o que foi apresentado a mim até então. Por conseguinte, aulas da graduação adentraram sutilmente temas como feminismo e estudos de gênero. Os diálogos que aconteciam em sala de aula espontaneamente, as conversas informais com colegas e os professores entravam nessas temáticas. Dessa forma, meus limites pessoais se desfaziam, fazendo com que eu construísse pensamentos mais abrangentes, mais plurais, mais igualitários e mais libertadores. Toda essa vivência afetou diretamente a minha forma de agir e de me posicionar em situações de injustiça e de dominação masculina. A partir de então, parei de me sentir menor e incapaz em relação aos homens, parei de deixar de realizar atividades que não fazia antes pelo simples fato de ser mulher e rompi com as amarras ideológicas impostas pela religião.

Por isso, acredito que se durante minha formação escolar as teorias de feminismo e gênero tivessem sido apresentadas muitas situações se resolveriam de outra forma. Caso tivesse mais conhecimento e autoconfiança, eu poderia ter me defendido e me posicionado em situações nas quais sofri com a dominação masculina. Decerto que o reconhecimento da situação em que eu me encontrava e das suas consequências poderia ter me ajudado a tomar as atitudes mais cabíveis. De acordo com as opiniões expressas por minhas experiências aqui brevemente descritas, acredito que investigar a formação de professores no que tange feminismo e estudo de gênero poderia ser o ideal. Defendo que a educação e a orientação escolar são um “pontapé inicial”, constituindo o principal campo para o início do processo de mudanças significativas em relação a essas questões sociais. Nesse entendimento, decidi analisar qual visão/opinião alguns professores, alunas e alunos trazem a respeito disso.

Em afinidade com o que foi argumentado até agora, espero de alguma forma colaborar com o entendimento da necessidade de um olhar mais atencioso para questões de feminismo e gênero. Acredito ser necessário principalmente em ambientes nos quais atuamos não só como professores de língua estrangeira, mas também educadores em geral, não sendo possível desvincular uma ação da outra.

Desse modo, esta dissertação está dividida nas seguintes seções: A primeira, *Contextualização e Metodologia*, apresenta, como vimos, narrativas iniciais imbricadas com análises também iniciais e, em seguida, os métodos de geração e análise de dados; a segunda, *Estudos de gênero e Feminismo no Brasil e no Espírito Santo: uma breve revisão de literatura*, valida a relevância dos temas de pesquisa no contexto capixaba; a terceira, *Educação linguística versus ensino tradicional de línguas*, discute os temas desta pesquisa relacionados à educação linguística por meio das visões de alunos e professores; a quarta, *Estudos de gênero, feminismo e interseccionalidades*, dialoga com os conceitos de interseccionalidade (raça, gêneros, sexualidade, feminismo).

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO E METODOLOGIA

Passemos agora para a contextualização e metodologia. Esta pesquisa se baseia nas pesquisas etnográficas com base nos preceitos de André (2008), optando predominantemente pela primeira pessoa do plural. Entretanto, em alguns momentos optei pela primeira pessoa do singular, por tratar de opiniões e experiências pessoais minhas que se entrelaçam com a pesquisa. Concomitantemente, todos os envolvidos participaram ativamente da pesquisa e são de alguma maneira coautores na construção aqui proposta.

Baseada em André (2008), esta pesquisa é considerada de cunho etnográfico, pois, entre suas características se encontram: tentativa de descrição de cultura e sociedade, trabalho de campo de forma naturalística, descrição da realidade levando em conta a interpretação da autora, entre outras definidas pelo autor. Além disso, Creswell (2009) observa que:

A etnografia é uma estratégia de investigação na qual o pesquisador estuda um grupo cultural intacto em seu ambiente natural durante um período prolongado de tempo, coletando, principalmente, dados observacionais e entrevistas (Creswell. 2007b). O processo de pesquisa é flexível e tipicamente evolui contextualmente em resposta às realidades vividas no ambiente de campo. (LeCompte & Schensul. 1999) (CRESWELL, 2009, p. 13, tradução nossa).

Com isso, o objetivo desta pesquisa é compreender entendimentos, opiniões e hábitos culturais de um determinado grupo (grupos específicos de estudantes e professores de cursos de formação de professores de uma Universidade do Espírito Santo, do curso de Letras Inglês) em seus contextos de sala de aula.

Nossa escolha pelo curso de Letras Inglês se deu pela intenção de problematizar o nosso contexto, qual seja, o ensino e aprendizagem de LI em um curso de Letras, questões que consideramos relevante para a formação do futuro professor de inglês (por exemplo, os estudos de gênero e sexualidade). Optamos pela comparação e contraste entre disciplinas, alunos de diferentes períodos e pessoas com visões de vida e experiências variadas, buscando responder à seguinte pergunta de pesquisa: No processo de formação docente dos futuros professores de inglês há uma preocupação com as discussões sobre gêneros e sexualidades em suas práticas pedagógicas e currículos?

Paralelamente, outras perguntas embasam esta pesquisa: Os estudos de gênero e sexualidades e as perspectivas feministas podem contribuir para a formação de professores de língua inglesa? Os professores de LI são capacitados para lidar com a educação crítica e as teorias feministas em sua formação?

Seguindo nessas perspectivas, em nossa pesquisa etnográfica realizou-se uma coleta e análise de dados obtidos de forma qualitativa. Portanto, não usamos dados numéricos como na pesquisa quantitativa, pois “[...] procedimentos qualitativos demonstram uma abordagem diferente à investigação acadêmica do que métodos de pesquisa quantitativa.” (CRESWELL, 2009, p. 173, tradução nossa). Como Creswell (2009) aponta, a pesquisa qualitativa se baseia em diferentes métodos de coleta de dados, diferentes embasamentos teóricos, investigação e análise desses dados e o olhar que lançamos sobre estes.

A pesquisa qualitativa passou, historicamente, por mudanças consideráveis, tal como é abordado em Denzin e Lincoln (2006): ela “nasceu de uma preocupação em entender o outro [...] esse outro era o outro exótico, uma pessoa primitiva, não-branca, proveniente de uma cultura estrangeira considerada menos civilizada do que a cultura do pesquisador” (DENZIN,

LINCOLN, 2006, p. 15). Partindo desse pressuposto, a pesquisa qualitativa teve suas origens na necessidade do colonizador em entender os povos que agiam e pensavam de forma completamente oposta a seus costumes, na qual

[...] não apenas percebia a necessidade de explicar a existência desconcertante do 'outro', como também era obrigado a esclarecer como e por que haviam surgido tais diferenças entre os valores morais dos europeus e os dos 'outros'. [...] Práticas como o infanticídio, o canibalismo, o sacrifício humano, e o que em um primeiro momento parecia promiscuidade, reabriram o problema das contradições entre os valores culturais e a investigação de formas para tentar explicar e resolver essas contradições." (VIDICH, LYMAN, 2006, p. 51-52).

Surgiu, diante desse cenário, a necessidade de entender o "outro", qual seja, aquele indivíduo que se insere em outra cultura totalmente oposta à do colonizador. O "outro" que chocava com seus costumes que, na perspectiva do investigador, eram profanos e contra os comportamentos cristãos. Assim, "Etnógrafos que realizaram seus estudos de campo em áreas colonizadas dividiram-se [...] alguns tornaram-se defensores da liberação etnocultural e da revolta anticolonial. Alguns respeitaram a autonomia da cultura tradicional" (VIDICH, LYMAN, 2006, p.54). Dentro dessa perspectiva, a pesquisa tinha como questões de levantamento principalmente questões ligadas à religião e ao que ia a favor ou contra ela

No passado, para muitos investigadores, os problemas de pesquisa se apresentavam a eles em função de seu compromisso em prol de uma fé religiosa ou de um credo étnico, ou contra estes; ou ainda por sua identificação com metas nacionais específicas ou com programas socioeconômicos ou em oposição a estes. (...) Todavia, a fé, os credos e as esperanças que conferiram um foco para o trabalho de nossos antepassados não desapareceram por completo dos mapas mentais do sociólogo. Ao contrário, esses elementos continuam existindo em um segundo-plano que não chega a ser consciente (...)" (VIDICH, LYMAN, 2006, p. 51).

Ademais, em conformidade com Vidich e Lyman (2006), são apontados diferentes momentos da pesquisa qualitativa com foco na América do Norte do Século XX. Nesses momentos existe uma semelhança: "Em cada uma dessas eras, os pesquisadores foram e continuam sendo influenciados por suas esperanças e ideologias políticas, fazendo descobertas em suas pesquisas que confirmam teorias ou crenças anteriores" (DENZIN, LINCOLN, 2006, p. 26).

Atualmente, entretanto, a pesquisa qualitativa se desprende da visão inicial e adentrou os espaços escolares, buscando entender “o outro”. Nos dias atuais, pelo que entendemos como pesquisa qualitativa, “O pesquisador dispõe de diversos métodos para a coleta de materiais empíricos” (DENZIN, LINCOLN, 2006, p. 36) como, por exemplo, entrevistas, análise de artefatos, documentos e registros culturais, observações, experiências pessoais, entre outros.

Especificamente em relação à etnografia, a escolha dos métodos a serem utilizados fica a critério do pesquisador, que procura qual poderá atender melhor dentro do contexto que irá agir.

Não mais ligados aos valores que guiaram e centralizaram o trabalho dos primeiros etnógrafos, a nova etnografia abrange um tema vasto, limitado apenas pelas variedades da experiência moderna; os pontos de vista que podem originar as observações etnográficas são tão numerosos quanto as escolhas de estilos de vida disponíveis na sociedade moderna. (VIDICH, LYMAN, 2006, p. 73).

Em suma, “O movimento de investigação qualitativa baseia-se em uma profunda preocupação com a compreensão do que outros seres humanos estão fazendo ou dizendo” (SCHWANDT, 2006, p. 205). Essa preocupação com o entendimento do “outro” conta com vários métodos para alcançar seu propósito e pode ser pautada em diferentes ideologias, crenças e teorias existentes em nossa sociedade.

Dessa forma, para a coleta de dados, fizemos uso de entrevistas orais gravadas (com professores e alunos), observações de aulas e análise de material didático. Compartilhamos do entendimento que “Pesquisadores qualitativos coletam dados por meio do exame de documentos, observando o comportamento ou entrevistando os participantes” (CRESWELL, 2009, p. 175, tradução nossa) entre outras opções.

Os dados foram coletados conforme o quadro abaixo:

<b>Etapa 1</b>	<b>Etapa 2</b>	<b>Etapa 3</b>
Observação de aulas	Documentos (material didático, etc)	Entrevistas gravadas com alunos
Anotações de campo	Questionário perfil alunos	Entrevistas gravadas com professores
Contato com participantes	Questionário perfil professores	

Quadro 1: Etapas de realização de pesquisa.

Além disso, abordando a diversidade de métodos possíveis dentro da pesquisa qualitativa, gostaríamos de destacar que

[...] a pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevistas; (...); textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos (DENZIN, LINCOLN, 2006, p. 17).

Justificamos, portanto, os momentos pelos quais, além das coletas de dados mencionadas anteriormente, também são incluídas experiências de vida da própria pesquisadora e experiências relatadas por entrevistados durante o processo. Acrescentamos, ainda, registros de notas de campo sobre atuação de professores e alunos em sala como complemento aos instrumentos utilizados para coleta de dados desta pesquisa.

Dessa forma, é possível organizar os dados coletados que produzam sentido e contribuam para a análise do tema. Portanto, no intuito de justificar as diferentes formas de coleta de dados usadas nessa pesquisa e que são características de uma pesquisa qualitativa, buscamos aqui uma análise ampla e variada. Foram adotados vários dispositivos complementares entre si para a coleta e análise. Como numa colcha de retalhos, costuramos pedaços variados de diferentes origens, com a finalidade de traçar um resultado.

As observações de aula ocorreram em duas disciplinas da graduação (Morfossintaxe e Literatura Britânica) em um contexto no qual eu agia como participante observadora, e em outro com uma participação ativa. Em uma das

disciplinas contempladas nas observações, tive a liberdade de ministrar aulas, participar de atividades, correções e estabelecer um convívio mais profundo com alunos e a professora da disciplina. Essa experiência se tornou extremamente proveitosa para a minha pesquisa e para o meu futuro como educadora.

### 1.1 O pesquisador qualitativo e a colcha de retalhos

Corroborando Denzin e Lincoln (2006), podemos afirmar que o pesquisador qualitativo pode ser considerado um costureiro que tece uma colcha de retalhos. Isso ocorre por esse pesquisador dispor de uma gama de opções metodológicas e abordagens:

A diversidade de práticas metodológicas da pesquisa qualitativa pode ser vista como *soft science*, jornalismo, etnografia, bricolagem, confecção de colchas e montagem. O pesquisador, por sua vez, talvez seja visto como um *bricoleur*, um indivíduo que confecciona colchas, ou, como na produção de filmes, uma pessoa que reúne imagens transformando-as em montagens (DENZIN, LINCOLN, 2006, p. 18).

Do mesmo modo, o pesquisador atua como o confeccionador de sua colcha e utiliza-se dos retalhos que estão ao seu alcance. Ou seja, no meio do caminho, pode trocar seus retalhos de ordem ou até mesmo buscar novos retalhos, entendendo-os analogicamente como práticas metodológicas que constituem a pesquisa qualitativa. Dentro das visões de *bricoleur* expostas por Denzin e Lincoln (2006), duas em particular nos chamaram mais a atenção por se adequarem aos métodos de confecção de colcha de nossa pesquisa: 1. do “*Bricoleur* teórico” que é identificado como aquele que “[...] lê muito e é bem-informado a respeito dos diversos paradigmas interpretativos (feminismo, marxismo, estudos culturais, construtivismo, teoria queer) que podem ser misturados ou sintetizados” (DENZIN, LINCOLN, 2006 p. 20) e 2. do “*Bricoleur* interpretativo” que seria o indivíduo que “[...] entende que a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, pela biografia, pelo gênero, pela classe social, pela raça e pela etnicidade dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário” (DENZIN, LINCOLN, 2006 p. 20). A escolha dos dois *bricoleurs* se deu pelo fato de ter feito muitas leituras para me aprofundar no tema de pesquisa. Até então, esses eram assuntos inéditos para mim.

## 1.2 A entrevista

A princípio foi possível, por meio das entrevistas, ouvir a voz dos sujeitos de estudo em questão. Assim, pudemos entender os seus posicionamentos e buscar analisar se existe uma perspectiva crítica em relação ao feminismo e estudos de gênero em aulas da graduação de Letras Inglês durante o processo. Entendemos que “[...] o discurso da entrevista é construído conjuntamente pelo entrevistador e pelo entrevistado” (MISHLER, 1996, p. 52). Com essa finalidade, foram feitas perguntas, a fim de compreender o entendimento e a vivências dos participantes acerca do tema em questão, Mishler complementa:

[...] um entendimento adequado das entrevistas depende de se reconhecer como os entrevistadores reformulam as questões e como os entrevistados elaboram suas respostas de acordo com seu entendimento recíproco, na medida em que os significados emergem durante uma conversação. (MISHLER, 1996, p.52)

O ato da entrevista é uma negociação constante de significados entre entrevistador e entrevistado. Indivíduos diferem em sua maneira de pensar e de se posicionar, como foi mencionado anteriormente. Diante disso, estão em jogo no momento da fala o entendimento do entrevistador sobre a questão, o entendimento do entrevistado, e o entendimento que ambos compartilham no desenrolar da comunicação exercida em relação ao tópico proposto.

No que concerne às transcrições de entrevista, sabemos que “Há muitas formas de transcrever e cada uma delas é apenas uma representação parcial da fala” (MISHLER, 1996, p. 47-48). No contexto deste trabalho, temos o intuito de analisar apenas o conteúdo da fala, com o propósito de entender o conhecimento e opinião dos participantes. Então, aspectos como alteração no tom de voz, expressões faciais e corporais não são relevantes durante as transcrições. Ademais, partilhamos do entendimento de que “A experiência de transcrever poderá convencer pesquisadores da necessidade de ouvir os áudios repetidamente para garantir a transcrição mais precisa o possível” (MISHLER, 1996, p. 49), decerto que o trabalho de transcrição é árduo, porém muito proveitoso. Durante o processo de transcrever, novas ideias de análise podem surgir, além disso, existe a possibilidade de revisitarem-se os áudios sempre que necessário. Assim, a transcrição inicial foi feita com fidelidade à fala e todas às

suas características, mas na fase de análise optamos por retirar os alongamentos vocálicos como “eee.....ooo...aaa...” e “paraaaa”. Tal qual, o excesso de contrações e marcas de oralidade, como “né” e as palavras incompletas como “Eu estava pensan...”, com intenção de dar melhor fluidez ao texto.

Na tentativa de identificar o que os alunos pensam sobre feminismo, igualdade de gênero e a relevância desses temas em contextos educacionais, partimos das seguintes questões iniciais:

- 1) Como foi a sua formação como estudante nesta universidade?
- 2) Sobre sua formação acadêmica, em algum momento foi abordado o tema igualdade de gênero ou feminismo em sala de aula?
- 3) Em seu curso, foi oferecido em algum momento palestras, optativas, minicursos ou alguma atividade extracurricular que falasse sobre feminismo e igualdade de gênero?
- 4) Como você entende o feminismo e a igualdade de gênero?
- 5) Você acredita que a mulher enfrenta mais dificuldades do que os homens? Por quê?
- 6) Por que perguntam em algumas entrevistas de trabalho se a mulher tem filhos?
- 7) Você já sofreu sexismo?
- 8) O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES?
- 9) Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?
- 10) Quais são os problemas que, ao seu ver, a mulher ainda enfrenta na sociedade de hoje?
- 11) Você já se deparou com alguma situação de machismo ou preconceito envolvendo gênero?
- 12) Por que a mulher recebe menos que os homens em certas profissões?
- 13) Você acha que a visão de gênero ainda é binária (homem heterossexual vs. mulher heterossexual)?

- 14) Você já presenciou alguma situação de agressão ou preconceito contra algum homossexual? Ou conhece alguém que já passou por isso? Pode explicar?
- 15) Que medidas que você acha que poderiam ou deveriam ser tomadas para diminuir as agressões e preconceitos contra mulheres e homossexuais?
- 16) (Caso a entrevistada seja mulher) Você sofre algum medo que você acredita que aconteça pelo único fato de você ser mulher?
- 17) Você acredita que a mulher tem a mesma liberdade para uma vida social que o homem tem?
- 18) Por que algumas pessoas entendem o feminismo como um movimento agressivo ou como algo desnecessário?
- 19) Você se sente preparada (o), como professora (or) (ou futura (o) professora (or)) para lidar com temas como igualdade de gênero e feminismo em sala de aula? Se você já é professor, já passou por alguma situação em sala? Ou presenciou algo como aluna (o)?
- 20) O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?

Partindo agora para a identificação do que os professores participantes pensam sobre feminismo, igualdade de gênero e a relevância desses temas em contextos educacionais, as seguintes questões iniciais foram consideradas:

- 1) Como foi a sua formação acadêmica, em algum momento da graduação ou na pós foram abordadas teorias de gênero?
- 2) Como professor, em suas aulas você aborda temas como igualdade de gênero ou feminismo?
- 3) Você se sente preparado pela sua formação ou por outros estudos, como professor, para lidar com temas como os estudos de gênero e feminismo em sala de aula?
- 4) No currículo, você considera que existe abertura para a abordagem de temas como os estudos de gênero e feminismo nas aulas da graduação?
- 5) Como você entende o feminismo e a igualdade de gênero na sociedade de hoje?

- 6) Você acredita que a mulher enfrenta mais dificuldades do que os homens? Por quê?
- 7) Por que perguntam em algumas entrevistas de trabalho se a mulher tem filho?
- 8) Você já sofreu sexismo?
- 9) O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES em relação a temas como feminismo e igualdade de gênero?
- 10) Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?
- 11) Quais são os problemas que, ao seu ver, a mulher ainda enfrenta na sociedade de hoje?
- 12) Você já se deparou com alguma situação de machismo ou preconceito envolvendo gênero? E em sala de aula?
- 13) Quais dificuldades você acredita que mulheres ainda sofrem diariamente apenas por serem mulheres? E homossexuais?
- 14) Você já presenciou alguma situação de agressão ou preconceito contra algum homossexual? Ou conhece alguém que já passou por isso?
- 15) Que medidas que você acha que poderiam ou deveriam ser tomadas para diminuir as agressões e preconceitos contra mulheres e homossexuais?
- 16) (Caso a entrevistada seja mulher) Você sofre algum medo que você acredita que aconteça pelo único fato de você ser mulher?
- 17) Por que algumas pessoas entendem o feminismo como um movimento agressivo ou como algo desnecessário?
- 18) O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?

Ainda no que tange às entrevistas, é notável que os participantes possuem experiências e visões de vida diferentes, o que pode acarretar diferenças significativas de uma coleta para a outra. “Variações entre entrevistados e ao longo da entrevista [...] não são vistas aqui como ‘erros’, mas sim como ‘dado’ significativo para análise. [...] Esta variação é endêmica e inevitável” (MISHLER, 1996, p. 52). Esse contraste, no entanto, é potencialmente

importante para uma análise de comparação e contraposição de pensamentos e concepções dos individuais.

Optamos por realizar as entrevistas com um ou no máximo dois participantes simultâneos, pois experiências anteriores demonstram que áudios de entrevistas em grupo tornaram-se difíceis de transcrever. Além disso, o fator principal dessa escolha deu-se pela timidez da entrevistadora e por sua dificuldade em conduzir entrevistas no estilo de grupo focal. Ademais, com os professores, a entrevista foi realizada através de áudios de WhatsApp. Com os alunos (os dispostos a participar da entrevista) as entrevistas se deram por áudio de WhatsApp ou por gravador de celular, de acordo com a disponibilidade de tempo dos alunos. Entendemos que “Nas entrevistas qualitativas, o pesquisador realiza entrevistas presenciais com os participantes, entrevistando os participantes por telefone ou participando de entrevistas em grupos focais [...]” (CRESWELL, 2009, p. 181, tradução nossa) buscando assim se adaptar melhor ao tempo disponível dos participantes, sem interferir na rotina de aulas.

Dessa forma, a experiência de entrevista por WhatsApp se mostrou prática e proveitosa, visto que a grande maioria dos participantes responderam a todas as perguntas. Para isso, houve a possibilidade de selecionar momentos do dia em que tinham tempo disponível. Em adição, por ser um meio de comunicação muito usado atualmente, pudemos notar o conforto dos participantes ao trocar informações através dessa plataforma. Entretanto, apenas uma professora não respondeu a todas as perguntas da entrevista, por falta de tempo. Todavia, dentro do que foi possível, suas respostas se mostraram proveitosas e suficientes para as análises, não havendo a necessidade de insistir na finalização das respostas. Além disso, questionários de perfil e termos de comprometimento foram impressos e os alunos participantes os responderam por escrito.

Pensando nos aspectos éticos da pesquisa, nos preocupamos com o consentimento informado e com a privacidade e confidencialidade na exposição dos dados. Isto é, o consentimento informado é entendido de maneira que “[...] os sujeitos da pesquisa têm o direito de serem informados a respeito da natureza e das consequências dos experimentos dos quais participam [...] Os sujeitos devem concordar voluntariamente em participar – ou seja, sem coerção física ou psicológica” (CHRISTIANS, 2006, p.146). Além disso; “Todos os dados pessoais

devem ser protegidos ou escondidos sendo expostos publicamente somente sob a proteção do anonimato” (CHRISTIANS, 2006, p.147), dessa forma, toda e qualquer informação sobre observações de aula e entrevista serão publicados com nomes fictícios.

### **1.3 O contexto e os colaboradores/participantes**

Como ressaltamos, foram acompanhadas as aulas de duas turmas. O critério para decidirmos onde seria feita a coleta de dados foi a aceitação dos docentes, ao passo que não obtivemos respostas de alguns e fomos recusados por outros. Uma das turmas era da disciplina de Literatura Britânica: do Século XVII à Era Vitoriana, carga horária 60 horas, turma de sétimo período com 27 alunos. A outra, uma disciplina de Morfossintaxe, também de carga horária 60 horas, turma de primeiro período, 26 alunos matriculados, porém apenas 18 efetivamente frequentando as aulas no período de observação. Iniciamos também a coleta em uma terceira disciplina chamada “Escrita e o Texto Acadêmico”, terças e quintas das 7:00 às 9:00 da manhã. Entretanto, como a própria professora que lecionava a disciplina afirmou, tratava-se de uma abordagem muito tradicional, sem muitas discussões acerca dos assuntos em questão, o que poderia resultar em poucos dados para análise. Dessa forma optamos por não prosseguir com a coleta nesse contexto e nos atermos às duas outras disciplinas.

Quando levados em consideração as diferenças de gênero, contextos sociais, políticos e também a visão pessoal dos alunos em relação aos temas, “em todo o processo de pesquisa qualitativa, o pesquisador mantém um foco em aprender o significado que os participantes têm sobre o problema ou questão[...]” (CRESWELL, 2009, p. 175, tradução nossa). Dessa forma, busco contrapor teoria, visões e experiências de participantes e minha própria visão e experiência de vida como pesquisadora e como mulher dentro da nossa sociedade. Diante disso, o ciclo abaixo (figura 1) demonstra como é feita a análise dos dados obtidos:

Figura 1: Ciclo pesquisa etnográfica.



Fonte: elaborada pela autora.

Dentre os participantes tivemos o professor Manuel de Literatura Britânica, atuando, naquele momento, na graduação de Letras Inglês. Na turma que acompanhamos foram entrevistadas 4 alunas e 2 alunos, com idades entre 20 e 22 anos, todos cursando o 6º período do curso. A grande maioria ainda não atua como professor(a) de inglês, apenas o aluno Cesar, 21 anos, que é professor no núcleo de línguas. Outra entrevistada foi a professora Camila, atua na graduação de Letras Inglês e na pós, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade. Acompanhamos sua disciplina de Morfossintaxe na graduação. Na turma de Morfossintaxe foram entrevistadas 5 alunas e 1 aluno, sendo 4 alunas e 1 aluno com a idade de 18 anos e uma, a Paloma, 33 anos, todos cursando o primeiro período de Letras Inglês. A única que afirmou trabalhar é a Paloma, atuando como servidora pública na área da saúde. Em adição, é possível constatar uma mudança no perfil dos estudantes do curso desde a época em que me formei, a maioria não é mais composta por alunas e alunos brancos de classe média. De acordo com o questionário de perfil de participante/aluno, os participantes desta pesquisa são:

Tabela 1: Perfil discente.

<b>Cesar</b>	21 anos, gênero masculino, cursando 6º período de Letras Inglês, profissão: professor de inglês, local de moradia: Serra – Barcelona, mora com: pai, mãe e irmã, meio de transporte para a universidade: ônibus, escolaridade dos pais: nível médio, mãe trabalha como assistente administrativa, pai trabalha como caminhoneiro, irmã trabalha como recepcionista, renda mensal familiar de 2 a 3 salários mínimos, atividade de lazer favorita: sair com amigos, religião: agnóstico.
<b>Giovane</b>	20 anos, gênero masculino, cursando 6º período de Letras Inglês, profissão: estudante, local de moradia: Vitória – Monte Belo, mora com: pai, mãe e irmão, meio de transporte para a universidade: ônibus, escolaridade dos pais: nível médio, mãe trabalha como professora, irmão trabalha como estagiário, renda mensal familiar de 2 a 3 salários mínimos, atividade de lazer favorita: ler, religião: não possui.
<b>Thalita</b>	20 anos, gênero feminino, cursando 6º período de Letras Inglês, profissão: estudante, local de moradia: Cariácia – Retiro Saudoso, mora com: pai, mãe e irmão, meio de transporte para a universidade: ônibus, escolaridade dos pais: nível superior, mãe trabalha como assistente administrativa, pai trabalha como contador, irmão trabalha como engenheiro, renda mensal familiar de 2 a 3 salários mínimos, atividade de lazer favorita: ler e assistir séries, religião: não frequenta igreja mas família é evangélica.
<b>Bruna</b>	21 anos, gênero feminino, cursando 6º período de Letras Inglês, profissão: estudante, local de moradia: Vitória – Jardim da Penha, mora com: mãe e duas irmãs, meio de transporte para a universidade: bicicleta, escolaridade dos pais: nível médio, mãe trabalha como autônoma com roupas, irmãs não especificado, renda mensal familiar de 3 a 5 salários mínimos, atividade de lazer favorita: assistir séries de Tv e ler, religião: não possui.
<b>Poliana</b>	Não respondeu idade, gênero feminino, cursando 6º período de Letras Inglês - desperiodizada, profissão: estudante, local de moradia: Guarapari – Praia do Morro, mora com: pai, mãe e irmão, meio de transporte para a universidade: van, escolaridade dos pais: fundamental incompleto, 2 familiares trabalham mas não foi especificado pela aluna, renda mensal familiar de 3 a 5 salários mínimos, atividade de lazer favorita: cinema, religião: espírita kardecista.
<b>Elena</b>	22 anos, gênero feminino, cursando 6º período de Letras Inglês, profissão: estudante, local de moradia: Vila Velha - Paul, mora com: pai e mãe, meio de transporte para a universidade: ônibus, escolaridade dos pais: fundamental incompleto/nível médio, pai trabalha como autônomo, renda mensal familiar de 1 a 2 salários mínimos, atividade de lazer favorita: internet, religião: não possui.
<b>Paloma</b>	33 anos, gênero feminino, cursando 1º período de Letras Inglês, profissão: servidora pública, local de moradia: Vitória – Jardim Camburi, mora com: 9 amigos, meio de transporte para a universidade: moto, escolaridade dos pais: fundamental completo, renda mensal familiar de 1 a 2 salários mínimos, atividade de lazer favorita: assistir filmes e séries, religião: cristã.
<b>Samuel</b>	Não respondeu idade, gênero masculino, cursando 1º período de Letras Inglês, profissão: estudante, local de moradia: Vitória – Jardim Camburi, mora com: tio, tia e prima, meio de transporte para a universidade: ônibus, escolaridade dos pais: fundamental completo, tia trabalha como professora, prima trabalha como farmacêutica, tio é aposentado, renda mensal familiar de 3 a 5 salários mínimos, atividade de lazer favorita: assistir série e sair, religião: católico.
<b>Beatriz</b>	23 anos, gênero feminino, cursando 1º período de Letras Inglês, profissão: estudante, local de moradia: Vitória – Maria Ortiz, mora com: quatro amigos, meio de transporte para a universidade: ônibus / bicicleta / a pé, escolaridade dos pais:

	fundamental incompleto, não compartilha renda, renda mensal: menos de um salário mínimo, atividade de lazer favorita: assistir filmes e séries, religião: não possui.
<b>Jamily</b>	18 anos, gênero feminino, cursando 1º período de Letras Inglês, profissão: estudante, local de moradia: Vila Velha – Santa Rita, mora com: mãe e avó, meio de transporte para a universidade: ônibus, escolaridade dos pais: fundamental incompleto, mãe é doente e não pode trabalhar, avó é pensionista e doente, renda mensal familiar de 1 a 2 salários mínimos, atividade de lazer favorita: ler, religião: católica.
<b>Myrella</b>	18 anos, gênero feminino, cursando 1º período de Letras Inglês, profissão: estudante, local de moradia: Vitória – Jardim Camburi, mora com: pai, mãe e irmã, meio de transporte para a universidade: ônibus, escolaridade dos pais: nível médio/nível superior, pai e mãe trabalham como funcionários públicos, renda mensal familiar de 3 a 5 salários mínimos, atividade de lazer favorita: dormir e assistir séries asiáticas, religião: não possui.
<b>Brenda</b>	18 anos, gênero feminino, cursando 1º período de Letras Inglês, profissão: estudante, local de moradia: Vila Velha – Barra do Jucu, mora com: pai, mãe e irmã, meio de transporte para a universidade: ônibus, escolaridade dos pai: nível superior, mãe trabalha como fisioterapeuta, pai trabalha como supervisor, renda mensal familiar de 2 a 3 salários mínimos, atividade de lazer favorita: viajar, religião: possui mas não especificou.

Fonte: elaborada pela autora.

#### **1.4 Estudo de gênero e Feminismo no Brasil e no Espírito Santo: uma breve revisão de literatura**

O tema dessa pesquisa é de extrema importância não só como pesquisadora, mas também pessoal. Como mulher que já passou por muitas situações de constrangimento devido ao machismo difundido em nossa sociedade e, infelizmente, não soube como agir na maioria delas. Nesse sentido, a pesquisa se inicia com uma angústia pessoal: como é ser mulher na sociedade brasileira, na sociedade capixaba e o ser professora de inglês nessas sociedades? Por consequência da minha criação muito pautada na religião evangélica, tive dificuldades para reagir em momentos de abuso. Não desejo isso a nenhuma mulher, a nenhum ser humano. “Mulheres são predominantemente alvos de atos cotidianos e crônicos de violência física, sexual e psíquica” (MACHADO, 2010, p. 63). Sendo essa uma alavanca crucial para buscar conhecimento acadêmico nessa área.

Para dar início a este trabalho, visando a validação do ineditismo de nossa pesquisa para o nosso contexto, no mês de outubro de 2018 efetuamos uma pesquisa nos bancos de dados da Scielo, Google acadêmico e CAPES. Isso

ocorreu no intuito de verificar o que havia sido feito no país dentro da perspectiva do feminismo e estudo de gênero, especificando em seguida para onde é o nosso foco, a formação de professores. Dentro dessa visão, adotamos como descritores em nossas buscas feminismo, estudo de gênero e gênero e sexualidade. Posteriormente esses descritores foram associados à formação de professores.

Esta investigação foi realizada objetivando tanto adquirir referências para essa pesquisa e um diálogo com o que vem sendo pesquisado até então, quanto perceber a relevância e a necessidade de nossa pesquisa dentro do contexto no qual estamos situados: Espírito Santo, formação de professores, Universidade do Espírito Santo, ou, sendo mais específica, curso de Letras Inglês de uma universidade do Espírito Santo. Dentre os artigos trazidos pelas bases de dados foram selecionados 13 para compor complementarmente nossa pesquisa. Esse material teórico selecionado teve como critério de inclusão todos os artigos que trouxessem feminismo, estudo de gênero ou gênero e sexualidade no contexto da formação de professores.

Como ponto de partida, no dia 23 de outubro foi acessado o banco de pesquisas da Scielo. Inicialmente foi usado o descritor “Feminismo” e, ao filtrar para os publicados no Brasil, foram encontrados 359 resultados, dentre estes, 293 publicados em português, afinando-os para artigos publicados em 2017 encontramos 23, e dentro da área temática “Estudos sobre a mulher” foram encontrados apenas 14. Datando agora publicações feitas nesta mesma base de dados desde 2001 até a data do dia em que foi feita a pesquisa, ao utilizar os filtros “Feminismo, Brasil, publicações em português, área temática estudos sobre a mulher”, obtivemos 128 publicações. No entanto, ao usar os descritores “Feminismo e formação de professores” não obtivemos resultados de nenhuma publicação nesta base de dados, o que começa a apontar para a escassez de pesquisas voltadas ao nosso tema.

Seguindo ainda a pesquisa na base de dados da Scielo, ao mudarmos o descritor para “estudos de gênero”, e dentro das publicações feitas no Brasil obtivemos 4.151 resultados. Destas publicações 3.020 foram feitas em português, e datadas em 2017 foram encontradas 186. Continuando a busca, filtrando agora a área temática “Linguística, Letras e Artes”, sem especificar a data, obtivemos 75 resultados. Todavia, ao associar o descritor “estudo de

gênero” à “formação de professores”, obtivemos 25 resultados e, filtrando para publicações feitas no Brasil, obtivemos 15. Porém, filtrando estudo de gênero e formação de professores, na área temática “Linguística Letras e Artes” foram encontradas 3 incidências, estes lidando com gênero textual. Nenhum lidava com gênero como buscamos em nossa pesquisa, o que indica 0 publicações foram encontradas.

Encerrando-se as buscas na Scielo, decidimos usar o descritor “gênero e sexualidade”, e foram encontradas 735 publicações, localizadas no Brasil foram 532; publicadas em 2017, obtivemos 18. No entanto, dentre os resultados sobre gênero e sexualidade não foi encontrado nada relacionado à formação de professores. Isso demonstra como temas tão importantes ainda parecem não ser muito explorados em ambientes educacionais. Ou explorados timidamente, mascaradamente por motivos talvez como medo. Na minha visão, um fato preocupante.

Após mudarmos para a base CAPES, encontramos 5.241 publicações usando o descritor “Feminismo”, sendo apenas 19 destas tratando de teses. Ao investigar o descritor “Estudo de gênero”, obtivemos 10.805 resultados. Então, filtramos por “revista de estudos feministas” e “Estudos Feministas” e obtivemos 664 resultados. Ao alterar o descritor para “Gênero e sexualidade”, obtivemos 2.201 resultados, dos quais 1.249 eram em português. Então, selecionamos “revista de estudos feministas” e encontramos 364 resultados. No entanto, dentre esses resultados finais em “revista de estudos feministas” nada consta sobre a formação de professores. Uma análise inicial aponta novamente uma falta de discussão do tema no contexto de educação linguística em língua inglesa, ou (talvez) um mascaramento por conta das barreiras que surgem em um ambiente cada vez mais opressor que vivenciamos. Por qualquer que seja o motivo, penso ser preocupante a falta de abordagem desses temas que certamente se relacionam com a formação de indivíduos.

Finalmente, pensando no contexto Espírito Santo, no dia 26 de outubro de 2018 fizemos uma pesquisa na plataforma de periódicos Universidade pesquisada a fim de buscar uma compreensão maior da relevância de nossa pesquisa em nosso contexto. Entre os periódicos encontrados, 24 publicações foram encontradas quando utilizamos o filtro “Feminismo”, porém, ao usar os filtros “Feminismo e Formação de professores” não obtivemos nenhum

resultado. Alterando o descritor para “Estudo de gênero”, encontramos 37 e, ao associarmos “Estudo de gênero” à “formação de professores” obtivemos apenas 2.

Em seguida, ao buscarmos pelo descritor Gênero e Sexualidade, foram encontrados 37 resultados, mas ao associarmos “Gênero e sexualidade” à “formação de professores” esse número passou para 0.

Ainda assim, das dissertações e artigos encontrados durante a realização do “Estado da Arte”, destaca-se a pesquisa de Avila, Toneli e Andaló (2011). Essa pesquisa foi aplicada na Bahia onde professores/as são abordados diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar e é mencionada a formação profissional dos professores participantes. Sua conclusão aponta que “[...]o (des)conhecimento das diretrizes éticas adotadas pelo Estado para combater as discriminações sexuais/de gênero envolve tanto os processos de formação profissional quanto as ‘crenças pessoais’ dos docentes” (AVILA; TONELI; ANDÁLO, 2011, p. 289).

Em seguida, no artigo encontrado das autoras Canen e Xavier (2011), é abordada a formação de professores para a diversidade cultural. Foi essencial entender a importância de uma educação mais inclusiva e como a busca por isso vem, mesmo que aos poucos, se mostrando. As autoras apontam que “Cada vez mais conceitos como diversidade, diferença, igualdade e justiça social têm se configurado como uma preocupação por parte daqueles que lutam por uma educação verdadeiramente cidadã [...]” (CANEN; XAVIER; 2011, p. 641). Em conjunto, ainda é mencionada a formação de professores como lugar propício para iniciar-se debates sobre uma educação visando mais igualdade.

As autoras Canen e Xavier (2011) apontam a formação de professores como crucial nesse caminho em busca da equidade: fala-se de um compromisso com a justiça social através de um trabalho com finalidade de desconstruir e questionar, e que visa a diversidade e o direito de ser. São apontadas instituições que trazem alguma forma de desigualdade e oprimem pessoas em detrimento de características constituintes de suas identidades. Entende-se então que a educação possui responsabilidade na quebra de perspectivas que ocasionam a desigualdade.

Para compreender o movimento feminista, destacamos também a publicação das autoras Brosin e Tokarski (2017) que traçam o movimento do

feminismo pelas considerações de Simone de Beauvoir. As autoras discutem a evolução do movimento feminista pós-estruturalista, revisitando o termo gênero para um uso mais abrangente.

Posteriormente, buscando o “Estado da arte” na plataforma Google acadêmico encontramos o artigo das autoras Welter e Grossi (2018) publicado em Florianópolis trazendo a temática “É possível ensinar gênero na escola?”. Tratam do papel da escola como principal reprodutora dos modelos normativos e, principalmente, heteronormativos: “Sabemos que escolas e universidades são espaços contraditórios. Nelas se reproduzem hierarquias e assimetrias, promovem-se violências ou compactua-se com elas, silencia-se e se insiste em modelos normativos [...]” (WELTER; GROSSI, 2018, p. 123). Complementam que “Assim, um dos principais desafios da formação em gênero e sexualidade é sensibilizar as pessoas a uma perspectiva crítica sobre as relações sociais naturalizadas pela dominação, exclusão e discriminação” (WELTER. GROSSI, 2018, p. 123). Entendo que a escola não deveria ser uma instituição reprodutora desse discurso, e sim educadora impedindo sua propagação.

Nessa revisão de literatura, apontei para a relevância da abordagem de temas como gênero e feminismo para a educação em língua inglesa. Com essa finalidade, realizei buscas nas plataformas Scielo, CAPES, periódicos da universidade em questão. Os principais teóricos encontrados nessas plataformas e que deram base para fundamentar a relevância desse estudo foram Avila, Toneli e Andaló (2011); Canen e Xavier (2011); Brosin e Tokarski (2017) e Welter e Grossi (2018).

Nesta introdução expandida baseei-me teoricamente em Louro (2007), Bourdieu (2012), Souza (2010), Person (2010) e Pereira (2012), entre outros, apontando que a educação, também por meio da pesquisa, deve se constituir como um ambiente que propicia uma equidade de acesso às oportunidades. Defendo que a escola e a sociedade precisam de um olhar mais atencioso para questões como feminismo, machismo, racismo, sexismo, classicismo e para as intersecções desses. Essas questões são discutidas mais detalhadamente nos capítulos propostos.

Além disso, aponto que nossa sociedade deveria se constituir em um ambiente onde indivíduos de diferentes identidades, seja de gênero, classe,

raça, etnia ou sexualidade possam conviver com respeito. Outrossim, procuro situar o papel da educação linguística nisso.

Nos capítulos que seguem, busco relacionar a voz dos professores formadores, desta pesquisadora e as vozes dos estudantes com as teorias sobre feminismo, sexualidade, estudo de gênero e interseccionalidade. No capítulo seguinte, debato sobre o tradicionalismo que foi vigente nas aulas de língua inglesa por muito tempo. Em seguida, apresento novos caminhos onde feminismo e gênero, acompanhados da perspectiva crítica, adentram as visões de estudantes e professores.

## 2. EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA *VERSUS* ENSINO TRADICIONAL DE LÍNGUAS

*[...]O sujeito contemporâneo é um sujeito que não apenas se volta para sua língua e cultura, mas busca compreender a língua e a cultura do outro como forma inclusive de seu autoconhecimento (DUBOC, 2014, p. 13)*

Corroboramos com Mattos (2018), Monte Mor (2019), Pessoa e Freitas (2012) quando estes afirmam que o ensino de línguas estrangeiras não só no Brasil, mas no mundo inteiro acontecia com foco puramente na língua e seu uso correto. “Em tempos passados, o enfoque do aprendizado priorizava o ‘uso da língua [correto]’ de acordo com uma normatividade linguística, do saber sobre a língua; a norma ditava o sucesso ou fracasso do aprendizado linguístico [...]” (MONTE MOR, 2019, p. 6 – p. 7). Como reflexo disso, visava aspectos ligados à estrutura, vocabulário específico, aspectos gramaticais e/ou pronúncia. Ademais, quando algum aspecto cultural era abordado em sala de aula, este se encontrava distante da realidade dos alunos. Apenas aspectos relacionados aos falantes da língua considerados nativos de regiões dominantes, como Estados Unidos e Inglaterra, eram trazidos majoritariamente.

*[...]no Brasil os(as) professores(as) de inglês como língua estrangeira tendem a seguir uma abordagem integrativa de ensino, isto é, uma abordagem que, ao privilegiar a aquisição da competência comunicativa por meio da aprendizagem de aspectos culturais da língua-alvo, inferioriza ou simplesmente desconsidera a realidade sociocultural dos(as) aprendizes. (PESSOA; FREITAS, 2012, p. 228)*

Tal abordagem do ensino de língua citada por Pessoa e Freitas (2012) pode resultar no distanciamento de alunas e alunos da disciplina. Creio que esse afastamento ocorra devido ao fato de os estudantes não se identificarem com aquelas realidades trazidas para a aula de inglês, ou não acreditarem que em algum momento aquilo seria possível na realidade deles. Além disso, houve uma época em que aulas de inglês consistiam na simples tradução de textos da língua inglesa para a língua materna.

Ao invés da visão fixa de língua e cultura como texto fixo, produto de regras pré-estabelecidas e fixas, Howard-Malverde propõe uma visão dinâmica, emergente e performativa que vê a língua e a cultura como encenação dialógica (enactment) em que os textos (não mais estáticos) não apenas ocorrem em contexto, mas também — o que é mais importante — enquanto contexto. Assim cada ação ou realização cultural e linguística é constituída por e constitui o contexto. Além do dinamismo, essa visão recupera o conceito de agência em ações culturais onde membros de uma cultura ou língua não apenas reproduzem normas e códigos, mas também os transformam. Esse conceito de agência, e da participação dos membros de uma comunidade como sujeitos de suas ações está ausente nos conceitos de cultura e de linguagem como estruturas fixas e abstratas. Com a noção de agência, surge a possibilidade de perceber o papel complexo dos membros de uma comunidade na constituição de sua cultura ao invés de ver a cultura como uma estrutura normatizadora herdada, que controla unilateralmente seus membros. (SOUZA, 2010, p. 295-296)

Entretanto, não podemos culpar professoras e professores pela ausência dessas abordagens. Sabemos que o conteúdo e as metodologias trabalhadas em sala de aula, em alguns contextos, fogem das intencionalidades dos professores, vindo de instituições maiores. Acreditamos que isso ocorra porque “As políticas, os parâmetros, as diretrizes da educação maior estão sempre a nos dizer o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar, porque ensinar (...)” (GALLO, 2002, p.173). Busca-se educar a população em massa, com um propósito único a ser alcançado. Tal qual um rebanho, em que cada aluna e aluno representam, singularmente neste cenário, mais uma ovelha esperando o seu momento de retirar-se a lã. Almeja-se, de certa forma, educar seres sem criticidade e pensamento próprio que apenas cumprem suas funções, sem indagar as desigualdades e questões sociais que o cercam.

Por meio da metáfora supracitada, cremos que “A educação maior procura construir-se como uma imensa máquina de controle, uma máquina de subjetivação, de produção de indivíduos em série” (GALLO, 2002, p.173). No que tange às categorias como feminismo e estudos de gênero, essas são questões que tendem a ser reprimidas pela grande máquina de controle mencionada por Gallo (2002). Assim, questionamos durante as entrevistas com professores da universidade “O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES em relação a temas como feminismo e igualdade de gênero?” e obtivemos as seguintes respostas:

*Manuel: [...] eu nunca atuei no ensino privado e tenho pouco contato com pessoas que atuam, então de fato eu não sei dizer se há diferença,*

*não tenho dados pra julgar isso, pelo pouco que já ouvi imagino que há em determinados contextos de empresas particulares, escolas particulares e de faculdades particulares há um certo controle, eu já vi alguns relatos de pessoas que atuam em escolas assim religiosas e que são impedidas de tratar de questões como essas, mas assim são alguns poucos relatos individuais eu não sei dá pra generalizar né mas é o que eu sei dizer, então baseado nesses poucos relatos eu poderia arriscar dizer que talvez no ambiente público, na escola pública, nas universidades públicas talvez houvesse [...] um nível maior de liberdade para abordar questões relativas a gênero, questões relativas ao feminismo [...]*

*Camila: Sobre a questão do ensino e a abordar os temas como feminismo e igualdade de gêneros eu acho que no ensino privado é mais complicado conseguir fazer isso porque as vezes a direção não permite, [...] então eu acho que no ensino privado existem algumas limitações que muitas vezes no público não, que não também que no público possa ser feito o que quiser, não é isso, mas é que as vezes não tem essa pressão ou esse controle que eu não sei, eu não posso te falar no Espírito Santo, eu tenho pouco conhecimento aqui [...]*

Ambos os formadores apontaram a escola privada como sendo a mais desafiadora para se inserir temas que envolvam criticidade, o feminismo e estudos de gênero. Compartilho o mesmo entendimento baseado nas minhas experiências como estagiária em escolas públicas e professora em escolas privadas, e em relatos de colegas professoras e professores que atuam nesses meios. O professor Manuel constata que ouviu fatos semelhantes nos quais nesses ambientes o ensino é mais controlado, especialmente em se tratando de escolas religiosas. Concordo com essa colocação, visto que na minha experiência como professora em uma escola tradicional de ensino fundamental todo o conteúdo era cuidadosamente controlado. Dando continuidade, a professora Camila menciona momentos em que trabalhou em instituições da rede privada, no período em que morava em São Paulo. Ela especifica que questões polêmicas deveriam ser evitadas, pois existia a obrigatoriedade de se seguir o livro didático na íntegra e qualquer material extra deveria ser previamente analisado.

*Camila: [...] eu trabalhei bastante tempo em escola privada de idiomas ou escola regular mesmo, a gente não podia fazer praticamente nada, muito menos abordar temas entre outras coisas polêmicos, então até pra poder levar um filme, uma música tinha que conversar com a direção, explicar o porquê de estar levando esse tipo de recurso e não estar seguindo o livro né porque tinha que seguir o livro, não podia sair do livro de maneira alguma, então eu imagino que aqui também seja assim, pelo o que os meus alunos comentam, pelo o que as pessoas que estão envolvidas com essa área comentam, mas eu mesma nunca fui, nunca presenciei pra poder falar né.*

Compactuo dessa visão da rede particular da professora e creio que se aplica a algumas realidades em nosso estado, Espírito Santo. Atuei como professora em variadas redes de ensino, sendo estas escolas regulares, escolas de idioma e estágio em escola pública. Por ter vivenciado situações similares na posição de professora de inglês, a orientação principal era se ater ao livro didático, com o intuito de evitar questões com pais. Nesse âmbito, Camila argumenta sobre barreiras enfrentadas com direção e pais, sendo estes últimos ainda mais interferentes por tratarem a educação como mercadoria, por consequência do pagamento de uma mensalidade,

*Camila: [...] os próprios pais por pagar a escola eles encaram essa educação como mercadoria né, como ter posse disso, então assim estou pagando pra você não falar isso com os meus filhos ou pra você fazer isso com os meus filhos [...]*

Harmonizo com o pensamento de Camila, uma vez que trabalhei em instituições de curso de línguas nas quais a prioridade era agradar ao máximo quem estava pagando para não perder matrículas para o concorrente. Outrossim, voltando agora especificamente para as metodologias de ensino, seguindo Sabota (2018), tais cursos no geral tratam de repetições de sentenças prontas, estruturas pré-estabelecidas, nas quais pouca coisa se altera. O foco maior é trabalhar a memorização, textos são produzidos por alunas e alunos com o objetivo de atingir um modelo antes aprendido em sala. Nessas atividades, muitas vezes é esperado de alunos e alunas que usem estruturas gramaticais em questão no momento do curso, ora

*[...] entender um texto limita-se a decodificar palavras e repetir partes das perguntas para elaborar as respostas; produzir textos é encadear frases feitas de modo a parecer com um texto modelo fornecido previamente; falar em uma língua estrangeira resulta da memorização e do exercício de pronúncia de algumas sequências de frases feitas (SABOTA, 2018, p. 64 – p. 65).*

Portanto, seguindo nessa perspectiva, uma prática comum em instituições de ensino de línguas é de que assuntos trazidos em textos, vídeos, livros e músicas são cuidadosamente analisados e selecionados previamente. Outra regra comum é que passem pela autorização de superiores. Qualquer levantamento de discussões que possa vir a surgir no momento da aula deve ser

rapidamente silenciado por professoras e professores, coordenadoras e coordenadores. Sob tal enfoque, o intuito é atingir o máximo de neutralidade possível visando não causar polêmicas “desnecessárias”. Entretanto, creio que não exista relação entre indivíduos que se caracterize como neutra, visto que possuímos opiniões e posicionamentos diversos.

Com isso em mente, é evitado qualquer alvoroço que possa ocasionar a perda da clientela para a franquia ao lado, entre outras questões. Em posse desse conhecimento, fica clara a finalidade mercadológica, na qual primordialmente é visada por essas instituições a arrecadação financeira e o lucro. Todavia, como Duboc (2014) propõe, essa prática acaba por tornar o ensino de LI muito limitado, privando a sala de aula de ser enriquecida com questões que vão além da língua pura e estrutural:

[...] afirmo as limitações de um ensino de línguas estrangeiras que insiste no cumprimento de funções comunicativas homogêneas e prescritivas, previamente determinadas. Ao articular conhecimentos linguísticos e discursivos com um objetivo educacional mais amplo, a sala de aula de línguas estrangeiras transforma-se num espaço mais complexo e, portanto, mais significativo ao aluno [...] (DUBOC, 2014, p. 21).

Entretanto, mesmo com os prejuízos de um ensino tradicional, não podemos negar que muita gente realmente aprendeu e ainda aprende a falar a língua por meio dessas práticas; eu mesma iniciei meu aprendizado da língua inglês por esse viés. Assim, indago: Será que esse aprendizado é significativo? Será que atende às necessidades atuais, específicas e particulares de nossas alunas e alunos? Será que corresponde ao mundo em que vivemos e a atual conjuntura da circulação de informação? Será que essas alunas e alunos sabem expressar suas ideias, sentimentos e opiniões? E será que nossos alunos entendem quão longe podem chegar no tocante à educação linguística? Eu, antes de iniciar meus estudos na graduação, não possuía a noção da proporção que os contextos de ensino de LI adquiririam. Complementando essa discussão, Pereira afirma que,

A educação linguística crítica pressupõe um posicionamento, por parte de educadoras e educadores, como formadores não apenas de pessoas capazes de fazer uso da língua para se comunicar de maneira proficiente, mas também, e principalmente, de sujeitos que se situam em um contexto sociopolítico, cultural e econômico, no qual devem

atuar como agentes de transformação e mudança social (PEREIRA, 2018, p. 51 – 52).

Retomando a última fala da professora Camila, algo que merece ser destacado somando com as experiências que vivenciei atuando na rede particular, é o interesse financeiro que rege o ensino de inglês e que atrai investidores sem qualquer formação na área educacional. “O ensino de línguas [...] se tornou um grande mercado que ainda hoje habita o imaginário de grande parte da população: saber uma língua estrangeira é tratado como um privilégio (destinado a poucos) e não como um direito [...]” (2018, SABOTA, p. 64 – 65). Em outra realidade, ainda de acordo com Sabota (2018), os cursos de língua estrangeira são um grande mercado. A oferta da melhor metodologia que ensina mais rápido é a grande propaganda de franquias, porém a realidade de donos e gerentes não inclui o estudo em nível superior do ensino de língua inglesa.

Além de escolas de ensino regular, atuei como professora nesses cursos livres, nos quais minha profissão era registrada como instrutora de línguas, e não de fato professora. Em um curso livre em questão, meu primeiro emprego onde trabalhei por anos, o dono nem mesmo falava a língua, muito menos tinha noção de didática em sala de aula. O investimento que ele fez na franquia ocorreu pela promessa de ser algo que renderia bons frutos financeiros. Os coordenadores e diretora não possuíam formação em Letras ou na área de educação. Para dar aula bastava ser nativo de algum país falante da língua ou ter alguma comprovação de fluência. Considero essa situação muito preocupante, entendo que isso cause uma desvalorização da formação em Letras Inglês nesses contextos. Além disso, concordo com Pereira (2018) quando ele afirma que o ensino de línguas vai além de “simplesmente falar a língua”.

[...] Ou seja, não basta saber se comunicar, é preciso ser capaz de se posicionar e expressar sua visão de mundo e de sociedade, assumindo posições e defendendo-as com argumentos plausíveis e ações efetivas. Em síntese, exercer a cidadania também em língua estrangeira/adicional. (PEREIRA, 2018, p. 51 – p. 52)

Especificamente em relação à formação de professores, essa não se desvinculou, em muitos contextos, de uma abordagem totalmente voltada para o tradicionalismo, como aponta Sabota (2018). A formação de professores era (ou é ainda em certos contextos) baseada em manuais antigos que abordavam

como trabalhar conteúdos em sala. Esses manuais, citados pela autora, tinham uma função de guiar a prática do professor. Eram vistos como receita de sucesso para o aprendizado dos alunos, como se fossem aplicáveis a todo e qualquer contexto escolar. Por consequência, não sofriam adaptação em detrimento à realidade em que eram trabalhados. Em adição, como discute Monte Mor (2019), estudos recentes apontam para outras 'distâncias entre o idealizado e o realizado' na formação de professores, distâncias essas mencionadas pela autora:

[...] (1) muitos dos currículos de licenciatura não atendem às necessidades das escolas; (2) ao sair da universidade ou faculdade, o professor não se sente preparado para o magistério ou para o manejo de uma sala de aula; (3) nas licenciaturas em línguas estrangeiras, por exemplo, o ensino das línguas estrangeiras [de escolha do/a professorando/a] não é suficiente para ele/ela se sentir confiante no exercício de sua profissão; (4) as licenciaturas privilegiam as teorias e não preparam os/as professorandos/as para as práticas; (5) o livro didático se mostra distante dos contextos sociais e culturais dos alunos nas diferentes regiões do país, embora em menor grau após o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD); (6) os/as professorandos/as não aprendem a fazer reinterpretções locais do aprendizado teórico que têm, de modo a se sentirem preparados para promover o ensino e a aprendizagem 'situadas'; e vários outros itens poderiam ser aqui incluídos. (MONTE MOR, 2019, p. 4 - p. 5)

Creio que poderia ser adicionado a esses tópicos citados por Monte Mor (2019) a falta de preparo de professores para lidarem com questões como feminismo e estudo de gênero. Questões essas que considero ideais por fazerem parte da vida de alunas e alunos, por ajudarem a constituir a sala de aula em um espaço onde seja possível conviver com as diferenças e por ajudarem indivíduos a entenderem a si mesmos e aos outros. Partindo dessa premissa, surgiu a curiosidade de ter conhecimento sobre como ocorreu a formação na época que esses professores entrevistados se graduaram ou em formação posterior, seja pós, mestrado ou doutorado. Assim, busquei investigar se o tradicionalismo fez parte de suas trajetórias e se os temas relacionados a essa pesquisa se cruzaram com suas formações. Por conseguinte, fizemos a pergunta "Como foi a sua formação acadêmica, em algum momento da graduação ou na pós foram abordadas teorias de gênero?"

*Manuel: a graduação eu fiz na década de 80, na graduação eu não me recordo, tenho praticamente certeza que não, não estudamos nada*

*relativo à questões de teorias de gênero [...] Na pós-graduação, no mestrado lá na federal de Santa Catarina acho que o [...] mais próximo que eu pude estar das teorias de gênero foi na verdade quando eu fiz uma disciplina de Literatura escrita por mulheres né, que foi lecionada pela professora Suzana Funk que é uma estudiosa de literatura feminista, ou literatura produzida por mulheres [...], principalmente na parte inicial desse curso ela trouxe [...] alguns textos teóricos que abordavam questões de gênero, gênero, mas isso ainda na década de 90, já há bastante tempo, depois disso, durante a minha vida acadêmica lógico eu tive oportunidade de voltar a ler assim mas não de forma muito organizada vamos dizer, mas de voltar a visitar pelo menos alguns desses textos estudados [...]*

Nessa premissa, constatamos que o professor Manuel não teve contato com teorias críticas, como a teoria de gênero, em sua graduação. Creio que na década de 80 esses assuntos não possuíam a visibilidade que têm hoje, além disso o preconceito e o patriarcado eram mais fortes. Entretanto, o professor relata ter estudado feminismo na pós que fez na década de 90. Porém acredito ter sido algo muito específico se limitando apenas à essa disciplina, na qual o foco era Literatura produzida por mulheres. Em seguida, Manuel afirma que já retomou os estudos sobre feminismo no que tange à literatura em seu período como acadêmico, o que entendo como um interesse partido do próprio professor. Constatei essa sensibilidade nas práticas do professor quando fui sua aluna de literatura britânica durante a minha graduação. Recordo que temas como feminismo e gênero eram abordados dentro da literatura. De fato, durante as observações feitas em suas aulas, a época vitoriana foi contemplada e autoras hoje consideradas feministas foram discutidas. Adicionalmente, temas sobre estudos de gênero foram discutidos levando-se em consideração o contexto da época e a sociedade hoje.

Em resposta à mesma pergunta, a professora Camila nos respondeu:

*Camila: eu não tive nenhuma formação com relação às teorias de gênero, nem na graduação nem na pós né, a minha graduação foi em Letras Português-Inglês e eu me formei em 2004 e o meu currículo não abordava essas teorias, até era um currículo um pouco mais tradicional do que é hoje até pela época, eu tive disciplina de linguística aplicada, mas a disciplina de linguística aplicada ainda era voltada para as questões de aquisição de língua né dos processos cognitivos e enfim, dessa parte mais tradicional da linguística aplicada, ensino-aprendizagem, metodologia, essas coisas, e depois na minha pós eu fiz o mestrado em educação e o doutorado em linguística mas em nenhum momento eu tive aulas relacionadas a teorias de gênero, fui conhecer um pouco mais, fui ter contato um pouco mais né agora mesmo na minha prática por meio de leituras, participação em bancas,*

*em congresso, no próprio GEEC, no grupo de estudos que a gente participa, foi mais agora.*

Constata-se, após a leitura do relato de Manuel e Camila, que ambos não possuíram durante as suas graduações um direcionamento para lidar com temas como gênero e feminismo. Acredito que isso ocorreu por não serem temas que repercutiam nas mídias como atualmente. Em consonância, creio também que isso reflete um problema nos currículos docentes, antigamente acredito que as possibilidades e incentivos para temas como feminismo e estudos de gênero eram praticamente inexistentes. Porém, a fala de Camila apresenta um interesse em buscar esse conhecimento. Durante as observações de aula a professora abordou temas como as diferentes formas de constituição de uma família. A partir disso, conseqüentemente gênero era abordado, o que comprova sua preocupação em apresentar tais assuntos para futuras professoras e professores. Creio que essas inserções feitas por Camila e Manuel sejam passos importantíssimos para iniciar uma conscientização dos jovens em formação.

Ademais, Sabota (2018) aborda o estigma do privilégio que gira em volta da língua inglesa e como isso impacta as perspectivas de uma aluna ou aluno de escola pública sobre a aula de LI. Esses, muitas vezes, não se sentem privilegiados o suficiente, ou não sentem a necessidade de aprender a língua devido às visões limitadas que têm para o seu próprio futuro. Por isso, adotam uma visão de que o inglês nunca fará parte de suas vidas e que nunca precisarão dessa língua.

Pessoa e Freitas (2012), apontam sobre ideologias colonialistas que professoras e professores de inglês da rede pública de ensino no Brasil veiculam em sala de aula: “Entre essas ideologias, destaca-se aquela que desmerece a capacidade intelectual de alunos(as) de classes menos favorecidas” (PESSOA; FREITAS, 2012, p. 228), ou seja, em determinados contextos, os próprios professores desacreditam suas alunas e seus alunos. O

Outra questão preocupante é a falta de importância que é dada ao inglês em escolas de educação básica. Em alguns casos, a disciplina tem a menor carga horária, onde acontece quase sempre uma aula por semana. A esse respeito, Duboc (2011) menciona que “o ensino de línguas estrangeiras na educação básica no Brasil foi interpretado por muitos anos como disciplina de menor valor dentre as demais áreas de conhecimento” (DUBOC, 2011, p. 732).

Todavia, recentemente podemos presenciar que a preocupação com essa disciplina vem adquirindo força, mesmo que a passos lentos. Isso se deve principalmente pelos efeitos da globalização. Esse fato traz à tona questões linguísticas em que o inglês se torna uma importante ferramenta cultural de comunicação, se tornando requisito básico para uma participação efetiva como cidadã/cidadão.

Duboc (2011) complementa que “grupos numerosos, carga horária máxima de trabalho, falta de infraestrutura adequada são comuns em muitas realidades escolares, restando ao professor recorrer a propostas curriculares mais objetivas, que lhe forneçam conteúdos prontos” (DUBOC, 2011, p. 741). A esse respeito, a aluna Poliana argumentou, ao responder à questão “O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES?”, o seguinte:

*Poliana: Bom acho que nos dois, o privado ainda é o mais valorizado, o que não deveria ser, como ensino de qualidade, o que exclui e o público é aquele visto como o ensino de péssima qualidade, com professores mal remunerados que acabam refletindo isso, mas depende se na questão da universidade o ensino público acaba sendo mais valorizado né do que o privado, é o contrário, então nos anos iniciais as escolas privadas são valorizadas e o público desvalorizado e nas universidades o público é mais valorizado, tanto que classe média até alta acaba entrando pro ensino público por haver maior cobrança em relação aos professores doutores e tudo mais, então é isso, eu acho que a mesma valorização que se tem no ensino público nas universidades deveria ser repassado pro ensino público dos anos né iniciais da escola, ensino médio e fundamental [...]*

Nesse entendimento, a aluna ressalta a desvalorização de professores da rede pública do ensino básico e como isso pode acabar refletindo no ensino e no aluno, que apresentará dificuldades no ensino superior. Acredito que essa desvalorização não pode ser simplesmente ignorada, como presenciamos nas mídias. Não podemos exigir de nossas e nossos profissionais que sejam heróis diante de condições precárias. Uma mudança significativa no ensino dependeria no mínimo de um ambiente de trabalho propício e remuneração apropriada. Como exigir melhoria de profissionais cansados e explorados por um sistema maior? Poliana, ainda, questiona o fato de na universidade pública a realidade do ensino se inverter, uma vez que professores são mais bem remunerados e o ensino é mais valorizado. Algo que as alunas Beatriz e Myrella comentam:

*Beatriz: Bem, o público pelo o que eu sei é melhor só no superior né porque no fundamental do que eu sei o melhor é privado, tanto no ES quanto no Brasil [...].*

*Myrella: na questão do ensino público no país eu acredito que as universidades sejam muito exaltadas, que elas sejam ótimas no país apesar de estar caindo um pouco o reconhecimento delas por causa da falta de investimento mesmo,*

Acerca desse assunto, ainda levando em consideração as respostas geradas a partir da pergunta “O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES?”, fui surpreendida com a visão negativa que algumas alunas apresentaram, primordialmente acerca da rede pública. Isso me leva a pensar: será que a educação na rede pública é de todo tão ruim como foi categorizado por essas alunas e alunos? Ou tendemos a carregar uma opinião negativa acerca disso por um discurso massivamente difundido, que não necessariamente condiz com a realidade? Prosseguindo o debate:

*Bruna: Sobre o ensino privado [...] eu não sei muito o que dizer porque eu só estudei no ensino privado no fundamental 1 até meus 7, 8 anos de idade, mas eu achava que a estrutura da escola [...] era muito boa, [...] era melhor do que da pública que depois eu fui estudar [...] eu acho que eu não sei dizer hoje em dia [...], mas ensino público eu [...] estudei em escolas que pareciam ter sido ignoradas pelo governo, que não tinha estrutura nenhuma, que tinham mais de 40 alunos em uma sala de aula pequena, que não tinha material e os professores pareciam ter deficiência na formação deles pra dar aula, então eu acho que o ensino público precisa de mais atenção [...]*

*Talita: pra mim tanto o ensino público quanto o privado são meio precários, [...] eu acho que é a questão da falta de interesse do governo pra investir nas escolas, sabe pra mim a educação tá meio abandonada, seja em escola privada, escola pública, porque você percebe quando você entra numa escola pública, [...] eu percebo que é meio largado assim, são as diretoras que tentam tocar a escola, eles não tem nenhum apoio do governo sabe [...]*

*Paloma: [...] o ensino público ele tem que lidar com muitas questões sociais, [...] é o menino que vai pra escola sem comer, é o menino que vai pra escola porque teve problema em casa e as vezes tem um comportamento inadequado e você tem que intervir naquilo aí, então é uma série de coisas que interferem muito mais no ensino público, tanto na esfera federal quanto na estadual, então obviamente essa questão de nivelamento cognitivo acredito que exista por isso.*

É clara a concepção negativa carregada pelas alunas no que tange à escola pública. Apesar de ser socialmente difundida a ideia da precariedade da escola pública, sei que existem contextos em que de fato essa educação funciona, como é o caso da escola da UFES. Nessa perspectiva, “[...] a

aprendizagem de línguas está intimamente relacionada à manutenção das desigualdades sociais [...]” (PESSOA, FREITAS, 2012, p. 230) e, em nosso contexto, Espírito Santo, tenho colegas de profissão que fazem o ensino de inglês se concretizar na escola pública. O inglês é utilizado, em alguns contextos, como ferramenta para que visões que causam desigualdades sejam repensadas. Em detrimento dessa visão fornecida pelas alunas sobre a escola pública não ser o melhor ambiente de aprendizado, Duboc (2014) ressalta que fora da escola o aprendizado já acontece sendo mais atraente para alunas e alunos. Em adição, Monte Mor (2014) argumenta sobre as escolas e universidades não serem os únicos lugares onde o aprendizado acontece.

Observam-se formas alternativas e diferentes de construção de conhecimento e também o fato de que a educação pode estar em qualquer e/ou todo lugar, o que é identificado com aprendizagem ubíqua. (KALANTZIS; COPE 2008; 2012). Essa premissa permite a interpretação de que a escola não mais representa o único local privilegiado de aprendizagem para o aluno. Deduz-se que, durante longo tempo, as propostas educacionais priorizaram o modelo, o singular e a homogeneidade, sendo muito recente a abertura para a diversidade, a heterogeneidade e as formas plurais de conhecimento. Validam-se, também, os conhecimentos construídos e as aprendizagens ocorridas fora das instituições escolares e universitárias. (MONTE MOR, 2014, p. 242)

Com isso, na busca de completar o pensamento de Monte Mor (2014) sobre o aprendizado estar presente em todo e/ou qualquer lugar, Pennycook (2005) considera que “alunas e alunos não podem mais ser entendidos como localizados em um tempo e espaço limitados em torno de suas salas de aula, todavia são participantes de um conjunto muito mais amplo de práticas transculturais” (PENNYCOOK, 2005, p. 29, tradução nossa). Sobre essas práticas que transcendem o ambiente escolar; por que não ampliar o nosso objetivo educacional para inserir essas práticas transculturais que vêm de fora e que se inserem na realidade deles? Em contrapartida, em alguns contextos ainda se prioriza o tradicionalismo que limita o ensino e a necessidade de uma evolução:

Este modelo de ensinar inglês não satisfaz a busca pela compreensão do mundo multimodal e multissemiótico que vivemos, não compreende a necessidade de lapidar a informação e fazer com que ela se torne conhecimento, não ajuda ninguém a se expressar de um modo único e criar sentidos a partir do que vivencia nessa outra língua (SABOTA, 2018, p. 64 – 65).

Sob essa ótica, como saber se expressar em outra língua em discussões de temas gerais quando tudo o que foi fornecido foram estruturas prontas para serem reproduzidas? Como demonstrar opiniões, adentrar em discussões e reflexões? Muitas vezes, as frases prontas que são massivamente repetidas se solidificam e se tornam parte do pensamento. Eu, por exemplo, tenho estruturas engessadas desde os estudos como aluna de curso livre de idioma. No entanto, mesmo situados diante de muitas pesquisas e estudos divulgados, sabemos que hoje um ensino voltado para uma abordagem tradicional ainda é a escolha principal. O que me leva a pensar na acessibilidade dessas pesquisas que, muitas vezes, não alcançam a sala de aula.

Em contrapartida, Mattos (2018) aponta ainda que, por mais que o professor tome essa decisão por optar pelo ensino tradicional, o cultural e o crítico acabam surgindo de alguma forma em algum momento no decorrer das aulas. Defendo que não existe um uso totalmente neutro da língua, desprovido de posicionamentos, de visões de mundo. Sendo assim, em certos momentos podem ser passadas aos alunos questões culturais e críticas que o próprio professor faz em seu uso da linguagem, sem ao menos haver consciência disso.

Assim, de uma noção de língua como código fixo e objetivo que primava, numa acepção tradicional, pela expressão direta da realidade, ou numa acepção mais instrumental pela transferência de pensamento em palavras (BARTON, 1994), passamos a um entendimento de língua como construção social, em que os sentidos passam a ser culturalmente criados e historicamente situados [...] (DUBOC, 2011, p. 733)

Em adição ao que foi discutido até então, precisamos nos despertar para o entendimento da língua como construção social, indo ao encontro de Duboc (2011); precisamos ter ciência de que a realidade de nossos alunos, vivência, aprendizado externo e cultura não são encontradas em manuais prontos para serem fidedignamente seguidos. Assim como afirma Pennycook:

“[...] como educadoras (es) precisamos compreender que os espaços e culturas que nossas alunas (os) se envolvem não são achados em pré-definições de conhecimento cultural ou em estudos de sala de aula, como em espaços culturais que seguem o fluxo transcultural que nossas alunas e alunos frequentam” (PENNYCOOK, 2005, p. 29, tradução nossa).

Por conseguinte, é cabível, nas circunstâncias atuais da educação, levar em consideração o que cada aluna e cada aluno trazem em si e consigo. Entendo ser importante considerar a sua identidade, seus hobbies, suas dificuldades, suas culturas, suas visões de mundo, suas realizações, suas criações e pesos familiares. Ao ampliar para o local, trazem também o conhecimento popular relacionado ao seu espaço de convívio. Sendo esse ligado à sua comunidade e as pessoas que o cercam, seja em seu bairro ou em sua cidade. “A educação linguística crítica é, para mim, a que está atenta aos alunos e às alunas em suas identidades, sabendo que se trata de identidades sociais, sejam elas de raça, de gênero, de classe social e de muitas outras categorias, e que estão interagindo em sala de aula[...]” (FERREIRA, 2018, p. 43). Com isso, acredito que um trabalho crítico deva buscar “[...] uma formação que, além de voltar-se para o desenvolvimento de agência, reconhece a diferença e a diversidade como construto ontológico e epistemológico” (MONTE MOR, 2014, p. 250) e, dessa forma, valorizar e conviver com as diferenças e diversidades presentes dentro da sala de aula e fora dela.

Analogamente, Pennycook (2005) propõe que a cultura popular e a proporção que o inglês adquiriu tornam a sala rica em diferentes modos de saber e de exercer o aprendizado de forma transcultural, uma vez que “os fluxos globais do inglês e da cultura popular transformam as salas de aula em muitas partes do mundo em espaços de contato transcultural” (PENNYCOOK, 2005, p. 29, tradução nossa), e esse encontro de culturas tem um grande potencial para um trabalho mais crítico e significativo.

## **2.1 Formação de professores e educação em língua inglesa**

Com foco na concepção da prática docente pessoal que eu carregava anteriormente ao meu ingresso no curso de Letras Inglês, concordo com Duboc (2018) quando ela argumenta que “Todos nós, professores ou não, temos um entendimento prévio de docência simplesmente por termos vivenciado a experiência escolar na condição de alunos, transitando por diferentes “modelos” oscilantes entre a tradição e a inovação” (DUBOC, 2018, p. 12). Concomitantemente ao exposto, Duboc (2018) acrescenta,

[...] Por vezes, os alunos chegam à Faculdade de Educação, estigmatizada por seu viés supostamente pragmático, com a ilusão de que aprenderão técnicas de ensino — how to teach grammar ou how to work with videos. Alguns se surpreendem ao descobrir o potencial transformador da língua estrangeira no currículo escolar quando pensada sob a lógica da agência e da crítica. [...] (DUBOC, 2018, p. 15)

Entretanto, concordamos com a afirmação de Mattos na qual ela menciona que “[...] muitos dos professores de línguas atuais nunca tiveram experiências críticas de aprendizagem enquanto alunos de línguas e, por isso, tendem a reproduzir as experiências tradicionais que vivenciaram em seus contextos de aprendizagem e formação” (MATTOS, 2018, p. 31). Creio que essa experiência ocorre por não entrarem em contato, nem como alunos no período de educação básica ou como graduandos no período de formação, mas como novos conceitos. Ou seja, isso demonstra que esses estudantes não tiveram a oportunidade de revisitar o conceito de formação de professores. Acredito que essa falta de exposição seja prejudicial a essas professoras e professores. Creio que se uma mudança de perspectiva não me fosse ofertada durante meu período como aluna da Universidade, eu não seria quem sou hoje, a professora que sou hoje, como expliquei anteriormente.

Fui educada em um meio extremamente tradicional tanto em casa quanto na escola, onde a minha existência se limitava a seguir regras e estar sempre na igreja. “Assim, entendo que os cursos de formação desses(as) profissionais da educação linguística têm uma enorme responsabilidade na abordagem do conhecimento e na produção de novos conhecimentos e práticas docentes” (PEREIRA, 2018, p. 54). Entretanto, mesmo tendo mudado drasticamente minhas perspectivas sobre a docência, entendo que esta precisa ocorrer lado a lado com uma formação continuada. Sob tal enfoque, discuto a resposta do aluno Cesar e da aluna Bruna em relação à questão “Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?”

*Cesar: Eu acho que é imprescindível abordar temas como igualdade de gênero nos cursos da Universidade porque existe muita gente que fazem algum curso na Universidade que ainda é bastante machista, existem algumas mulheres também que reproduzem machismo, que são ensinadas né desde pequenas e eu acho que a gente tem que desconstruir isso, graças a Deus no meu curso tem um pouco disso mas eu sei que existem vários cursos na Universidade que não*

*abordam nada do tipo, [...] abordar igualdade de gênero em escolas é bastante importante também porque muitos alunos crescem em famílias machistas e são homens são machistas e as meninas reproduzem machismo o tempo todo e eu acho que é nessa fase que começam a ser desconstruídos com mais facilidade, dentro da escola no caso né [...]*

*Bruna: Seria muito importante porque a gente sabe que o começo de uma solução é conscientização [...], e se as crianças desde novinhas ouvirem sobre isso elas vão crescer com uma mente aberta, a sociedade patriarcal é patriarcal porque as pessoas cresceram ouvindo esse tipo de ideia de que homem é superior, que a mulher ela tem que ser submissa, que o certo é o homem trabalhar e a mulher ficar dentro de casa ou que a mulher não deve ganhar tanto quanto o homem isso é uma coisa que foi dita pra a gente desde criança, muita gente cresce com essa mentalidade, então conscientizar sobre esse tema em escola é muito importante porque faz diferença pra criança crescer com a mente aberta, e na Universidade também é muito importante porque antes da Universidade eu não tinha ouvido nada disso, eu nem tinha ideia, eu tinha uma ideia mínima desses assuntos mas é até meio ruim de dizer mas eu não dava tanta importância, meus olhos eram meio fechados, a Universidade abriu meus olhos [...]*

Concordando com a fala de Cesar e de Bruna, eu, antes da universidade, era uma mulher reprodutora do machismo. Eventualmente, me colocava em uma posição de submissão em relação aos homens na minha vida, como pai, tios, primos e posteriormente namorados. Essa circunstância se dava pelas referências que possuía em casa, pelos exemplos de mulher que vieram de dentro da minha própria família e, principalmente, pelas imposições dos homens da mesma.

Hoje, tal como antes, a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades. Ampliam-se e diversificam-se suas formas de regulação, multiplicam-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe normas (LOURO, 2007, p. 21).

Decorrente dessas instituições ditadoras de normas, tornei-me resultado de um modelo de educar baseado no patriarcalismo que cerca nossa sociedade. Como argumentado por Pessoa e Freitas, “isso significa dizer que tudo que fazemos, pensamos e dizemos é sempre afetado por questões mais amplas de poder social” (PESSOA, FREITAS, 2012, p. 233). De maneira idêntica às colocações da aluna Bruna, ao entrar em contato com feminismo e igualdade de gênero, eu não soube proferir a devida importância; foi preciso um trabalho de conscientização. Seguindo com a resposta da aluna Myrella também acerca da pergunta “Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como

igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?” temos o seguinte:

*Myrella: é importante falar usos até pra adultos mesmo que tem muita gente que não tem noção do que tá fazendo, que muitas vezes não sabe nem que tá prejudicando alguém, e porque ouve falando isso e acaba reproduzindo e não pensa nas consequências então muita gente não tem a oportunidade de ver de um jeito diferente o que eles fazem entendeu.*

Somada à perspectiva de Myrella, compartilho o entendimento de que muitos dos reprodutores do machismo e preconceito não são capazes de compreender a proporção do mal que causam ao próximo. Nesse sentido, “[...] a educação linguística crítica pode colocar em xeque o status quo, desconstrói discursos racistas, homofóbicos, xenofóbicos, misóginos e classistas” (FERREIRA, 2018, p. 42 – 43). Creio que não se trata exatamente de uma desconstrução, mas sim uma reeducação onde indivíduos repensam seus posicionamentos. Logo, acreditamos que quando temos a chance e nos é ofertado um conhecimento novo, somos capazes de repensar nossas posturas e opiniões.

Dessa forma é possível evoluir, pois “como seres humanos, acredito que nascemos com capacidade total para desenvolver qualquer tipo de habilidade, inclusive habilidades críticas. No entanto, durante nossa escolarização, aprendemos a não ser críticos” (MATTOS, 2018, p. 35). O tema estudos de gênero atinge a todos, isso ocorre de maneira independentemente ao momento da educação no qual o indivíduo se encontra, e se apresenta em uma posição de destaque no momento atual que vivemos. Nessa perspectiva, a educação linguística com um viés crítico aborda esses temas e pode ser o caminho para uma mudança de *mindset*.

Por isso creio que “[...] através das reflexões que ocorrem a partir da observação das práticas sociais e do nosso cotidiano, podemos construir e reconstruir práticas de empoderamento e críticas através da linguagem” (FERREIRA, 2018, p. 42). O questionamento anterior feito às alunas e aos alunos de graduação foi feito à professora e ao professor. Pode-se constatar a relevância das abordagens de temas como estudo de gênero em escolas e na Universidade.

*Manuel: partindo do princípio que o sistema educacional, a escola e a universidade elas não só pertencem ao público, a sociedade, e que elas respondem, elas interagem com a sociedade, mas elas também são propositivas né em relação a transformação da realidade então [...] eu diria que é essencial abordar estes temas e vários outros, principalmente esses que dizem respeito a questões relativas a preconceito, a naturalizações, pra que de fato haja uma possibilidade ou pelo menos uma esperança de mudança em um cenário futuro, a gente como educador, como professor, quer acreditar no poder transformador da educação, e pra que a realidade mude a gente tem que falar sobre esse assunto, a gente precisa abordar as questões, problematizar, discutir e não jogar pra debaixo do tapete, então é trazer pra sala de aula né, dar voz, não só falar sobre assuntos mas dar voz pra os alunos possam também falar, perguntar, interagir [...]*

Concordo com a visão do professor Manuel, de que nós, na posição de educadores possuímos um poder transformador em mãos. Entendo que quando esse poder é usado corretamente, pode contribuir para uma sociedade mais justa. Posteriormente, o professor atribui as naturalizações dos preconceitos e o machismo à falta de informação, visão compartilhada pela maioria das alunas e alunos participantes. Nesse contexto, considero pertinente o debate proposto por Pessoa e Freitas: “É como se não fizesse mais sentido teorizar sobre a aquisição de uma segunda língua fora do contexto social em que ela ocorre, desconsiderando a voz, o corpo e as identidades dos sujeitos envolvidos (...)” (PESSOA, FREITAS, 2012, p. 231). Ou seja, concordo com Manuel, pois devemos dialogar com nossos alunos e alunas, dar voz a esses indivíduos e entender suas identidades.

Finalmente, a professora Camila aponta a importância de se trabalhar o respeito tomando como ponto de partida os anos iniciais da educação, indo ao encontro da visão da aluna Bruna e do aluno Cesar:

*Camila: Nossa total relevância isso tem que ser abordado, são temas que estão presentes, se a gente quer ter pessoas com relações mais humanas, de respeito, de tolerância, enfim tolerância nem precisa, se você não tiver respeito você não tem tolerância, o respeito já engloba isso, então eu acho que esse plano tem que fazer parte sim dos cursos da universidade, das escola, dos pequeninhos até sempre, como fazer isso já é mais complicado porque eu acho que aí a gente tem que também considerar todos os contextos e todos os envolvidos nesse contexto, muitas vezes a gente não pode fazer isso de uma maneira explícita mas a gente pode fazer as vezes só de você, sei lá levar um texto sobre isso, eu vejo por exemplo no idioma sem fronteiras que o foco é preparar alunos pra internacionalização, ok [...], a gente pode levar textos sobre essa tema em uma aula que seja de escrita acadêmica entendeu, o foco é trabalhar escrita, mas o tema pode ser*

*um tema relevante pra nossa sociedade né, para as pessoas, então é extremamente relevante, necessário e importante que isso seja feito sim [...]*

Camila faz uma colocação a qual julgo imprescindível ressaltar, qual seja, é necessário trabalhar a tolerância. A partir disso, compactuo com a visão de que “fazer educação linguística sem considerar essas questões não faz sentido [...], pois aprender uma língua é entender que o outro, [...] tem necessidades diversas e que precisa ser entendido para que, depois, sim, possa se interessar em aprender uma língua que se comunica com ele/a” (FERREIRA, 2018, p. 43). Analogamente à visão de Ferreira, da professora, do professor, das(os) alunas(os) e seguindo o pensamento de Freitas (2012), ensinar LI objetivando a comunicação implica ensinar através de questões sociais. Sendo assim, os efeitos e valores que são reproduzidos por essa língua são levados em consideração; por exemplo preconceito, discriminação, feminismo, gênero, racismo, xenofobia, conceito de classe e outras questões são levantadas. Dessa forma, acredito ser possível fazer com que o aluno se identifique com a língua. A partir dessa identificação, acredito que ele consiga discutir temas relacionados com a sua realidade e seu contexto vividos fora da escola através do inglês em sala de aula. Com isso, pode assumir posicionamentos em relação às suas crenças e vivências, repensando suas verdades antes tomadas como absolutas.

Em posse desses dados, podemos compreender que abordar apenas temas como aspectos culturais específicos de certas regiões hegemônicas se distancia muito da nossa realidade. Isso acaba afastando mais ainda alunas e alunos das aulas. Aponto que seja algo que pode ocasionar talvez até mesmo um sentimento de resistência pela disciplina.

No entanto, não estamos aqui abstraindo a importância de serem apresentadas culturas e representações de outros países falantes da língua. Pelo contrário, entendemos que existe o momento para isso, é importante trazer o que os outros países abordam sobre questões do ensino. Porém é apresentada aqui a importância de tomar como ponto de partida o local e o que é reconhecido, o que é até então entendido como alcançável, o que faça com que alunas e alunos se identifiquem. A partir dessa discussão, é possível que alunas e alunos se conectem com o global, com o externo e entendam como eles mesmos já estão inseridos em um contexto transcultural em suas práticas fora da escola.

[...] Defendo que, com o inglês cada vez mais se tornando o meio de intercâmbio transcultural global, precisamos entender as relações entre inglês, cultura popular, educação e identidade, ou as maneiras pelas quais os diferentes tipos de inglês globais se tornam um meio mutável de formação de identidade transcultural. [...] (PENNYCOOK, 2005, p. 29, tradução nossa)

Nos jornais e nos meios diversos de propagação de informação, como as mídias sociais (Instagram, Twitter e Facebook), vemos notícias e relatos sobre mulheres vítimas de algum crime. Para exemplificar, são recorrentes casos como de feminicídio, abuso sexual, assédio, estupro, homossexuais sendo humilhados, agredidos verbalmente e fisicamente. Dentro dessa ótica, o Atlas da violência (2019) retrata que de 2007 a 2017 houve um crescimento de 30% no número de homicídio de mulheres; 13 mulheres mortas por dia no Brasil. Além disso, o atlas retrata que em 2017, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras e 221.000 mulheres procuraram as delegacias de polícia em decorrência de violência doméstica. Creio que essas práticas tendem a se propagar por meio de discursos de ódio e de machismo. Por isso defendo que precisam ser corretamente discutidas, ao invés de silenciadas.

Tudo isso acontece com frequência preocupante em ambientes de convívio social (mencionados aqui anteriormente) como trabalho, ônibus, igreja, escola, universidade, rua, balada e até mesmo dentro da própria casa da vítima por meio de familiares e conhecidos próximos. Desse modo, ao perguntarmos somente para as mulheres participantes da entrevista “Você sofre algum medo que você acredita que aconteça pelo único fato de você ser mulher?” destaca-se o relato da aluna

*Poliana: [...] boto o pé fora de casa a gente já tem medo, eu vivo sempre olhando pra trás, sempre eu acho que pode acontecer alguma coisa, esses dias um cara deu um pulo na minha frente e eu achei que ele ia me agarrar e eu saí à mil, então medo de sair no escuro, sair à noite sozinha [...], ser estuprada e a culpa ser sempre nossa por tudo, acho que esse é o principal medo, o próprio medo de também de não ganhar igual de sofrer desvantagem no emprego nem precisa ser em cargos de liderança mas em qualquer cargo, perder uma vaga por conta de ser mulher, mesmo você sendo mais competente, sofrer discriminação também de professor, assédio de professor, assédio é o tempo inteiro, medo de ir a lugares que todo mundo vai, [...] eu peguei taxi e várias vezes eu tive problema, eu tive que abandonar, tive que bloquear, e eram todos assim, pareciam pessoas de confiança de minha mãe, mesmo eu contando as vezes eu tive que ouvir da minha cunhada “mas você também da papo pra todo mundo, você conversa com todo mundo, você tem que entrar no taxi tem que ser bom dia, boa tarde, boa noite, seca, não tem que dar conversa” falei ué mas eu sou*

*comunicativa, eu converso, eu bato papo com todo mundo, algo a pessoa faz algo errado e a culpa vai ser minha? [...] eu fui num evento de futebol novamente e um senhor estava organizando, foi educado o tempo todo veio na minha casa, buscou as bandeiras do botafogo e tudo pra expor lá e tal, correu tudo bem, pra mim esse senhor é um avô né, chegou no final do evento ele veio de assédio pra cima de mim, passando a mão no meu braço até quase chega no meu seio e eu fiquei desesperada, [...] aí eu dei um empurrão nele, levantei mas fiquei sem reação, não gritei peguei minhas coisas e fui embora, aí depois ele veio como se nada tivesse acontecido aí eu briguei, acusei ele e esculachei, ele pediu desculpa, falou que ele fez errado, que isso não ia se repetir, enfim né, devia ter jogado a merda no ventilador mas como sempre a gente acaba tendo medo [...]*

Em virtude do relato mencionado pela aluna, exemplifica-se novamente a luta diária enfrentada por mulheres, o desconforto ao lidar com homens sexistas e o simples medo de ir e vir. Paloma cita situações nas quais sofreu assédio em atividades cotidianas comuns e eu me identifiquei na maioria delas. Dentre os relatos da aluna estão o medo de andar sozinha na rua, assédio de professores em sala de aula, taxistas em momentos em que as mulheres estão sozinhas e até mesmo em momentos de lazer como um ocorrido durante um evento de futebol citado. Quando a aluna mencionou o taxista, me lembrei de uma situação de assédio que sofri com um motorista de aplicativo, e me assusta como esses acontecimentos são mais comuns do que pensamos.

Face a essa realidade, questões como as expostas estão próximas e, podemos não saber, mas podem ser parte da vida de nossas alunas e alunos, ou quiçá de pessoas próximas em seus convívios. Surge então a necessidade de discutir e abordar esses temas. O objetivo principal seria tornar a aluna e o aluno conscientes da realidade não só que lhes convém, mas de pessoas que o cercam e simpatizar com as lutas do outro, ter empatia. Creio que assim poderia ser evitado um caminho de propagação de ódio e desrespeito.

Em consonância com a discussão supracitada, os aspectos trazidos por Pereira (2018) e Schultz (2001) defendem que o professor deve buscar transcender aquilo que é esperado dele por instituições maiores e pela educação tradicional. Esse profissional deve ir além do que é trazido pelo livro didático e instigar seus alunos a pensarem em temas relevantes. O ideal é que esses temas ajudem indivíduos a exercer sua cidadania de forma justa.

Além disso, alunas e alunos devem ser capacitados para compreender o que há na construção de cada texto. Em vista dos argumentos apresentados, é essencial observar que

A partir dessa prática, vejo as/os professoras/es em pré-serviço percebendo os livros e materiais didáticos de uma outra forma. Eles também se sentem empoderadas/os por entender que são aptos a produzir os seus próprios materiais didáticos com os temas e assuntos que querem adotar. (FERREIRA, 2018, p. 45).

Dado o exposto, gostaríamos de esclarecer que não estamos aqui desconsiderando o uso de um LD, pois ele pode ser de grande ajuda. Todavia, estamos defendendo um uso consciente do LD, no qual professores não guiam suas práticas em torno do que está somente apresentado no livro. Creio que não podemos tomar como uma verdade absoluta tudo o que está presente ali. Da mesma forma, não podemos considerar que o LD seja aplicável a qualquer contexto onde é inserido. O ideal, é que se saiba tomar posturas críticas sobre o material, selecionando o que pode ser importante para o seu contexto de trabalho. Professoras e professores deveriam ter mais liberdade para adaptar o LD e melhor servir ao seu público, sabendo criticar e se posicionar sobre o que não concorda no material.

Assim, professoras e professores deveriam ter liberdade de contactar editoras, e dialogar sobre possíveis pontos que considerarem incoerentes, podendo “[...] criticar um LD e propor sugestões para um LD que foi produzido por um/a autor/a ou editora de renome” (FERREIRA, 2018, p. 45). Por todos esses aspectos entendemos então que a professora e o professor devem ser os condutores principais de suas práticas, e não o LD. Esse entendimento pode ser considerado como uma alavanca inicial para uma educação mais crítica.

[...] Acho que a crítica se instaura no momento em que, ao problematizar as verdades trazidas em materiais didáticos ou textos veiculados por diferentes mídias, por exemplo, meu aluno interrompe sua mindset e revela para mim, via linguagem corporal muitas vezes, que acabara de experimentar seu aha moment, enquanto outros verbalizam explicitamente essas interrupções em comentários como “Puxa, nunca tinha pensando nisso!” ou “É mesmo! Nem tinha notado!”. E como são grandes esses momentos pequenos de crítica instaurados nas brechas da sala de aula! [...] (DUBOC, 2018, p. 21)

Dessa forma, discutir significados, intenções e limitações por trás de textos, materiais didáticos e informações em geral na formação de professores é crucial. Entendo que é possível iniciar uma conscientização de por onde o crítico age, visto que “É preciso encorajar os(as) alunos(as) a perceber que os textos estão carregados de significados excludentes e que a sua interação com eles pode abrir espaço para a construção de novos significados no mundo social” (PESSOA, FREITAS, 2012, p. 233). Esses significados excludentes ocorrem quando, por exemplo, LDs trazem unicamente a família em sua forma tradicional (pai, mãe e filhos), ou abordam em sua maioria personagens brancos, próximos aos padrões hegemônicos.

Além disso, o que é então conhecido como *aha moment*, termo trazido por Duboc (2018), é essa tomada de consciência que desperta para uma visão crítica. Acredito que antes ainda não era percebida, mas que estava no alcance da capacidade de alunas e alunos. Acho belo quando esses indivíduos tal qual um “estalar de dedos” se sentem capazes de entender e contestar aquilo que é posto como verdade absoluta. Dessa forma se tornem donos de seu próprio pensamento e capacidade de agir sobre o que lhes é apresentado. Para exemplificar, vivenciei o *aha moment* no período da graduação como relatei mais detalhadamente anteriormente.

[...]Eis um entendimento de crítica — em particular, do conceito de letramento crítico — com o qual compactuo e o qual busco articular à formação de professores de línguas: a crítica como problematização local, situada, fundada num exercício genealógico (para além, portanto, de mera comparação e contraste de interpretações) em que leituras dissentes são postas cara-a-cara, com vistas à compreensão desse dissenso e, principalmente, os efeitos e implicações para o eu e o outro desse dissenso, num movimento que nos possibilita identificar privilégios e apagamentos centro e margem, por assim dizer) não mais previstos no texto, mas, sim, emergentes do encontro entre o eu e o outro. (DUBOC, 2018, p. 16 – p. 17)

Sendo assim, a crítica na formação de professores não se fundamenta na simples interpretação e entendimento de textos de diversos teóricos. Seus propósitos vão além e buscam, a partir do local que representa a realidade dos alunos em formação, ver o outro como ver a si mesmo no processo de interpretação. A crítica na visão de Duboc (2018) almeja uma educação que aponte e evidencie privilégios e marginalizações seja qual for o enfoque em análise, podendo se aplicar em infinitas esferas do saber. “[...]A menos que

desafiemos constantemente nosso pensamento sobre linguagens, linguística e linguística aplicada, corremos o risco de reproduzir as ideologias de linguagem que precisamos nos opor” (PENNYCOOK, 2010, p. 9, tradução nossa).

Em concordância com Pereira (2018), o inglês é uma língua que foi por muito tempo e ainda é vista como propagadora de desigualdades e sistemas de dominação. Todavia, ela mesma também pode ser usada para transmitir conhecimentos que quebram essas dominações. Segundo Pereira (2018, p. 54), “[...] formar professoras e professores para ensinar língua inglesa pressupõe preparar esses sujeitos para lidar com uma língua que, ao mesmo tempo que reproduz sistemas de dominação, também pode expressar e veicular discursos de resistência”. Com isso em mente, por meio da valorização do local podemos quebrar essa ideologia de língua inglesa como imperialista. Entendo que essa pode atuar como uma força que pode funcionar e agir onde se situa,

Levando a ideia do local a sério, podemos avançar em direção a uma apreciação muito melhor das ideologias de linguagem, das compreensões locais da linguagem, das formas pelas quais os próprios participantes se orientam para a linguagem. Podemos também começar a desenvolver geografias mais sofisticadas de acontecimentos linguísticos, que nos levam além da ideia de uso da linguagem no contexto e, ao contrário, operam com uma compreensão mais dinâmica da construção do lugar e da linguagem juntos. E, finalmente, podemos nos orientar para uma forma de política baseada na atividade da língua local, em vez de depender dos gestos grandiosos do imperialismo, dos direitos linguísticos e da globalização (PENNYCOOK, 2010, p. 9, tradução nossa).

As afirmações de Pennycook (2010) acima vão ao encontro do que discutimos anteriormente, uma vez que, quando a língua inglesa é colocada em prática juntamente com o lugar onde está ocorrendo, no período de tempo em que se situa, levando em consideração aspectos associados a esses eventos situados, a educação linguística crítica pode se apresentar “como uma opção viável de promover o diálogo e trazer a vida para a sala de aula” (SABOTA, 2018, p. 68), desvinculando o inglês da concepção como agente de forma de imperialismo.

Entretanto existe uma resistência por parte de certos profissionais do ensino em geral. Ainda é possível nos depararmos com professoras e professores que desacreditam do potencial da abordagem crítica. Esses muitas vezes não enxergam o alcance dessa abordagem. Todavia acreditamos que

esse é um fenômeno esperado e normal quando surge qualquer teoria inovadora. Quando algo novo é sugerido ainda existirão os que têm medo de abandonar o que era tido antes como de costume, como tradicional.

Portanto, concordando com Duboc (2018), afirmo que precisamos colocar em prática uma abordagem que privilegie “as possibilidades de uma pedagogia pautada na autorreflexividade, na autoimplicação, no dissenso e no desconforto de modo a ajudar os alunos a compreender o seu lugar na (re)produção das violências sociais” (DUBOC, 2018, p. 18). Com isso ajudar nossas alunas e alunos a entender as outras pessoas, pôr em prática a sua empatia e solidariedade. É fundamental reconhecer diferenças que são colocadas de forma injusta e limitam a existência de outros indivíduos, e isso, como assegura Duboc (2018), “vai além do pacote de valores universais ensinados de forma prescritiva pela escola tradicional” (DUBOC, 2018, p. 18). Todavia, temos em posse o entendimento de que “essa não é uma fórmula de sucesso, mas tenho visto este modo de agir e pensar como uma alternativa capaz de favorecer que seja oferecida nas escolas uma educação linguística mais próxima de gerar mudanças sociais” (SABOTA, 2018, p. 68). Agir nessas alternativas é o que buscamos incorporar às nossas pesquisas e aulas.

Neste capítulo, foi discutido o potencial da sala de aula como espaço para repensar perspectivas tradicionais, visando dialogar com perspectivas que fogem desse tradicionalismo, como por exemplo o feminismo e os estudos de gênero. Isso foi proposto pensando em um contexto específico, a sala de aula de língua inglesa. Para este fim, adotei principalmente as sugestões de Duboc (2011, 2014, 2018); Mattos (2018); Sabota (2018) e Pennycook (2005). Como professora de inglês, discorri sobre o tradicionalismo em sala de aula e entrelacei a minha experiência com as experiências, visões e realidades observadas e narradas pelos participantes. Similarmente, apontei a importância de uma abordagem crítica e uma atuação mais autônoma do professor em sala de aula. Em seguida, tracei os caminhos que considero possíveis para sugerir uma educação de viés crítico, com mais abertura para diálogo de temas como feminismo, estudos de gênero e sexualidade em sala de aula.

Com base nos dados, percebo que esses temas já estão presentes na vida de alunos e professores e ocorrem em espaços educacionais como escolas e universidades. Entretanto, ainda não fazem parte oficialmente do currículo e

são regulados em algumas instituições educacionais, o que pode causar uma timidez ou insegurança na abordagem de tais temas. Dessa forma, defendo a posição do professor como agente crítico, que busca ir além de currículos, manuais e livros didáticos.

No próximo capítulo, defendo um olhar sensível para algumas questões que reproduzem desigualdades. Sabemos que essas são muitas, porém focalizo as questões de gênero, feminismo, a mulher negra e interseccionalidade. Adiante, aponto as várias instituições ditam normas na busca de encaixar indivíduos em uma “normalidade” heteronormativa.

### **3. OS ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA EM LÍNGUA INGLESA**

*A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir". (LOURO, 1997, p. 81)*

A família tradicional brasileira, tende, muitas vezes, a acobertar situações de violência e desrespeito contra a mulher. É como se, dentro do ambiente familiar, o homem tivesse direito à mulher simplesmente por ser parte da mesma família. Assim, nesse entendimento a mulher parece não poder se manifestar para não abalar a harmonia familiar. Isso ocorre mesmo a mulher sendo a vítima em diversas situações, o que a coloca em posição de submissão ao homem. Mediante o exposto, em Machado (2010) podemos encontrar como esses valores tradicionais afetam as DEAMs (Delegacia de atendimento à mulher) no julgamento de situações de violência e abuso contra a mulher:

Os valores tradicionais brasileiros dos modos de operação das delegacias comuns e do sistema judiciário são fortemente modelados por uma reverência cega ao valor da harmonia familiar, e muito pouco aptos a arbitrar conflitos naquela esfera tantas vezes sacralizada da família. A família, na verdade, é importante *locus* não só de afetividade, como de violência e violação dos direitos humanos (MACHADO, 2010, p. 59).

Como ressaltado acima, no interior de muitas famílias brasileiras não encontramos apenas amor, carinho e respeito como é esperado, ou uma boa criação, como é propagado. Eventualmente a violência e a violação vêm, muitas vezes, de dentro da própria família e é silenciada pela mesma. Ameniza-se o lado do agressor e desmerece-se o sofrimento da vítima. Ignora-se, assim, graves consequências futuras. Todavia, a mulher pode vivenciar as dores de um abuso pelo resto da vida. Acredito que essa situação possa causar danos psicológicos irreversíveis em alguns casos, ou marcas incuráveis de medo e insegurança. Ancorada em Nader (2013), entendo que “o processo de historicidade de maltratos à mulher tem sido caracterizado por uma trajetória construída pela dominação masculina e pela dependência feminina[...]” (NADER, 2013, p. 2). Dessa forma, entendemos que a violência contra a mulher se constitui historicamente. Ou seja, “[...] trata-se de um cenário montado a partir da lógica do patriarcalismo, cuja exploração e exclusão feminina faz parte de uma história de contradições e desigualdades sociais, marcada pelo autoritarismo e violência familiar [...]” (NADER, 2013, p. 2).

Em muitos casos, o mascaramento e o silenciamento de violências sofridas podem fazer com que a mulher desenvolva um sentimento de culpa pelo abuso sofrido. É como se de alguma forma ela tivesse causado isso, seja por uma roupa mais justa, um comportamento considerado inadequado, ou horário além do esperado. Todas essas são tentativas de justificar o crime do violador e responsabilizar a mulher/vítima. Em contrapartida, o agressor não se culpabiliza, muitas vezes até esquece do fato ocorrido. Ou seja, para a agressor, aquilo não causou danos, não deixou marcas, não passou de mais uma manifestação de seus desejos.

A violência contra as mulheres é um tema multidisciplinar que tem se destacado em diferentes campos (Ciências Humanas e Sociais, Direito, Sociologia, Psicologia, Antropologia, Educação, Administração etc.) e se tornado motivo de preocupação constante em diversos setores da sociedade. Esse tipo de violência é considerado universal e um fenômeno social que atinge milhares de pessoas, em grande número de vezes, de maneira silenciosa e dissimulada [...] (TOMAZI, 2014, p. 192 – p. 193)

Como aponta Tomazi (2014), a preocupação com temas como violência contra as mulheres vem ganhando força. Nesse sentido, “[...] o acesso às

informações sobre a violência tomaram rumos nunca antes visto na História [...]” (NADER, 2013, p. 1), a cada dia esse assunto se torna mais evidente em jornais, mídias, internet, televisão, entre outros. No estado do Espírito Santo os casos de feminicídio e violência contra a mulher tem crescido de forma alarmante. Creio que isso ocorra pelo sentimento de posse que o homem tem sobre a mulher, fruto de pensamentos machistas de uma sociedade regida pelo patriarcado. Assim, defendo a importância dos estudos feministas na busca de direitos iguais.

Engajar-se na teoria e praxe feministas significa desafiar o conhecimento que exclui, embora pareça incluir – supondo que quando falamos do termo genérico homens, também queremos dizer mulheres, como se o que é verdadeiro para grupos dominantes também fosse verdadeiro para mulheres e outros grupos oprimidos [...] (BIBER, 2012, p. 3, tradução nossa).

Como podemos ver em Biber (Ibid.), o feminismo traz novas questões sobre as mulheres e outros grupos que se encontram desprivilegiados ou subalternizados. O movimento coloca estes e suas lutas e dificuldades por conta de suas posições em foco, rompe com as formas tradicionais de enxergar a sociedade e ressignifica conhecimentos tidos como naturais (BIBER, 2012).

Dessa maneira não mais é mais concebível que se enxergue a sociedade usando o termo homens como englobando homens e mulheres. Tal costume coloca os homens como representantes dominantes. Entretanto buscamos aproximar o máximo possível homens e mulheres na nossa sociedade. Nessa perspectiva, é interessante ressaltar que o machismo e masculinidade (que são características difundidas socialmente como pertencentes ao homem e naturalizadas dessa forma) não são exclusivos dos homens heterossexuais, existem também homossexuais que apresentam comportamentos e atitudes considerados masculinos e Person (2010) fala sobre isso:

[...] a masculinidade não é exclusiva dos homens heterossexuais. Masculinidade engloba atitudes, comportamentos e auto-identificações particulares que são observados não apenas na maioria dos homens heterossexuais, mas também em muitos homens homossexuais. Desnecessário dizer que homens heterossexuais e gays podem exibir características efeminadas. [...] (PERSON, 2010, p. 1166, tradução nossa).

Bem como podemos encontrar mulheres que apresentam características, práticas e hobbies considerados masculinos em vista aos padrões sociais.

Person (2010) acresce, “[...] algumas mulheres são percebidas como masculinas [...]” (PERSON, 2010, p. 1166, tradução nossa). Em contrapartida, comumente encontram-se mulheres com atitudes e pensamentos decorrentes de uma perspectiva machista. Essas mulheres muitas vezes direcionam um julgamento indevido e excludente à outras mulheres. Por analogia, temos o exemplo do caso da aluna Myrella, quando questionamos “Você já se deparou com alguma situação de machismo ou preconceito envolvendo gênero?” e obtivemos:

*Myrella: já, [...] em questão minha mesmo [...] por exemplo você é criança eu saía derrubando os meninos tudo porque eu tinha mais força que eles aí as pessoas viravam pra mim e falavam “nossa isso aí é coisa de menino, não fica brincando assim não, [...] seja mais feminina, você tá muito machinho” [...] ficavam falando com você coisa que não tem nada a ver, que força não define se eu sou homem ou mulher sabe, brincadeiras do tipo, inclusive falam “senta de perna fechada, igual mocinha, aprende a cozinhar porque depois você vai casar e vai ter que cozinhar pro seu marido” mas se eu não quiser casar, mas você tem que casar, eles te empurram pra fazer uma coisa que você não quer sabe.*

Assim como Myrella, fui corrigida inúmeras vezes sobre a forma de sentar por “ser mocinha”, assim como no caso da aluna acima. Escutei que mulher não deveria praticar futebol por denotar-se ser um esporte de “sapatão”. Creio que exista essa concepção por ser considerado um esporte praticado em maior proporção por homens. Complementando, escutamos muito as palavras “parece até homem” quando parte de uma mulher a realização de alguma tarefa considerada masculina com excelência. É possível constatar outras situações de sexismo sofridas por mulheres que apresentaram comportamentos considerados masculinos quando foi questionado na entrevista “Você já se deparou com alguma situação de machismo ou preconceito envolvendo gênero?” e obtivemos a seguinte resposta das alunas:

*Bruna: Já sofri, mais quando eu era criança, quando eu queria brincar com os meninos, na minha família também teve a questão de roupas, qual roupa seria adequada usar, que cor, porque eu não podia usar roupa considerada masculina [...]*

Acrescendo à discussão em questão, quando foi perguntado “Você já sofreu sexismo?” também obtivemos

*Jamily: [...] meu sonho de infância era aprender a soltar pipa e eu nunca pude encostar numa pipa porque era coisa de menino segundo minha família “você não vai fazer isso porque você tá parecendo um molequinho macho, aí você não vai fazer isso por causa disso” eu queria brincar de bolinha de gude e não podia porque era os menino que tava ali e eu não podia fazer nada a não ser brincar com as minhas bonecas e minhas panelinhas, e eu não tenho irmão mais novo então eu não tinha companhia feminina e era muito triste a minha infância.*

No caso das alunas Bruna e Jamily é possível constatar atitudes e formas de se vestir consideradas masculinas que são reprimidas por se tratarem de pessoas do sexo feminino. Essas pressões exercidas em casa eram pertinentes na criação da grande maioria das mulheres. Dentre os resultados obtidos nas entrevistas pude constatar que realmente constituíram a criação de todas as entrevistadas. Entretanto, as imposições machistas não provêm unicamente de homens. Em outro momento da entrevista, quando foi questionado “Você já sofreu sexismo?” também pudemos constatar situações de machismo partindo das mulheres, ou seja, mulheres também se posicionam como reprodutoras do machismo. Muitas vezes essas estão dentro de nossas famílias, como no caso de Samuel a própria mãe foi machista com ele e com a irmã:

*Samuel: [...] eu acho que sim [...] as vezes minha mãe falava “você não pode fazer isso porque é coisa de menina” já aconteceu uma vez eu fiz luzes no cabelo aí falaram “nossa isso é coisa de menina porque você tá mexendo no seu cabelo” aí eu “ai o cabelo é meu” e também eu vejo isso com a minha irmã, as vezes ela faz alguma coisa e a minha mãe fica “está parecendo menino macho” eu “mãe deixa a Sara em paz” [...] as vezes ela quer brincar na rua, jogar futebol ou ela quer sentar com a perna aberta, ela mesma repreende isso sendo que ela é mulher [...] mas eu acho que isso da questão dos nossos pais é porque eles são digamos de uma época que era tudo diferente, a mulher era mais pra ficar em casa, e agora com essa mudança ainda alguns tentam se adaptar na nova era digamos assim mas eu acho que a gente tem que considerar como eles foram criados também e tentar mudar a cabeça deles.*

Em virtude dos fatos mencionados, vale ressaltar por analogia que, quando se trata de pessoas provenientes de gerações anteriores (pais, mães, avós e avôs e familiares com uma diferença de idade) estamos dialogando com indivíduos que tiveram sua formação de caráter em um período ainda mais machista, ainda mais preconceituoso, ainda mais homofóbico. Período no qual muitos dos comportamentos e repressões que são considerados inaceitáveis por nós eram normalizados, como a submissão da mulher ao homem. Tensionando

os argumentos de Samuel, creio que o melhor caminho para “mudar a cabeça deles” seria propiciar uma autorreflexão das reproduções do machismo, sexismo, homofobia e preconceitos através de diálogos pacíficos, sem imposições pois não creio que “devolver na mesma moeda” traga grandes resultados.

Aspectos ideológicos, próprios de uma sociedade patriarcal, contribuem para a construção de uma hegemonia masculina, caracterizando uma imagem feminina ligada a aspectos de submissão e dominação masculina que foi construída ao longo da história e questionada com os movimentos feministas, a partir da década de 1960, cujo objetivo foi garantir direitos iguais entre os gêneros. (TOMAZI, 2014, p. 193)

Contudo, estudos feministas hoje buscam ir além de ter a mulher como objetivo principal de suas indagações. Agora compreendem mulheres no plural, com seus diferentes contextos sociais, raciais, e também mulheres lésbicas, “[...] afinal não existe a mulher, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras” (LOURO, 1997, p. 31). Em consonância, tendo como exemplo o tema violência citado no início do capítulo, entendemos que essa pode ocorrer em proporções diferentes sobre grupos de mulheres diferentes, se cruzando com outras características causadoras de opressão, como Nader (2013) argumenta,

Considerando-se as diversas modalidades de violência, a agressão doméstica contra a mulher é um padrão específico de violência fundada na hierarquia e desigualdade de lugares sociais sexuais que subalternizam a mulher e ela pode se acentuar por idade, etnia e classe social [...]. (NADER, 2013, p. 2)

Dessa forma abriram vertentes variadas de feminismos, a fim de contemplar os múltiplos eixos de opressão que se estendem a racismo, classismo, homofobia, machismo, etc, como adições sobre a experiência de ser mulher (SOTERO, 2013). Isto posto, a aluna Jamily relatou durante as entrevistas essa necessidade de novas vertentes que abracem indivíduos e suas respectivas particularidade. Na exemplificação da aluna encontramos o transgênero negro ao perguntar “O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?”

*Jamily: transgênero negro, porque se tem uma coisa que sofre, que eu vejo [...], é um transgênero negro, eu conheço uma pessoa que ela é transexual, ela era homem, agora mulher, e é negra [...], eu conheço gente que chama ela ainda pelo nome masculino, isso é muito triste porque o nome masculino ficou no passado, a pessoa não existe mais, antes era Michael, esse Michael morreu, [...] agora sei lá “[...] Nicole Michael, a não sei o que [...]” gente sofre muito e eles pensam que é só brincadeira mas essa brincadeira pode levar a depressão, que leva a morte, que leva as pessoas ficarem mais amedrontadas ainda [...]*

Como exemplo das vertentes que o feminismo vem adquirindo, temos o feminismo negro. Com efeito, traz outras questões acerca da luta da mulher negra que encara o preconceito e o peso atribuído a sua imagem. Socialmente é como se apenas seu corpo já fosse causa de tensão e desconforto. “O corpo negro é atribuído como a causa de ficar tenso, que é também a perda de uma atmosfera compartilhada. Hooks mostra de que forma, como feminista negra, você nem precisa dizer nada para causar tensão” (AHMED, 2009, p. 49). Em vista disso, discutiremos mais aqui sobre a vertente do feminismo negro que vem crescendo e ganhando foco em estudos.

### 3.1 Feminismo e a mulher negra

*O foco do feminismo negro é salientar a diversidade de experiências tanto de mulheres quanto de homens e os diferentes pontos de vista possíveis de análise de um fenômeno, bem como marcar o lugar de fala de quem a propõe. (SOTERO, 2013, p. 36)*

Indo ao encontro às colocações de Sotero (2013), dentro do feminismo surgiu a necessidade de levar em consideração a intersecção das desigualdades. Nessa perspectiva, diferentes características coexistem e estabelecem relações de opressão “[...] Assim, o elemento representativo das experiências das diferentes formas de ser mulher estaria assentado no entrecruzamento entre gênero, raça, classe, geração, sem predominância de algum elemento sobre outro” (SOTERO, 2013, p. 36). Isso aponta para a relevância de entendermos como diferentes formas de opressão se exercem e

podem gerar, devido a sua coexistência, novas situações de discriminação e inferioridade. Compreendo que essas situações não são iguais ou não ocorrem na mesma intensidade para todas as mulheres dentro de suas realidades.

Entendo que “[...] o tema central do pensamento feminista negro é o legado da luta, visto que todas as mulheres negras compartilham a comum experiência de comporem uma sociedade que as desprivilegia” (ROMIO, 2013, p. 137). Nessa perspectiva, raça e gênero atrelados são temas bastante discutidos pelo feminismo negro. Principalmente quando são abordados os fenômenos das desigualdades sociais enfrentadas particularmente pelas mulheres negras atualmente,

[...] em primeiro lugar, tais atributos implicam em desvantagens históricas para determinados grupos sociais e atuam de maneira decisiva na definição da posição social dos indivíduos. Em segundo lugar, porque ajudam a compreender os mecanismos e processos de produção e reprodução das desigualdades, ao evidenciar a relação entre atributos individuais e estrutura social (Grusky, 1994; Sernau, 2000). Gênero e raça são, portanto, nos termos de Fraser (2001), paradigmas de coletividades bivalentes, pois abarcam dimensões econômicas e dimensões cultural-valorativas, implicando problemas de redistribuição e de reconhecimento. (LIMA, RIOS, FRANÇA, 2013, p. 53)

Sendo assim, a preocupação inicial principal do feminismo negro é a condição que a mulher negra se encontra devido às suas interseções sociais, as suas marcas de subordinação. Juntas, essas se acumulam em uma só pessoa e que a levam a sofrer ainda mais preconceito durante o processo de inclusão social. Tudo isso ocasiona situações desprivilegiadas nos estudos, no emprego, na violência etc. Cabe ressaltar que esse preconceito é único da realidade dessas mulheres, pois muitas vezes não encontram representatividade no feminismo nem na luta contra o racismo. A esse respeito, obtivemos o seguinte relato quando perguntamos “O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?” E tivemos uma discussão gerada a partir disso, segue parte dessa discussão:

*Paloma: você ser negro, você ser fora de um padrão de cor e ainda ser homossexual e ser mulher, nossa se for mulher então nossa acabou, é difícil você agrega preconceitos né.*

*Jamily: e tipo assim, geralmente você vê o que, uma pessoa fora de um dos padrões assim, a pessoa é negra porém ela é magra, a pessoa é negra porém tem traços finos, a pessoa ela é homossexual porém*

*ela é branca, a pessoa ela é gorda porém ela é hetero, agora se uma pessoa tem todos esses o que as pessoas não consideram padrão, tipo assim essas pessoas existem, essas pessoas tão lá, você não tá vendo mas elas existem e elas se escondem, quantas pessoas tem medo por causa disso [...]*

Como ressaltado, é excludente entender o feminismo sem entender o peso de outras características que vão além do gênero. Nesse sentido, traremos raça/etnia como foco agora tratando-se especificamente de feminismo negro. Mesmo dentre as mulheres existem as que se encontram em posições dominantes. Os problemas dessas não se cruzam com os de outras em posições socialmente tratadas como inferiores há décadas, como Romio (2013) argumenta. Esse fato acaba fazendo com que questões específicas de grupos mais subordinados sejam deixadas de lado. Silva (2013) aborda isso quando alerta para a superinclusão e subinclusão da perspectiva de gênero,

*[...] No primeiro caso, a perspectiva de gênero é totalitária e não permite identificar outras dimensões da discriminação. No segundo, os problemas vivenciados por mulheres de um determinado grupo racial não são considerados, tanto porque não são identificados como problemas das mulheres, ao não serem compartilhados com mulheres do grupo dominante, como também não são percebidos como relevantes para seu grupo racial, por não serem compartilhados pelos homens daquela população (SILVA, 2013, p. 109).*

Dessa maneira, a mulher negra com seus problemas específicos relativos à essa condição dupla não encontra apoio total entre as mulheres no geral, por não serem esses problemas ambos os problemas compartilhados. Outrossim, a mulher negra não encontra apoio nas discussões sobre raça por não serem questões enfrentadas pelos dominantes nesses grupos, que são no caso os homens negros. “[...] Neste contexto, a percepção da vivência de uma “dupla discriminação” experimentada por estas mulheres se tornou bastante discutida (SILVA, 2013, p. 110)”.

Além desses fatores aqui expostos, quando é considerado junto a tudo as questões socio econômicas, as diferenças se tornam maiores. A autora Silva (2013) cita uma situação básica enfrentada por mulheres brancas e outra por mulheres negras de diferentes classes sociais que tomam proporções bem diferenciadas,

Se para as mulheres brancas das classes médias, um ponto importante para autonomia é sua inserção no trabalho remunerado, demandando políticas de ativação; para as mulheres negras das classes mais pobres, a participação no mundo do trabalho é, em geral, precoce, precarizada e as inscreve, de partida, em patamares desvantajosos. As demandas são, por conseguinte, diferenciadas. (SILVA, 2013, p. 110)

Ademais, indo além da questão da inserção no mercado de trabalho e na forma diferenciada que isso acontece, mulheres negras também encontram dificuldades em muitas outras esferas de convívio social. Para exemplificar, elas encontram mais dificuldades no acesso à educação, nível de formação, e tipos de empregos aos quais são escaladas. “No entrecruzamento de raça e gênero, observa-se que há um forte contingente de mulheres pretas e pardas no serviço doméstico [...] que há baixos salários e um alto grau de informalidade”. (LIMA, RIOS, FRANÇA, 2013, p. 67). Creio que um reflexo disso seja o fato de encontrarmos muito mais mulheres brancas na academia do que negras.

Silva (2013) ainda discute que raça e gênero juntos são fatores que promovem a condição de classe. Esses fatores condicionam socialmente mulheres negras a se situarem na base da hierarquia social como consequência das oportunidades que são (ou melhor, não são) ofertadas a elas. Por conseguinte, umas das questões que Lima, Rios e França (2013) trazem sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho é a jornada dupla. É esperado que consigam conciliar o trabalho e os cuidados da casa.

Acredito ser importante frisar que o preconceito na hora de disputarem uma vaga com um homem é notório. Sabemos que a maternidade e os afazeres domésticos são fatores discriminatórios. Nessa perspectiva a mulher negra se encontra em maior desvantagem em relação ao homem negro, sendo que “As características de desocupação das mulheres negras representam a síntese da condição de dupla discriminação: marcadas pelo estigma racial na busca pelo emprego e pelas dificuldades encontradas pelas mulheres” (LIMA, RIOS, FRANÇA, 2013, p. 67). Podemos ver que já existe um desejo pela mudança dessa condição no cenário brasileiro, mas está longe do ideal.

Circunscrevendo esse debate ao caso brasileiro, há que se considerar que, embora o cenário atual seja de redução das desigualdades sociais, ainda persistem padrões diferenciados de participação na educação e no mercado de trabalho que afetam de forma específica as

mulheres, os negros e, em especial, as mulheres negras. (LIMA, RIOS, FRANÇA, 2013, p. 54)

Ou seja, dentro da nossa realidade brasileira a mulher negra sofre mais com questões relativas à desigualdade do que as mulheres brancas e os homens negros. Em adição ao que foi exposto até então, mulheres negras ainda vivenciam mais complicações quando o assunto é violência. Quando falamos do assunto “[...]são muitas as situações de violência às quais elas são expostas, multiplicando-se os riscos de vitimização na experiência das violências originárias tanto da estrutura patriarcal quanto do racismo brasileiro [...]” (ROMIO, 2013, p. 135). Seguindo nos pensamentos de Romio (2013), essa vitimização atua como uma forma de opressão, que mantém as mulheres sem saber como agir em situações de violência. Em detrimento disso, essas acabam por adotar em muitos casos uma posição passiva.

Em Romio (2013), também encontramos um relato que consideramos relevante citar nessa discussão. Trata-se de um caso sofrido por Sirlei, uma trabalhadora doméstica, negra que sofreu uma agressão enquanto se dirigia ao trabalho, como vemos a seguir:

É o que pode ser averiguado na análise do caso de Sirlei, uma carioca, trabalhadora doméstica, que em 2007 foi agredida às 5h da manhã por um grupo de cinco jovens brancos de classe média alta no momento em que esperava o ônibus para ir ao trabalho. Os jovens alegaram que a confundiram com uma prostituta, o que justificaria a agressão na percepção deles. Após a agressão e o roubo, ela se dirigiu ao trabalho em vez de chamar a polícia. Chegando ao trabalho, foi socorrida pelo empregador, que a encaminhou ao hospital e à delegacia. Apenas por meio da unificação das categorias analíticas de raça, gênero e classe social é possível interpretar este caso. Para compreender como, além de ser identificada como vítima em uma agressão, ela também teve de se identificar como possuidora de direitos à denúncia, ao socorro e à dignidade como qualquer mulher. Outra forma de desigualdade embutida neste exemplo é a colagem do estereótipo de prostituta à mulher negra, que, no caso, a expôs a violência. (ROMIO, 2013, p. 135)

Como descrito acima, o único motivo dessa agressão ter ocorrido foi pelo preconceito dos agressores e pela construção de estereótipos carregados por eles. Tiveram como base apenas a aparência, uma mulher negra no ponto de ônibus. Por isso, julgaram-na como prostituta, o que também evidencia o preconceito com essa parcela da população, e por esse motivo pensavam que suas ações estariam justificadas. Ademais, nesse mesmo relato, é possível

perceber como a opressão e o preconceito velado em nossa sociedade causam danos e injustiças inaceitáveis à vítima. Essa, ao invés de buscar ajuda logo em seguida, se preocupa em chegar ao trabalho primeiro. Só a partir de lá com a ajuda do patrão que busca seus direitos. Em sua cabeça, ela não acreditava que possuía direitos à denúncia, ao socorro e ao atendimento médico. Acredito que isso seja fruto de perspectivas patriarcais em relações raciais que ainda não vencemos socialmente. Dentro dessa ótica, Hooks (1994) discute que, nos anos 60, se mantinha um sistema no qual “[...] mulheres negras eram objetos de subjugação e de abuso dos homens brancos [...]” (HOOKS, 1994, p. 96, tradução nossa), e ainda vemos reflexo disso na sociedade hoje.

E se fosse uma mulher branca? Ou um homem negro? Será que isso teria acontecido? Será que os agressores se sentiriam no direito de cometer esse crime? Creio que a partir dessa situação e de muitas outras podemos repensar a mulher em sua posição social. Quando atribuída a outras questões como raça/etnia e condição financeira, a mulher enfrenta problemas que são especificamente condicionados às suas classificações e ao agrupamento dessas. Visto que, em períodos de segregação, nas diversas instituições para a população negra como escolas, igrejas, ônibus, entre outras “[...] Homens negros tinham uma posição de mais poder e autoridade do que mulheres negras em todas essas instituições [...]” (HOOKS, 1994, p. 119, tradução nossa). A partir do que foi proposto, concordo com Hooks (1994); “Comprometer-se com políticas feministas e luta de libertação negra significa ser capaz de confrontar questões de raça e gênero em um contexto negro, providenciando respostas significativas para questões problemáticas [...]” (HOOKS, 1994, p. 113, tradução nossa).

### **3.2 Feminismo e a questão de gênero**

Como brevemente mencionado anteriormente, o feminismo passou também a voltar seu olhar para questões que precisavam de uma ressignificação dentro do próprio movimento. Dessa forma, discutimos a questão de gênero, que até então era muito simples para definir a pluralidade de indivíduos que existem e que não se encaixam nas formas socialmente atribuídas. Em consequência disso, esses indivíduos eventualmente acabavam se tornando marginalizados

dentro de espaços onde a heteronormatividade sobressai. Em suas lutas e dificuldades, não se identificavam com o feminismo porque esse até então não se ateu às suas particularidades.

A pretensão dos Estudos Feministas a princípio foi, como já observamos, tomar a mulher como sujeito/objeto de estudos — ela que fora ocultada ou marginalizada na produção científica tradicional. A partir de distintas perspectivas, estudiosas denunciaram lacunas, apontaram desvios ou criticaram interpretações das grandes teorias; buscaram incorporar as mulheres e, mais adiante, as relações de gênero a essas formulações (LOURO, 1997, p. 147).

Conforme apontado acima por Louro (1997), o termo “mulheres” se tornou problemático e até mesmo excludente. Este muitas vezes acaba por passar uma ideia de uma identidade comum a todas as mulheres. Entretanto, nós não podemos nos categorizar apenas como mulheres, pois não somos apenas isso, nossa existência e identidade não se resume a isso. Essa característica excludente se torna clara quando analisamos os dados provenientes de uma discussão gerada com alguns alunos, que ocorreu em torno da pergunta final da entrevista “O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?”. São apontadas algumas formas de intersecção de preconceitos, nas quais não é necessariamente apontado o fato de ser mulher entre essas, porém creio que seja digno para uma reflexão:

*Jamily: eu acho que seria a homofobia incluída com racismo, porque os homossexuais brancos já sofrem, mas os homossexuais negros sofrem o dobro, não querendo menosprezar o sofrimento dos outros mas é muito mais complicado porque a gente já tem um preconceito racial que vem de anos e anos atrás, agora se você já pode falar preto? Porque eu já falo preto [...] se já é preto e homossexual nossa senhora você é uma afronta pra sociedade, você tá contra todos os negócio e você só quer viver e as pessoas querem que você seja igual a todos, mais um poquinho querem que você nasça de novo porém branco e hétero, mas isso não vai acontecer entendeu, então eu acho que seria uma boa pra dissertação.*

*Samuel: e também, piorar tudo ainda transgênero negro.*

*Jamily: [...] e um LGBT negro e gordo [...]*

*Paloma: nossa você tá colocando muito preconceito, é muita coisa mesmo tá.*

Seguindo nessa perspectiva, não podemos separar o gênero de outros constituintes que formam o ser. Existem relações envolvendo o racial, o sexual, o ético, o cultural, o político, o social, entre outras mais que diferenciam mulheres entre si, indivíduos entre si e suas lutas dentro de seus diferenciados contextos.

Passando então a evidenciar a necessidade de uma abrangência do termo, assumindo novas faces, atribuindo-se a diferentes identidades que se constituem de necessidades que diferem da maioria. Desse modo,

[...] existe o problema político que o feminismo encontra na suposição de que o termo mulheres denota uma identidade comum. Em vez de um significante estável que comanda o consentimento daqueles que pretende descrever e representar, as mulheres, mesmo no plural, tornaram-se um termo problemático, um local de competição, uma causa de ansiedade. [...] Se alguém 'é' uma mulher, isso certamente não é tudo que uma é; o termo falha em ser exaustivo, não porque uma 'pessoa' transcenda a parafernália específica de seu gênero, mas porque gênero nem sempre é constituído coerente ou consistentemente em diferentes contextos históricos, e porque gênero se cruza com raça, classe, etnia, sexualidade, e modalidades regionais de identidades constituídas discursivamente. Como resultado, torna-se impossível separar o 'gênero' das interseções políticas e culturais nas quais ele é invariavelmente produzido e mantido (BUTLER, 1999, p. 6, tradução nossa).

Analogicamente, então, com as colocações de Butler (1999), podemos entender o Feminismo como um movimento que também lida com questões de gênero. Atualmente se constitui de forma mais abrangente e adere novas vertentes com o objetivo de alcançar necessidades de mulheres em lutas e contextos diferenciados. Aborda, dessa forma, gêneros e seus variados entendimentos que vão além dos normalizados homem hétero *versus* mulher hétero, buscando contemplar todas as formas de manifestação de gênero representadas. Em contrapartida, a visão comumente difundida socialmente de gênero, e muito simplista, entende este como uma diferenciação binária partida de atributos biológicos. Isso é fruto da heterossexualidade normativa, que está naturalizada em nossa sociedade.

Perspectivas pautadas no binarismo são usadas para definir masculino e feminino como aquilo referente ao homem e à mulher. Entretanto, como mencionado anteriormente baseado em Person (2010) sabemos que esses entendimentos já não se encaixam mais dentro da sociedade em que vivemos hoje. Atualmente presenciamos indivíduos que se diferenciam entre si de formas variadas. Dessa forma, acredito ser necessário adotarmos o entendimento de que atribuições consideradas masculinas e femininas não são respectivamente restritivas aos homens e mulheres, diante disso,

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino é diferenciado de um termo feminino, e essa diferenciação é realizada através das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos opostos do binário resulta em uma consolidação de cada termo, a respectiva coerência interna de sexo, gênero e desejo. (BUTLER, 1999, p. 30, tradução nossa)

Surgindo em contraposição com a heteronormatividade, existem mulheres com características masculinas, homens com características femininas. Ambos podem ou não ser homossexuais ou bissexuais, e expressarem seus desejos de uma forma incoerente ao que é esperado socialmente. Em consequência disso, essas pessoas podem vir a sofrer preconceito e serem marginalizadas. Tomando esse entendimento como partida, indagamos durante as entrevistas aos alunos “Você acha que a visão de gênero ainda é binária (homem heterossexual vs mulher heterossexual)?” objetivando o acesso aos seus conhecimentos acerca do assunto:

*Cesar: com certeza, a visão de gênero é muito binária ainda, tanto em questão de identidade de gênero quanto de orientação sexual, as pessoas não veem que existe todo um leque de coisas, tem os assexuais, assexuados, os transexuais e etc.*

*Poliana: Com certeza a visão de gênero é binária, [...] o que complica mais é não só a falta de informação mas também tantas nomenclaturas que foram criadas, é bissexual, é transexual, é heterossexual, homossexual é tantas outras coisas que nem eu sei direito dizer, eu mesma confundo entendeu, mas eu compreendo, cada caso é um caso diferente, mas acho que todas essas nomenclaturas acabam confundindo as ideias de pessoas especialmente as mais conservadoras, de pessoas de gerações anteriores e tudo, e elas não conseguem sair desse binarismo, [...] homem mulher heterossexual [...]*

*Paloma: [...] as pessoas ainda continuam com essa questão de não o homem tem que ser homem, mulher tem que ser mulher, esse é o padrão masculino, esse é o padrão feminino e o que foge a isso não é certo e acabou.*

Em concordância com Cesar, Poliana e Paloma, a visão geral da sociedade ainda preza pelo binarismo heterossexista, de homem masculino e mulher feminina. Assim como mencionado, parece que existe uma resistência às novas nomenclaturas que, de certa forma, são até difíceis de acompanhar à medida que surgem. Dessa maneira é argumentado em Butler (2003), e nota-se nos relatos acima, que existe uma emergência cultural para inserir aqueles que não se encaixam na definição de gênero socialmente difundida como indivíduos normais. Pessoas essas cuja identificação de gênero é considerada fora do

padrão ou incoerente por não se conformarem às normas que “normalmente” definidas pela sociedade.

Além disso, Butler comenta sobre os gêneros considerados “inteligíveis”. Esses se constituem como aqueles que atendem às expectativas heteronormativas de expressão de sexualidade, desejo e características consideradas masculinas ou femininas. Dessa maneira, os gêneros “inteligíveis” não se encontram marginalizados, adquirindo assim uma posição de privilégio.

Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (BUTLER, 2003, p. 38)

Em consonância com o argumento acima, entendo que gênero vai muito além da simples diferenciação biológica de homem e mulher; gênero envolve um conjunto de relações que dão significado ao indivíduo, que constituem a existência: “Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres, etc) [...]” (LOURO, 1997, p. 26).

Por analogia a essa perspectiva, obtivemos uma resposta interessante da aluna Myrella que demonstrou certo conhecimento e interesse em estudar essa área durante toda a nossa conversa. No caso, temos exposta abaixo a resposta referente a pergunta “Você já presenciou alguma situação de agressão ou preconceito contra algum homossexual? Ou conhece alguém que já passou por isso? Pode explicar?”

*Myrella: as pessoas acabam confundindo muito essa coisa de identidade pessoal e sexualidade, eles acham que é a mesma coisa, se você é uma mulher meio macho você tem que gostar de mulher porque é assim, eles acham que é assim, mas assim tem uma coisa não anula a outra, mas também não é obrigação sabe, não tem um padrão certo de pessoa que gosta de pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto sabe, não tem uma coisa fixa.*

À exemplo da fala da aluna, não é regra uma mulher com características masculinas sentir atração sexual por outra mulher, essas relações não

necessariamente devem coexistir. Salienta-se ainda que, como Butler argumenta abaixo, gênero é discutido em muitas perspectivas onde algumas teóricas dizem que é na verdade um conjunto de relações, e não características individuais. Ainda, outras afirmam que apenas o gênero feminino é marcado por uma diferenciação, como vemos a seguir:

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um 'fator' ou 'dimensão' da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma 'marca' de diferença biológica, lingüística e/ou cultural. Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto. Algumas teóricas feministas afirmam ser o gênero 'uma relação', aliás um conjunto de relações, e não um atributo individual. Outras, na senda de Beauvoir, argumentam que somente o gênero feminino é marcado, que a pessoa universal e o gênero masculino se fundem em um só gênero, definindo com isso, as mulheres nos termos do sexo deles e enaltecendo os homens como portadores de uma personalidade universal que transcende o corpo (BUTLER, 2003, p. 28).

A partir da afirmação de Butler (2003) podemos entender que, ao visualizar o ser humano, o homem é tido como o ser central. Isso significa que o gênero principal para se categorizar essa espécie é o masculino e, só depois, pensamos na mulher quase que como se fosse uma extensão da existência do homem. E dentro dessa ideia da mulher subsequente ao homem, onde se encontram as outras manifestações de gênero? Para concluir tal pensamento, gostaria de argumentar aqui que precisamos de uma quebra dessa visão dicotômica. É necessário desconstruir essa ideia de masculino *versus* feminino, porquanto essa além de não englobar indivíduos que não se identificam em nenhum dos dois polos, essa também enquadra o feminino como subordinado ao masculino. Ou seja, essa polarização ocorre de forma hierárquica, sugerindo que o feminino esteja em segundo lugar em relação ao masculino. E como se não bastasse, quando discutida essa ideia de polarização o feminino claramente já acaba aparecendo como sendo o polo negativo, mesmo que inconscientemente.

Nesse sentido, Louro (1997) afirma que precisamos quebrar essa ideia difundida de "homem dominador" *versus* "mulher dominada", masculinidade sobre a feminilidade, precisamos desconstruir a ideia enrizada do heterossexual absoluto:

A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. Romper a dicotomia poderá abalar o enraizado caráter heterossexual que estaria, na visão de muitos/as, presente no conceito 'gênero'. Na verdade, penso que o conceito só poderá manter sua utilidade teórica na medida em que incorporar esses questionamentos. Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como 'verdadeiras/verdadeiros' mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária (LOURO, 1997, p. 34).

Diante do que foi proposto, creio que a educação deva agir nessa desconstrução e no questionamento desses polos. Além disso, existem também identidades que, nessa visão polarizada de homem e mulher, se encontram perdidas. Por exemplo, os homossexuais, gays, lésbicas e bissexuais que ficam sem identificação entre os dois.

Além desse polo homem-mulher, também existe outra forma de polarização que convém mencionarmos: heterossexual – homossexual. Nesse caso, o homossexual é visto como o polo negativo, que foge à prerrogativa normatizadora, "[...] a dicotomia homossexual x heterossexual pode ser facilmente desconstruída e multiplicada por outras possibilidades de identidades sexuais e de gênero: bissexual, transexual, crossdresser são exemplos de identidades que transitam em ambos os polos dessa dicotomia" (FERRAZ, 2014, p. 9). Então, dentro desses polos também é possível encontrar representações e características que não se prendem a nenhum dos dois extremos, e mais uma vez acabam sem representação. Para complementar esse entendimento, da quebra de dicotomias, Ferraz (2014) argumenta que

Um pensamento filosófico fundamental que mantém esses discursos é a filosofia positivista/ racionalista, cujas bases dividem/afirmam/mantém as dicotomias feminino/masculino, homossexual/heterossexual, público/privado, macho/fêmea, normal/anormal. Além disso, tal filosofia afirma com toda a segurança e cientificismo (comprovados!) que um polo da dicotomia deve ser o positivo, correto, normal e aceito, enquanto o outro pólo deve ser o negativo, incorreto, anormal, não-aceito, não-verdadeiro. Resgatar, deste modo, a desconstrução derridiana se constitui em uma das maneiras de questionar essas dicotomias. Derrida (1978) propõe a desconstrução das oposições binárias como uma forma que questionamento do pensamento moderno/positivista, afirmando que tais oposições podem se alternar ou ser desmanteladas dependendo do contexto. (FERRAZ, 2014, p. 8).

Acima, Ferraz (2014) afirma que nessa visão de polos existe inclusive cientificismo comprovando que um dos polos deve ser considerado o correto, normativo. Dessa maneira, sugere que o outro (“fora da norma”) é sempre o errado, que precisa de ajustes por fugir à normalidade. Entretanto, em acordo com o que é proposto por Duboc (2018), na educação crítica aprendemos a duvidar daquilo que é tido como verdade absoluta. Defendo então que devemos contestar fontes, entender intenções ocultas que acabam por gerar desigualdades e injustiças. Sendo assim, essas questões que viemos discutindo até então relacionadas ao feminismo e ao estudo de gênero se encontram intimamente relacionadas à educação crítica.

De acordo com Silvestre (2015), a língua inglesa (LI) tem evidentemente um papel político na escola regular, onde não deve ater-se unicamente às questões linguísticas, mas também trabalhar cultura, ideologias e aspectos sociais diversos pertencentes àquela sociedade. Creio que seja importante oferecer discussões por meio da língua, com o objetivo de capacitar alunos e professores a repensarem na diversidade que constitui o mundo.

Porém, “Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva [...]” (LOURO, 1997, p. 57), então seguindo essa ideia acredito que exista a necessidade de transformar a escola em um espaço de diálogo e de respeito. Portanto, através de trabalhos baseados na educação crítica buscamos, aqui, entender a importância de conscientizar pessoas sobre diferentes formas de existir no mundo, as diferentes experiências e visões de indivíduos que enfrentam lutas distintas.

A instituição escolar é o espaço privilegiado no livro, mas certamente não é seu alvo exclusivo. Recebe especial atenção o modo como os sujeitos, em relações sociais atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, vai construindo suas identidades, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo (LOURO, 1997, p. 1).

Para que isso ocorra, o professor deve ir além, como afirma Schultz (2001) “Os professores adeptos da pedagogia crítica [...], portanto, não podem receber pacificamente as orientações do sistema de ensino. Devem decodificar, desfiar minuciosa e coletivamente o tecido da mensagem subjacente ao trabalho

desenvolvido nas escolas [...]” (SCHULTZ, 2001, p.116). Ou seja, o professor deve buscar ir além daquilo que muitas vezes é esperado dele pelas escolas e do que é encontrado em livros didáticos; deve buscar instigar seus alunos a pensar em temas diferentes daqueles encontrados nos livros e o que há por trás de cada texto. Além disso, Villwock (2010) argumenta que a escola deveria ser responsável por ajudar a proporcionar uma visão crítica. Deveria se constituir em um espaço de capacitação para que estudantes se tornem autônomos na busca de uma sociedade melhor. “Pois torna-se necessário, neste cenário, compreender que a escola está inserida no contexto da divisão de classes e com isso, com suas contradições” (VILLWOCK, 2010, p. 5).

Finalizando, Dominschek, Silva e Souza (2016) completam afirmando que o que se almeja na educação crítica é “[...] a emancipação intelectual do professor, do aluno, do pensar e do fazer no processo educativo” (DOMINSCHEK, SILVA, SOUZA, 2016, p. 111). Então entende-se com isso que se busca, nessa perspectiva, alunos e professores não alienados, cientes da sua situação perante a sociedade e da situação de outros indivíduos. E nessa mesma linha, busco aqui investigar se, e como alunas(os), professoras e professores, assim como indivíduos da nossa sociedade, entendem a situação da mulher e a importância do feminismo e do debate quanto a questões de gênero. Concomitantemente, investigar se isso é discutido pela perspectiva da educação crítica em cursos que trabalham com a formação de professores.

Neste capítulo, problematizei as questões sociais de desigualdade enfrentadas por mulheres. Prossigui discutindo o feminismo, a questão da mulher negra (feminismo negro) e questões de gênero/sexualidade. Dentro dessa ótica, me ancoréi principalmente em Louro (1997); Sotero (2013); Romio (2013); Butler (1999) e (2003) e Ferraz (2014). Com base nos autores, sugeri que muitas mulheres se encontram em posição de subordinação em relação ao homem em algumas situações, e como essas relações hierarquizadas são produtos de construções sociais e culturais inerentes à sociedade patriarcal em que estamos inseridos, principalmente quando ocorrem abusos. Para isso analisei em conjunto as vozes dos entrevistados, a voz da pesquisadora e os teóricos mencionados. Na análise dos relatos das alunas, fui impelida a me identificar e me posicionar em relação a muitas situações de sexismo e

machismo. Sinto-me triste em perceber como situações de medo e assédio são algo comum para muitas mulheres.

Argumentei sobre a polarização homem versus mulher e como a mulher é vista como o polo negativo. Em adição, comentei sobre o polo heterossexual versus homossexual, no qual o homossexual é interpretado socialmente como o polo negativo. Posteriormente especifiquei condições de intersecção e discuti a relação de ser mulher e ser negra e as questões de gênero. Argumentei sobre como as formas de opressão se renovam, na medida em que características de subordinação se acumulam.

A partir dessas considerações, busco compreender como acontece o “acúmulo” das condições de opressão citadas neste capítulo. Prossigo com o próximo e último capítulo sobre os estudos interseccionais, discutindo como surgiram as teorias de interseccionalidades, que proporções tomaram e como os dados dialogam com o entrecruzamento de raça, gênero, sexualidade e classe.

#### 4. ESTUDOS DE GÊNERO, FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADES

Inicialmente, o feminismo era abordado pelo ponto de vista de mulheres brancas e de classe média. Ferraz, Tomazi e Sessa (2019) argumentam sobre isso inspirados nos estudos interseccionais. Destarte, o movimento feminista teve início entre os séculos 19/20. Anteriormente/durante a esse período questões que hoje são consideradas socialmente corriqueiras adotavam outras proporções. Paralelamente, as situações retratadas pelas mulheres que viveram nessa época são inimagináveis quando penso na minha situação hoje como mulher. Todavia, muitas dessas questões ainda não foram superadas em diversas culturas e, em muitos casos, no Brasil e no ES. Dentro dessa ótica, em meio as circunstâncias da época mencionada, o direito ao voto e direitos a bens e propriedades em casamentos eram considerados exclusivos aos homens brancos.

A primeira onda de feminismo tende a se referir aos movimentos que defendiam o sufrágio das mulheres e os direitos legais e constitucionais das mulheres na (principalmente) América do Norte e na Europa nos séculos XIX e XX. Questões como o acesso ao ensino superior e os direitos de propriedade das mulheres casadas foram centrais para essa onda 'liberal' de feminismo que buscava remover obstáculos legais à igualdade de oportunidades das mulheres[...] (EVANS, 2015, p. 5, tradução nossa).

Sob tal enfoque, essa primeira perspectiva do feminismo é muito perceptível em determinados textos literários dos períodos citados. Eventualmente, tais obras eram escritas precipuamente por mulheres que possuíam oportunidades proeminentes de acesso à leitura, escrita e literatura. Com efeito, ao pensar sobre as mais diversas lutas enfrentadas por mulheres de contextos diferentes, se tratava de mulheres em posição menos subordinada que muitas outras. Sob essa perspectiva, quando questionamos durante a entrevista “Você acredita que a mulher enfrenta mais dificuldades do que os homens? Por que?” uma aluna que participava da disciplina em questão dialogou sobre esse período da luta feminista

*Elena: As mulheres enfrentam mais dificuldades, porque todas as suas conquistas vieram por base de lutas. Luta pelo direito do voto e de envolvimento no âmbito político com as sufragistas, a luta pelo fim da desigualdade salarial. Essa luta é uma constante, pois há ainda muito o que fazer, pela violência doméstica, assédio e outros.*

Entendo que este seja um ponto de partida relevante para a tomada de consciência de questões de subordinação de um público específico, entretanto discutiremos nesse capítulo como o movimento evoluiu e adotou proporções maiores. A esse respeito, no decorrer das observações de aulas de literatura britânica e das entrevistas feitas com professor, alunas e alunos que frequentavam a disciplina, foi possível constatar a abordagem desse período do feminismo na formação de professores de inglês da universidade. A esse respeito, indagamos “Como professor, em suas aulas você aborda temas como igualdade de gênero ou feminismo?” E obtivemos o seguinte parecer do professor;

*Manuel: sim abordo, até porque no passar de alguns anos eu venho tentando fazer com que o número de escritoras seja pelo menos se não igual próximo ao número de escritores, e ao trabalhar principalmente com literatura a partir do século 19, século 20, 21 com a inclusão de um número maior de escritoras sendo possível, então[...] a gente aborda[...] questões de gênero e também relativas ao feminismo, na disciplina de literatura [...] principalmente a gente trabalha com textos que estão tratando, que vem desde a década de 60 de questões relativas a mulher, é quase que inevitável, não tem como não abordar mesmo se eu não quisesse [...], porque eles estão lá, presentes no texto e [...] são questões que em geral despertam interesse dos alunos [...]*

Tal constatação indica que abordar esses entendimentos iniciais do feminismo em sala de aula possui sua importância, na medida em que apresenta o ponto de partida do movimento, mostra as lutas e conquistas de uma parcela de mulheres de um contexto específico. Entendo que, devido a esse ponto de partida na luta, abriram-se portas para movimentos mais abrangentes que surgiram posteriormente. Foi possível constatar, por meio das coletas de dados realizadas nessa pesquisa, que o feminismo abordado da forma que o professor expôs era de fato muito atrativo para suas alunas e seus alunos, assim como ele mesmo afirma. Deveras, foi possível constatar, através das observações de aulas, que o professor se preocupa em buscar obras literárias produzidas por mulheres para serem abordadas. Paralelamente, durante as aulas são abordadas as dificuldades que as mulheres brancas enfrentavam, principalmente durante a época Victoriana. Entendo que, compreender o

princípio de tudo é crucial para despertar o interesse pelo o que se entende de feminismo atualmente. A adoção desses temas nas aulas de literatura, eventualmente, pode vir a despertar interesse nos alunos e alunas para buscar tais questões. Porém vale ressaltar que as dificuldades enfrentadas por mulheres negras de um mesmo período foram praticamente ignoradas.

Com efeito, o movimento feminista cresceu e evoluiu, na busca de tornar-se cada vez mais abrangente na luta por desigualdades e opressões sociais. “Desde que os críticos alegaram pela primeira vez que o feminismo reivindicava falar universalmente por todas as mulheres, as pesquisadoras feministas estavam cientes das limitações do gênero como uma única categoria analítica” (MCCALL, 2009, p. 50, tradução nossa). Com isso, o gênero sozinho passou a ser entendido como muito simples para atender a gama de mulheres que existem. Por conseguinte, existiam mulheres que não eram representadas pelas lutas do movimento, como as mulheres negras e de classe social desprivilegiada.

[...]podemos identificar nos primeiros debates sobre o sufrágio feminino, tanto nos EUA quanto na Grã-Bretanha, onde divisões de raça e classe foram calorosamente contestadas (hooks, 1981; Pugh, 2002). Além disso, tornou-se um debate central entre feministas negras americanas e britânicas na década de 70/80, que sentiram que seus interesses como mulheres negras eram marginalizados; essa crítica, primeiramente articulada como a necessidade de uma ‘análise e prática integradas’ pelo coletivo Combahee River em 1977, levou à adoção de uma abordagem de duplo ou ‘triplo risco’ de racismo, sexismo e classicismo (EVANS, 2015, p. 49, tradução nossa).

Ancorada em Conaghan (2009), é possível afirmar que estudos feministas renunciaram da concepção de gênero como uma categoria única a ser abordada e analisada de forma isolada. Com efeito, compreendia-se na concepção anterior que “a ‘mulher’ do feminismo era, na maioria dos propósitos, branca: ter pele branca era parte da ‘essência’ de universo feminino que o feminismo representava” (CONAGHAN, 2009, p. 22, tradução nossa). Dessa forma, o feminismo encontrava-se conceitualmente e politicamente limitado, pois privilegiava uma única categoria que se encontrava dentro de um grupo subordinado, a qual representava a menos subordinada.

Como reflexo dessa carência, vertentes no feminismo foram emergindo e ganhando espaço, como o feminismo negro, “o feminismo negro, em particular, pavimentou o caminho para uma abordagem interseccional no feminismo pelo

seu comprometimento em combater o sexismo, o racismo e a pobreza” (CONAGHAN, 2009, p. 29, tradução nossa). Atualmente, considera-se que para combater eficientemente as desigualdades, ressalta-se a importância de entender como o gênero se cruza com outras categorias de identidade. Esse cruzamento acaba por originar, dessa forma, condições de desigualdade advindas desse evento específico (CONAGHAN, 2009).

Tais posições de desigualdades resultantes de cruzamentos situavam-se, muitas vezes, sem onde ancorar-se ao buscar representação. “De fato, algumas questões que afetam grupos específicos de mulheres continuam sendo tratadas de forma superficial” (EVANS, 2015, p. 87, tradução nossa). Em face ao que foi discutido, discuto a interseccionalidade, termo que “pode ser bem acolhido em sua promessa de oferecer maneiras mais eficazes de combater as complexas e diversas manifestações de desigualdade que as mulheres vivenciam” (CONAGHAN, 2009, p. 21, tradução nossa).

A interseccionalidade surgiu no final dos anos 80 como um quadro analítico capaz de atender o posicionamento particular de mulheres negras e outras mulheres de cor tanto nas leis de direitos civis e dentro de movimentos de direitos civis. É a contribuição mais visível e duradoura que o feminismo, em particular o feminismo negro, teve para uma teoria social crítica no último quarto de século (COOPER, 2015, p. 1, tradução nossa).

Frisa-se que mulheres negras sofrem experiências negativas que são proporcionadas não por serem mulheres, nem por serem negras, mas por serem especificamente mulheres e negras ao mesmo tempo. Eventualmente “mulheres de cor ocupam posições tanto fisicamente quanto culturalmente marginalizadas em de uma sociedade dominante, então métodos devem ser visados diretamente para que possam alcançá-las” (LANEHART, 2009, p. 5, tradução nossa). A interseccionalidade surge, nesse sentido, para “[...]desafiar a simples ideia de somatória de racismo e sexismo, como se essa adição pudesse dar conta das condições subalternizadas às quais as mulheres negras são subordinadas” (FERRAZ, TOMAZI, SESSA, 2019, p. 3-4).

Porventura, Crenshaw (1989) enfatiza que a reivindicação de discriminação sexual padrão era a de mulheres brancas, e quando era citada outra característica que divergia disso acabavam por deslegitimar tal reivindicação. Em suma, entendia-se que pela reivindicação se tornar híbrida

ela não podia ancorar-se unicamente nem na luta contra o sexismo e nem contra o racismo. Dessa forma, ao analisar essas condições, “o fato de ter consequências particularmente severas para as mulheres negras coloca as demandantes negras em desacordo com as mulheres brancas” (CRENSHAW, 1989, p.145, tradução nossa), e em desacordo com os homens negros.

Acrescenta-se ainda que “mulheres de cor estão situadas dentro de no mínimo dois grupos subordinados, que frequentemente buscam agendas políticas conflitantes” (LANEHART, 2009, p. 5, tradução nossa). Essa experiência é um efeito do que Cooper (2015) chama de “estrutura de eixo único”, que acaba por apagar os desafios enfrentados unicamente pelas mulheres negras, tais quais não podem encontrar solução ao apenas serem inseridos numa estrutura analítica estabelecida que adote um único eixo. É importante enfatizar ainda que se multiplica ao que foi discutido até então a questão de classe, na medida em que “As mulheres negras enfrentaram a ignorância de ambos os sistemas, muitas vezes ao mesmo tempo em que enfrentavam a pobreza esmagadora” (COOPER, 2015, p. 3, tradução nossa). Conquanto que

Quero sugerir ainda que essa estrutura de eixo único apague as mulheres negras na conceituação, identificação e remediação de discriminação de raça e sexo, limitando a investigação às experiências de membros do grupo que de outra forma seriam privilegiados. Em outras palavras, em casos de discriminação racial, a discriminação tende a ser vista em termos de negros privilegiados por sexo ou classe; nos casos de discriminação sexual, o foco está nas mulheres privilegiadas por raça e classe (CRENSHAW, 1989, p.140, tradução nossa).

Em virtude dos aspectos mencionados, creio que seja importante ressaltar uma condição de subordinação relativa singularmente à mulher. Socialmente, a mulher que é mãe sofre dos variados julgamentos, que se destinam desde a criação de seus filhos e filhas até ao seu estado civil de casada ou solteira. Em consonância, perguntamos durante as entrevistas “Por que perguntam em algumas entrevistas de trabalho se a mulher tem filho?” E obtivemos muitas respostas que apontam para a mesma direção, sendo essa a diferença do acesso à vaga de trabalho em relação ao homem. Ademais, sendo essa pergunta aplicada a professora, professor, alunas e alunos, foi quase que

unânime o entendimento de que os cuidados com filhas e filhos são vistos socialmente como que responsabilidades primordialmente maternas.

*Manuel: eu gostaria muito de acreditar que essa pergunta é feita pra pensar pra que a empresa, o contratante estivessem pensando nos benefícios que ele ou ela iria disponibilizar pra mulher, creche, auxílio maternidade, etc.. Mas infelizmente na verdade eu imagino que quase na totalidade dos casos essa pergunta é feita como critério para definir se a mulher vai ser contratada ou não, porque, via de regra a mulher com filhos teria menos disponibilidade vamos dizer assim pra empresa [...]*

Diante dos fatos mencionados, acredito que a condição de ser mãe se caracterize como mais uma forma de intersecção. Isso se torna compreensível na medida em que soma à experiência de ser mulher mais uma posição de subordinação. Com efeito, indago por que não se pergunta aos homens se são pais com a mesma frequência que pergunta as mulheres se são mães? Ao levar as interseccionalidades em consideração e as desvantagens provenientes das suas relações, como fica a situação de uma mulher, mãe, negra, de classe social desfavorecida?

Além dessas representações, existem muitas outras a se considerar que afetam a mulher de forma mais restrita “[...] trata-se de reconhecer diferenças entre mulheres e reconhecer as várias maneiras pelas quais uma questão como aborto ou pornografia pode afetar grupos diferentes, dependendo da idade, sexualidade ou classe” (EVANS, 2015, p. 52, tradução nossa). Ou seja, grupos diferentes, com identidades diferentes que se somam ou subtraem particularmente em cada indivíduo, sofrem preconceitos e desigualdades de formas diferentes entre si. Diante desses aspectos, abordarei as identidades pelas perspectivas das interseccionalidades.

#### **4.1 Identidades e interseccionalidades**

Certamente, é cada vez mais recorrente a necessidade de se compreender que “as identidades humanas são complexas e as identidades de cada ser humano são ainda mais complexas[...]” (FERRAZ, TOMAZI, SESSA, 2019, p. 6). Indubitavelmente, são várias e individuais as características que nos compõem, que nos diferenciam e nos constituem indivíduos únicos em nossas

formações. “Nossas partes são muitas – gênero, religião/localidade, nacionalidade, cor da pele, fenótipo, educação, escolaridade, habilidade, sexualidade, raça, etnia, idade/geração, classe socioeconômica, fisiologia, língua, variedade, sexo, etc [...]” (LANEHART, 2009, p. 2, tradução nossa). É relevante considerar ainda a forma como o aspecto cultural influencia nossas identidades, de forma que existem as “[...] identidades culturais- aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8). Adicionalmente, em consonância com Louro (2000), entende-se que as identidades são características transitórias e contingentes.

[...]Aparentemente, as abordagens intersetoriais mais fluidas e responsivas buscam formas de desigualdade que são roteadas uma pela outra e que não podem ser desembaraçadas para revelar uma única causa. Nesse sentido, a interseccionalidade descreve muito bem a união de formas de desigualdade através da dinâmica institucional e representacional. [...] (GRABHAM, COOPER, KRISHNADAS, HERMAN, 2009, p. 1, tradução nossa).

É possível inferir que nossas identidades se inter-relacionam, dando origem a novas condições e subordinações específicas e complexas, e, paralelamente, se constituindo historicamente. “[...] O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...]” (HALL, 2006, p. 12). A partir disso, denota-se então que “[...] somos mais do que a soma delas, tudo que nos faz como somos se intersecciona multiplicativamente, não adicionalmente [...] Só a intersecção de raça, classe e gênero fornece complexidades múltiplas [...]” (LANEHART, 2009, p. 2, tradução nossa). A respeito dos sentidos apresentados, considero relevante trazer algumas características de identidades mencionadas de alunas e alunos durante as entrevistas, citando diversas perguntas:

**Como foi a sua formação como estudante nesta universidade?**

*Myrella: as principais dificuldades que tem como estudante aqui é a diversidade econômica dos estudantes que acabam infiltrando na sala de aula, você acaba dependendo de fatores externos pra poder conseguir fazer trabalhos, provas e tals porque nem sempre todo mundo está a disposição, nem sempre tem tempo pra fazer [...] no caso do nosso curso de Letras Inglês se você não é fluente ainda você acaba*

*precisando usar ajuda externa pra poder conseguir entender algumas coisas [...]*

**Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?**

*Samuel: [...] uma questão também que como eu sou do interior e se os professores começarem a falar disso lá nossa vai dar um problemão [...]*

**Você já sofreu sexismo?**

*Cesar: eu não sei se eu já sofri sexismo mas por exemplo eu como homem cis gay, eu acho que já sofri sim como por exemplo ter que estar nos padrões heteronormativos da sociedade pra não parecer inferior aos homens héteros, aí tem toda aquela questão de não ser afeminado pra não ser zuado, então eu acho que eu já sofri sexismo sim.*

*Jamily: Outra coisa que eu tenho 18 anos e eu não tenho namorado ainda e isso incomoda tanto a minha família [...]*

*Poliana: [...] com certeza, em casa com pai europeu, português, machista, irmão mimado, então é uma família que os parentes todos machistas você acaba sofrendo [...]*

**Você já presenciou alguma situação de agressão ou preconceito contra algum homossexual? Ou conhece alguém que já passou por isso? Pode explicar?**

*Myrella: quanto a agressão não, agora preconceito já de “nossa, mas você é lésbica? Você não parece, você usa maquiagem, você tem uma roupa tão bonitinha, como assim”*

A partir da análise das falas dos alunos destaco as formas diversas pelas quais descrevem as suas próprias identidades e as dos outros. São citadas questões como sexualidade, gênero, idade, nacionalidade, linguagem, diversidade econômica, contexto de origem, contexto familiar, machismo e sexismo. Vale acrescentar ainda a religião e o conservadorismo, características que não se encontram nos trechos acima, entretanto foram muito mencionados por alunas, alunas, professora e professor durante outros momentos das entrevistas. Por conseguinte, creio que o que foi inferido a partir desses dados exemplifique o que apontam Ferraz, Tomazi e Sessa (2019) acerca de como a identidade de cada ser humano se constitui de maneira complexa.

Somando-se a isso, compreende-se que todas as relações estabelecidas entre as identidades humanas são fortemente interferidas e atravessadas pelas mais diversas relações de poder. Nesse sentido, trago o foco para a interseccionalidade na medida em que “o termo enfatiza a importância de analisar relações de poder através de intersecções entre múltiplas camadas de opressão e identidades” (EVANS, 2015, p. 50, tradução nossa). A título de exemplificação, trazemos a concepção de culturas nacionais de Hall:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos

definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem nossa natureza essencial. (HALL, 2006, p. 47)

Antes de existir essa ideia de pertencimento a uma nacionalidade, existiam os pertencimentos às tribos (HALL, 2006), e isso se modificou ao longo do tempo. “A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta - isto é, pela supressão forçada da diferença cultural” (HALL, 2006, p. 59). Assim, a identidade deve ser concebida como algo passível de mudança, seja ao longo do tempo por contextos históricos, afetada pelas relações de poder, ou por opção individual. Nesse ínterim, as características constituintes da identidade dos sujeitos eram antes consideradas fixas e individuais, nesse viés então analisava-se apenas uma única perspectiva por vez de forma insolada. Dessa forma, dividiam-se em estudos de classe, gênero, nacionalidade, idade, sexualidade, condicionamento físico, etnia, raça, entre outras.

Todavia, concordo que “[...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia[...].” (HALL, 2006, p. 12-13). Dessa maneira, como Ferraz, Tomazi e Sessa (2019) apontam, a identidade do sujeito pós-moderno não é suficientemente contemplada quando analisada por caixas separadas e imutáveis. Compreendo que a identidade do sujeito pós-moderno é aquela que está constantemente se transformando e é afetada por suas relações culturais, é algo compreendido historicamente. Posto que, nos tempos atuais, acredita-se que a identidade além de ser composta por itens que se correlacionam e formas novas formas de se constituir e se inserir socialmente, se apresenta também como algo móvel e capaz de se ressignificar e se transformar ao longo do tempo (LOURO, 2000).

[...] Por exemplo, a categoria de gênero foi primeiramente entendida como constituída por homens e mulheres, porém questões sobre o que diferencia um homem de uma mulher – seria sexo biológico, e se sim o que é biologicamente masculino e feminino? – levaram a definição de “novos” grupos sociais, novos no sentido de serem nomeados e também de serem criados. Não existem mais só dois gêneros, mas incontáveis, não mais dois sexos, mas cinco (Fausto-Sterling 2000). [...] Em um notável curto período de tempo, bissexual, transgênero, queer e indivíduos questionadores foram adicionados à divisão original entre grupos de sexualidades gay e hétero, e acredita-se amplamente

que os grupos sociais que constituem a categoria de raça são fundamentalmente indefiníveis por causa do multiculturalismo[...] (MCCALL, 2009, p. 54, tradução nossa).

Entretanto, opondo-se a isso, nem sempre nos deparamos em nossos ambientes de convívio social com igualdade de acessos às condições, com aceitação das diferenças e com mentalidades abertas para compreender e receber o que possa surgir de novo ou inovador. Ao passo que, como discute Louro (2000), muitos indivíduos ainda temem a incerteza, o desconhecido e a fluidez, pois acreditam veementemente que tais aspectos representassem algum tipo de risco ao que é imposto como padrão. Dessa forma, as discussões de Louro e Hall se encontram quando explicam que por muito tempo a humanidade se segurava em uma ideia de identidade fixa, segura e estável, e a partir disso a concepção de algo inconstante pode causar choque em algumas pessoas.

Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2006, p. 7)

A partir do exposto, entendemos aqui como muitos seres humanos nas mais diversas posições de poder se apegam a esses quadros de referência mencionados por Hall. Com isso, tais indivíduos buscam impor um padrão que consideram correto sobre os demais, condenando e julgando quem considerarem "desviante". Nesse sentido, analisando minha experiência pessoal e a forma como pessoas bem próximas se expressam (tanto no meu convívio quanto em exemplos bastante contemporâneos em nosso governo), me deparo com exemplos de situações corriqueiras de preconceito e falta de empatia. Experiência essa que se assimila à maioria dos relatos das entrevistadas e dos entrevistados que já foram mencionados anteriormente. A respeito disso, obtivemos uma resposta interessante ao questionar "O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?"

*Paloma: trabalhar questões de gênero, [...] a questão de ser transexual, bissexual que as pessoas confundem muito, não entendem*

*exatamente por não ser muito falado, teve uma vez que uma pessoa virou pra mim e falou “eu sou bissexual mas eu sou heteroafetiva” você fica pensando como assim “não porque eu gosto de beijar meninas e meninos mas eu só me interessar afetivamente por homens”, então cada dia que você ouve uma coisa diferente, eu acho que esse boom de informações na verdade é que deixam as pessoas sem esse conhecimento que é tanta coisa, é tanta nomenclatura nova que as pessoas “isso é tudo um bando de viado e sapatão e acabou” as pessoas tem muita dificuldade em relação a transgênero, não necessariamente é homossexual mas ela não se identifica com aquele gênero que ela apresenta fisicamente [...]*

Louro (2000) argumenta que a visibilidade de novas formas de existir, de fazer-se homem ou mulher, como foi exemplificado pela aluna Paloma, despertam o que os mais conservadores chamam de “pânico moral”. Nesse sentido, agarrar-se a uma identidade fixa, para muitos parece ser a forma mais segura de apresentar-se socialmente, sendo essa considerada única e imutável, principalmente quando se fala da identidade de gênero. Essa identidade fixa muitas vezes se sustenta na identidade socialmente difundida como hegemônica, que se baseia em um quadro de referências como mencionamos anteriormente (HALL, 2006). Ancorada ainda em Louro (2000), é possível deparar-se, mesmo que com certa resistência, mais facilmente com a aceitação da transitoriedade da identidade de classe. Entretanto, como é julgada socialmente a transitoriedade de identidade de gênero ou de sexualidade? Tal constatação aproxima-se do relato fornecido por uma aluna quando indagamos “Você já presenciou alguma situação de agressão ou preconceito contra algum homossexual? Ou conhece alguém que já passou por isso? Pode explicar?” e obtivemos a seguinte resposta

*Paloma: [...] conversando uma vez um amigo meu falou “porque a pessoa chega uma certa idade decide ser gay” aí eu falei “ué gente mas como assim decide ser gay” aí eu virei pra esse amigo meu e falei “me fala qual foi o dia, você lembra o dia exato que você falou hoje eu acordei hétero” [...] aí ele falou assim “ué eu não escolhi não” aí eu falei “ué se você não escolheu ser hétero porque que você disse que uma pessoa escolheu ser gay, escolheu viver numa sociedade que é preconceituosa, que vai olhar pra ela se for um menino e andar meio rebolando vai chamar ele de viadinho e se for uma mulher e andar com uma roupa larga e falar mais grosso vai chamar ela de sapatão, você acha que a pessoa vai escolher viver numa sociedade preconceituosa simplesmente por escolher?” [...]*

Para os indivíduos mais conservadores, como o amigo citado no trecho acima pela entrevistada, parece mais concebível a ideia de gênero como sendo

necessariamente o biológico. Nessa concepção a sexualidade se apresentaria de forma inversa a esse gênero, ou seja, gênero masculino se atraindo sexualmente pelo feminino e vice-versa (LOURO, 2000). Seguindo as afirmações de Pollak (2008), a educação se constitui como importante ferramenta capaz de conscientizar seres humanos. Dessa forma, creio que muitos indivíduos aprenderam a pensar dessa forma e atuam reproduzindo isso. Sob tal enfoque, frisa-se a necessidade de que seja oferecida uma forma de refletir e repensar tais perspectivas. Acredito que universidades e escolas se constituem como espaços ideais para se d. Nesse ínterim, em certo momento durante a entrevista com alunas e alunos, indagamos “Na sua opinião, qual é a importância de abordar temas como igualdade de gênero e feminismo na Universidade? E em escolas” e obtivemos a seguinte resposta;

*Jamily: [...] seria o passo ideal pra começar o respeito, e eu acho que a sociedade machista é racista, opressora tem medo disso, tem esse medo dessa diversidade chegar nas escolas tanto teve a Fake News do kit gay que não era kit gay era kit anti-homofobia, se fosse pra frente com certeza ia ser uma coisa boa pros alunos e não era uma coisa ruim igual eles estavam espalhando [...] principalmente as pessoas que tem determinada religião tem muito medo da diversidade, da aceitação porque a bíblia em si eu acho [...] muito machista, eu tenho a minha religião mas tem que entender que a bíblia foi feita a séculos atrás, que tem um conceito histórico e que foi feita por homens, e naquela época os homens ficavam acima das mulheres e as mulheres aceitavam isso, hoje em dia não é mais assim só que por as pessoas [...] levarem a bíblia como verdade absoluta eles acham que vai ser isso e acabou [...]*

Através das representações da entrevistada percebe-se como se cruzam as instituições sociais e as relações de poder, e como uma aluna de primeiro período demonstrou, em vários momentos durante a entrevista, uma consciência crítica acerca do assunto. Com efeito, compreende-se que “[...] gênero é concebido como um conjunto de relações complexas e imbricadas no tecido social” (FERRAZ, TOMAZI, SESSA, 2019, p. 7-8). Isso foi constatado ao passo que são mencionados o machismo, o racismo e a opressão difundidos socialmente, contexto histórico, situação hegemônica do homem (entende-se homem branco), escola e principalmente religião atuam como mecanismos que limitam e se prezam a interferir no surgimento e propagação de novas formas de se constituir que fujam de padrões normativos. Entende-se, dessa maneira, que tais interferências operem em diversas características constituintes de

identidade, ultrapassando a concepção do gênero sozinho. Acrescenta-se ainda que “Os resultados repressivos são experimentados individual e distintamente por aqueles que lutam para ‘encaixar’ nos paradigmas de identidade essenciais” (CONAGHAN, 2009, p. 27, tradução nossa).

As estruturas existentes reconhecem e fornecem direitos e proteções de propriedade para um sujeito branco, masculino, proprietário de propriedade, heterossexual e apto. Mas trazer à vista vidas ocultas por estruturas intrusivas, como racismo e sexismo, não significa que as pessoas que as vivem agora sejam conhecidas. Isso significa que as estruturas que as tornam invisíveis agora estão claras e que o impacto negativo dessas estruturas deve ser abordado (COOPER, 2015, p. 6, tradução nossa).

Decerto, entender padrões hegemônicos e como diversas instâncias operam para que esses se sobressaiam, postulem regras e se posicionem pelos demais, é um primeiro passo para expor tais condições e seus respectivos atuantes. Creio que, a partir do que foi discutido até então, seja necessário “[...] posicionar a identidade como eternamente fluida e multifacetada, possuindo uma qualidade instável e dinâmica, sufocada pela aplicação de classificações de grupo unidimensionais e hierarquicamente concebidas” (CONAGHAN, 2009, p. 27, tradução nossa). Nessa ótica, entendemos que dismantelar visões rígidas e hierárquicas seja um passo importante. Dessa forma, indivíduos das mais diversas identidades podem se sentir seguros e confortáveis para se assumir ou transitar entre identidades, uma vez que a que adotaram inicialmente possa não parecer mais tão atraente. Na busca de um entendimento por igualdade de representatividade, obtivemos a resposta da aluna quando perguntamos “O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?”

*Paloma: [...] você já deve fazer isso mas de que a questão de gênero ou de preconceitos as pessoas elas querem ter igualdades elas não querem ser melhores do que outro elas querem ter todos os direitos garantidos assim como qualquer outra pessoa independente da cor, independente da religião, independente se ela é homem ou mulher independente de qualquer coisa o que elas querem é igualdade, eu não quero ser melhor nem pior do que o outro, eu quero ser igual, eu quero poder fazer as mesmas coisas sem nenhum problema.*

Ou seja, apoiada em Louro (2000), acredito que indivíduos que buscam ser aceitos não deviam ser interpretados como ameaça, sofrendo uma redobrada vigilância. Logo, como a aluna afirma, pretende-se conquistar

respeito, igualdade de direitos e acesso e não superioridade ou imposições de padrões, como muitas vezes é equivocadamente interpretado. Partindo dessa premissa, defendo a formação de professores como um ambiente onde é fundamental abordar os eixos interseccionais.

#### **4.2 Formação de professores e eixos interseccionais.**

Anteriormente, no capítulo *Educação linguística versus Ensino tradicional de línguas*, discutimos sobre o silenciamento de muitas escolas em relação a temas que possam causar alguma controvérsia. Corroborando Louro (2000), assevero que a escola é uma das instâncias que se preza a ditar padrões hegemônicos sobre indivíduos. Contudo, entendo que muitas vezes não seja proveniente da professora ou do professor. Forças de poder maiores se presam, em muitos casos, a ditar o que é permitido ou não em sala de aula. Mais especificamente, levando em conta o ensino de línguas, Ferraz (2019) menciona

Os treinamentos para os professores de línguas (décadas de 90 e 2000) reforçaram que ensinar uma língua estrangeira (ou materna) significava desenvolver as quatro habilidades por meio de funções comunicativas, porém que nunca se deveria abordar temas considerados “polêmicos” ou tabus, uma vez que esses temas pertenciam a outras disciplinas. A esse respeito, Flood (2016, p. 1), afirma que os autores de materiais didáticos para ensino e aprendizagem de inglês devem veementemente evitar os PARSNIP, sigla em inglês que se refere aos temas “politics, alcohol, religion, sex, narcotics, isms (communism for example) and pork” (FERRAZ, 2019, p. 201).

Como abordado acima por Ferraz (2019), treinamentos de professores costumavam reforçar o silenciamento de questões que pudessem trazer polêmica para a sala de aula. Entretanto, o que foi presenciado nas observações de aulas e entrevistas foi que na formação de professores de língua inglesa isso vem mudado. Na pesquisa, foi possível constatar um incentivo partido da professora e do professor para que seus alunos busquem desconstruir desigualdades em sala de aula, conscientizem seus alunos sobre questões sociais e tragam conteúdos que contemplem gênero, feminismo, racismo, classicismo, entre outras características. Em detrimento a esse assunto, voltamos novamente a analisar respostas provenientes do questionamento “Na

sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?”

*Thalita: Eu acho muito importante abordar esse tema nos cursos da Universidade porque tem muita gente que tá descobrindo a sexualidade agora e eles precisam entender, até as pessoas que tinham certo preconceito eles tem que entender sobre, [...] e na questão das escolas, por mais que seja complicado, eu não acho ruim mostrar [...], criança talvez seja muito cedo, não sei, mas pra adolescente eu acho importante porque a maioria deles também tá descobrindo a sexualidade, [...] e talvez esse tema abordado em aulas ajude eles a se encontrarem, a entenderem o que tá acontecendo, tanto no mundo também porque agora eles veem isso em novela, em livros, na rua mesmo e eles por talvez não entender, ou seguir o pensamento de algum familiar preconceituoso deles que fala que isso é errado, que a bíblia não permite, mas a escola mostrando isso, a universidade mostraria que eles poderiam ter a própria opinião deles [...], ver se eles acham errado ou não, e também tem aquela questão de você ser um professor, chegar numa sala de aula e ver um aluno homossexual ou que você vê já que é transexual e de alguma forma tente ajudar esse aluno, eu acho que é bem importante mostrar isso especialmente nos cursos de licenciatura pra dar uma base pro professor ajudar esses alunos.*

Em consonância com o trecho analisado anteriormente, percebo como a aluna menciona em sua fala os vários fatores que interferem na sexualidade que também se aplicam a outras formas constituintes de identidade. Dentre os citados temos o preconceito, a universidade, a escola, a família, a religião, a bíblia a mídia, o contexto a formação de professores etc. De acordo com Ferraz (2019), apoiado nos estudos de Monte Mor (1999, 2014) compreende-se de forma resumida que o liberalismo se constitui pelo entendimento de “que todos os cidadãos são livres e, como indivíduos livres, têm direito à cidadania, ou seja, direito de ir e vir e o direito de consumir tudo que necessita ou deseja” (FERRAZ, 2019, p. 203). No entanto, sabemos que em vista de certos padrões socialmente estabelecidos esses direitos são distribuídos de forma desigual, sendo alguns indivíduos privados deles. Deveras, nota-se que um sistema de privilégios opera em uma sociedade liberal.

Acontece que, na vida cotidiana, a doxa liberal, embora bastante interessante do ponto de vista da liberdade individual, alimenta e mantém um sistema capitalista desigual na medida em que “somos todos livres, mais uns são mais livres do que os outros”, uma vez que “As desigualdades sociais são equivalentes às desigualdades do mundo natural (que por outra parte garante o seu equilíbrio) e qualquer intento para modificá-las vai contra a natureza” (BIANCHETTI, 1996, p. 45). Ainda segundo o autor, “este modelo representa uma síntese do

liberalismo econômico (leis do mercado) com o elitismo político” (idem, p. 45). Para citar um exemplo concreto, todos os cidadãos têm a liberdade para comprar um carro, uma casa ou um computador. Porém, todos, mesmo com o desejo, podem comprá-los? A mesma lógica se repete em relação à cidadania, ou seja, temos o direito de ir e vir, entretanto, uns têm o direito de, por exemplo, ir a pé, por quilômetros, para a escola enquanto outros têm o mesmo direito, porém de carro blindado com motorista particular (FERRAZ, 2019, p. 203).

Num modelo neoliberal, entendo que existe uma posição socialmente privilegiada na hierarquia das condições de existências humanas como classe social, nacionalidade, raça, gênero, arcabouço cultural, entre outras. Os privilegiados possuem uma maior liberdade e acessibilidade de escolhas do que os demais indivíduos. “Assim é que o neoliberalismo é a continuidade do projeto liberal em tempos contemporâneos de capitalismo acelerado” (FERRAZ, 2019, p. 204). E é nesse sentido que, muitas vezes grande parte da população que se situa numa posição desprivilegiada encontra-se quase que em condição de encurralado. “O novo liberalismo fala sobre oportunidades livres e igualitárias, mas se por alguma razão o indivíduo não for capaz de se manter no topo, ele irá afundar” (FERRAZ, 2019, p. 204).

Então, é possível inferir que o neoliberalismo acaba por marginalizar aqueles que possuem poucas ou nenhuma chance de ascensão, e privilegia outros. “As consequências do neoliberalismo são tais que podemos identificar aumentos na desigualdade, deterioração dos serviços públicos e queda na qualidade de vida dos membros mais vulneráveis da sociedade” (EVANS, 2015, p. 41, tradução nossa).

Vale ressaltar também como a mulher que é mãe, assunto que discutimos anteriormente, é afetada num sistema neoliberal, “os serviços das mulheres são invariavelmente cortados. Simplificando, a licença de maternidade e até os serviços de saúde das mulheres não são políticas lucrativas para os estados e mercados buscarem” (EVANS, 2015, p. 45, tradução nossa). Nesse hiato, entra a questão do privilégio que, como afirmado por Evans (2015) pode ser mais bem compreendido ao abordar uma perspectiva baseada nas interseccionalidades.

Para que indivíduos adotem completamente uma abordagem interseccional, eles devem primeiramente estarem conscientes de seus próprios privilégios; como afetam suas oportunidades e como impactam outros ao seu redor. Pease definiu privilégio como ‘o outro lado da discriminação’ (2010: 4); ele também menciona que as pessoas

tendem a ficar bravas ou defensivas quando acusadas de terem privilégios (EVANS, 2015, p. 53, tradução nossa).

Imediatamente, a fim de compreender como se posicionam privilégios “[...]vale ressaltar a necessidade de concebermos as distintas hierarquizações entre as categorias de gêneros e sexualidades: No espectro social, a heteronormatividade e a heterossexualidade são duplamente superiores a todas as demais categorizações” (FERRAZ, TOMAZI, SESSA, 2019, p. 9). É crucial ainda destacar raça na ótica do privilégio, que resulta em o homem, branco e heterossexual como no topo da pirâmide. Ao questionarmos o professor entrevistado “Você acredita que a mulher enfrenta mais dificuldades do que os homens? Por que?” podemos estabelecer alguns pontos que giram em torno da noção do privilégio, atenuando essa condição.

*Manuel: Sim, com certeza, como boa parte da sociedade acredita que misoginia, que sexismo, que preconceito não existem a tendência da parcela dessa sociedade é normalizar, naturalizar certas diferenças, certas desvantagens, certos obstáculos que as mulheres enfrentam em todos os campos né da sociedade, seja no trabalho, na família, e essas pessoas tendem a achar que isso é tudo mimimi, então como consequência, se as desvantagens e os obstáculos, o preconceito que em muitas situações a mulher enfrenta ele é aceito socialmente é claro que como consequência o homem né acaba tendo vantagem, tendo privilégios, mesmo não sendo enxergados assim como tal, mas também novamente sendo normalizados, naturalizados [...]*

*Camila: eu acho que sim, por ser um grupo de minoria, como tantos outros eu acho que enfrenta principalmente porque a nossa sociedade é bastante conservadora, tradicional, preconceituosa, machista, então tudo isso acaba influenciando, eu acho que tem muitas questões que se fosse um homem não aconteceria, das coisas mais bobas de até olhares que as mulheres levam, que homens não levam, até comentários mais maldosos e eu acho que sim, o nível de dificuldade também pode variar bastante, tem gente que não enfrenta tanto, tem gente que enfrenta [...].*

Destaco o comentário sobre naturalização do professor Manuel, onde creio que o privilégio ganhe força na medida em que se torna naturalizado socialmente. Na proporção em que se aceita o homem branco heteronormativo como superior isso se torna normal mais facilmente. Em adição ao comentário da professora Camila, no qual afirma que algumas pessoas enfrentam mais dificuldades que as outras, creio que as características de identidade que se entrelaçam, discutidas pela interseccionalidade, atuem sobre o nível desse enfrentamento.

Soma-se a isso que, para entender o privilégio partindo de uma ótica interseccional não é suficiente ter noção apenas dos próprios privilégios e subordinações. Nesse novo entendimento, torna-se necessário também tencionar como suas características que compõem sua identidade e constituem uma forma de subordinação podem ser politicamente menos relevantes que outras características de outros indivíduos que se interseccionam e causam situações mais profundas de opressão. Alguns aspectos, à guisa de exemplificação, podem ser citados como “a orientação sexual de um homem gay e branco pode torná-lo um ‘outsider’, enquanto seu gênero e raça podem lhe conceder status” (MAKRIS, 2018, p. 10, tradução nossa).

Interessante observarmos que não necessariamente o dominado de um grupo esteja inserido nos demais grupos subjugados socialmente. Dessa forma, podemos ter um gay rico que menospreza um grupo de pobres ou mesmo um negro homofóbico. Esses permeiam entre diversos grupos mais marcados na sociedade, sem, contudo, pertencerem unicamente em um polo da relação dominantes *versus* dominados (FERRAZ, TOMAZI, SESSA, 2019, p. 14).

De forma parecida, como discutimos em outro momento, podem existir também mulheres machistas, ou até mesmo racistas ou classicistas. É relevante destacar ainda que, majoritariamente, grupos pertencentes a representações sociais privilegiadas se prezam ainda a representar e falar pelos outros. Louro (2000) acresce que esse não é um jogo equilibrado e as relações de poder atuam e são reforçadas. Nesse sentido, podemos usar como exemplo o Brasil onde grupos formados em sua maioria por homens brancos decidem as leis que interferem sobre o aborto, sobre o racismo e sobre a homofobia. Todavia, sabe-se que o aborto clandestino ocorre. Entretanto, o acesso é muito mais restrito quando se trata de mulheres de uma classe social desprivilegiada, desprovidas de poder aquisitivo para arcar com os custos.

De acordo com Lanehart (2009), o que teve como ponto de partida os estudos sobre a opressão que as mulheres eram submetidas socialmente, hoje se tornou uma discussão em torno de pessoas. Sob tal enfoque, a autora aponta que a interseccionalidade não é para o benefício unicamente as mulheres, mas é para o benefício social.

De fato, é importante observar que os marcadores de identidade dentro da interseccionalidade, gênero, raça, sexualidade etc. têm múltiplos significados para indivíduos que constroem e produzem sua própria narrativa de identidade (Marx Ferree, 2009: 87). E não há modelo para viver, experimentar ou executar diferentes aspectos de uma identidade [...] (EVANS, 2015, p. 50, tradução nossa).

Em absoluto, estou defendendo que a complexidade das relações humanas e das formas de existir e se constituir ocasionam experiências diferentes em pessoas diferentes. Dentro de um sistema neoliberal, “[...] Todos os governos, mercados e instituições do estado, em graus variados, criam e recriam condições que acabam exacerbando e consolidando padrões de desigualdade [...]” (EVANS, 2015, p. 1, tradução nossa). Em suma, acredito que a interseccionalidade se caracteriza na tentativa de criar consciência para as lacunas entre movimentos. Tais movimentos são entendidos por lutas que buscavam acabar com distintas formas de opressão e subordinação, no intuito de atender as necessidades de grupos específicos. Porém dentro desses grupos ainda existem formas de hierarquização. Acredito que seja importante pensar em interseccionalidades na busca de refletir em termos de alcance de políticas públicas, equidade e justiça social.

Neste capítulo final, expandi o conceito de feminismos e os conectei com as interseccionalidades. Para isso, busquei seguir as teorias de Evans (2015); Conaghan (2009); Lanehart (2009); Ferraz, Tomazi e Sessa (2019); Ferraz (2019); Hall (2006) e Louro (2000). Inicialmente discuti como o movimento feminista surgiu a partir de mulheres brancas que, ao considerar a época, estavam em situação de privilégio em relação as outras mulheres. Dessa forma, argumentei sobre como essa primeira fase do feminismo foi um importante ponto de partida e, ao mesmo tempo, percebido como excludente. A partir daí o feminismo precisou se adaptar para argumentar com outras formas de opressão. Em seguida, aponto como o feminismo negro abriu caminho para que as interseccionalidades fossem consideradas.

Além disso, proponho um entendimento sobre como o neoliberalismo acentua as condições de opressão apontadas pelos estudos de interseccionalidades. Situo a maternidade como mais uma característica que se intersecciona com a condição de ser mulher, entrelaçando minhas visões com a de entrevistados. Em adição, discuto como funciona a pirâmide dos privilégios,

na qual o homem, branco, heterossexual de classe média se encontra no topo. É crucial entendermos como os nossos privilégios nos beneficiam, como a falta deles teoricamente nos prejudica e como eles agem sobre as pessoas ao nosso redor.

Concluo então que as interseccionalidades proporcionam, portanto, uma visão do cruzamento das formas de desigualdades e opressão. Entender as interseccionalidades possibilita a compreensão de novas formas de desigualdades e opressão. Pensando nos conceitos de interseccionalidade, aplicados no contexto educacional em que gira essa pesquisa, defendo que “[...] as mudanças em todo o sistema educacional - em direção a um sistema educacional mais integrador - acompanhadas de medidas de apoio seletivas, têm o potencial de reduzir barreiras e promover o sucesso educacional [...]” (POLLAK, 2008, p. 405, tradução nossa). Sob tal enfoque, a formação de professores se torna o contexto ideal para discutir as interseccionalidades, no intuito de tornar o sistema educacional mais inclusivo e equânime. Nesse sentido, acredito no potencial da educação para ajudar indivíduos a entenderem não só a si mesmos, mas a entender o outro e como sua a relação com o outro pode propagar ou combater preconceitos e relações desiguais.

## 5. CONCLUSÃO

*(...) a educação e a educação em línguas estrangeiras têm papéis fundamentais, uma vez que podem prover aprofundamentos que não somente protestem, mas entendam, do ponto de vista de suas bases epistemológicas, como essas construções são realizadas, quais são as suas genealogias, com quais objetivos elas se espalham e como são interpretadas/internalizadas/inculcadas/rejeitadas por nossos alunos e professores (FERRAZ, 2014, p. 6).*

A priori, essa pesquisa partiu de uma urgência pessoal. Por conta de minhas vivências, pelo machismo diário desde muito pequena e pelas novas vivências e compreensões de mundo as quais fui exposta no ensino superior, compreendi que é na educação que se encontra a maior força para as mudanças. Foi através dela que surgiu a oportunidade de repensar perspectivas, de agir e de me posicionar em relação ao outro. Em diversos momentos, me percebi subjetiva, numa luta para que o pessoal não se sobrepusesse à função de pesquisadora: algo difícil devido aos temas escolhidos. Visto que textos, entrevistas e análises, volta e meia, traçavam conexões com memórias de experiências que vivi, que vivo, que vejo acontecer, assumo aqui a autocrítica e o risco de um texto que discorre sobre um contexto educacional, mas também e principalmente sobre mim. As minhas autonarrativas, costuradas com as vozes dos participantes desta pesquisa, ensejam mostrar a complexidade de ser realizar pesquisas nos moldes do positivismo, cientificismo e modernidade (neles, a subjetividade do pesquisador deve ser infinitamente menor à objetividade dos pesquisados, como se isso fosse possível).

Queria me aprofundar numa análise envolvendo a Literatura, abordando os temas, textos e autores das aulas observadas, trazendo talvez um capítulo exclusivamente para isso. Todavia, tais opções demandariam ainda mais disponibilidade de tempo para coleta de dados e estudos até então novos para

mim. Em adição, morando longe dos meus pais e precisando arcar com as minhas despesas pessoais, precisei trabalhar. Estudava às noites, aos fins de semana, como pude. Por essas condições, me senti limitada pois quando me sentava para escrever e estava sempre com a mente cansada. Gostaria também de ter tido mais disponibilidade para apresentar em congressos, viajar e apresentar a minha pesquisa além do meu contexto, Espírito Santo. Essa pesquisa foi sempre um grande prazer e um enorme crescimento pessoal. Creio que isso me deu forças para encarar essa jornada dupla.

Com vistas à conclusão, brevemente retomo o que discuti ao longo do texto. Na *“Introdução e contextualização”*, aponto dificuldades e restrições enfrentadas unicamente por mulheres. Dados coletados e experiências pessoais me levaram a discutir sobre a família, uma das primeiras instituições que se preza a regular e ditar regras sobre o que é feminino e o que é masculino. A família é o nosso primeiro contexto de socialização e, muitas vezes, não educa para o amor e respeito, mas pode se constituir em um espaço de preconceito e sexismo. Ao encerrar esta pesquisa, sinto que não posso me esquivar das discussões sendo realizadas no Brasil atual. Infelizmente, os discursos governamentais apontam para algo que esta pesquisa deseja problematizar: o modelo único (religioso, heteronormativo e conservador) de família.

Ainda nessa primeira parte do trabalho trago a *“Contextualização e metodologia”*, onde explico os métodos escolhidos, forneço uma explicação básica de suas origens e aplicações atuais. Descrevo também o processo da entrevista, no qual destaco como se mostrou interessante e proveitoso o uso do Whatsapp. No subtópico *“Estudo de gênero e Feminismo no Brasil e no Espírito Santo: uma breve revisão de literatura”* indico a relevância dessa pesquisa nos contextos atuais. Para isso, realizo uma busca de temas relacionados nas principais plataformas de pesquisa. A partir dessas plataformas alguns artigos foram selecionados para amparar as discussões.

Dessa forma, voltando-nos para o contexto da sala de aula, trago o primeiro capítulo *“Educação linguística x ensino tradicional de línguas”*. Argumento inicialmente que o ensino de língua inglesa nas escolas regulares ocorre em sua grande parte com o foco comunicativo, passa isso usa abordagens tradicionais de ensino. Para Freitas (2012), o ensino de inglês, em muitos casos, se limita às atividades e aos exercícios lúdicos, nos quais

mensagens simples e focadas apenas na estrutura gramatical são ensinadas de um aluno para o outro. Assim, nesse capítulo argumentei como tal abordagem de ensino pode ocasionar no silenciamento de questões críticas que considero fundamental, como o feminismo, sexualidade e questões de gênero, por exemplo.

Sob essa perspectiva, “[...] não há dúvidas de que o que está sendo proposto, objetiva e explicitamente, pela instituição escolar, é a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais — nos padrões da sociedade em que a escola se inscreve.” (LOURO, 1997, p. 81). Nesse contexto, esses sujeitos são ensinados a pensar e agir de acordo com o que é previamente estabelecido como esperado e aceito socialmente de acordo com seu gênero. E por analogia, muitas escolas pautam suas práticas em dogmas religiosos, sendo esses, em alguns casos, motivadores da prática de uma educação extremamente tradicional e excludente. Acredito que o ambiente escolar muitas vezes é usado como um escudo para a manutenção de preconceitos.

No decorrer do segundo capítulo *“Os estudos de gênero e sexualidades na educação linguística em língua inglesa”* aponto as dificuldades sociais enfrentadas pelas mulheres, problematizo as perspectivas binárias, apresento as preocupações do feminismo com a mulher negra e as questões de gênero. Conforme relatado e como pude perceber, as pessoas tendem a uma visão superficial e baseada em estereótipos difundidos dos ideais feministas. Circula socialmente pautada na ideia equivocada da busca da superioridade feminina e entende-se o feminismo como o contrário do machismo. Todavia entendo e defendo aqui que o que realmente se almeja é a equidade nas oportunidades, o fim de restrições e o acesso aos mesmos direitos.

Creio que essa visão do discurso machista, quando partindo de homens, reflete o medo que carregam interiormente de perder a posição de privilégio. Já em relação às mulheres reprodutoras desse discurso, penso que foram criadas em contextos extremamente machistas/sexistas e não conseguiram se desvincular dessa visão. A partir das discussões desse capítulo, penso que muito do que vivenciamos hoje em relação a preconceito e estereótipos se deve pela falta de diálogo, informação e formação. Ainda, debato sobre a educação linguística em língua inglesa e como essa pode se constituir em um espaço onde um ensino crítico aconteça na busca de quebrar essa tradição.

Finalizo o texto com o capítulo “*Estudos de gênero, feminismo e interseccionalidades*”, enfatizando que gênero sozinho não é suficiente para analisar sistemas de opressão. Como ponto de partida, abordei brevemente sobre como se iniciou o movimento feminista, como este apresentava lacunas e como evoluiu para se tornar mais inclusivo. Para isso, discuti o tema interseccionalidades, o qual busca entender de que forma as diversas categorias sociais (raça, gênero, sexualidade, classe, entre outras) se sobrepõem/entrecruzam de forma extremamente complexa e ocasionam novas formas de oprimir indivíduos. Nesse entendimento, achei necessário mencionar como o neoliberalismo vigente age acentuando esses sistemas de opressão. Defendo que entender as interseccionalidades possibilita abrir os olhos para as formas de desigualdades e opressão. Num quadro destes, “[...] uma educação emancipatória se radica no enfrentamento das situações de alienação e opressão que marcam considerável parcela da humanidade” (SILVA, 2013, p. 15). A partir desse capítulo, entendi, relendo Ferraz, que a educação é a principal ferramenta para conscientização.

Os estudos de gênero e da sexualidade, portanto, quando colocados nos vieses discursivos e genealógicos podem realizar um aprofundamento a fim de averiguar, por exemplo, quais papéis as línguas estrangeiras desempenham ao lidarem com a homossexualidade e homofobia muitas vezes produzidas e perpetuadas pela educação (FERRAZ, 2014, p. 8).

Acredito ser pertinente adicionar ao pensamento de Ferraz os papéis que as línguas estrangeiras desempenham ao lidarem com as interseccionalidades. E assim, pensar em condições de preconceito que vão além de gênero analisado sozinho. Sugeri que “[...] a escola tem a responsabilidade de oferecer o acesso a LEs/LAs para que os/as aprendizes possam: conhecer, participar e dar novos contornos à própria realidade; transitar na diversidade; refletir sobre o mundo em que se vive e agir crítica e criativamente” (SILVESTRE, 2015, p. 64). Entretanto, aponto nessa pesquisa que alunas e alunos que atuarão na sala de aula não são explicitamente e curricularmente preparadas(os) para lidar com tais temas.

A partir do que foi apontado até agora, acho preocupante que os temas propostos não façam parte do currículo explicitamente. Acredito que preconceito, machismo, sexismo e classicismo não podem se caracterizar apenas em

opiniões pessoais. Penso que a família sozinha não é suficiente para orientar questões como essas, pois esse espaço muitas vezes propaga desigualdades e preconceito. Na minha perspectiva, deveríamos discutir as condições de opressão no intuito de minimizá-las o máximo possível. Defendo que devemos buscar uma sociedade mais justa. Inclusive, eu mesma, mulher, capixaba, formada em Letras Inglês, atualmente dando aula para crianças de 3 a 5 anos, não me sinto formada para isso. Dessa maneira, argumento que sem nenhuma preparação durante a formação e sem apoio pedagógico das escolas, o incentivo para uma educação crítica é ainda mais desafiador:

Com isso, intentei compreender melhor por que, na opinião de formadores e futuros professores, a escola evita tratar assuntos como gênero, sexualidade e feminismo, por que são proibidos até mesmo em conversas informais de alunos dentro de escolas. Seria medo? Se é medo, medo de quê? Medo da igreja? Medo das famílias? Medo de perder os alunos? Medo de ser mal interpretada pela sociedade? Medo de perder credibilidade? Seria medo do desconforto? Medo das atuais políticas nacionais? Paralelamente, por parte dos professores, seria a falta de liberdade para agir dentro da escola? O medo de perder o emprego? Qual seria então o motivo desses temas permanecerem “adormecidos” dentro da esfera escolar? Eu, como professora de língua inglesa, acho triste acreditar que precisamos ter medo de abordar questões que lidam com o respeito e com a igualdade de oportunidades.

Eu mesma passei por uma mudança radical das minhas visões de mundo ao entrar em contato com a educação crítica, e sou muito grata por isso. Sou grata a cada professora e cada professor que me ajudaram a abrir os olhos. Sou grata pelos educadores e educadoras que, mesmo não constando no currículo, trouxeram debates e discussões que me propiciaram reflexão. Creio que me tornei uma pessoa melhor, busco entender antes de julgar, estudar antes de afirmar, entender meus privilégios e os privilégios do outro, entre outras coisas.

Nesse entendimento, dentro dos meus convívios sociais vejo bem de perto como essa educação inclusiva fez falta na base de muitas pessoas. Presencio indivíduos que classificam feministas como “mal amadas” e usam o termo como algo pejorativo. Dizem que homossexuais devem ser chamados de “bicha” e “viado”, falam coisas horríveis como “se eu vejo que a menina é feminista eu nem pego”, e assim por diante.

Em suma, numa tentativa de buscar um melhor entendimento sobre questões de gênero e sexualidade em sala de aula, acredito que o desenvolvimento de uma educação crítica, de teorias feministas e equidade de gênero em aulas de LI e, sobretudo nas formações docentes, pode ajudar a aproximar a sala de aula da realidade das(os) alunas(os) de uma forma geral. Similarmente, acredito que essa educação possa despertar o interesse da sociedade para a desconfiança daquilo que é considerado “normal”. Sob esse ponto de vista, a tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: “[...] desconfiar do que é tomado como ‘natural’ [...]” (LOURO, 2000, p. 63). Dentro do contexto da educação crítica, é possível abordar a discriminação que mulheres e pessoas que seguem orientações que não se encaixam na heterossexualidade normativa sofrem em nossa sociedade:

Finalizando, como já mencionei anteriormente, essa pesquisa surgiu de um desejo pessoal. Anteriormente a esse trabalho, eu nunca havia estudado sobre feminismo e teorias de gênero, por isso me sentia limitada nessas áreas. Busquei aqui estudar e pesquisar não só para me tornar uma professora melhor, mas também uma pessoa melhor em todas as minhas relações, sejam profissionais ou pessoais. Além disso, no caminho desse trabalho pude entender mais a fundo a minha posição como mulher, as lutas que tive e ainda terei e a minha posição em relação aos privilégios sociais.

Acredito que esse trabalho ofereça a oportunidade de repensarmos situações de opressão em relação principalmente a mulher, mas também em outras questões, e dessa forma olharmos para nós mesmo e que lugar ocupamos nessas questões. Estamos do lado que oprime ou agimos na busca de acabar com essas opressões? Espero também poder contribuir com o trabalho de outros colegas de área, que a leitura dessa dissertação possa ajudar na reflexão dos temas propostos e em suas aplicações no contexto educacional. Para mim, foi uma longa jornada. Espero que, para o leitor, uma agradável leitura. Encerro com a letra de *Under Pressure*, um ícone dos Anos 80, ainda tão atual: “It’s the terror of knowing...What this world is about”. Que possamos construir um mundo sem tanta pressão, por meio da educação.

## Under Pressure (Queen feat. David Bowie)

Pressure, pushing down on me  
 Pressing down on you  
 No man ask for

Under pressure  
 That burns a building down  
 Splits a family in two  
 Puts people on streets

Um ba ba be  
 Um ba ba be  
 De day da  
 Ee day da  
 That's okay

It's the terror of knowing  
 What this world is about  
 Watching some good friends  
 Screaming: Let me out  
 Pray tomorrow gets me higher  
 Pressure on people, people on streets

Day day de mm hm  
 Da da da ba ba  
 Okay

Chipping around, kick my brains around the floor  
 These are the days it never rains but it pours  
 Ee do ba be  
 Ee da ba ba ba  
 Um bo bo  
 Be lap

People on streets  
 Ee da de da de  
 People on streets  
 Ee da de da de da de da

It's the terror of knowing  
 What this world is about  
 Watching some good friends  
 Screaming: Let me out

Pray tomorrow gets me higher  
Higher  
High  
Pressure on people, people on streets

Turned away from it all like a blind man  
Sat on a fence but it don't work  
Keep coming up with love  
But it's so slashed and torn  
Why, why, why?  
Love, love, love, love, love

Insanity laughs, under pressure we're breaking  
Can't we give ourselves one more chance  
Why can't we give love that one more chance  
Why can't we give love?

Give love, give love, give love  
Give love, give love, give love  
Give love, give love

'Cause love's such an old fashioned word  
And love dares you to care for  
The people on the edge of the night  
And loves dares you to change our way of  
Caring about ourselves  
This is our last dance  
This is our last dance  
This is ourselves  
Under pressure  
Under pressure  
Pressure

## REFERÊNCIAS

ATLAS da Violência 2019. IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Fórum Brasileiro de segurança pública. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, 2019. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf)

AHMED, S. Embodying diversity: problems and paradoxes for Black feminists. **Race Ethnicity and Education**. Goldsmith's College, University of London, United Kingdom. vol. 12, n. 1, p. 41-52, Março, 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Ed, 14. São Paulo: Editora Papyrus, 2008.

AVILA, A.; TONELI, M.; ANDALÓ, C. **Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 2, 2011, p. 289-298.

BIBER, S. **Exploring, Interrogating, and Transforming the Interconnections of Epistemology, Methodology and Method**. Handbook of Feminist Research: Theory and Praxis. Ed, 2. 2012.

BOURDIE, P. **A Dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. Ed, 11. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BROSIN, D.; TOKARSKI, M. **Do gênero à norma**: contribuições de Judith Butler para a filosofia política feminista. Gênero, Niterói, v.18, n.1, 2017, p.98-118.

BUTLER, J. **Gender trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York and London: Routledge, 1999.

\_\_\_\_\_. **Problemas gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANEN, A.; XAVIER, G. **Formação continuada de professores para a diversidade cultural**: ênfases, silêncios e perspectivas. Revista Brasileira de Educação. 2011.

CHRISTIANS, Clifford G. **A ética e a política na pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 141-162 (cap.5).

CONAGHAN, J. **Intersectionality and the feminist project in law**. In: GRABHAM, E.; COOPER, D.; KRISHNADAS, J.; HERMAN, D. Intersectionality and Beyond: Law, Power and the Politics of Location. 1 ed. London: Routledge. 2009, p. 21-48 (Cap. 1)

COOPER, B. Intersectionality. In DISCH, Lisa; HAWKESWORTH, Mary. **The Oxford Handbook of Feminist Theory**. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 1-15.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine. **Feminist Theory and Antiracist Politics**. *University of Chicago Legal Forum*, vol. 1, issue 1, article 8, p. 139-167, 1989.

CRESWELL, J. W. **Research design**: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. Ed. 3. University of Nebraska, Lincoln: Sage, 2009.

DENZIN, Norman K.; LINCON, Ivonna S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Teoria e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMINSCHEK, D. L.; SILVA, W.; SOUZA, D. M. R. **Por uma educação crítica e transformadora**: em defesa da pedagogia histórico-crítica e da emancipação da prática docente. *Revista Intersaberes*, vol.11, n.22, 2016.

DUBOC, A. P. M. **Ensino e avaliação de línguas estrangeiras**: tendências em curso. In: MULIK, K. B.; RETORTA, M. S. (Orgs.) *Avaliação no ensino-aprendizado de línguas estrangeiras: diálogos, pesquisas e reflexões*. Campinas, SP: Pontes, 2014, 21-47.

\_\_\_\_\_. Lendo a mim mesma enquanto aprendo com e ensino o outro. In: PESSOA, R.; SILVESTRE, V.; MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil**: trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês. 1. Ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

\_\_\_\_\_. **Redesenhando currículos de língua inglesa em tempos globais**. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, 2011, p. 727-745.

EVANS, Elizabeth. **The Politics of Third Wave Feminisms**: Neoliberalism, Intersectionality, and the State in Britain and the US. 1 ed. United Kingdom: Palgrave macmillan, 2015.

FADINI, Marianna. **Inglês para crianças é para inglês ver?** Políticas linguísticas, formação docente e educação linguística nas séries iniciais do ensino fundamental no Espírito Santo. 2018. 272 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

FERRAZ, D. M. Sexualidade, homossexualidade e homofobia: desafios contribuições das línguas estrangeiras. In: **III seminário de educação, diversidade sexual e direitos humanos**, 2014, Vitória. Anais do III... Vitória: GEPS, 2014. v.3.

FERRAZ, D. M. Visibilidade LGBTQIA+ e Educação Linguística: por entre os discursos de ódio, aceitação e respeito. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 4, p. 200-221, 2019.

FERRAZ, Daniel M.; TOMAZI, Micheline M.; SESSA, Ariel. As mortes de Matheusa em uma notícia do Estadão: estudos interseccionais sobre preconceito, discriminação e violência física em relação à diversidade de gêneros. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v.19, n.4, p.927-958, Dec. 2019. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982019000400927&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982019000400927&lng=en&nrm=iso)>. access on 02 Jan. 2020. Epub Dec 09, 2019. [http://dx.doi.org/10.1590/1984-63982\\_01914748](http://dx.doi.org/10.1590/1984-63982_01914748).

FERREIRA, A. Educação linguística crítica e identidades sociais de raça. In: PESSOA, R.; SILVESTRE, V.; MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês**. 1. Ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

FONSECA, Camila. **A educação crítica em língua inglesa em uma comunidade desfavorecida do Espírito Santo: eu, o outro, e o outro eu**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

FREITAS, M. T. U. **Educando para transgredir: reflexões sobre o ensino crítico de línguas estrangeiras/inglês**. 2012, p. 77-97, Trabalho de Linguística Aplicada Campinas, 2012, v. 51.

GALLO, S. **Em torno de uma educação menor**. 2002.

GRABHAM, E.; COOPER, D.; KRISHNADAS, J.; HERMAN, D. **Intersectionality and Beyond: Law, Power and the Politics of Location**. 1 ed. London: Routledge. 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: DP&A Editores, 2006.

HOOKS, B. **Teaching to transgress: Education as the Practice of Freedom**. New York: London: Routledge. 1994.

JARDIM, G.; CAVAS, C. Pós-colonialismo e feminismo decolonial: caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo. **Ponto e Vírgula**, PUC SP, Segundo Semestre de 2017, n. 22, p. 73 – 9, 2017.

LANEHART, S. L. Diversity and Intersectionality. **Texas Linguistic Forum. Proceedings of the Seventeenth Annual Symposium About Language and Society**, Issue 53, p. 1-7, 2009.

LIMA, M.; RIOS, F.; FRANÇA, D. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995 – 2009) In: MARCONDES M. M. [et al.]. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. (Cap. 2)

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 1997.

\_\_\_\_\_. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. v. 19, n. 2, Pro-Posições, 2007.

\_\_\_\_\_. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Corpo, escola e identidade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 56-76, 2000.

MCCALL, L. **The complexity of Intersectionality**. In: GRABHAM, E.; COOPER, D.; KRISHNADAS, J.; HERMAN, D. Intersectionality and Beyond: Law, Power and the Politics of Location. 1 ed. London: Routledge. 2009, p. 49-76 (Cap. 2)

MACHADO, L. Z. **Feminismo em Movimento**. Ed, 2. São Paulo: Francis, 2010.

MAKRIS, Sara. **Intersectionality Narratives in the Classroom**: “Outsider Teachers” and Teaching Others. 1 ed. University Park – USA: Palgrave Macmillan, 2018.

MATTOS, A. O rinoceronte e o mundo: uma perspectiva sobre a educação linguística crítica. In: PESSOA, R.; SILVESTRE, V.; MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil**: trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês. 1. Ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

MERLO, Marianna. **Inglês para crianças é para inglês ver?** Políticas linguísticas, formação docente e educação linguística nas séries iniciais do ensino fundamental no Espírito Santo. 2018. 272 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

MISHLER, Elliot. Research Interviews as Speech Events. In: \_\_\_\_\_. **Research Interviewing: context and narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1996, p. 35-51 (Cap. 2)

\_\_\_\_\_. **Research interviewing: context and narrative**. Cambridge: Harvard University Press, 1996, p. 52-65 (cap. 3).

MONTE MOR, W. “Formação Docente e Educação Linguística: uma perspectiva linguístico-cultural-educacional”. In W. Magno e Silve; W. Rodrigues Silve; D. Muñoz Campos (Orgs). **Desafios da Formação de Professores na Linguística Aplicada**. Campinas: Ed. Pontes, 2019, p 187-206.

MONTE MOR, W. **Convergência e diversidade no Ensino de línguas: expandindo visões sobre a “diferença”**. Polifonia, Cuiabá, MT, v. 21, n. 29, p. 234-253, jan-jul., 2014.

NADER, M. B. **A vida em desunião: violência, gênero e denúncia.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: conhecimento histórico e diálogo social, 27, 2013, Natal, RN: ANPUH, 2013.

NADER, M. B.; MORGANTE, M. M. **História e Gênero: faces da violência contra as mulheres no novo milênio.** Espírito Santo: Editora Milfontes, 2019.

PENNYCOOK, A. **Critical and alternative directions in applied linguistics.** 2010.

\_\_\_\_\_. **Teaching with the Flow: Fixity and fluidity in education.** Routledge, Asia Pacific Journal of Education, 2005, pp. 29–43.

PEREIRA, M. G. D. Resenha de: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Orgs.) **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC, Rio de Janeiro, 2012.

PEREIRA, A. L. Construção de criticidade em espaços de atuação religiosa, política e acadêmica. In: PESSOA, R.; SILVESTRE, V.; MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês.** 1. Ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

PERSON, E. S. Masculinities, Plural. **Journal of the American Psychoanalytic Association.** University of Manitoba Libraries, 2010. Disponível em: < <http://apa.sagepub.com/cgi/content/abstract/54/4/1165> >

PESSOA, R; FREITAS, M. **Rupturas e continuidades na Linguística Aplicada Crítica: uma abordagem historiográfica.** Calidoscópio, Vol. 10, n. 2, p. 225-238, 2012.

POLLAK, A. **Discrimination and good practice activities in education: trends and developments in the 27 EU Member States.** Intercultural Education Vol. 19, n. 5, p. 395–406, Outubro, 2008.

ROMIO, J. A. F. A vitimização de mulheres por agressão física, Segundo raça/cor no Brasil. In: MARCONDES M. M. [et al.]. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil.** Brasília: Ipea, 2013. (Cap. 5)

SABOTA, B. Do meu encontro com a educação linguística crítica ou de como eu tenho revisitado meu fazer docente. In: PESSOA, R.; SILVESTRE, V.; MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias(os) de inglês.** 1. Ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

SALERA, Liliane. **Além do que se vê: educação crítica e letramentos, formação de professores e prática docente no ensino de inglês com crianças de 2 a 5 anos.**

2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

SCHWANDT, Thomas A. **Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa**: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. pp. 193-217 (Cap. 7).

SCHULTZ, L. M. J. **Por uma Pedagogia Crítica: reflexões sobre algumas tendências em educação**. Departamento de Administração e Supervisão Escolar/UNESP - Marília-SP, V.2, n.1, 2001.

SILVA, T. D. Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In: MARCONDES M. M. [et al.]. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. (Cap. 4)

SILVA, V. A. **Teoria crítica e educação**: educação para a emancipação. Saberes em perspectiva, Jequié, v.3, n.6, p.13–28, maio/ago. 2013.

SILVESTRE, V. P. V. **Ensinar e aprender língua estrangeira/adicional na escola**: a relação entre perspectivas críticas e uma experiência prática localizada. RBLA, Belo Horizonte, v. 15, n.1, p. 61-84, 2015.

SOTERO, E. C. Transformações no acesso ao Ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. In: MARCONDES M. M. [et al.]. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. (Cap. 1)

SOUZA, L. M. **Cultura, Língua e Emergência dialógica**. R. Let. & Let, Uberlândia-MG, v.26, n.2, p. 289-306, jul./dez. 2010.

TOMAZI, M. M. Tolerância social à violência contra as mulheres: discurso, ideologia e contexto. In: LINS, M. P.; CAPISTRANO, R. Jr. (Orgs.). **Quadrinhos sob diferentes olhares teóricos**. Vitória: PPGEL/UFES, 2014b, p. 187 – 205.

VIDICH, Arthur J.; LYMAN, Stanford M. **Métodos qualitativos**. Sua história na Sociologia e na Antropologia. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa. Teoria e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.49-90.

VILLWOCK, A. F. **A pedagogia crítica de Paulo Freire e as consequências do exílio**: Infância, sociedade e educação. II Simpósio Nacional de Educação, Paraná, p. 1-13, out. 2010.

WELTER, Tânia; GROSSI, Miriam Pillar. É possível ensinar gênero na escola? Análise de experiências de formação em gênero, sexualidade e diversidades em Santa Catarina. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 123-145, jan./abr. 2018.

## ANEXOS

### Entrevista com professores da Universidade

#### 1) Como foi a sua formação acadêmica, em algum momento da graduação ou na pós foram abordadas teorias de gênero?

Manuel: éé...na graduação, a graduação eu fiz na década de nov..na década de 80 né.. eee... na graduação eu não me recordo, tenho praticamente certeza que não, não estudamos nada relativo à questões de teorias de gênero, não, realmente não me recordo ee.. acho que é isso mesmo, não estudamos. Na pós graduação, no mestrado lá na federal de Santa Catarina ééé... acho que o mais próximo que éé.. eu tive né, mais próximo que eu pude estar das teorias de gênero foi na verdade quando eu fiz uma disciplina de.. de Literaturaa escrita por mulheres né, que era, foi lecionada pela professora Suzana Funk que é uma estudiosa né de literatura feminista né, ou literatura produzida por mulheres ee.. nesse curso aahn a parte, principalmente na parte inicial desse curso ela trouxe alguns teóricos, alguns textos teóricos que abordavam questões de gênero, gênero, mas isso foii..né já né, ainda né na década de 90 né já há bastante tempo ééé... depois disso né, éé..durante a minha vida acadêmica lógico eu tive oportunidade de éé.. voltar a ler assim mas não de formaaa muito... organizada vamos dizer né, mas de voltar a visitar pelo menos alguns desses textos estudados, acho que isso responde? Ok..

Camila: não, eu não tive nenhuma formação com relação às teorias de gênero, nem na graduação nem na pós né, a minha graduação foi em Letras Português-Inglês e eu me formei em 2004 eee... o meu currículo nooo... não abordava essas teorias, até era um currículoooo... éé... um pouco mais tradicional do que é hoje até pela época né, eu tive disciplina de linguística aplicada, mas a disciplina de linguística aplicada ainda era voltada pras questões de aquisição de língua né dos processos cognitivos eeee... e enfim dessaaa... dessa parte mais tradicional da linguística aplicada, ensino-aprendizagem, metodologia, essas coisas, e depois na minha pós eu fiz o mestrado em educação eee... o doutorado em linguística mas em nenhum momento eu tive aulas relacionadas a teorias de gênero ééé... fui conhecer um pouco mais, fui ter contato um pouco mais né agora mesmo na minha prática por meio deeee... de leituras ééé... participação em bancas, em congresso, no próprio GEEC né, no grupo de estudos que a gente participa, foi mais agora, ééé...

#### 2) Como professor, em suas aulas você aborda temas como igualdade de gênero ou feminismo?

Manuel: Éé, sim abordo éé.. até porque no passar de alguns anos eu venho tentando ééé... fazer com que o número dee... escritoras né seja pelo menos se não igual pelo menos próximo né ao número de escritores né.. e ao trabalhar principalmente com... trabalhando Literatura do século, a partir do século 19, século 20, 21 ééé... com a inclusão de um número maior de escritoras sendo possível né, então a inclusão de um número maior de escritoras ééé... com certeza a gente.. aborda né, quando vai estudar os textos né, produzidos por essas escritoras a gente aborda sim questões de gênero ee.. também relativas ao feminismo né é ummm... na disciplina de literatura contemporânea principalmente a genteee... éé.. trabalha com textos que trata... tão tratando né que vem né desde a década de 60 de questões relativas a mulher, é quase que inevitável né, não tem como não abordar mesmo se eu não quisesse não seria possível né, porque eles estão lá, presentes no texto e são assuntos que, em geral né despertam o interesse, são questões que em geral despertam interesse doa alunos né, em geral, espero que eu esteja respondendo rsrs

Camila: eu abordo sim, ééé algumas vezes planejado né, algumas vezes eu, eu, eu quero pautar esse tema, em outros momentos incidentalmente porque as vezes o tema aparece né aaa... ééé... algum comentário ou alguma dúvida, as vezes até algum texto que algum aluno traz e aí a gente, o tema aparece e aí eu comento sim eu acho que a gente tem que aproveitar todas as brechas que o currículo dá pra a gente poder falar de temas relevantes pra esses alunos eee... também se quando possível também levo sim porque eu acho importante né éé... abordar oo.. o

feminismo e a teoria de gêneros porqueee... eu trabalho cooom... formação de professores então eu acho que esses futuros professores precisam teeer... oportunidades pra refletir sobre esses temas na formação inicial deles né, então assim é claro que nunca uma formação nunca é suficiente tanto que ela é uma formação inicial né, depois a gente tem várias formações éé... ao longo da nossa vida acadêmica profissional maaa... a formação a gente sabe o peso que a formação inicial tem então eu acho importante ééé... que eles tenham contato com isso pelo menos nessaaa... pelo menos um contato né.

**3)Você se sente preparado pela sua formação ou por outros estudos, como professor, para lidar com temas como os estudos de gênero e feminismo em sala de aula?**

Manuel: Eu me sinto parcialmente preparado né, éé... como eu disse na minha própria formação eu não tive hmm muito né éé eu não acho que é tanto quanto fosse desejável assim né, muito aprofundamento nessas questões, mais por interesse próprio né... éé... preparar os materiais, fazer a seleção até pra poder conseguir produzir os materiais didáticos das disciplinas eu faço uma pesquisa né, e nas minhas pesquisas eu tento ééé meee... me atualizar e ler, tratar dessas questões mas como eu disse anteriormente num.. não sinto, fico sentindo que é de uma forma assim um pouquinho...um pouco organizada né assim, então talvez o ideal éé.. fosse ééé... eu sinto essa lacuna talvez de ter um estudo mais organizado em relação aaa... A questões de... de gênero e feminismo né, Então respondendo sua pergunta eu diria que eu me sinto talvez parcialmente assim, parcialmente preparado vamos dizer, para lidar com essas questões.

Camila: não sei, difícil te responder isso Isabele, se eu me sinto preparada assim eu acho que se a gente pensar em termo teóricos não, eu acho que eu não tenho bagagem teórica suficiente pra poder abordar esses temas, não tenho tantas leituras na área, não tenho um aprofundamento teórico assim pra... pra lidar com isso sabe, eu acho que eu precisaria estudar mais, precisaria saber muito mais sobre os temas até praaa... pra conseguir direcionar melhor os alunos nas dúvidas, nas reflexões que eles fazem sobre isso eeee... ééé... sei lá pode até soar incoerente né, eu não me sinto preparada e falo sobre isso, mas acho que é porque, não sei ééé... é difícil responder, você se sente preparada para fala tal coisa assim, algumas coisas sim porque eu estudei eu, eu acho que eu consigo ter um preparo pra conseguir falar, mas sobre feminismo não... avho que eu não tenho tanta bagagem assim, acho que tem outras, outros professores, outros formadores, outras pessoas que se... que tem muito mais do que eu mas ainda sim acho... acho... acho válido eu falar sobre isso né ééé... mesmo que sejaaa... talvez superficial, não sei posso tá falando besteira né.

**4)No currículo, você considera que existe abertura para a abordagem de temas como os estudos de gênero e feminismo nas aulas da graduação?**

Manuel: Eu...Eu creio que sim, eu acho que sim, não somente nas aulas de literatura né, que eu acho que nessas aulas é quase que inevitável né, ééé... abordar essas questões, mas mesmo nas disciplinas de língua, da forma como elas foram viabilizadas, eu creio que sim, há tanto oportunidade pra isso como vontade, disposição de...da... de boa parte assim, não de todos os professores pra abordar ééé essas questões e tenho, pelo o que eu sei, pelo o que eu ouço né dos colegas assim né quando a gente troca algumas ideias eu vejo que eles tem abordado sim ééé questões ééé...relativas aaa.. a temas de... como feminismo ou temas relativos ao estudo de gênero, então eu consideraria que há... há sim abertura né, pra isso.

Camila: sim, acho que existe sim, é um currículoooo... flexível né, embora ele seja um currículo tradicional porque ele é estruturado de uma maneira que vai éé.. que pensa noo... em conteúdos linguísticos pra formação dos alunos né, pensando assim do mais fácil pro mais difícil, isso entre aspas, mas é um currículo linear, não é um currículo espiral né então assim o currículo ele começa com Morfossintaxe, depois vai pra Sintaxe depois vai pra Semântica, depois vai pra Pragmática, enfim vai pelos níveis da língua né ééé... então eu, eu, eu pessoalmente né vejo isso como um currículo tradicional ééé... mas mesmo assim os programas são elaborados pelos docentes né ééé... as ementas já são elaboradas éé.. já, já estão no currículo já estão lá no PPC mas os programas são elaborados pelos docentes, nós, esses últimos nós elaboramos em conjunto eee... com muita discussão, muita reflexão, muito debate sobreee... sobre isso eee... a gente tem muita liberdade pra colocar isso em prática né, então assim tem um programa, tem

um plano de ensino também que eu também posso ééé... trabalhar em cima disso, e aí por exemplo a disciplina de morfossintaxe que é a disciplina que eu sempre leciono é uma disciplina pra a gente falar de línguas deeee... elementos linguísticos né, de aspectos da língua, então a gente começa desde o morfema pra chegar nas classes de palavras, mas essas classes de palavras esses morfemas eles não estão soltos né, então assim a gente contextualiza e vai contextualizar com o que, aí eu procuro contextualizar com textos, coom... é... vídeos, enfim com diferentes tipos de, deeee... de linguagem verbal e não verbal ééé, que sejaaaaa... é, relevante pra realidade dos alunos, então ao invés de eu trazer um texto que vá falar sobre aahn, sei lá aaahhh.. a descoberta daaa.. a fundação da Disney, eu trago um texto que vá falar sobre racismo né que eu acho que é um tema muito mais relevante pra a gente discutir e aí a gente vai ver aspectos linguísticos com relação ao que a gente tá estudando que tá nesse presente nesse texto eee... a gente vai discutir o tema também, né então eu acho que não precisa ser uma coisa ou outra é, as vezes as pessoas acham queeee... que, que a gente ou ensina língua, ou ensina outra coisa, ou ensina... não né, eu acho que a gente pode ensinar tudo, é um ensino integrado mesmo, eu pelo menos assim, como eu trabalho bastante com ensino de gramática pra.. pra eles eu procuro sempre pensar num ensino integrado de forma e sentido e uso né, e esse uso elee... ele prevê um contexto, eee... então eu acho que tem brecha sim pra a gente poder falar de estudos de gênero de feminismo, de novo eu acho que eu abordo superficialmente Isabele, não... não acho que... que o que eu tô fazendo contribui de maneiraaaa... como é que eu posso explicar, não... eu acho que eu não tooo... trazendo teorias sobre isso pra que os alunos consigaaaam... chegar a fazer as suas próprias reflexões assim, chegar mais profundamente nesses temas, eu acho que eu sóóó... pontuo sabe, eu trago pra olha, isso existe gente vamo... vamo ficar, vamo prestar atenção que isso tá aí, vamo... vamo saber né, porque as vezes eles chegam de um ensino médio mesmo que eles são muito jovens, que geralmente eu dou aula pros primeiros períodos, eles chegam sem, seeeeem... saber muito sobre isso, sem ter parado pra pensar, não sem saber claro que eles sabem, mas sem ter parado pra pensar sobre isso, principalmente pra pensar sobre isso na sala de aula né, que esses temas são da nossa vida, não tem como falar que nãooooo... não sabe o que é racismo ou feminismo imagina sabe, mas as vezes não para pra pensar isso na sala de aula né, então eu procuro fazer isso ééé... da, eu acho que o currículo dá chance pra a gente poder pelo menos mostrar que isso existe, mas de novo, acho que não... não façooooo... não tragoo.. uma abordagem mais teórica, mais fundamentada e isso é uma filha, eu vejo isssooo.. como uma falha realmente porque eu acho que eu poderia trazer mais leituras pra eles ééé... aprofundar realmente essa questão né pra que eles tenhaaam... pra que eles tenham mais subsídios mesmo pra lidar com isso né até praaa... pra entender melhor essas questões e buscar ééé... as origens dessas questões, não só é no ensino-aprendizagem né mas trazer mesmo da área daaaa.. da história, da educação, enfim, é realmente uma falha que eu vejo mas... ééé... por outro lado ééé como a pergunta é sobre o currículo né, o currículo não tem uma disciplina sobre isso que seria maravilhoso se a gente pudesse ter disciplinas que a gente pudesse abordar isso de uma forma mais densa com tempo né pra poder ter essas reflexões, e a gente não tem então aí a gente fica né tentando achar uma maneira de fazer e uma maneira que eu acho de fazer é essa, é deeee... de visualizar essas questões na sala de aula, enfim, não sei se eu respondi.

##### **5) Como você entende o feminismo e a igualdade de gênero na sociedade de hoje?**

Manuel: Bom de forma genérica eu entendo como ambos como tentativa de aahn... que todos tenham direitos iguais né, ou pelo menos acesso à possibilidades né que permitam que todos tenham direitos iguais na sociedade assim em relação a tudo, em relação ao trabalho, ao estudo, à acesso, à saúde, à lei né àà... à tudo que.. que todos cidadãos né, deveriam ter acesso.

Camila: eu acho queeee... ééé... hoje em dia o feminismo é a gente, é difícil né, bom eu não sei nem conceituar mas eu acho que hoje eu entendo como uma maneira de valorizar ééé... os direitos das mulheres né que eu acho que a gente ééé... não é defender que, queeee... somos iguais porque não somos, homens são homens, mulheres são mulheres né, temos as nossas diferenças e que bom, mas nós temos os mesmos direitos né, temos as mesmas possibilidades e deveríamos ter, devemos ter as mesmas possibilidades de acesso, de tudo, de ter os mesmos ééé... as mesmas possibilidades mesmo né, então assim eu acho que ééé... hoje em dia a gente pensar no feminismo é a gente pensar naaa...naaa... nos direitos que devem ser garantidos pra todos né, acho queeee... a gente não tááá... a gente não quer pensar assim "aahh isso é coisa de mulher, aahh isso é coisa de homem isssooo... menina não faz isso, menina não faz aquilo" não

por quê? Né, como assim, eu acho que a gente precisa entender ééé... hoje em dia né que não... não tem mais isso que todo mundo pode fazer o que quiser, que a mulher a menina pode fazer o que ela quiser, o menino o homem pode fazer o que ele quiser também né, então assim não tem isso é coisa de uma menina fazer ou então isso é coisa de menino, isso é coisa de menina, nãoooo... então acho que essaaa.. essa igualdade de gênero seria mais ou menos nesse sentido né daaa... da mulher fazer o que ela quiser, ter a profissão que ela quiser e o homem também então assim... é mas principalmente pra mulher que é uma minoria né então não to... a gente, não to... você não tá aqui pra falar dos homens né, tá pra falar das mulheres porque realmente ainda é uma minoria eee... deve ser valorizado ééé... então acho que hoje em dia seria... seria isso tá, seria reconhecer essa... essa importância eee... que muitos não reconhecem e acham que ainda é um... se trata de um mimimi né “aaah isso não precisa, isso não tem” e a gente sabe como isso é importante principalmente na formação de professores pra a gente pensar porque são os professores que vão levar isso pra sala de aula né, que vão lidar com essas questões em sala de aula e vão ouvir dos alunos “aaaah isso que você tá fazendo é coisa de menina” e aí, como é que o professor lida com essas questões né, não sei de novo se eu respondi Isabele, acho que eu falei um monte de coisa e não respondi né, bom você vê aí se não era o que você tava esperando seee... não, não consegui chegar, você me manda que depois eu respondo direito tá? Queee... acho... não sei, ficou confuso né? Desculpa.

#### **6)Você acredita que a mulher enfrenta mais dificuldades do que os homens? Por que?**

Manuel: Sim, com certeza ééé.. até... como boa parte da sociedade né acredita que misoginia, que sexismo, que preconceito não existem né a tendência da.. da parcela dessa sociedade ééé normalizar, naturalizar ééé... certas diferenças, certas desvantagens, certos obstáculos que as mulheres enfrentam em todos os campos né da sociedade, seja no trabalho, na família né, eee... e essas pessoas tendem a achar que isso é tudo mimimi né, então como consequência né, se as desvantagens e os obstáculos né éé.. o preconceito que em, que em muitas situações a mulher enfrenta né, ele é aceito socialmente é claro que como consequência o homem né acaba ééé... tendo vantagem, tendo privilégios né, aahn.. mesmo não sendo enxergados né assim como tal né, mas também novamente sendo... normalizados né, naturalizados, então sim, pra mim com certeza a mulher enfrenta muuuuito ééé... muitos mais obstáculos.

Camila: eu acho que sim, éé... por ser uuum... aaaa... um grupo de minoria né, como tantos outros eu acho que enfrenta principalmente porque a nossa sociedade é bastanteeee... éé... conservadora, tradicional, preconceituosa, machista, então tudo isso acaba influenciando né, eu acho que tem muitas questões que se fosse um homem não aconteceria, entendeu, é assim do mais... das coisas mais bobas deee... até olhares que as mulheres levam, que homens não levam ééé.... até comentários mais maldosos eee... eu acho que sim, que sãoooo... enfim, o nível de dificuldade também pode variar bastante né, tem gente que não... não enfrenta tanto, tem gente que enfrenta mais, mas no geral né, to dando uma resposta bastante generalizada, eu acho queee... é mais difícil você ser mulher sim, até pra você se vestir, o homem pode por a roupa que ele quiser, no geral né, a mulher não, porque dependendo da roupa que ela colocar ela vai ser julgada, o homem as vezes pode fazer, pode comer, beber, pode fazer o que ele quiser, a mulher as vezes não porque ela também vai ser julgada então assim, em termos de julgamento eu acho que isso existe muito mais pro lado da mulher, mas de novo, porque a sociedade ééé... é conservadora, tem ideias ultrapassadas do que pode ser feito ou não entendeu eee... ééé... e eu acho que é isso assim então falando de uma maneira bastante geral né.

#### **7)Por que perguntam em algumas entrevistas de trabalho se a mulher tem filho?**

Manuel: Bom, eu gostaria muito de acreditar que essa pergunta é feita pra pensar pra que a empresa né, o contratante estivessem pensando nos benefícios que ele ou ela iria disponibilizar pra mulher né, creche, auxílio maternidade, etc.. Mas infelizmente na verdade eu imagino que na.. quase totalidade dos casos essa pergunta é feita praa... como critério pra definir se a mulher vai ser contratada ou não, né, porque, via de regra a mulher com filhos né teria menos disponibilidade vamos dizer assim pra empresa, eu acho que esse é o raciocínio que... éé... boa parte aí né, desenvolve em relação à mulher com filhos, infelizmente rsrs

Camila: eu acho que é porque tem aquela ideia de que o filho... a mulher que tem filho ela não vai seee... dedicar completamente ao trabalho então né tipo isso pode atrapalhar, eee... prum homem não porqueee... isso não é perguntado pro homem porque se o filho fica doente aaah não a mulher que vai cuidar né, se o filho não tiver bem, se acontecer alguma coisa com o filho, quem vai ficar é a mulher, não é o homem, então isso não vai atrapalhar né o serviço do homem, o trabalho do homem, e pra mulheres pode ser uuuumm... um obstáculo vamos dizer então por isso que isso é questionado né, eu imagino assim na maioria dos casos que é assiiiiim... não é pro lado bom entendeu, aaaah que legal olha você tem filho, você pode ter uma sensibilidade maior porque você cuida de... de criança, porque você tem uma outra pessoa que depende de você, não, as vezes assim aaah você tem filho, aaah que coisa né pode te atrapalhar, isso pode ser um uumm.... empecilho pra você no seu emprego né, né.... nessa visão eu acho que é, que é por isso que eles questionam, ééé... e isso tá relacionado com a questão anterior que você fez né, da dificuldade das mulheres que pra conseguir um emprego isso pode ser uma.. uma dificuldade maior do que pra um homem né, porqueee... isso pode atrapalhar ééé.... a mulher não conseguir um emprego ou enfim manter o seu emprego as vezes né até se a mulher já tá trabalhando e ficou grávida, poxa olha só ficou grávida né, pode ser um , pode ser uma problema vamos dizer assim pro empregador.

### **8) Você já sofreu sexismo?**

Manuel: Agora você me.. me pegou, eu não... eu não sei se o que eu vou descrever teoricamente se encaixaria como sexismo, mas eu vou arriscar e vou dizer que sim, e aí né, porque éé... por conta da minha orientação sexual, como eu sou éé, homossexual ééé...eu sinto sim que... ahn.. em muitos momentos, muitas situações aaaahn...euuu.. recebo ummm... tratamento diferenciado ou ou.. éé.. as pessoas é, as pessoas assumem éé...certas éé... chegam a conclusões vamos dizer assim em relação a minha vida, seja profissional ou principalmente a pessoal pelo fato de eu ser homossexual ou pelo fato de eu agora estar casado né com um homem ééé... pra dar um exemplo, por exemplo ééé... as pessoas assumem, por exemplo, que eu não vou ter filhos né, ou no máximo se eu desejar ter filhos que eu, que eu vou adotar né...ééé... elas meio que assumem quase que sou.. ééé... ééé... que eu não sou biologicamente capaz de gerar um filho né, e que não haveria uma outra forma de eu ter um filho que não, que não fosse via adoção, esse é só um exemplo de vááárias outras situações, seja na vida pessoal ou profissional que as pessoas chegam à conclusões da minha vida né partindo do princípio ééé... tomando como ponto de partida aahn... ééé... é... a vida ééé...ééé... a visão de vida que eles tem né, hetero.... heteronormativa então, não tenho certeza de não...é... como disse no início, não tenho certeza se isso se encaixaria como sexismo, mas pelo tratamento diferenciado em muitas situações eu arriscaria dizer que sim.

Camila: Se eu já sofri, pouco assim eu acho que enfim, já claro eu acho que toda mulher já sofreu é que as vezes a gente lida com isso de maneiras diferentes ou as percepções também são diferentes maaas... eu me lembro de quando eu trabalhava numa escola de idiomas eu era coordenadora e coordenadora pedagógica, a dona era uma mulher, a coordenadora financeira era uma mulher, eu mulher então assim aaa... direção da escola era na mão de mulheres né e a gente percebia as vezes alguns comentários dos professores ou até de pais que eram com relação a isso sabe eee... eu lembro que um professor chegou pra mim um dia, quando ele tava saindo já da escola ele veio conversar, agradecer por...pela oportunidade e tal e ele falou aaaah foi muito legal trabalhar com você e eu devo confessar queee... que no começo eu fiquei bastante receoso por você ser mulher, ele verbalizou isso, ééé mas você... é muito competente, então assim, mas você é competente entendeu, mas, por, apesar de você ser mulher você é competente, foi bem assim o discurso dele, eee... mas esse foi o caso assim que eu sofri, não que eu sofri né que aconteceu, não foi o sofrimento, nem liguei, que aconteceu explícito, mas acontecem muitos outros casos que não são explícitos né, eu acho que a maioria são olhares, são comentários, indiretas que... que acontece sim.

### **9)O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES em relação a temas como feminismo e igualdade de gênero?**

Manuel: Isabele não sei se eu entendi essa última pergunta muito bem... ééé...é o que exatamente que você tá querendo saber? Se existe diferença ééé... na forma em que o ensino

público e o e o ensino privado abordam aaah... as questões como feminismo e igualdade de gênero? É isso? Só me esclarece pra eu ver se é isso mesmo.

Isabele: Seria o entendimento que você tem de forma geral mesmo, se você acha que aborda, se você acha que tem diferença ou não se... essas coisas... se você acha assim...que é mais pela heteronormatividade, sem tem liberdade pra falar dessas coisas ou não...essas coisas mesmo.

Manuel: Eu teria dificuldade éé.. assim tenho dificuldade em responder essa pergunta porque eu conheço muito pouco o ensino privado eu humm.. nunca atuei no ensino privado e tenho pouco contato com pessoas que atuam, então de fato eu não sei dizer se há... diferença né, não tenho dados pra.. pra julgar isso ééé... pelo pouco que já ouvi imagino que há éé... em determinados contextos de empresas particulares, escolas particulares ee... de faculdades particulares há um certo controle né eu já vi algumas.. alguns relatos de pessoas que atuam em escolas assim religiosas né e que são impedidas de de de tratar de questões como essas, mas assim são alguns poucos relatos individuais eu não sei dá pra generalizar né... mas é oo... é o que eu sei dizer, então baseado nesses poucos relatos eu poderia arriscar dizer que talvez no ambiente público né, na escola pública, nas universidades públicas talvez houvesse um índice maior, um nível maior de liberdade pra abordar questões relativas a gênero éé... questões relativas ao feminismo, mas é como eu disse né, eu tenho como...pouco...pouco dado pra avaliar isso.

Camila: Sobre a questão do ensino e a abordar os temas como feminismo e igualdade de gêneros eu acho que no ensino privado é mais complicado conseguir fazer isso né porque as vezes a direção não permite, os próprios pais que ainda ééé... por pagar a escola eles encaram aaaa... essa educação como mercadoria né, como ter posse disso, então assim to pagando pra você não fala isso com os meus filhos ou pra você fazer isso com os meus filhos né, então eu acho que no ensino privado existem algumas limitações que muitas vezes no público não, que não também que no público possa ser feito o que quiser, não é isso, mas é que as vezes não tem ééé... essa pressão ou essa... esse controle né que eu não sei, eu não posso te falar no espírito santo, eu tenho pouco conhecimento aqui, mas de escola privadas de São Paulo quando eu trabalhava lá, eu trabalhei bastante tempo em escola privada de idiomas ou escola regular mesmo ééé... a gente não podia praticamente nada né... ééé... muito menos abordar temas ééé... entre aspas polêmicos, então assim até pra... pra poder levar um filme, uma música tinha que conversar com a direção, explicar o porque de estar levando esse tipo de recurso e não ta seguindo o livro né porque tinha que seguir o livro, não era pra, não podia sair do livro de maneira alguma ééé... então eu imagino que aqui também seja assim, pelo o que os meus alunos comentam, pelo o que as pessoas que estão envolvidas com... com essa área comentam, mas eu, eu mesma nunca fui, nunca presenciei pra poder falar né.

#### **10)Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?**

Manuel: Bom, éé...partindo do princípio né que o sistema educacional, a escola né e a universidade elas não só né pertencem éé.. a... ao público né, a sociedade, e que elas respondem, elas interagem com a sociedade, mas elas também são propositivas né em relação aaa... a transformação da realidade então.. então partindo desse princípio eu diria que ééé... é essencial né abordar estes temas e vários outros né principalmente esses que dizem respeito à questões relativas aa... a... à preconceito né à... à naturalizações, pra que de fato haja uma éé.. possibilidade né ou pelo menos uma esperança de mudança num.. num cenário futuro né éé... a gente como educador, como professor, éé... a gente quer né acreditar no poder transformador da educação, e pra que se mude né, éé.. pra que a realidade mude a gente tem que falar sobre esse assunto né, a gente precisa abordar as questões, problematizar, discutir e não né... jogar as questões pra debaixo do tapete né, então é trazer pra sala de aula né, dar voz não só né.. é... não só falar sobre assuntos mas dar voz pra que humm.. éé... os alunos, os estudantes né possam também falar, perguntar, interagir né, só assim eu acredito que há possibilidade de tentar pelo menos reduzir né o impacto da...da falta de conhecimento do desconhecimento de questões tão importantes pra pra pra...pra sociedade e pros indivíduos né que, que compõem ahh éé.. essa sociedade, acho que é isso.

Camila: nossa total, tem total relevância isso tem que ser abordado, são temas que... que estão presentes na nossa vida né assim se a gente quer éé... ter pessoas mais com relações mais humanas né, éé.. de respeito, de tolerância, enfim tolerância nem precisa, se você não tiver respeito você não tem tolerância né, o respeito jáá... já engloba isso, então eu acho que esse plano tem que fazer parte sim dos cursos da universidade, das escola, des dos pequenininhos até sempre, ééé, como fazer isso já é mais complicado porque eu acho que aí a gente tem que também considerar todos os contextos eee... e todos os envolvidos nesse contexto né, éé.. muitas vezes a gente não pode fazer isso de uma maneira explícita mas a gente pode fazer as vezes só de você, ééé... sei lá levar um texto sobre isso, eu vejo por exemplo no idioma sem fronteiras que o foco é preparar alunos pra internacionalização, ok, mas a gente pode levar temas, a gente pode levar textos sobre essa tema em uma aula que seja de escrita acadêmica entendeu, o foco é trabalhar escrita, mas o tema pode ser um tema relevante pra nossa sociedade né, pra praaa... pras pessoas, ééé... então é extremamente relevante, necessário e importante que isso seja feito sim, com certeza, eu espero ter respondido Isabele, se tiver mais alguma coisa que eu possa fazer.

### **11)Quais são os problemas que, ao seu ver, a mulher ainda enfrenta na sociedade de hoje?**

Manuel: Noossa... são tantos né, até difícil de.. de enumerar né, nós hmm... eu diria principalmente em relação ao trabalho né, pelas questões.. por haver menos oportunidades né, por haver diferenças salariais, por haver diferença de tratamento, de oportunidades nesse campo né, então eu acho que no mundo do trabalho a mulher sofre um impacto muito grande né, em termos da família também porque em geral né mesmo com algumas mudanças né, a gente costuma dizer que as coisas estão melhorando mas a mulher costuma né acumular ééé... as tarefas da casa né mesmo quando ela.. quando ela é casada né, no casamento heterossexual, muitas vezes o homem no máximo né ajuda né, sendo que a mulher que de fato toma frente e.. e que acumula aa... as tarefas ee na sociedade como um todo né, eu acho que em relação à violência né, os tipos de violência a que a mulher está exposta são muito mais ééé variados né, diversos né eee...eee... afetam a mulher com muito mais profundidade que se você pensar em relação ao homem né, ééé.. em tudo né, seja no transporte público né éé... com a questão do assédio né eee.... em todas as outras esferas né, eu acho que as mulheres tão muito mais ééé...propensas aa... a... aa...à violência né, a serem... a serem submetidas à violência e conseqüentemente né ééé... de terem um impacto disso né, nas suas vidas ééé...pessoais, no seu... no seu mundo... na sua esfera psicológica né, ééé... então eu, com certeza eu acho que são várias esferas se não todas, quase todas né éé...éé... que a mulher enfrenta problemas, mais muitos mais, muito mais problemas que o homem.

### **12)Você já se deparou com alguma situação de machismo ou preconceito envolvendo gênero? E em sala de aula?**

Manuel: Jááá, inúmeras né, incontáveis aaah... dentro da minha própria casa né o meu pai que já falou isso a muito tempo que era um... é um homem muito machista né...é... não... não somente em relação à forma né que ele queria tratar né, nem sempre ele conseguia porque minha mãe sempre foi uma pessoa muito assertiva, mas como ele queria traba... ele queria tratar minha mãe ele queria por exemplo que minha mãe não trabalhasse fora né, porque... não era coisa de mulher respeitável naquela época ele achava né eee.... e em relação a muitas coisas ele também não fazia nada dentro de casa, ele achava que as tarefas da casa, que os filhos eram todos né, eram todos apenas, eram todos obrigações da mãe...da minha mãe que também trabalhava fora né, então ele só deveria trabalhar fora e minha mãe era vista como responsável por todo o resto, pela casa, pelos filhos né e tudo mais eee.... e em diversos outros momentos da... na... na minha vida né.... ééé... na adolescência, na juventude presenciei N situações de pessoas próximas ou não tão próximas que vivenciaram problemas com membros de família, com amigos, com conhecidos que.... que sofreram né ééé... foram vítimas de machismo, de preconceito ou até de misoginia ééé... em sala de aula aaahn... eu acho que nada assim muito grave, nunca, assim, nunca presenciei algum tipo de situação que levasse assim à briga aaaa... a conflito muito.. muito né... muito grande, mas assim a gente percebe né... na... no dia a dia né, a gente percebe situações em que ééé... assim as vezes mais ou menos veladas em que os alunos né, éé... tratam as alunas de... de... de maneira diferente ou acham que tem mais direitos de voz, de fala, ou que tem mais conhecimento né... é... pra se posicionar do que mulher, é uma coisaaaa... as vezes velada, as vezes talvez nem tão, tão consciente mas a gente percebe isso né, mas

nunca presenciei assim... nenhum tipo de conflito muito exacerbado, vamos dizer assim em sala de aula né...

**13)Quais dificuldades você acredita que mulheres ainda sofrem diariamente apenas por serem mulheres? E homossexuais?**

Manuel: Ééé... eu acho que éé toda, todo tipo né, desde as mais simples, as mais banais né, como... receber um tratamento diferenciado ééé... huummm... serviços né, na... que você contrata né, ééé... desde coisas mais graves como eu relatei anteriormente, perda de oportunidades de emprego, à sofrer, à estar vulnerável à sofrer violência à crimes né, eu acho que ééé... as dificuldades tão inerentes assim à condição, a mulher né, a condição de ser mulher e aos homossexuais eee... que tá.. é... inerente à questão de ser homossexual, eu acho sim que não... praticamente todas as situações ééé... essas pessoas vão ééé... enfrentar mais obstáculos do que o homem ou em outro caso que o aah heterossexual, eu não consigo veer praticamente situação nenhuma né do jeito que a nossa sociedade está organizada e do jeito que a sociedade naturaliza né o preconceito eee... boa parte né, não é todo mundo, mas uma parte muito grande da.. da sociedade fala que isso.. que homofobia, que misoginia, que sexismo é mimimi né então éé... acha assim natural que faça... façam piadas né, que você assiste na televisão piadas em relação né, sexistas né com a mulher o tempo todo, a exploração né, a objetificação da mulher na.. na mídia o tempo todo..piadas também em relação a homossexuais, então assim eu acho que ééé... é até difícil fazer essa distinção em que... difícil pensar em que ocasiões, onde né, em que situação a mulher, as mulheres e os homossexuais não enfrentam mais dificuldade, é, pra mim é praticamente em tudo.

**14)Você já presenciou alguma situação de agressão ou preconceito contra algum homossexual? Ou conhece alguém que já passou por isso?**

Manuel: Inúmeras vezes né... inúmeras vezes né até pela minha orientação sexual né...é... tem muitos amigos sempre desde adolescência, tive muitos amigos homossexuais num é, gays e lésbicas ééé... eee... presenciei várias vezes, membros da família, tive amigos que foram aahn... expulsos de casa.... tive já, amigos que já sofriram agressão física ééé.... na rua, tive inclusive um amigo né na época da adolescência que chegou a levar uma facada né... na rua éé..por...simplesmente pela condição de ser homossexual né, eee...aa, preconceito o tempo todo né assim, eu já sofri preconceito mais velado, menos velado éé.. acho que já perdi oportunidades na vida e conheço várias pessoas que perderam oportunidades né profissionais na vida por conta da.. da.. da orientação sexual, então assim já muitas, muitas assim.. já já pude.. já já ajudei, já acolhi pessoas né como eu disse que foram expulsas de casa .... ou que sofrem muito né hmmm que as vezes até em situações de depre... quase depressão ou de depressão por conta do, dos pais né acharem que o filho é peccadoor... que o filho ééé... hmmm... não merece viver né... situações, já presenciei situações de muita violência assim... muita violência eee... de muito sofrimento por parte dessas pessoas, infelizmente né, presenciei tudo isso.

**15)Que medidas que você acha que poderiam ou deveriam ser tomadas para diminuir as agressões e preconceitos contra mulheres e homossexuais?**

Manuel: Eu não vejooo... muito mais além dee... éé... de educação, lógico que deve haver uma legislação básica né, que garanta ééé... igualdade né direitos iguais pra todos né que de fato assegure isso, não só um princípio vago né, abstrato, mas que na prática leve essa igualdade, que assegure igualdade né em relações à questões de raça, gênero, orientação sexual etc, mas pra mim né... na... pelo menos na nossa realidade brasileira num é somente a lei néé... a lei sozinha não vai assegurar não vai mudar grandes coisas né, não vai levar mudanças né, acho que pra realmente levar à diminuição é necessário éé...ahhnn.. é necessário éé... educação, é necessária a conscientização, campanha de conscientização e educação né, tanto na escola né no..na na... no ensino superior né humm, no sistema formal de educação quanto na.. na sociedade, na mídia né ahhh é.. só... pra mim somente, realmente pela pela educação, pela conscientização é que a gente vai conseguir diminuir, a lei lógico né ela assegura direitos e pode ser usada, deve ser acionada nos casos né em queee... éé... realmente as pessoas são agredidas, violentadas, mas pra realmente ter mudança éé de... nas estatísticas eu acho que realmente só com educação e conscientização.

**16)(Caso a entrevistada seja mulher) Você sofre algum medo que você acredita que aconteça pelo único fato de você ser mulher?**

**17)Por que algumas pessoas entendem o feminismo como um movimento agressivo ou como algo desnecessário?**

Manuel: Hmmmm...num... num tenho certeza, mas talvez tenha se éé.. isso se dê pelo fato de uma imagem né, um estereótipo que foi consolidado pela mídia, pela repetição né de que feminismo ééé... feministas são aquelas mulheres quee... vão pra rua e queimam sutiãs né... que mostram, que ficam nuas na rua como forma de protesto e que são pessoas que querem ser mais que os homens, que querem ser... ter o comportamento que os homens tem em relação às mulheres, simplesmente inverter os papéis, quando a gente sabe que num é nada disso né, não se trata disso né, eu acho que a maioria das pessoas não consegue entender que se trata de igualdade né se... se trata de desnaturalizar essas diferenças que a sociedade criou né, e de fato estabelecer igualdade possibi... possibilidades né iguais para o.. para os gêneros, acho que se houvesse né, se as pessoas pode... conseguissem se libertar desse estereótipo, dessa imagem estereotipada que eles tem do que é feminismo, do que é ser feminista e entender assim realmente qual é a essência né, eu acho que po... isso poderia ser diferente né, eles poderiam aaah... entender né que de fato é necessário sim falar sobre isso, é necessário sim tomar medidas éé, em relação à isso, legais inclusive, eu a... eu penso que seja muito isso aah... essa imagem, essa visão deturbada que eles tem que foi consolidada aí desde muitas décadas né.

**18)O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?**

Manuel: Não sei, explica melhor essa pergunta, não entendi.

Isabele: seria no caso assim se você tem alguma sugestão...alguma questão que seria importante incluir... alguma...algum tema pra debater... alguma coisa nesse tipo.

Manuel: Não sei... não sei Isabele ahhn.. não sei se eu teria uma sugestão assim né hmm a gente falou um pouquinho sobre seu trabalho mas não.. num sei se eu conheço a fundo pra chegar a ter alguma né, fazer alguma proposta, me vejo um pouco desqualificado pra isso, mas fico só curioso, não chega a ser uma proposta, fico só curioso assim se você vaai... abordar no seu trabalho né oo... a diferença em relação a essas questões que você me apresentou, a diferençaaaa... nas respostas advindas de mulheres e de homens, se você vai considerar isso assim em algum momento porque é uma curiosidade que me dá assim né sabe, será que né existe uma diferença significativa na ahn na forma em que os homens e as mulheres né que você vai entrevistar no caso né, tratam desses assuntos, veem essas questões na sociedade né mas é mais uma curiosidade do que uma.... uma sugestão viu?

Isabele: então eu tenho vontade de fazer isso sim dependendo daa... coleta de dados né, do resultado que der, se der muita diferença eu com certeza vou falar sobre isso, vou analisar isso.

## **ENTREVISTA COM ALUNOS DA UNIVERSIDADE**

**1)Como foi a sua formação como estudante nesta universidade?**

Alunos Literatura:

Bruna: Olha sinceramente pelo o que falam da Universidade tá tão ééé... abandonada sucuciada foi até, foi bom, foi boa a formação até agora eu consegui aprender muita coisa em muitas matérias, mas teve algumas matérias queeee.... a gente num... eu não sinto que eu não aprendi nada de... acho que depende muito do professor e do tipo de aluno eeeu.... a gente... a gente em letras inglês teve alguns professores queeee.... não conseguiram transmitir pra a gente muito bem ooo.... a matéria, não conseguiram nos ajudar aaa... aprender, maaas... mas outras matérias, principalmente as de literatura éé... foram aahn... foram muito boas ee.. produtivas, a gente.. eu acho que a gente também pode ver, pelo menos eu pude ver o que o curso de letras

inglês tem a oferecer e é muita coisa, não é só... dar aula ééé... principalmente em literatura a gente aprende aaa... a interpretar melhor e, cada matéria eu acho que tem, tem um ponto positivo como as matérias que a gente aprende criticidade... então acho que... como linguística aplicada também, mas algumas matérias, alguns professores não foram muito bons mas ahn, mas no geral aaahn... foi muito bom aah.. tipo no geral foi muito bem aproveitado.

Giovane: a minha formação foi bastante produtiva, eu acho queeee... que o espaço da Universidade é um lugar que... que a gente aprende bastante né, a estrutura em si, as aulas foram bastante éé... produtivas no sentido queeee...eu pudeee... observar mais ééé... o que é educação, éé entender mais éé sobre ooo... o mundo né, do curso letras inglês que não é somente sala de aula né mas, é muito além da sala de aula, tem pesquisa, tem outras áreas de trabalho também, e assim minha formação foi muito boa, no geral, ééé... nem todas as matérias assim foram... foram 100% pra mim mas no geral foi bastante produtiva a minha formação.

Elena: Eu ainda estou em período de graduação.

Thalita: Até agora tem sido normal, mas eu confesso que quando eu entrei em 2015 eu esperava um curso totalmente diferente, maaasss.... até agora, depois de ter continuado o curso eu tooo... eu to bem satisfeita, eu to feliz cooom... com o que tá acontecendo.

Cesar: eu acho que a minha formação tem sido boa maaaas... eu acho que a universidade, o curso de letras inglês ele tem áreas muito fortes como a linguística aplicada, morfossintaxe, sintaxe etc, essas áreas só que algumas outras áreas como a área de educação eeee.... e algumas outras áreas também não são muito relevantes pra minha formação como professor.

Poliana: Boom.. minha formação...foi ééé... foi inserido na gente, foi mostrado pra gente uma coisa que eu nunca tinhaaa... estudado, nunca ouvido falar essa questão do letramento crítico né, o pensamento crítico sobre tudo e essa coisa da... do letramento crítico é durante todo curso, ééé a questão dooo.... a gente viu muito o curso baseado em Paulo Freire né, essa questão da... da liberdade, da educação, de trazer a realidade pra sala de aula, então muita coisa legal que eu vi éé... eu.... não é a primeira faculdade que eu faço então... ali na Universidade é a segunda né, eu fiz o curso de Artes, que pra mim foi muito desorganizado então a minha formação se deu dentro de um curso que eu achei até muito organizado de uma boa comunicação entre todos os... os... como é que se diz? Não os períodos mas em todas as hierarquias ali dentro, uma boa comunicação do Portal Aluno com a gente, com qualquer coisa que aconteça, nesse ponto foi tranquilo, éé... o fato de ser uma licenciatura e eu já tinha dois bacharelados eu não sabia bem o.. a função de uma licenciatura né então ali a gente aprendeu a ver essa questão do que é uma licenciatura, tá estudando né pra ser um professor, pra se formar um professor, aprendemos muito a diferença entre professor e educador né, então muitos ali não são educadores, não sentem isso, e eu aprendi que eu sou uma educadora eee... mas ao mesmo tempo eu vejo que tem muitaa... primeiro, nosso curso ali ele acaba sendo muito puxado no lado da literatura e muito pouco pra prática né de ensino pra vida mesmo, como a escola pública ou coisa assim até mesmo pro mercado né, de inglês no meu caso então eu acho que podia ter alguma mudança nessa formação ali... Mais pra vida né, mais pra realidade, acho que isso que acontece na maioria dos cursos né, você se forma e acaba no fundo se você não.. não entrar na área antes, eu até tive a vantagem de já estar trabalhando bem antes de... de começar a faculdade, mas a gente só tem a experiência prática mesmo nos últimos anos do curso que é Estágio 1 e Estágio 2 eee....eee.... e é muito ruim a gente chega muito imaturo, muito aluno mimado entendeu? Que chega ali no final eee... e não sabe muito bem o que que ta fazendo ali, e muito desencontro eu acho entre o que se fala e o que se pratica eu acho, no sentido de muitos professores ali, na questão de alguns professores que pregam uma coisa mas na prática fazem outra principalmente nesse... essa questão do letramento crítico aí, ou professores queeee... quando você começa a trabalhar isso na prática eles se sentem um pouco incomodados né, é complicado, mas enfim, minha formação ta beem... digamos assim, que foi éé... um curso muitooo... que demanda muito tempo, muuuita dedicação e é difícil pra quem trabalha e tem que estudar, é um curso que mesmo sem você trabalhar você passa um sufoco danado pra conseguir dar conta da demanda de trabalhos e de leituras e de tudo que é pedido, então éé... um pouco complicado é isso que pesa na minha formação foi o que me atrasou inclusive porqueeee... eu acho um pouco deeee... desencontro também entre o que o mercado nos oferece pro professor de inglês que trabalha como horista, então pra ele ganhar um salário minimamente digno ele precisa de trabalhar muitas

horas e se ele trabalhar muitas horas ele não consegue estudar muitas horas o que acaba atrasando a ele e a universidade não leva isso em conta entendeu? No planejamento de estudo dos alunos, principalmente no curso de letras inglês, e eu acho que tem que levar, enfim é isso.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: complicado, é difícil deee... se organizar pra fazer os trabalhos mas as provas em si são muito difíceis não.

Brenda: a mesma coisa rsrsr ééé... tá tranquilo por enquanto, só o que pega é quando eles passam muito trabalho todo mundo junto que a gente fica nessaaa... correria.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: pra mim a maior dificuldade é o inglês porque eu num... entendo bastante assim mas não o suficiente pra captar tudo que é dito em sala de aula então em alguns momentos isso pra mim é ruim porque se eu não entendo como é que eu vou desenvolver né, aí eu tenho que pedir aos colegas ajuda.

Myrella: ééé... as principais dificuldades que tem como estudante aqui é a dife... a diversidade econômica dos estudantes que acabam infiltrando na sala de aula, você acaba dependendo deee... fatores externos pra poder conseguir tra... fazer trabalhos éé.. provas e tais porque nem sempre todo mundo tá a disposição, nem sempre ééé... tem tempo pra fazer aí você éé... não, não pode depender muito dos outros ao mesmo tempo que tem que fazer trabalho em grupo ééé... eee... aaaa... as vezes muito trabalho pra fazer junto ao mesmo tempo ééé... provas com conteúdo, no caso do nosso curso de Letras Inglês se você não é fluente ainda você... acaba precisando usar éé.. ajuda externa pra poder conseguir entender algumas coisas e tal, mas de resto ééé... é tranquilo, até agora tá legal.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: olha tá sendo muito difícil pra mim, sinceramente porque ééé... eu achei que seria, na verdade eu não sabia o que eu ia pensar sabe só que aí veio o primeiro dia que veio tudo aquele mar de flores assim, aí foi indo devagarzinho, agora a gente... a gente não, eu, não tenho tempo pra fazer nada, tô em... tô atolada de trabalho, não sei por onde começar, por onde terminar porém as provas tá sendo de boa, menos latim que eu acho que eu tô deixando isso claro pra todo mundo que eu não consigo acompanhar essa matéria, eu não vejo utilidade nessa matéria mas... de... as provas em si tá bom, tirando o latim, agora os trabalhos tá muito difícil.

Samuel: então, eu tive meio que um choque quando eu cheguei aqui por causa que eu achei que eles iam ensinar inglês mas não... não... já começaram falando tudo e dando textão eee.. mas até que eu me virei bem porque eu já tinha um conhecimento maior de inglês antes, eu fiz um curso pelo estado eee... agoraaa... tá complicado a questão de trabalhos porque é muita coisa pra fazer, as provas até que não são muitas, a gente só fez três até agora, então é mais coisa de estudar mesmo essa questão de trabalhos e textos que são grandes.

## **2) Sobre sua formação acadêmica, em algum momento foi abordado o tema igualdade de gênero ou feminismo em sala de aula?**

Alunos Mário - Literatura:

Bruna: Foi muito abordado na maioria das aulas a gente discute sobre isso porque acho que... a maioria dos professores né eles acham muito importante éé em pontos mais literatura também a genteeee... discute muito sobre isso ééé..em.. em.. na criticidade mesmo aahn... algumas matérias com relação crítica também a genteeee... discute isso mas é mais nas aulas de literaturaaa.. quando a gente vai analisar um teexto... e aparece isso eee... a gente... a gente sempre... quando a gente vai ser crítico né a gente pega éé coisas que a gente considera importantes então acho que a maioria dos professores falaram sobre isso, sobre femiiiiiiiismo... éé... até mesmo racismo, coisas maaais... aaaaahn polêmicas assim vamos dizer, então foi, e foi muito bom pra falar a verdade as, os alunos eles participaaam... dão opiniãoooo... eee... a gente sempre sai da, da, da sala acho que, da aula com a cabeça mais aberta.

Giovane: Assiiiiim.. éé... igualdade de gênero e feminismo são dois temas bastante recorrentes naa... nas aulas de literatura éé... tipo... tem bastante, a gente vê bastante éé.. trabalhos que contém né temas que a gente pode , que podem ser discutidos feminismo e igualdade de gênero ééé... no geral é o.. são dois temas que.. que são bastante levantados durante as nossas aulas, mais pela diversidade que tem na nossa turma também que não é aó tipo né, é uma turma que a gente considera bastanteee... diversida.... diversa assim que não tem só sei lá, num é uma turma padrão digamos assim, é bastante diversificada, ééé então são dois temas assim que a gente gosta sabe, a gente discute bastante eee... por exemplo tem uma aula de é.. uma aula que a gente teve hoje dee... de literatura que... literatura americana queeee... a gente até discutiu sobre feminismo e um.. e um... feminismo não, machismo, a gente discutiu sobre machismo é em um... em um texto e foi bastante, bastante interessante assim, a gente discutiu sobre contexto histórico né tipo o que que é o machismo tipo no contexto né, queeee... mas é isso, assim, a gente discute bastante, são dois temas que a gente gosta bastante de discutir.

Elena: Diversas vezes, principalmente nas aulas de literatura, com autoras feministas.

Thalita: Sim, desde o primei... desde o meu segundo período na verdade ééé.... eeemmm... em psicologia, agora nas aulas de currículo tá sendo bem abordada essa questão de feminismo, igualdade de gênero, pra conscientizar a gente mesmo na sala de aula.

Cesar: no começo do curso a gente nãooo falava muito sobre isso eu acho que por causa das matérias mesmo, só que quando a gente começou as matérias de literatura a partir do quinto período ééé... os professoreees, uma boa parte dos professores comentam sim sobre igualdade de gênero e feminismo na sala de aula como é aula de literatura a gente fala muito de história né, entãoooo... esses assuntos são bastante abordados sim, eu acho super relevantes porque me faz refletir o meu papel... o meu papel de homem na sociedade, no privilégio que eu tenho sendo homem eeee.... ajuda também a desconstruir algumas pessoas né que as vezes não tem o pensamento tãoooo.... aberto.

Poliana: então, pra falar a verdade que eu me lembre isso foi abordado só agora no...nos períodos... foi agora na turma do sétimo período que a gente viu a literatura moderna né, teve... inclusive com o professor Mário Simões né, que foi a Victoriana, a literatura britânica moderna e a literatura... éé... britânica da era victoriana, esses dois, essas duas literaturas abordaram a questão da igualdade na , na escrita né das mulheres escritoras, o início do feminismo né das ééé... ai meu Deus como chamava, as sufragistas e tudo, foram temas maravilhosos que a gente viu, a luta das mulheres, algumas histórias, inclusive na, até na literatura americana do períodooo... do realismo com a Laura a gente também viu, a gente leu o livro awakening né que fala dooo... do sufocamento que a mulher sofre na história e no fim ela acabou no suicídio dela porque por mais que as mulheres lutassem né acabavam sempre ou no suicídio ou acabavam ééé.. desistindo né de suas vidas ou acabavam por entrando num mundo que a sociedade impunha a elas né e oo... a outra história que a gente viu foi o awakening... foi... ai gente... bom, enfim né, foi mais isso mesmo, esse éé... nesse, nesses últimos períodos no... durante toda a faculdade sinceramente não me lembre de ter sido abordado absolutamente nada disso aí, inclusive agora foi tudo agora no sétimo período na... na disciplina de estágio, mas foi porque nós tivemos a opção de escolher um tema único pra trabalhar a criticidade né, na na... sala de aula e eu e minha dupla acabamos escolhendo o feminismo pra trabalhar com os alunos né, então nós fizemos planos de aula de writing, listening, Reading and speaking tudo baseado noo... no feminismo, na questão do, do gênero né, das brincadeiras, dos estereótipos, esses tipos de coisa, mas foi tudo agora no sétimo período ééé... vimos também éé... uma história dooo... das literaturas aí que a mulher ela lutou cotra o feminismo, lutou, lutou e no final ela acabou se casando e teve essa do awakening que ela abandonou o marido, éé.. ela não ligava muito pras crianças, ela tinha os amantes e tudo mais né, elas fazia sempre as mesmas coisas que qualquer homem faz né, até hoje, então isso aí foi uma crítica grande mas no caso ela acabou se suicidando, aaah a outra história que eu queria contar eu esqueci, mas por enquanto deixa isso mesmo.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: Já.

Brenda: Já?

Beatriz: Já, num foi? Na aula da Cláudia...

Isabele: E como foi?

Brenda: Ué...pera deixa eu lembrar, ela passou texto, ela mandou a gente ler umas poesias e não todas falavam sobre mas tinha algumas sim.

Isabele: e foi só na aula da Cláudia?

Brenda: Pelo o que eu me lembro sim.

Beatriz: Na sua aula, que eu me lembro foi na aula extra sua, a Isabele.

Isabele: só na minha aula?

Beatriz: que eu me lembre só.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: já, na aula da Cláudia, na aula de psicologia a gente abordou, na sua aula quando você foi e passou os vídeos pra gente, acho que as vezes a gente acaba até conversando entre si uma coisa ou outra, uma situação específica, mas assim é bem espontâneo, nada... é bem pontual.

Myrella: é, a aula que mais falou no caso da igualdade de gênero fooui... psicologia né a aula que a gente tava fazendo discurso deeee... discurso de texto e tal falando sobre bullying e essas coisas, a gente acabou citando um texto sobre isso, e na aula de.. da claudia e na aula que você participou que falou muito sobre feminismo e muitos movimento que tão acontecendo agora.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: na aula de Cláudia que ela sempre... traz ééé... textos assim pra ééé... que tem a ver com a matéria dela e que são textos bem interessantes assim, na aula de psicologia da educação ele também traz diversos textos aí a gente fa... lê e tal aí é.

Samuel: é, é igual ela falou, na aula da Cláudia, na aula de psicologia e eles falaram da sua aula mas eu não fui então mas teve também eee... inclusive meu lesson plan da Cláudia vai ser sobre pronomes eee igualdade de gênero, a gente vai discutir aaa... a questão dos pronomes embutida nessa questão de gênero ainda agora com transgênero, com a questão de qual pronome usar, essas coisas.

### **3)Em seu curso, foi oferecido em algum momento palestras, optativas, minicursos ou alguma atividade extracurricular que falasse sobre feminismo e igualdade de gênero?**

Bruna: Sim, o exemplo que eu posso dar éé do Reading club queeee... foca em artistas mulheres então, eee.. é muito discutido, é um projeto de extensão de literatura e é muito discutido éé.. sobre feminismo, gênero, igualdade de gênero ee... foca eeem... escritoras femininas né, mulheres que... principalmente as que não receberam tanto reconhecimento.

Giovane: Então a gente tem o Reading club que é de uma professora nossa de literatura que ela dá, que são só escritoras femininas maaass.... não tem muito assim, muito minicurso, muita palestra não, mas a gente tem uuuummm... um, tem umas partes assim que a gente assim, tem uns projetos assim que tem.

Elena: Sim, diversas vezes. O evento 11º prêmio “construindo a igualdade de gênero” de 2016 foi uma delas.

Thalira: Bom, eu só tenho conhecimento de palestras, tem uma queeee... teve na verdade esse semestre, que eu não vou lembrar o nome certinho agora, mas falava... falava sobreeee... sobre a sexualidade, sobre homossexualidade, feminismo e oo... tudo que enfrentamos hoje em dia com isso, então que eu saiba foi só essa palestra mas não teve nenhum minicurso ou atividade extracurricular que eu saiba.

Cesar: Eu nunca tive acesso aaa... a esse tipo deeee... atividade mas eu sei que no, na letras existe umaaa... matéria que é sobre realmente feminismo, literatura feminista, mas algumas amigas minhas dooo.... da lestras português elas já pegaram essa matéria como optativa.

Poliana: Pra se sincera, novamente, apenas agora no sétimo período na.. na disciplina de currículo, professor maravilhoso o Alex ele tratou também dessas questões, mas em sala de aula

a gente teve um texto que foi uma roda de conversa onde ele tratava essas questões de feminismo e igualdade de gênero, trabalhou de todas, todas essas questões, polêmicas né, taboos, tudo que... que os.. éé... queer ééé... a questão da homossexualidade, de tudo que... do racismo e essas duas questões aí foram muito trabalhadas na aula dele, nessas rodas de conversa e tivemos também umaaa... uma palestra né com umas moças eram só mulheres na mesa, as palestra agora eram.... não tô me recordando o nome, eu vou olhar aqui pra você e já te digo, inclusive eu imprimir meu certificado ontem, o nome éé... ééé.... “Seminário Máquina Gênero e Sexualidade, corpos em curto circuito” e chegaram a falar sim dessas questões aí de feminismo e gênero.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: não que eu lembre assim, pra esse fim não.

Myrella: eu lembro que a Cláudia no início do ano falou que tal.. que tinha reuniões de.. tinham pessoas que escreviam éé pra ler livros né feitos só por mulheres, pra discutira temas éé... da atualidade mesmo eeee.... que eu saiba assim algum minicurso, alguma coisa assim não... não foi oferecido não.

Paloma: é verdade, agora eu lembrei, que o intuito desse... desse trabalho é só éé... ler texto de pe... de mulheres pra... pra... né, enaltecer mesmo, é.. colocar mais notório porque é publicações de homens tem bastante mas as vezes das mulheres são tão boas quanto e as pessoas não conhecem, e aí no intuito era realmente divulgar através desse trabalho, agora eu lembrei.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: que eu lembre não.

Samuel: teve... naquela amostraaa.. naquela conferência, congresso, sei lá de letras, teve umaaa... um simpósio eu acho de igualdade de gênero mas eu acho que ninguém da nossa sala foi mas teve rrsrrsrs a gente foi em outras coisas mas nessa eu acho que não, também teve um de racismo mas não entra aqui.

#### **4) Como você entende o feminismo e a igualdade de gênero?**

Bruna: Feminismo eu entendo que é a luta pelo direito das mulheres eee... claro tem muito mais coisa ééé... é muito com.... é muito difícil de explicar o que que é mas o que eu entendo é uma luta pelo direito das mulheres, igualdade de gênero eu entendo que não éé...a mulher não ser submissa ooo... não ser desvalorizada ela... ela ter o mesmoo nível de poder entre aspas né que um homem, ela não éé... não ser menos mas.. mas ser igual.

Giovane: então eu entendo que feminismo é o.. é a luta pelo direito das mulheres, pela igualdade de direitos né, da mulher e do homem, e igualdade de gênero é você ter essaaa... esse patamar igual né pra mulher e tanto pra mulher e pro homem né, e não só pra mulher como pro homem, é isso mesmo.

Elena: Direitos e deveres iguais para todos, liberdade e empoderamento através da educação.

Thalita: Bom, eu associo a esses dois nomes como a luta pelos direitos né, o feminismo e a igualdade de gênero tem propósitos similares né queeee... são questão deeee... igualdade entãoooo... pra mim ééé... é isso, luta pela igualdade e respeito.

Cesar: então, o feminismo entendo como o movimento das mulheres ééé... em que... se busca aaaa... como é que fala, igualdade entre as mulheres e os homens, eu acho que é isso que as mulheres buscam eee... exatamente isso, a igualdade de gênero porque as mulheres são dessa sociedade como teoricamente inferiores aos homens.

Poliana: A o feminismo é, pra mim é a luta constante né do...do.. dos mulheres contra essa supressão ééé... imposta pela sociedade, do papel da mulher como apenas uma aaahn... uma mulher que tem que ser mãe, uma mulher que tem que ser ééé... dona de casa, cuidar da casinha, do marido, essas coisas todas, ééé, é uma resistência, digamos assim contra uma sociedade machista e patriarcalista né, patriarcal, então é uma resistência, pra mim o feminismo é isso, é o tempo inteiro, ela não pode se enfraquecer, quando começa se... se... se se enfraquece a dominação pesa e a pressão aumenta, então é contra todas essas éé... formas que

diminuem as mulheres no que elas realmente são, na questão do talento, de suas profissões, de suas... seus ativismos, de seus direitos né, então ééé... é a luta constante pelo, pela igualdade de direitos ee... isso inclui a igualdade de gênero né que... inclui aaa... questão por exemplo de salário, mesmos cargos altos principalmente, mesmos salários éé... igualdade de gênero pra tudo no tratamento né, na, na, não só nos empregos mas em escolas, em qualquer lugar em...em, principalmente a gente vê isso na questão dos empregos mesmo né, mas assim numa própria sala de aula, em qualquer lugar ééé...essa não divisão, a gente viu igualdade de gênero nessa questão das crianças né, de não haver uma cor que defina o gênero ééé...da, da questão da força da mulher e do homem, então é mostrar que todos os dois são capazes de fazer todas as coisas e pronto, acabou, isso é igualdade de gênero.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: ué é bom né mas não sei explicar, passa pra ela eu não sei explicar rrsrrs

Brenda: Feminismo é o que visa a igualdade de direitos né, direito de salário, direito de trabalho, direitooos... igualdade em geral, não sei explicar também.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: então, feminismo esses dias eu até ouvi uma... uma frase, eu não sei... eu acho que foi do Mário Cortela, ele falou assim que feminismo não é o contrário de machismo, éé.. o feminismo ele quer que seja igual ao homem, machismo geralmente a gente pensa no sentido do homem ser superior a mulher, feminismo não, a mulher ela não quer ser superior ao homem, ela quer ser igual, ela quer ter os mesmo direitos, então assim eu acho extremamente importante, as pessoas que né são engajadas no feminismo elas lutam por isso, eu não quero ser melhor que os outros porque ele tem um sexo, tem um gênero diferente do meu, eu quero ter os mesmo direitos que ele tem, o direito de ir e vir, o direito de falar, o direito de expressar é, sem ser taxada ou qualquer outra coisa assim por um.. uma questão é colocada imposta na verdade pela sociedade, porque eu sou mulher eu não posso falar.

Myrella: então, éé.. muita gente não sabe do.. da questão do feminismo, acha que é só pra mulher éé...tentar ter mais direitos e tal mas tem alguns éé... algumas coisas que é o contrário, por exemplo é o caso da paternidade e da maternidade, que no caso da mulher são 6 meses pra mais e o do homem geralmente uma semana então tem gente eu luta pra poder, é e o feminismo luta na verdade luta pra igualdade né, pros dois terem mais tempo pra poder conseguirem cuidar da criança, não uma pessoa só ou... ééé... dividindo assim fica, pra ficar melhor mesmo ééé... e o feminismo é essa questão de você tenta éé... ooo... ter o mesmo direito social, econômico, mesmo direito que a pessoa tem de passar na rua sem morrer, sem ter medo de morrer no caso, eeee... ahn... é isso basicamente.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: feminismo pra mim é um movimento que foi muito importante hmm... pra mim, é né porque tipo antigamente eu não... se eu vivesse tipo sei lá 50 anos atrás eu nem teriaaaa... sei lá nem direito a voto, eu não sei, 50 anos atrás era naqueleeee... não, não sei, mas teve uma época aí que a gente não podia nem votar nem nada e hoje... a gente não podia nem se expressar, aí o feminismo trouxe isso, e hoje em dia tem mulheres que é contra o feminismo porque... não sei porque gente... porque não... não tem sentido uma mulher ser contra o feminismo porque o feminismo traz ééé... tantas...

Samuel: benefícios?

Jamily: é, isso, benefícios pra gente e igualdade de gênero?

Isabele: é

Jamily: ai olha... ai depois eu falo, deixa ele falar primeiro.

Samuel: então, femi... feminismo, qual é a pergunta mesmo... hummmm... como assim aaahn... então eu entendo que é muito importante praaa... pras mulheres, não só pras mulheres mas pra todo mundo que é digamos fora dos padrões entendeu, acho que é muito importante ser discutido isso, e a questão da igualdade de gênero também pra ter uma sociedade mais ééé... igual, igualdade de gênero.

Jamily: aa ata, igualdade de gênero, olha teria que... que existir mesmo, apesar de hoje em dia seer... mais ou menos, já, já ter isso né, não... não está na prática mesmo assim porque hoje em dia a gente vê muita diferença nisso eeee... mas tá caminhando né, ta difícil mas ta

caminhando, eu espero que... realmente um dia a gente consiga que todos os gênero seja a mesma coisa, serem tratados igualmente.

Samuel: éé... mudou muito desses... de uns anos pra cá mudou bastante, eu acho.

### **5) Você acredita que a mulher enfrenta mais dificuldades do que os homens? Por que?**

Bruna: sim eu acredito porquee aahn.. é uma coisa meio cultural né da sociedade, a gente vê a sociedade ela é patriarcal elaaa... ta mudando talvez né mas veioo... esse, isso é uma coisa velha que, que... tão tentando, que o feminismo mesmo ta tentando mudar mas é difícil mudar uma coisa assim tão rápido eee... eu acho que é muito exemplos como a mulher no trabalho, a mulher receber menos que o homem aahn... noo... eee... não só em trabalho né, em qualquer aahn... os assédios também acontecem mais com mulher do eu com homem mas no geral acho que é por causa da aah da sociedade que a gente vive que ela é patriarcal eee... tem, isso tem que mudar eee... é um conceito muito velho então é difícil de mudar tão rápido.

Giovane: Eu acredito sim que a mulher enfrenta mais dificuldades do que os homens éé em partes porquee... a gente vive num mundo, ao meu ver, ainda patriarcal assim, nossa sociedade ainda é patriarcal, que você tem essa diferença de direitos éé.. assim tem a luta, teve, ainda, é uma luta contínua assim de pra conseguir direitos que a gente tem o feminismo né, tem esses movimentos mas eu, eu sinto que ainda tem essa...essa... esse espaço sabe, esse, essa abertura que ainda precisa ser preenchida ééé essa abertura, esse, esse, essa necessidade de mais direitos né, mas éé... eu acredito sim que as mulheres éé tem... tem mais dificuldade do que os homens no geral assim em vários espaços, não somente... por exemplo eu to na faculdade, eu... eu... eu observo que... que tem essa luta sabe esse, essa necessidade de de de algo éé dessa... desse espaço sabe que ela, que as mulheres estão sempreee... sempre lutando né pra garantir.

Elena: As mulheres enfrentam mais dificuldades, porque todas as suas conquistas vieram por base de lutas. Luta pelo direito do voto e de envolvimento no âmbito político com as sufragistas, a luta pelo fim da desigualdade salarial. Essa luta é uma constante, pois há ainda muito o que fazer, pela violência doméstica, assédio e outros.

Thalita: Sim, com certeza, porquee... tem toda aquela... aquela ideia né machista que a sociedade impõe na gente que o homem é mais forte, que a mulher é mais fraca, não é tão inteligente como o homem, e aí também tem a questão do, dee.... abuso eu acredito porque homem não tem medo de andar sozinho na rua de noite mas nós mulheres temos sim, igual andar numa rua escura aí cê vê um... um grupo de homens na rua e aahn... o coração já palpita, então... e questão também de trabalho e que o salário é menor, eu acredito sim que a mulher sofre muitaaa... tem muita mais dificuldade do que os homens, é muita fácil ser homem.

Cesar: Eu acho que sim e ooo... principal motivo seria o próprio machismo né, porque como eu disse antes é infe... inferior... inferioriza as mulheres eee.... hm... atrapalha com certeza em questão deee... mercado de trabalho que as mulheres elas podem receber menos em alguns cargos que falam que teoricamente são masculinos, coisas assim.

Poliana: Obviamente né que a mulher enfrenta mais dificuldade que os homens, primeiro, apesar de que os homens são aqueles né que sofreram também receberam uma certa pressão não vamos negar isso né, essa questão de ser o provedor da casa né, ter aquela obrigação, ser o homem da casa blablablalbla mas eles sempre tiveram uma liberdade que as mulheres nunca tiveram né, passaram a ter a pouco tempo e ainda assim são julgadas, as mulheres são julgadas até hoje, então as dificuldades que ela, elas passam simplesmente porque o mundo é machista, o Brasil especialmente é um país extremamente machista, patriarcal, então não adianta, o pensamento sempre vai ser machista, em casos de estupro que acontece as mulheres são sempre culpadas, as roupas que as mulheres usam sempre são julgadas ééé... a questão da própria família, as mulheres as vezes dentro da própria casa a gente tem conflitos em relação aos homens da casa eu mesmo tenho em relação éé... que meu irmão casou recentemente e ele tava...morava com a minha família e aah quem lava a louça, quem não lava e ele nunca lavava porque a mãe protege, as mães acabam protegendo os... os filhos, os pais tratam as mulheres feito empregaaadas... então ééé.... a mulher enfrenta mais dificuldade porque além ela ainda tem essa pressão de ter que dar conta da casa, da família, dos filhos e dos homens que não sabem fazer nada né, a maioria então éé e fora isso as questões né que as mulheres sofrem,

as questões hormonais, a questão é, que muitas sofrem depressão pós parto eee a questão psicológica né, hormonal, tudo isso influencia a mulher, o período menstrual, a TPM, a gente não tem vontade nenhuma, tem mulher que tem praticamente uma hemorragia, passa mal, eu sofro muito de enxaqueca e nunca tive vantagem nenhuma por causa disso ééé... nunca tivemos nenhum direito ééé de poder ficar em casa ou ter algum dia em relação a isso, conseguiram alguns de resguardo né, na questão de filhos e tudo mas é muito pouco, eu acho, então eu acho que se os corpos tem... se os organismos são diferentes em relação a isso tem que haver uma diferença também, então essa é a dificuldade, e a mulher além de tudo isso tem que estar sempre linda, maravilhosa, salto alto, maquiada né, porque senão já viu o que que acontece, e mesmo assim as vezes estando toda desse jeito ela ainda é julgada de lado.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: Sim aaaahn... a gente até falou isso na aula da Cláudia porque por exemplo algumas profissões que pode a mulher entrar, independente da gente poder entrar tem uma discriminação assim já social, por exemplo motorista de ônibus, se a pessoa entra e vê que é uma mulher eles já tem tipo um... um receio até mesmo mulheres entre si fazem isso.

Brenda: Sim, pelo mesmo motivo, tem profissões que embora os dois possam atuar o homem tem preferência por assim dizer.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: acredito por uma questão social né, porque vem de anos e que ainda é, acho que melhorou até muito mas ainda tem que ser muito desconstruído e muito pelas mulheres porque a criação dos filhos né, como a gente sabe, eu acredito que a educação é o diferencial na vida das pessoas, então as mulheres elas tem que também criar os filhos dela com o pensamento de igualdade né, seja ele homem ou mulher, que eles são iguais então cultivar isso enquanto... tanto as mulheres quanto os homens, enquanto cultivarem essa ideia de que homem pode fazer determinada coisa e mulher não a gente ainda vai manter por muito tempo essa mentalidade de.. de separação de gênero.

Myrella: é, no caso... das dificuldades das mulheres depois do movimento, que o movimento feminista começou ééé muita coisa melhorou e ao mesmo tempo complicou, porque ao mesmo tempo que você tinha a liberdade de entrar no mercado de trabalho, você não tem os mesmos salários, você não tem as mesmas oportunidades pra poder subir de cargo, enfim, e conti... e tem que ficar ouvindo ééé... coisas absurdas que falam pra você, preconceitos e tal, e além disso você tem jornada tripla né, que seria o trabalho e geralmente meio período e tal ééé... tem a cuidar de casa e das crianças e ao mesmo tempo ouvir das pessoas falando que você não pode fazer as coisas porque você não tem força, você não tem aaah éé... não tem como você fazer por ser menina só.

Paloma: até aproveitando aí o que ela falou que você... tem essa jornada tripla né, que você tem que fazer as coisas de casa e aí essa manutenção da mulher de tipo éé.. pedir pro marido ou alguém que tá em casa, se for um homem ajuda-la a fazer algo, mas não é ajudar, se eu moro junto ééé... compartilhar aaa... as tarefas de casa mas as mulheres acabam insistindo em falar assim "aaah que meu marido ajuda, porque meu filho ajuda" não é uma ajuda, enquanto a gente colocar isso como ajuda de fato vai se manter essa separação de gênero.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: porque ainda tem todos aqueles estereótipo... este... como é que fala...

Paloma: estereótipos.

Jamily: é isso daí de que mulher só pode ficar em casa cuidando da família queeee... tem que casar direitinho, tem que ser a donzelinha de sempre maaas... gente... ai não pode ser assim ai... ai é que eu fico... nervosa.

Samuel: eu acho que sim, ééé... por causa da sociedade que é ainda infelizmente tem esse estereótipo, ela falou, que a mulher é mais frágil, que a mulher não pode fazer certos tipos de coisa mas não éé.. ela pode fazer o que ela quiser.

**6) Por que perguntam em algumas entrevistas de trabalho se a mulher tem filhos?**

Bruna: Eu acho que perguntam isso porque... podem achar que o filho é uma distra... pode ser uma distração... ooooo, talvez porque acham que o papel da mulheer é cuidar do filho, isso é uma ideia bem antiga já, porque eu acho que não perguntam isso pro homem porque aahn.. antigamente ainda, hoje em dia ainda tem essa ideia de que a mulher que cuida do filho então ééé... podem perguntar isso pra mulher porque, por causa disso e também pra ver se ela tem outras prioridades acima do trabalho talvez hmmm... acho que é isso.

Giovane: Pra saber se a mulher vai precisa sair na, na hora do trabalho pra, pra resolver uma pendência de filho ooooouu... se ela vaaaii...precisaaar... eu acho que é mais, mais envolvendo o tempo que elaaa.. ela vai precisar né dedicar ao filho e não ao trabalho, eu acho que, bom eu acho que é isso.

Elena: Acredito que seja pelo machismo na nossa sociedade.

Thalita: Eu acredito que é por causa da questão de disponibilidade que eles querem que a mulher seja dispo... disponível o tempo todo pra eles eee... ela tendo filhos ou engravidando e saindo na licença maternidade pesaria muito praa... empresa, eu acredito nisso, mas é outra coisa chata também porque quando pergunta se o homem tem filhos eles acham que isso é positivo porque é sinônimo de responsabilidade, aí né...

Cesar: Mais uma vez fruto do machismo porqueee... teoricamente pras... pra algumas pessoas na nossa sociedade a mulher tem que cuidar dos filhos em casa e eu imagino que praaaaa... pras pessoas machistas a mulher, por ser mãe e ter um trabalho vai precisar sair do trabalho mais cedo por exemplo pra cuidar de um filho, ou não vai trabalhar porque o filho tá doente, algo do tipo, coisa que o homem não faria por exemplo.

Poliana: Bom, obviamente o empregador acaba perguntando porque eles consideram que os filhos são um fardo né pra aquela mulher e que vai fazer éé... vão servir como motivo pra que a mulher se ausente do trabalho, filho fica sempre doente, aaaah agora eu tenho que ir pra casa que o meu filho ta doente, aaah tem que levar filho pra escola, tem que buscar filho na escola, então eles perguntam sempre se a mulher tem filhos até porque a carga dos filhos cai sempre nas costas da mulher e não sobre as costas do.. do homem né, do pai, então por isso que eles acabam perguntando até eles preferem mulheres que não tenham filhos para que possam se dedicar completamente ao trabalho e para que possam não dividir o trabalho com outra coisa, no caso o filho.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: Nunca tinha pensado nisso mas deve ser praaa... se dedicar totalmente ao trabalho.

Brenda: e até tem certas empresas que não contratam.. da preferência a contratar homens porque as mulheres engravidam, vai ter que tirar licença, vai ter que pagar, vai ter que cobrir funcionário e por que que pergunta isso acho que por isso mesmo, porque tem sei lá, tem um gasto extra né, entre aspas, pra empresa.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: porque a mulher ela... falou em filho ela se dispõe totalmente ela né, então assim se a mulher tem filho a empresa obviamente ela vai pensar "aaah ela tem filho se o filho adoecer ela vai ter que dar atestado, se o filho tiver problema na escola ela vai ter que ir na reunião né, se o filho tiver doente ela vai ter que ficar junto, vai ter que cuidar" então a licença do filho automaticamente vai ser a licença do pai, até de novo forçando essa questão de gênero, de geralmente se o pai e a mãe tiver trabalho quem vai se disponibilizar a ficar vai ser a mãe, o pai ele não vai sair do trabalho pra ficar com o filho, e aí a empresa prefere as vezes ter um... um... homem trabalhando pra não ter esse ônus né de manter a pessoa financeiramente e ela não tá fazendo a atividade porque tem que cuidar do filho.

Myrella: é a mesma coisa né porqueee... ééé... a mulher tem que ter um tempo pra poder cuidar da criança, qualquer imprevisto que acontecer vai ser jogado pra mulher fazer, entãããoo...ééé... essa questão pra ajudar ela atrapalha mesmo é, que eles vão ter que pagar, vão ter que dar licença no caso se a mulher tiver que... tiver grávida e tal, e eles não vão querer ficar sustentando,

entre aspas rsrs, uma pessoa que não ta fazendo nada, mesmo que seja uma coisa importante que é a vida de outra pessoa.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: por questão de economia, porque... tipo, você vaai... eles acham assim que toda mulher mesmo que tenha seu filho a preferência com certeza vai ser o filho porque geralmente as, pelo menos as mãe que eu conheço preferem o filho do que o trabalho então a mulher vaai... o filho vaaai... ficar doente algum dia e a mulher vai ter que faltar o trabalho, porque geralmente os homens não tem essa responsabilidade, eles pensam sei lá, eu vou trabalhar e você fica cuidando do seu filho mesmo você tenha o seu... seu trabalho e a mulher se... vai ficar sempre à disposição do filho.

Samuel: e eu éé... eu acho que é o que ela falou mesmo eee..e e não só a questão se ele ficar doente mas se acontecer alguma coisa com ele ela fica preo... a mãe fica preocupada com o filho então talvez elaa... essa questão da emoção pode atrapalhar ooo... ooo... não atrapalhar tipo assim, é atrapalhar ooo... ooo... o dia dela, o rendimento dela por causa que ela vai tá preocupada com o filho e por isso que eles perguntam na... tem a questão de na economia também porque se elaaa... ééé... é o que ela falou, eu acho.

### 7) Você já sofreu sexismo?

Bruna: Já, já sofri, mais quando eu era criança né, quando eu queria brincar com os meninos aaahn... na minha família também teve a questão de roupas, qual roupa seria adequada usar.. que cor, porque eu não podia usar roupa considerada masculina, e também aahn quando meu padrasto trazia, meu antigo padrasto trazia amigos aqui em casa eles se dirigiam a mim pra ir buscar as bebidas praa... porque eu era mulher né no ambiente é, eles se dirigiam aaa.. a mim ou as minhas irmãs mulheres pra a gente ir buscar a bebida como se a gente fosse...garçonee ee... mas.. eu eeu.. eu não deixei que isso acontecesse, eu fui clara, também questão deeee... arrumar casa aaahn.. aqui em casa.. aqui em casa tinha antes a ideia de que as mulheres tinham que arrumar a casa e os homens trabalhar ee... mas éé... eu e minhas irmãs a genteeee lutou contra isso mas... esses são os exemplos mais básicos, e mercado de trabalho ainda não porque eu ainda não trabalho ee... acho que... em questão de aparência física também né, a mulher esperada aahhn, éé... se espera da mulher que ela seja atraente que ela.. que ela se cuide mais que o homem eee... os meus avós, minhas avós principalmente pensavam mais isso, agora com os meus primos homens ninguém pensou isso, nessa questão sim, agora coisas mais graves não.

Giovane: Olha... sim, é não... não vou mentir, porque tipo eu sou gay entendeu ééé... eee...meio que eu tipo, minha família por exemplo é super tradicional assim, religiosa entendeu, cristã eee... sempre teve essa ideia assim de homem ser o tipo ooo... o provedor da casa sabe, tem que ser macho, tem que ser tudo isso entendeu, então sexismo pra mim é uma coisa tipooo... rotina entendeu rsrs, na minha família assim, mais na minha família do que fora dela assim com amigos ee... na faculdade nunca assim, pro exemplo na faculdade jamais, assim, não que eu me lembre eee... mas é, assim só minha família mesmo, maaas... eu acho que sexismo é uma coisa até mesmo... até mesmo na minha família assim que eu vejo assim é mais, é uma coisa mais recorrente pra mulher entendeu do que pro homem, mas se eu já sofri, já, já sofri sexismo.

Elena: sim.

Thalita: Já sim, naquele sentido de queee... eu não sou tão inteligente sabe, foi mais na escola isso no meu ensino médio, que os professores se referiam as meninas, me incluindo nisso, como seee.... a nossa capacidade fosse menor do que a dos meninos sabe, e aqui... e aqui na minha família também, mas tem aquele tom de brincadeira mas sabe aquele tom de brincadeira que tem um, você sabe que tem um fundinho de verdade, então, é assim.

Cesar: Entãoo.... eu não sei se eu já sofri sexismo maaasss.... por exemplo eu como... homem cis ééé... gay, eu acho que eu já sofri sim como por exemplo ééé... ter queee... estar nos padrões heteronormativos da sociedade pra nãoo... parecer inferior aos homens héteros aaahhn... aí tem toda aquela questão de não ser afeminado né pra não ser zuaaaado, coisas assim, então eu acho que eu já sofri sexismo sim.

Poliana: Já sofri sim, você já sofre sexismo... já principalmente em estádios de futebol, grupos que faço parte, faço parte do grupo botafogo ééé... de futebol então não adianta, ali a gente vai sempre, eu sou sempre a última a ser ouvida, se eu falo uma coisa, é como se não... não dessem valor aí outro cara chega e fala a mesma coisa que eu falei e outro homem reforça aí eles aaah é isso mesmo, então quando os homens falam eles consideram a opinião, quando a mulher fala não considera, então uma vez eu até repeti e falei bom isso aí que fulano falou eu já... eu já havia falado anteriormente entendeu, então essa questão da opinião da...da força de da voz da mulher éé... isso a gente sofre o sexismo o tempo inteiro de homem interromper a gente falar né, na própria faculdade isso acontece várias vezes, então é mais nisso, na questão de trabalho não, na questão de trabalho eu não me lembro de ter sofrido, não me lembro, foi mais mesmo em questão de futebol, grupos e até no próprio estádio éé... com piadinhas e gritinhos que fazem né pra gente, o fato da nossa presença no estádio em pleno século 21 assistindo jogo de futebol ainda incomoda.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Brenda: Gente... acho que isso já aconteceu comigo dentro da família da gente principalmente com os idosos ali, os avós da gente aaaah que você não pode fazer isso não que isso não é coisa de menina não e num sei o quê, esse tipo de coisa, os mais velhos sempre... sempre falam esse tipo de coisa que o que é de homem e o que é de mulher, você não pode ficar até tarde na rua, sofri muito isso quando eu era adolescente, você não pode ficar até tarde na rua porque isso é coisa de menino, isso é coisa de... de... você não é macho, e eu uai, o que que tem a ver, nesse tipo de coisa.

Beatriz: é eu sabia que sim eu só não lembrava de um exemplo mas quando ela falou isso eu lembrei dee.. algo que meu pai sempre faz comigo quando eu cozinho alguma coisa ele fala “aaah já casar” eu falo “não meu filho, já posso morar sozinha” mas e isso que ele sempre faz comigo.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: aaah sempre né, com piadinha num... até num tom de brincadeira, você ta dirigindo, acontece alguma coisa, aaah tinha que ser mulher, você vai pegar alguma coisa aaaah você não aguenta, você é mulher, mulher não consegue fazer isso, então assim sempre ligada a essa coisa de que a mulher é muito frágil, a mulher não sabe fazer as coisas, a mulher não tem habilidade, não tem força, enfim.

Myrella: é, eles usam muitooo... muito também essa questão “aaah nossa você faz bem até essas coisas pra uma mulher” né eles usam como se fosse uma fraqueza ser do gênero feminino mas não é, acontece direto tipo a pessoa vira pra você “noosssaaa, mulher aí ó e consegue levantar as coisas, parece homem” tipo rrsrs sabe, não tem nada a ver uma coisa com a outra, o gênero não define sua força, sua inteligência, nada sabe.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: jáááa.... ééé... principalmente quando rrsrsrs desculpa, principalmente em casa ééé... quando um dos meus tios falam “aaah você é mulher você não pode...” aaah uma vez eu tava conversando com um colega aqui que ele... que eeeuuu... que ele disse que eu não podia fazer engenharia civil porque eu sou mulher e ele é homem e ele disse assim “mas é assim desde a pré-história” aí eu falei assim “você está vivendo na pré-história? Porque no mundo que eu vivo não é assim” aí ele disse “não porque... homem tem que ser da área de exatas e mulher daa... da área de humanas” aí eu falei assim “não meu filho você tá errado” mas eu parei de discutir com ele porque eu vi que eu tava alterando a minha voz e a gente tava no transporte público né, aí eu fiquei na minha assim só que depois eu fiquei com raiva porque ele ia pensar que eu não ia ter argumentos, mas eu deixei assim porque eu sou uma pessoa muito pacífica, em casa eeeuuu... tipo assim eu não sei cozinhar essas coisas que geralmente uma menina da minha idade fazer tipooo... aí... ééé... se eu consigo fazer uma coisa diferente já é tipo “nooossa senhora já pode casar”, falei assim “eu já posso morar sozinha obrigada de nada” aí a pessoa ficaaa... “nossa mas éé.. você tem que casar” aaaah! Outra coisa que eu tenho 18 anos e eu não tenho namorado ainda e isso incomoda tanto a minha família que eu não entendo o porquê, falei gente mas tipo assim eu to estudando, eu to no caminho certo porque vocês tão ééé... ééé...

preocupado com o relacionamento meu, não... não aaaa... agora meus primos lá de casa ficam assim “aaaah vai pro baile e pega quantos quiser” não tem essa mesmaa... essa mesmaaaa... é não tem essa mesma cobrança assim, horrível.

Samuel: então... eu perguntei pra ela o que que e né, ela falou que tem o inverso também eu tem dos dois lados e eu acho que sim só que agora eu não to lembrando de que que era... aaah... as vezes minha mãe falava aaah você não pode fazer isso porque é coisa de menina aaa... já aconteceu alguma vez eu fiz... uma vez eu fiz luzes no cabelo aí falaram “nossa isso é coisa de menina porque você tá mexendo no seu cabelo” aí eu “ai o cabelo é meu” e também aaah eu vejo isso com a minha irmã, as vezes ela faz alguma coisa e a minha mãe fica “ai ta parecendo menino macho” eu “mãe deixa a Sara em paz” entendeu, aí essas coisas assim as vezes ela quer brincar na rua, jogar futebol ou ela quer sentar com a perna aberta ela... ela... ela faz... elaaa... ela mesma repreende isso sendo que ela é mulher então entendeu.

Jamily: aaah... rapidinho aqui ééé... meu sonho de infância era aprender a soltar pipa e eu nunca pude encostar numa pipa porque... porque era coisa de menino segundo minha família “aaah você não vai fazer isso porque você tá parecendo um molequinho macho, ai você não vai fazer isso por causa disso” eu queria brincar de bolinha de gude e não podia porque eeu... era os menino que tava alí e eu não podia fazer nada a não ser brincar com as minhas bonecas e minhas panelinhas, e eu não tenho irmão mais novo então eu não tinha companhia feminina e era muito triste a minha infância.

Samuel: mas eu acho que... que isso da questão dos nossos pais é porque eles são digamos de uma época que era tudo diferente, a mulher era mais pra ficar em casa e agora com essa mudança eles tão... eles ainda alguns tentam se adaptar na...no... na nova era digamos assim mas, então eu acho que a gente tem que considerar essa... como eles foram criados também e tentar mudar a cabeça deles.

Jamily: ai eu acho também assim que as vezes nem é... nem são... tanto só os pais, por exemplo a minha mãe ela é muito de boas, porém lá em casa vai todo mundo, vai os tios, vai os primos e é esses pessoal de fora que fica enchendo o raio do saco, ai eles começam “nossa Rosa mas você vai deixar a sua filha ficar assim, noossa Rosa mas olha só como que a sua filha ta se comportando” então as vezes os pais pode até ééé... falar repreender ééé... os filhos por causa dos outros.

Samuel: por influência deles, é, concordo também.

### **8)O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES?**

Bruna: Sobre o ensino privado eu acho, eu não sei muito o que dizer porque eu só estudei no ensino privado no fundamental 1 até meus 7, 8 anos de idade, mas eu... eu achava que a estrutura da escola, pelo o que eu me lembro era muito boa, a gente tinha material a gente né claro que a gente tinha que comprar mas era... a estrutura era boa, tinha éé... era melhor do que da pública né que depois eu fui estudar em escola pública mas eu acho que eu não sei dizer hoje em dia né porque.. ahhn.. porque eu também eu não fiz ensino.. eu não tenho contato com escola privada, mas ensino público eu tanto estudei em uma escola boa assim de estrutura, alguns professores não eram tão bons eee... alguns alunos também não obviamente mas...ahn eu também estudei em escolas que pareciam ter sido ignoradas peloo... pelo governo né, que não tinha estrutura nenhuma, que tinham muitos a... mais de 40 alunos em uma sala de aula pequena, que não tinha material e os professores pareciam ter deficiência na formação deles pra dar aula, então eu acho que o ensino público precisa de mais atenção, não é que todo ensino público é ruim, não, mas precisa de atenção do governo porque tem poten...potencial ee... eu estudei como eu disse em uma escola que tinha uma estrutura muito boa, mas não era sempre também que era aproveitada éé alguns éé.... alguns equipamentos também não tavam funcionando adequadamente mas dava pra atender algumas necessidades, então precisa de mais atenção.

Giovane: O ensino público... público e o privado no Brasil e no Espírito Santo pra mim tem essa discrepância assim deee... deee... igualdade né, não tem uma.. uma igualdade assim, você vê

mesmo na grade assim de.. de matérias, de disciplinas que o horário, o tempo que as, as, os alunos passam sabe na escola é diferente e isso tudo influencia no futuro dos alunos né, como é que vai ser por exemplo... na... na faculdade pra garantir um emprego entendeu tem esse, tem essa desigualdade enorme pra mim assim de ensino no geral, no Brasil e no Espírito Santo.

Elena: Acredito que o ensino no Brasil/ES ainda enfrenta muitos desafios, mas que podem ser superados com a união da voz dos professores, dos alunos e da comunidade com relação ao currículo escolar.

Thalita: bom, pra mim tanto o ensino público quanto o privado são meio precários, seja aqui no Brasil ou aqui no estado porque eu acho que é a questão da falta deee... de interesse do governo pra investir em, nas escolas, sabe pra mim a educação tá meio abandonada, seja em em.. escola privada, escola pública, porque cê percebe quando você entra numa escola pública especialmente eu agora que tô fazendo estágio supervisionado, que numa escola pública eu percebo que é meio largado assim, são as diretoras que tentam tocar a escola, eles não tem nenhum apoio do governo sabe e eu estudava em.. em escola particular e também é a mesma coisa, não via muita diferença entre uma escola pública e uma escola particular, pra mim eu acho que é meio largadinho sabe, tem... a qualidade é bem baixa por causa de falta de interesse do governo ou dos órgãos maiores sabe é... então é isso que eu penso.

Cesar: Bom, como a gente... é sabido, o ensino público no Brasil é bastante sucateado, na base nacional comum curricular a gente tem um... é o que é um documento né queee... falam todos os aspectos e competências específicas e objetivos da escola pública nooo... na formação dos alunos, eee... teoricamente eles sairiam do ensino médio prontos praaa... fazer um ENEM por exemplo e não é bem assim que funciona né, isso acontece na escola privada, e no Espírito Santo é pior ainda visto que eu acho que o nosso governo não investe em educação porque se a gente for comparar por exemplo a educação do ES com a educação dee... a educação pública do ES com a educação pública de São Paulo, Rio de Janeiro a diferença é bastante grande também, já fiz os estudos de caso sobre isso inclusive eee... eu acho queee... aqui no ES como eu já disse antes ééé... não existe muito investimento em educação, coisa que eu acho que é um pouco maior alí em alguns estados principalmente da região Sudeste.

Poliana: Bom acho que nos dois né, o privado ainda é o mais valorizado, o que não deveria ser né, como ensino de qualidade, o que exclui e o público é aquele visto como o ensino de péssima qualidade, com professores mal remunerados que acabam refletindo isso ééé.... mas depende também, depende se a universidade ou não ee... na questão da universidade os... o ensino público acaba sendo mais valorizado né do que oo... o privado, é o contrário, então éé.. nos anos iniciais as escolas privadas são valorizadas e o público desvalorizado e nas universidades o público é mais valorizado, tanto que classe média até alta acaba entrando pro ensino público por haver éé... maior cobrança em relação aos professores doutores e tudo mais, então é isso, eu acho que a mesma valorização que se tem no ensino público nas universidades deveria ser repassado pro ensino público dos anos né iniciais da escola, ensino médio éé... fundamental e que o professor fosse mais valorizado né, porque acabam indo proo... pro ensino desses anos iniciais professores despreparados que acabam refletindo no aluno e muitos chegam na universidade despreparados, alguns conseguem ééé... recuperar né, desenvolver e fazer um bom ensino superior mas muitos não conseguem e acabam se perdendo né, o objetivo na verdade eu acho que é esse mesmo né, é fazer com que ooo.. o trabalhador, a pessoa que necessita mais do estudo acabe se perdendo e abandonando os estudos pra virar massa de trabalho enquanto, é pra não quebrar o sistema né, o sistema de dominação de quem trabalha e quem domina.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: aaahn... ensino superior ou fundamental?

Isabele: geral.

Beatriz: Pera... repete por favor..

Isabele: O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES?

Beatriz: Bem, o público pelo o que eu sei é melhor só no superior né porque no fundamental... do que eu sei o melhor é oooo... privado, tanto no ES quanto no Brasil, já o ensino do ES eu

acho que também não tá muito mal não só perde pra alguns estados mas também não está lá em baixo assim no ranking do Brasil não.

Brenda: eu não sei rsrs o que que eu penso sobre o ensino público e privado no Brasil eu acho que a gente tem esse, a gente tem esseee... estereótipo de que o privado é sempre melhor né mas nem sempre é, pelo menos na cidade de onde eu vim que eu não sou daqui então não sei do ensino regular do ES, eu não tenho muita noção, o que eu tenho visto na escola né o público ele tem, ela atende bem ooo... o particular não frequentei, não, nãoo... assisti nenhuma aula então eu não sei como comparar, não sei...o que dizer sobre... o ensino no ES.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: então, o ensino público e do privado acho que tem uma disparidade muito grande né, o ensino público ele tem que lidar com muitas questões sociais, o que geralmente eti... acon... pode até acontecer no ensino privado mas é bem menor né, as questões sociais eles vão lidar dentro de casa, geralmente na instituição vai ser lidada a questão da educação na.. na... no ensino público seja no ES ou no Brasil não, você lida com a questão da educação e também com as questões sociais, é o menino que vai pra escola sem comer, é o menino que vai pra escola porque teve problema em casa e as vezes tem um comportamento inadequado e você tem que intervir naquilo alí, então assim é uma série de.. de coisas que interferem muito mais no... no ensino público, tanto na esfera federal quanto na estadual, então assim... obviamente essaaa... questão de nivelamento cognitivo acredito que exista por isso.

Myrella: éé... na questão do ensino público nooo... no país eu... eu acredito que as universidades sejam assim muito exaltadas, que elas sejam ótimas no país apesar de ta caindo um pouce né aaa... o reconhecimento delas por causa da falta de investimento mesmo, eee... aaa... ensino público varia de escola pra escola porque tem escolas que tem uma estrutura muito boa, que tem gen... professores qualificados que tem realmente, e tem escolas que não tem condições nem de servir comida direito, então depende, se for uma escola no centro ééé... pública no centro ééé... geralmente tem mais estruturas, mais condições pra manter os alunos né, mais recursos até, agora se for no interior é até difícil os alunos chegarem lá dependendo dos.. da situação, aaa... a escola privada, a maioria tem uma estrutura razoável, porque aaa... eu por exemplo só estudei em escola privada, mas comparando a escola privada que eu estudei com a escola pública aqui da Universidade por exemplo, a diferença de estrutura é muito grande porque aaa.. a minha não tinha estrutura nem, nem pra ficar com os alunos direito rsrsrs né no caso, que era a menor que tinha lá, não tinha sala suficiente, eles dividiam a sala no... é muito aluno, enfim, e aqui ééé...ééé... as salas são bem formada né, não tem... não ta rachando, tem ar condicionado, tem ventilador, tem condição pros...pros alunos ficarem, tem comida e tal e a escola particular tem essa... esse... problema que tudo que você tem que ééé... pagar, tipo, você quer lanchar você tem que pagar e é muito caro não é uma coisa que dá pra qualquer um fazer então se for um aluno com bolsa por exemplo ele vai ter mais dificuldade, depende do lugar, geralmente no centro as... as escolas públicas são melhores.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: assim... a privada eu não posso falar porque eu não conheço, eu nunca entrei, eu sóóó... tipo assim... pelo o que eeeuuu... algumas pessoas que eu conheço que já frequentaram dizem que é muito bom queeee... é queeee... eles, os professores de lá não tem direito deee... ser contra o aluno, então fica meio que tudo aberto assim, o aluno faz o que quiser, já no ensino público eu acho que depende por... de Brasil, ES, porque aqui no ES tem escolas públicas muito ruins porém tem outras muito boa, muito boas também, agora em questão do Brasil eu só a... eu só sei assim mais ou menos que o Nordeste teemmm... ééé... aaaa... a nota do Enem as mais altas são de lá, das escolas públicas de lá, então eu acho que no Nordeste é muito bom mesmo aaa... o ensino público, agoraaa... aqui no ES ééé... não sei muito também não mas eu acho que... varia de região pra região também porque tipo assim no centro de Vila Velha tem uma escolas públicas tipooo... ééé... ooo... Schineider lá ééé.. ooo.. como é que é o nome daquela escola... não sei o que lá Schineider, ela é muito boa, é uma escola pública muito boa, Agenor Roris que fica em vila velha também é muito boa e são de centros assim sabe agora... mas as escolas do meu bairro que é uma periferia não são tão boas assim então depende muito assim.

Samuel: então eu só estudei em... eu estudei em escola pública a minha vida toda né eee... é no interior onde eu morava, onde eu moro né, ééé... de onde eu vim ééé... aí eu, eu gostava muito

da escola lá, os professores eram legais assim aa.. bem amigos com a gente, mas alguns não eram... não tinham umaaa... uma didática noo... eram péssimos alguns, a minha professora doo... do ensino médio de português do terceiro ano foi.. nossa eu não aprendi nada com ela mas ela, é porque ela conversava muito com os alunos então eu acho que depende de onde você estuda e tem essa questão doo... das áreas periféricas as escolas serem tipo piores, então tem isso, e o privado eu nunca... eu não sei muito sobre mas eu descobri esse... esse ano assim quando eu vim pra cá que eles focam muito no vestibular, só nisso digamos assim então depois que acaba você não precisava mais estudar na sua vida era só pra isso, e no público eu já acho que é mais diverso assim, então ao meu ver eu prefiro um... um ensino público dee... de qualidade.

Jamily: e também eu acho queee... o público não ta falan.... tipo o público aí é do Estadual não é, porque se... muita gente fala assim aaa ééé... fulano é de escola pública e passou em tal concurso numa faculdade ótima aí quando vai ver a pública ele estudou no IFES, aí você vai ver igual... igual saiu numa reportagem uma vez que uma meninaaaa.. tava assim a reportagem "aluna de escola pública passa em segundo lugar na USP" aí eu li a matéria aí a menina é filha de um medico e de uma advogada, a menina estudeo ensino fundamental dela inteiro no Darwin e o ensino médio na escola pública que é no... no IFES e entrou na USP pelo sistema de cotas por causa da escola pública e ficou tipooo... a escola pública é boa mas gente... ééé... não da pra...

**9)Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?**

Bruna: Seria muito importante porqueee... a gente sabe que o começo de uma solução éé... éé ooo com... a com... como que fala? A gente sabe é conscientização, lembrei a palavra, conscientização é o início da solução de um problema, e se as crianças desde novinhas ouvirem sobre isso elas vão crescer com uma mente aberta, a sociedade patriarcal ela, ela é patriarcal porque as pessoas cresceram ouvindo esse tipo dee.... de ideia de queee.... o homem é superior, que a mulher ela tem que ser submissa, que o certo é o homem trabalhar e a mulher ficar dentro de casa ou que a mulher não deve ganhar tanto quanto o homem isso é uma coisa queee... que foi dita pra a gente desde criança, muita gente cresce com essa mentalidade, então conscientizar aahn.. sobre esse tema em escola, é, é muito importante porqueee... faz diferença pra criança crescer com a mente aberta, e na Universidade também é muito importante porque antes da Universidade eu não tinha ouvido nada disso, eu nem tinha ideia, eu sabia que... eu tinha uma ideia mínima do que.. desses assuntos maaas... é até meio ruim de dizer mas eu não dava tanta importância eu... meus olhos eram meio fechados eee... a Universidade abriu meus olhos eu, eu estou surpresa porque ouvindo meus professores falarem isso na sala de aula e não ignorarem, como eu disse que foi ignorado nas escolas, é importante, isso acabou ajudando a abrir os olhos, se em dois anos e meio né que eu to na Universidade eu já me sinto com os olhos mais abertos, imagina se isso fosse abordado nas escolas, seria ótimo.

Giovane: Eu acho que isso vai muito do contexto né, você... você contextualizar e trazer ooo... o.. o tema né discutido em sala pra realidade né dos alunos, de todo mundo assim, porque igualdade de gênero é um tema, pra mim é atemporal mas hoje em dia ta sendo, ta sendo um tema muito em alta sabe mais que... mais que no passado né, éé... a gente vê essa necessidade de dialogar né com esse tema ee...que pra trazer mais discussões, eu acho queee.... na Universidade e em escolas no geral tem que ser discutido porque é um tema queee... que atinge todo mundo entendeu, não é um tema que só atinge...universitário da Universidade, é um tema que atinge éé alunos de escola, de.. do ensino público, dee...sabe, ensino médio, fundamental que é o... querendo ou não éé... envolve todo mundo entendeu, pra mim é o que eu acho.

Elena: É importante porque traz uma discussão sobre paradigmas impostos pela sociedade e que precisam mudar, precisam ser debatidos e problematizados.

Thalita: Eu acho muito importante abordar esse tema nos cursos da Universidade porque tem muita gente que tá descobrindo a sexualidade agora ee... eles tem que enten... eles precisam entender, até as pessoas que tinham certo preconceito eles tem que entender sobre, eu acho legal estudar, e na questão das escolas, por mais que seja complicado, eu também, eu não acho ruim mostrar pras, praaa... adolescentes, criança talvez seja muito cedo, não sei, mas pra adolescente eu acho importante porque é a maioria deles também tá descobrindo a sexualidade, tão um pouco confuso, e talvez esse tema abordado em... em aulas ajude eles aaa.... a se

encontrarem sabe, a entenderem o que tá acontecendo, tanto no mundo também porque agora eles veem isso em novela, em... em livros, na rua mesmo eee eles por talvez não entender, ou seguir o pensamento de algum familiar preconceituoso deles que fala que isso é errado, que a bíblia não permite, mas aa... a escola mostrando isso, a universidade mostraria que eles poderiam ter a própria opinião deles sabe, entender aquilo pela cabeça deles, ver se eles acham errado ou não, eu acho muito importante mostrar, e também tem aquela questão de você ser um professor, chegar numa sala de aula e ver um aluno homossexual ou que você vê já que é transexual eee... de alguma forma tente ajudar esse aluno, eu acho que é bem importante mostrar isso especialmente nos cursos de licenciatura pra dar uma base pro professor ajudar esses alunos.

Cesar: Eu acho que é imprescindível aaahn... abordar temas como igualdade de gênero nos cursos da Universidade porqueee... existe muita gente queee... cursam algum... que fazem algum curso na Universidade que ainda é bastante machista ééé.... existem algumas mulheres também queee... que reproduzem machismo, que são ensinadas né desde pequenas eee... eu acho que a gente tem que desconstruir isso, graças a Deus no meu curso tem um pouco disso mas eu sei que existem vários cursos na Universidade que nãoo... não abordam nada do tipo eee... eu também acho um absurdo você sair de uma graduação tendoo... uma visão machista ainda de mundo, eee... abordar igualdade de gênero em escolas é bastante importante também porqueee... muitos alunos crescem em famílias machistas eee... são machi... homens são machistas e as meninas reproduzem machismo o tempo todo e eu acho que é nessa fase que tem que começar... começam a ser desconstruídos aham... com mais facilidade, dentro da escola no caso né, principalmntee... no final do ensino fundamental e ensino médio, então acho que é muito relevante assim a abordagem de temas como esse só que eu acho queee... esses assuntos tem que ser abordados com um pouco mais de leveza do que provavelmente seriam abordados eeem... universidades por exemplo porque tem toda aquela questão deee... talvez os pais reclamarem, tem a questão dooo... dos diretores e coordenadores da escola não permitirem esse tipo de abordagem então é bastante complexo maaass.... eu acho que ééé.. que tem que ser abordado sim.

Poliana: Ué extrema importância a abordagem desses temas de igualdade de gênero pra que se construa desde pequena as crianças uma mentalidade de.. dessa igualdade de... de não discriminação éééé.. pra que as meninas aprendam que elas tem os mesmos direitos, os mesmos deveres, as mesmas éé... os mesmos... as funções diferentes que elas podem brincar do que elas quiserem ee... e jogar o que elas quiserem, usar o que elas quiserem, então isso é preciso ser mostrado desde cedo nas escolas pra que não aconteça o que aconteceu recentemente nas redes sociais da famosa cantora Sandy que postou a foto de um.. do.. do filho brincando com uma boneca e deu uma repercussão danada, ridícula né, então tudo isso é uma falta de conscientização das pessoas em relação à todas essas formas de brincar, de educar, de agir né, então isso tudo nas escolas e na Universidade pra.. pra que as pessoas se conscientizem, pra que se formem professoras também que.. que repassem né essa... essa mentalidade, essa éé... esse, essa criticidade em relação a esse tema adiante pra que essa luta não nãoo... não se apa... não se perca né, pra que essa faísca não se apague de... de igualdade, infelizmente uma coisa que tem que ser lutada e perseguida eternamente.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: Pra diminuir o preconceito né, basicamente isso, só isso que eu sei rsrs

Brenda: também acho, pra valo... éé... enaltecer a questão da igualdade de gênero.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: pra realmente compartilhar essa ideia deee... igualdade né, num é porque é homem ou mulher que tem que ser tratado de forma diferente, são seres humanos independente do gênero, independente se é homem ou é mulher, isso que tem que ser trabalhado, ter liberdade... ter liberdade de ir e vir, ser igual dee... de... ééé... poder ter o mesmo direito, conquistar as mesmas coisas sem sempre ter essa coisa de tipo aaah não mas é mulher aaah.. éé.. que é homem, então sempre ter esse tipo de pensamento só por... em relação ao gênero né.

Myrella: é no caso de escola é bom você tratar o tema porque são indivíduos em formação que ainda tão... tão reunindo informação pra poder falar....ver sobre um assunto do ponto de vista deles, então no caso seria você ensinar eles pra poder ééé... eles terem a noção do que eles tão fazendo com outras pessoas se ta prejudicando ela ou não, se ta fazendo ela sofrer por uma coisa desnecessária ou não e levar isso pra vida pra pode ééé... difundir isso pras outras pessoas mesmo né, que é ooo... pontos de vista diferentes nem... não precisa ser todo mundo assim aah defender 100% ou não defender 100% mas tem que ter uma noção do que uma pessoa tá fazendo com outra pessoa, você pode ter a sua opinião ééé desde que não interfira nos direitos pessoais do outro.

Paloma: e eu acho importante também porque embora seja um tema muuuuito falado, você abre a internet tem, você abre a televisão tem, você vê programa, você vê série, você vê filme, tudo tem isso muito explícito mas dentro de casa é um assunto ainda muito velado, então o ambiente escolar talvez proporciona essa discussão, eu já vejo, eu já compartilho na internet, já compartilho aquilo que eu visualizo mas o debate, a conversa, o porquê daquilo não tem dentro de casa, as vezes a escola é esse ambiente aí vem a preocupação da questão da escola não poder falar de determinados temas né, então se eu, se eu... vou privar a escola de falar de qualquer tema que seja né considerado polêmico, como essa informação vai chegar praaa... pra esse indivíduo pra formação dele se a casa também, se dentro de casa ele também não compartilha.

Myrella: aaaah é importante falar usos assim até pra adultos mesmo que tem muita gente que não tem noção do que tá fazendo, que muitas vezes não sabe nem queeee... que tá prejudicando alguém, e porque ouve falando isso e acaba reproduzindo e não pensa nas consequências então muita gente não tem a oportunidade de, de, deee... ver o... de um jeito diferente o que eles fazem entendeu.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: seria maravilhoso, seria o passo ideal pra começar o respeito, e eu acho que a sociedade machista ééé... racista, opressora toda assim ó tem medo disso tem, tem esse medo daa... dessa diversidade chegar nas escolas tanto é que tááá... tudoooo... esqueci... que teve a Fake News lá do kit gay que não era kit gay eraaa... kit anti-homofobia, se esse negocio fosse pra frente com certeza ia ser umaaa... uma coisa boa pros alunos e não era uma coisa ruim igual eles tavam espalhando, tavam espalhando uma coisa totalmente diferente do que era o que... do que ia ser proposto entãaaoo... principalmente as pessoas que tem determinada religião tem muito medo das, da diversidade, da aceitação porque a bíblia em si eu acho a bíblia muito machista gente, tipo assim eu tenho a minha religião e tal mas tem que entender que a bíblia foi feita a séculos e séculos atrás, que tem um conceito histórico assim e que foi feita por homens, e naquela época os homens ficavam acima das mulheres e as mulheres aceitavam isso, hoje em dia não é mais assim só que pelaa... por as pessoas acreditarem na bíblia ééé... e levarem a bíblia como verdade absoluta eles acham que vai ser isso e acabou então se hoje em dia tá lá assim mulher tem que ser igual ao homem eles vão falar “não mas na bíblia ta lá mulher submissa ao homem então vai ser submissa” aí se tá lá, ééé... na verdade eu nunca vi na bíblia escrito assim que homem não podia se relacionar com homem mas eu não sei eles falam que tem mas eu particularmente nunca vi mas eles falam assim queeee... eles não aceitam e quando a gente fala assim que o primeiro mandamento da lei de Deus é amar o próximo como a ti mesmo eles ficam... nossa eles vão pra cima, eu ficooo.... nossa as vezes me da um medo assim deles achar que eles, que vão me fazer alguma coisa, mas é porque tipo assim eles pensam assim que é amar o próximo se não sei o que, não sei o que lá, entendeu, eles colocam um requisito lá pra você amar o próximo sendo que na bíblia não há requisito, você só tem que amar, gente ame.. ama vai lá... aaai é muita coisa.

Samuel: então eu acho que tem que ser falado mesmo em... eu acho que principalmente em escolas por causa que é quando a pessoa ta se formando pra ser um cidadão, pra ter mais contato social e aqui na Universidade eu não vejo muito esses casos, eu acho o povo aqui bem mente aberta mas tem alguns casos então precisa ser falado ainda mas eu vejo que em escolas eu acho que o foco principal tem que ser nas escolar pra disseminar mesmo pra... porque nem todo mundo vem pra faculdade, então eu acho que tem que começar da base e isso vindo assim pra disseminar pra todo mundo.

Jamily: ééé... nas escolas, pelo menos quando eu era do ensino fundamental tinhaaa... muitas pessoas que eram homossexuais mas tinham medo de falar, medo deeee... tinham medo do, do que os professores iam falar, do que os colegas assim, tinha medo de pegar um na mão do outro dentro da escola mas tipo eles tem esse medo fora também, aí só que eles vão pra o ensino médio e já é outra realidade aí se eles tem contato com pessoas com mente aberta só que não é muito, aí vem praaa... as vezes vem pra faculdade e eleees... eles meio queeee... se acham mais libertos sabe então se naaa... ooo... o ideal mesmo seria no ensino básico e fundamental mesmo, no ensino fundamental 2 porque no ensino médio não é todo mundo que consegue chegar no ensino médio por exemplo eu conhe... eu tenho uns primos que eles foram até a quinta sério mesmo com os mesmo recurso que o meu, a gente já chegou a ser da mesma sala e hoje em dia eu to aqui na faculdade e eles resolveram parar no ensino fundamental, então eu acho que o ensino fundamental seria o ideal pra falar disso.

Samuel: mas tem uma questão também que como eu sou do interior e se os professores começarem a falar disso lá nossa vai dar um, um, um, um, um problemão lá, então éé... os professores eles as vezes tem medo de trazer isso pra sala por causa da reação dos pais vem "aaah ta influenciando meu filho a ser gay, ta influenciando meu... meu filho a sair da igreja" e não é isso, ele ta abrindo a mente pra ver que tem que aceitar a diversidade e essas coisas.

#### **10)Quais são os problemas que, ao seu ver, a mulher ainda enfrenta na sociedade de hoje?**

Bruna: Bem, a questão do salário é aindaaa... é um problema né, o homem ganha mais do que as mulheres em alguns empregos, eu não sei se em todos mas sei que isso ainda é um problema, a ditadura da beleza também é um problema, a mulher éé... se espera da mulher que ela seja bonita, que ela se cuide, que ela seja feminina, se ela não é feminina ela éé.. ahn vista como um termo pejorativo sapatão, ou desleixada, a questão também doo... do emprego né, é difícil pras mulheres conseguirem um emprego, as vezes... tem certos trabalhos que preferem ééé contratar homens por causa do porte físico mesmo, mas também tem a questão de ser difícil pra mulher conseguir um emprego também porque, por outro problema que é, é visto que a mulher... ainda hoje pessoas pensam que aahn.. que a mulher que tem que criar os filhos, então ela tendo que criar os filhos como que ela vai conseguir um emprego também mas... éé... isso é tão, é tão forte que ainda naaas... nas escolas as vezes perguntam onde ta a mãe daaa... daquela criança, quando é reunião de pais já esperam que a mãe apareça, tem muitas coisas ainda eu acho, mas as que eu mais consigo lembrar no momento são essas.

Giovane: são bastantes viu, bastante... bastante problema sabe ééé.. eu acho que um dos principais assim é a diferença salarial que éé... ainda é uma coisa que... que é um problema ainda a ser combatido né maaas... no geral assim é representa... representação política né, eu acho queeee... é um problema que... a sociedade ainda... ainda vive né, que é.. é a necessidade de você ver mais vozes femininas representando entendeu, porqueee... ééé...na, na política que você desvende di...diálogos, intervenções na.. na sociedade né, então acho que na política éé.. é um, é um, é um problema ainda queeee... que precisa ser debatido e combatido né aaahn... mas no geral são as... são as diferenças salariais, são as diferenças de direitos né, são... éé... de tratamento também né, tem esse preconceito ainda de que, até mesmo deee... na hora de contratar a mulher né aahn... mas é.. é muito... são muito problemas, são in... são inúmeros assim né, mas ao fundo mesmo tem, tem todo um preconceito né sobreee... ainda né, que ainda querendo ou não ainda a gente, a gente ainda tem esse, essas raízes patriarcais na nossa sociedade que a gente precisa meio que combater.

Elena: A mulher ainda sofre com o problema da violência, do assédio e do salário desigual.

Thalita: Bom até hoje da pra ver que a sociedade ainda tem um pensamento de que a mulher tem que ser inferior ao homem, isso ta mudando mas é muito devagar, ainda tem muita gente com esse pensamento de que a mulher é menos inteligente éé... não é mais forte, não pode ser mais forte nunca e também tem a questão de, dos homens que vêem as mulheres como um objeto e é aquela questão que eu falei na na pergunta anterior que homem não tem medo de andar na rua sozinho de noite, mas a mulher sim porque a questão de que da... da sociedade porqueee... se eu vejo um homem na rua sozinho e eu to sozinha eu fico com medo do que ele pode fazer comigo entendeu, então eu acho que a mulher por ser mulher na questão deeee... do

que vem acontecendo no decorrer dos anos, no... no passado aaah.. é bem complicado ser mulher ainda na sociedade.

Cesar: eu acho que o machismo ééé... o maior problema que as mulheres aaahn.... ainda tão enfrentando, porque fora issoooo... tem toda aquela questão dooo... dos homicídios né feminicídios, mas eu acho que machismo ainda fica pior.

Poliana: Enfim, são os mesmo problemas da sociedade de hoje que ela sempre enfrentou, os mesmos, na minha opinião não mudou nada, problema de.. de julgamento de roupa, de atitude ééé... de função, o que que a mulher deve fazer, pra que que a mulher serve entendeu, a única coisinha que melhorou foi porque as mulheres conseguiram ééé... um pouco mais de liberdade mas éé.. toda essa liberdade ainda que foi conseguida é julgada, então o que não deveria haver é esse julgamento, então ééé...elas continuam enfrentando problema na questão do emprego da, do salário ééé... do machismo que acontece nas próprias escolas, nas relações de trabalho, dentro de casa, maridos que não aceitam que as mulheres terminem por exemplo um relacionamento, é muito marido, namorado matando mulher feito mosca né, as mulheres viraram mosca né porque muitos, essa liberdade que a mulher adquiriu, essa independência, autonomia, tem assustado muitos homens né, assusta demais porque eles não estão acostumados, eles não evoluíram da forma que as mulheres evoluíram, principalmente mentalmente né e moralmente, então eles se assustam e não admitem éé perder esse espaço né, esse poder, a maioria não aceita, então os problemas são esses mesmo, somos julgadas por tudo, eu mesma já fui julgada por próprias mulheres e pra mim isso que é o pior, éé... por exemplo, você não pode usar uma calça legging se você não usar uma blusa comprida, algumas mulheres já vem “aiii você tá usando calça legging, você tinha que usar uma blusa mais compridinha, menos não sei que” gente isso é super confortável, eu saio com o que eu quiser, já teve mulher colega modernona da Universidade que chegou pra mim e falou isso entendeu, eu não to nem aí eu continuo usando calça legging aonde eu quiser, eu uso o que eu quero, o que eu me sinto bem, então a mulher é julgada por tudo isso, tudo, tudo, tudo, se eu boto um short, uma saia, uma blusa mais decotada ainda ela é julgada... ela é julgada como sendo menos ééé... como que é... estereótipos né, na questão de dirigir, na questão de liderança, você vê que a mulher, a única mulher que se tornou presidente aqui no nosso país ela.. a presidenta Dilma foi uma mulher que foi extremamente, um alvo extremo de machismo o tempo todo eee... complicado né, ela foi deposta principalmente pelo sistema machista entendeu, que não não não aceita posicionamento, então pra mim os problemas são os mesmos questão de ter filhos a mulher ainda... ainda.. ahhh não quer ter filho, não casou, virou titia, aaah casou quando é que vai vir o filho, aí vem o filho aaaah quando vai vir o segundo filho, aaah não vai casar não, sabe, aquela coisa toda, eu por exemplo o meu irmão casou recentemente eu fui perguntada e você quando vai ser sua vez, e tá namorando, e tá isso, tá aquilo sabe, é o tempo inteiro essa cobrança, e ao mesmo tempo a cobrança hoje da mulher é trabalhar, o que não havia tanto antes, mas se ela trabalha ela não... não tem que ter os direitos iguais, então complicado né.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: igual a gente tava falando deee... principalmente nos empregos, tanto no social e problemas explícitos assim que eles falam na sua cara que eles... ééé... tem essa discriminação das pessoas que tem filho, por exemplo eu mesma tava pesquisando essa semana ééé... essa semana na internet, tem algumas profissões que pra você na entrevista de emprego eles perguntam se você tem filho que se você tiver eles não aceitam, por exemplo de aeromoça, eu achei isso nossa como assim não pode ter filho, tem nada a ver.

Brenda: a mesma coisa, essa questão mesmo mais trabalhista, mais econômica, o homem ainda ganha mais do que a mulher e é na mesma profissão isso ainda acontece muito, e eu acho que isso, aquela questão da mulher dona de casa, que a mulher ainda tem que.... ainda tem essa questão deee... não do, do, dooo... do feminismo, uma questão do machismo mesmo que a mulher ainda tem que cuidar da casa, ainda tem que, mesmo que trabalhe ainda tem que cuidar da casa e dos filhos, tem que se virar e eu acho que isso aí é prejudicial.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: então.... a questão de ser mulher por ter filho aí dificulta no trabalho, determinadas funções éé... que as pessoas dizem que são exclusivas pra homem e aí as vezes a mulher tem total habilidade pra fazer mas não consegue ééé... a vaga porque é praa... considerada de homem né, a dificuldade de ir e vir né, você tem medo de sair na rua porque você é mulher, uma coisa que o homem por exemplo a mulher se vê as 10 horas da noite ela vir e ver um homem ela vai ficar com medo de ser assaltada, ela vai ficar com medo de ser estuprada, ela vai ficar com medo de n coisas, se... se tá vindo um homem e ele encontra outro homem o próprio homem já vai ficar receoso será que se for um assaltante por exemplo será que eu tenho condição de assaltar ou eu... ou eu não tenho, pra mulher ele já vai ver como um sexo frágil entre aspas aí, essa aí é fácil pra eu conseguir qualquer coisa, então a mulher ela tem vários medos, desde assalto ao estupro que né, é bem complicado ee...eeee... e é vulnerável, a mulher é mais vulnerável pra isso, você não vê aaah um homem foi assaltado e estuprado, agora a mulher né, acho que o maior medo da mulher na verdade é esse, é o homem achar que ele tem o poder de usar o corpo dela simplesmente porque ele é um homem.

Myrella: ééé...os problemas acaba sendo sociais ééé...econômicos e políticos, por exemplo uma mulher falar dela... da opinião dela da...do... da ideologia que ela tem do mundo ela já menosprezada tipo nãoooo, não pode falar, eles.... eles já deixam pra baixo como se você não pudesse falar por ser uma mulher, por... não entender do assunto sabe, isso é coisa de homem... agora éé, economia, a diferença salarial, a diferença de cargo, as vezes as empresas não deixam as mulheres subirem de cargo porque são mulheres e deixam pra... pros homens fazerem isso eee... e tal... eee... econômica eee... e essas coisas, e social é o que ela falou né questão de sair na rua se... se... por exemplo você vai numa boate aaaa.... por exemplo assediam você, aaah porque você tava nesse lugar, você tava querendo isso, você deixou fazer isso porque você tava lá, agora você nem....num... raramente são os homens que são assediados eee... tipo, não tem esse discurso com eles sabe.

Paloma: na verdade eles invertem né, quando você vê alguma situação acontecer com mulher sempre tem um argumento aaaahh porque ela tava com a roupa curta, aaahh porque o que que ela tava fazendo na rua uma hora dessa aaah, então sempre tem um..um... uma desculpa social pra aquela situação ter acontecido e não simplesmente olhar a mulher tipo assim, não ela foi vítima e acabou, sempre tentam argumentar éé... pra tirar essa coisa que né éé... culpabilizar a mulher na verdade por determinada ação.

Myrella: muitas vezes o homem sai impune também da situação né porque aaahhh... éééé... a pessoa tipo a não deixa, é só porque é homem mesmo, não vai acontecer de novo não, ele falou que não vai fazer mais isso, aí deixa.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: nossa tudo nossa as mulheres elas tem medo, tem... sofrem sexismo, nossa éé... as vezes... eu já me perguntei porque que eu fui nascer mulher rrsrsrs gente é muito difícil e ainda tem que ficar ouvindo que a gente fica de mimimi, nossa da vontade de dar uma porrada, tipo assim aaahh to... mas to... to querendo ir alí mas to com medo "nossa mas porque que você tá com medo, você tá de mimimi e não sei o que, não sei o que lá" ai gente é muita coisa ééé... muito aaai....

Samuel: então, igual ela falou tem muitos problemas ainda mas eu acho que melhorou um pouco do que era antes mas ainda precisa melhorar bastante, ela... tipo.... igual ela falou elas tem medo de sair na rua sozinha, tem medo de botar um short curto porque todo mundo vai olhar, vai... vai falar, tem medo dee... ééé deee.... tudo, é quase tudo eu acho, então eu acho ainda precisa melhorar bastante essa questão.

Jamily: sem contar as coisas que as pessoas exigem da gente né, se você tem 15 anos, não, se você tem 13 anos você não pode namorar que você já vai ser uma piranha, agora se você tem 15 anos você já tem que começar a dar umas paquera mas também não pode falar pra todo mundo que você tá paquerando, agora se você tem 17 anos e não tem um namorado você é lésbica, se você tem 17 anos e não quer namorar você é uma pessoa queee... ou seja você... a gente pensa veey o que que eler quer da gente? Porque a gente tenta agradar e acaba desagradando, se a gente tá desagradando a gente já tá desagradando mesmo, é uma coisaaaa... louca, você não pode pensar em você, você tem que pensaaaar... não é uma coisa que... você

tem que pensar ni você agora, ni você casando, ni você com seus filhos, ni você com a sua família, é uma coisa... 8 ou 80 mesmo.

Samuel: eee... é nessa questão deee... de beijar e tals se uma menina ficar... se um menino ficar com muita menina ela é o pegador bambambam mas se a menina ficar com muitos meninos ela é igual ela falou uma depravada.

Jamily: Igual eu vejo com um caso assim com a Larissa Manuela aquela atriz, gente a menina ta vivendo, ela tem 18 anos agora e ela já teve sei lá quantos namorados mas... gente ela tá vivendo e o povoo... pega no pé dela falando que ela é uma rodada e não sei o que mas ela... eles também não pega no pé sei lá do Cauã Reimond, não pega no pé do João Guilherme é esses trocinho aí, não pega.

Isabele: quem é João Guilherme?

Jamily: é o ex dela

Samuel: ele já namorou um monte de vezes também, dele eles não falam nada.

Jamily: fica... aí ficam... ai gente uma coisa que acontece também é a comparação, você tem uma menina assim de tal jeito e você é completamente diferente aí começa "aaah mas você podia ser igual a ela alí, olha só toda arrumadinha, olha só, já tá ó namorando e já sabe fazer um monte de coisa e você tá aí" ai gente é um ódio.

Samuel: mas isso acontece com homem também, não muito mas acontece então os dois tem que mudar.

### **11) Você já se deparou com alguma situação de machismo ou preconceito envolvendo gênero?**

Bruna: Sim, já me deparei aahn... aqui em casa também já aconteceu, minhas mãe antes que era uma pessoa aahn... uma pessoa muito independente começou a namorar oo... há sete anos atrás começou a namorar um cara que virou meu padrasto, agora eles estão separados, mas aahn com o tempo ela foi se tornando submissa, ele proibiu ela de trabalhar, ele fez aahn.. tortura psicológica com ela falando... ele tirou a autoestima dela eee... eu vejo até hoje com o caso dee... de pessoas mais humildes assim vamos dizer, pobres queeee... parece que elas não... não tem essa conscientização ee... ahn... ontem mesmo, não foi antes de ontem, antes de ontem aaaa.. a secretária né, empregada da minha avó ela estava contando que o marido dela não quer deixar ela ir pra festa, não quer deixar ela sair de casa aahn... eu ouço muito essas coisas e eu acho isso um absurdo, e também aqui em casa essee... antigo namorado da minha mãe, quase marido, ele tentava ensinar pro meu sobrinho, meu sobrinho tem 4 anos, tentava ensinar pra ele que... pra ele uma coisa absurda pra ficar olhando a bunda das mulheres, ficava tentando, falando pra ele ser homem, pra ele ser macho, pra ele não chorar e eu vejo isso nas ruas até hoje aahn... eu não vejo muito dentro da Universidade porqueee... eu acho que justamente por causa da conscientização, mas eu vejo muito também maridos proibindo mulheres de fazer coisas, limitando elas, minha irmã mais velha também já sofreu com sexismo pelas roupas que ela usa, poor aahn... também... pelo jeito dela, ela ser mais independente, meu tio ele proíbe a esposa dele de estudar apesar dela ser independente, mas agora ele tá tendo um controle sobre ela, eu vejo muito isso, é mais sobre... não... não fisicamente mais... mais questão psicológica.

Giovane: olha na faculdade mesmo sabe a gente ouve algumas... algumas coisas aí, presencia sabe situações em que colegas nossos sabe, as vezes comenta, colegas assim que já tem uma certa idade assim já são digamos assim de outro tempo as vezes comentam alguma coisa assim que a gente acha assim pra nós assim isso é uma coisa tipo super diferente assim né, machismo mesmo sabe, de falar, de.. e de.. por exemplo assuntos tipo tipos de mulheres entendeu que ééé... como.. como que a mulher, como que é a mulher tipo gostosa sabe, como que é a mulher pra casar, isso daí é muito... bem machista sabe, tem... tem discussões por exemplo que, que a gente vai discutir temas controversos, por exemplo na na.. na universidade assim e as vezes meio que aparece uma pérola sabe de alguns colegas nossos, de um.... de um sujeito X entendeu que solta alguns comentários assim, maaas... olha bastante viu, eu... eu pessoalmente assim já

to até meio que acostumado entendeu, a presenciar machismo assim, até na minha família mesmo tem, mas isso é uma coisa assim que tá enraizada né, num é uma coisaaaa.. tipooo... machismo não é uma coisa queeee... de agora entendeu, é uma coisa que tá culturalmente enraizada, mas direto assim se eu for falar vários, várias situações assim, são tipo, olha, várias, muitas rsrs.

Elena: sim.

Thalita: Já sim em questão de machismo eu várias vezes eu via professores mesmo meus falando que as meninas são mais limitadas que os homens, sabe esse pensamento retrógrado, e a questão de gênero eu fiquei bem assustada porque era uma tia minha compartilhando sobre um.. um artigo sobre transexuais e falando nossa olha só que lixo, que eles tentam impor isso na sua cabeça, essa palhaçada de ideologia de gênero e tal é..é... no geral é a questão disso aí que eles acham que a gente tem que, que eles tão querendo impor uma coisa na cabeça deles, tentando enfiar só que não é a questão dee.... de querer respeito.

Cesar: Com certeza, meu pai é machista ééé... com a minha mãe, com a minha irmã em geral né eee eu presencio tudo ééé... maas... eu também não posso fazer nada, e também em questão deeee... por eu ser um homem gay tem toda aquela questão de ser afeminado eee... isso também é um problema.

Poliana: Bom, como eu já disse os casos foram ééé... como já citado acima em questões relativas ao futebol, à presença, minha presença nos estádios, em grupos de whatsapp né, dooo... de futebol, que a gente acaba sofrendo machismo na questão de... de imposição de opinião, a gente sempre é o último a ser ouvida, a gente ééé... ééé aaa... a mais desvalorizada na questão de opinião sempre com aquele preconceito de que mulher não entende de futebol e blablablabla então foi nisso eeee...eee... em emprego eu não me lembro de ter acontecido até porque a maioria, eu sempre trabalhei mais pra mulheres né, então não... não me lembro de ter sofrido isso, mas em casa com certeza, em casa com pai europeu né, português, machista ééé... irmão também mimado, então é uma família que os parentes todos machistas você acaba sofrendo, sempre sofre dentro de casa, na questão do quem tem que fazer isso, quem tem que fazer aquilo, papel de um, papel de outro eee...eu tentei, eu tenho tentado mudar muita coisa desde que eu voltei a morar em casa eu mudei muita coisa, meu irmão passou a lavar louça, eu comecei a inserir na minha mãe um espírito feminista, ela mudou completamente ela agora não abaixa a cabeça pras ordens né de meu pai, ela encara, ela enfrenta, ela bate de frente, ela discute, a gente já passou por muita situação muito séria dentro de casa mesmo em relação a isso, minha mãe sofreu principalmente, então, um caso muito sério que ela sofreu ela logo quando casou eu lembro que.. ela tinha feito comida prooo...pro meu pai ee... ela tinha parece que requentado a comida, alguma coisa assim e ele ficou com raiva que ela não tinha esquentado na hora e requentado e ele pegou e quebrou o fogão dela, e aí ela chorou, isso assim ééé, tava pra casar né, e na época minha mãe me contou isso recentemente que meu avô falou com ela se ela não queria desistir, que era melhor ela desistir porque não era admissível uma coisa dessas, meu avô sempre defendeu assim ééé.. foi um.. feminista né, digamos assim, e aí falou com ela "é sua chance de desistir, eu vou aí pego suas coisas a gente vai embora agora você vai embora agora comigo", e ela acabou que não desistiu né, tanto que nós nascemos né se não fosse ela eu não teria nascido mas enfim, ééé... acredito que a gente já melhorou muito, meu pai em relação a essas questões machistas, mas ele... não adianta é impregnado no ser dele né, difícil.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: isso eu acho que... pera, não é que eu só to conseguindo lembrar daquele caso que eu já falei do meu pai, maas.... casos que não sejam meus teve uma amiga minha que ela falou queeee... o pai dela... reclama muito que ela.. que ele não quer que ela trabalhe porque ela tem um namorado e ele falou que o namorado dela que tem que trabalhar e não ela, ai eu fiquei o que que tem os dois tem que trabalhar se eles querem morar junto os dois tem que fazer por onde.

Brenda: eu não sei, eu não... não veio nada a mente.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Myrella: já, várias na verdade rsrs ééé... em questão minha mesmo deee... de amigos que eu tenho próximo que no casooo... quando por exemplo você é criança eu saia derrubando os meninos tudo porque eu tinha mais força que eles aí as pessoas viravam pra mim e falavam “nossa isso aí é coisa de menino, não fica brincando assim não, sei lá o que, seja mais feminina, você tá muito machinho” sabe, essas brincadeiras assim... ficavam falando com você coisa que não tem nada a ver, que não.... que força não define se eu sou homem ou mulher sabe, brincadeiras do tipo, tipo aaah inclusive falam “senta de perna fechada, igual mocinha” nossa ééé.... aaaah... sei lá... ééé... aprende a cozinhar porque depois você vai, você vai casar e vai ter que cozinhar pro seu... pro seu marido e você fica... mas se eu não quiser casar, mas você tem que casar, eles te empurram pra fazer uma coisa que você não quer sabe.

Paloma: e é o que ela falou né, tem padrões pré-fixados pro homem e pra mulher, a mulher tem que ser de X forma e o homem tem que ser de Y, então se eu cruzo essa linha de.... de padrão né, se eu faço alguma coisa que é mais considerada masculina ou vice e versa aí a pessoa já fala não, tem alguma coisa errada, então assim isso aí que ela falou é fato, se você é menina aaaah, eu to jogando... quando eu era pequena jogava volley, jogava basquete, jogava futebol, a não mas isso aí é coisa de menino, não pode fazer isso, ou aaah ta fazendo um negócio aaah já pode casar, da uma raiva disso, que casar gente, só porque eu to cozinhando, não tem... sabe, então eles colocam aaah então a mulher cuida da casa então se já sabe cozinhar é porque já pode cuidar de uma casa, enfim essas coisas bem nada a ver, e outra coisa ééé... tipo as vezes a pessoa chega e você tem um amigo ou um amiga que é mais afeminado ou que tem um jeito mais masculino e alguém chega perto de você e fala assim aaah é viado né, aaai é sapatão, tipo assim simplesmente porque a pessoa não tem ééé...ééé.... um perfil, um padrão pré-estabelecido pela sociedade.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: na minha família, é tipo assim na minha família é tipo assim ó eu não tenho nada contra porém não pode ser aqui dentro, igual nossa eu já discuti com o meu pdrinho mas tipo assim eu não sou LGBT+, porém eu é que eu odeio que falem mal entendeu, aí tipo, eles falam tipo ééé... “aaah eles são uma aberração e não sei o que, não sei o que lá” aí eu pego e defendo, eles acham ruim comigo, eles não chegam pra um... pra um... um homossexual assim e falam lá, disparam todo o seu ódio mas eles falam indiretamente, eles não aceitam eeee... é muito triste que ainda há pessoas assim, porque as veze eu... eu me fecho no meu... na minha bolha que aí eu esqueço que em torno de mim, muito próximo a mim tem pessoas ééé.. homofóbicas aí é triste demais.

Samuel: sim eu também ééé... a mesma coisa que a dela na minha família tem muita gente que pensa assim, um dia a minha tia falou, a do interior, falou queeee... que a TV tava influenciando todo mundo que era uma coisa do demônio, que não podia mais ver, aí eu fiquei assim olhando com cara de deboche pra ela né, mas é isso então... eu... as vezes quando eu vejo casais LGBT andando na rua de mão dada eu vejo um pessoal olhando estranho, ou é também com meninas que tão com shortinho curto aí os homens ficam olhando d eum jeito... de um jeito...

Jamily: nojento

Samuel: nojento, ééé etnã eu... eu já presenciei sim, não alguma ééé... física não, alguma demonstração ééé... de violência física não, mas assim já.

## 12) Por que a mulher recebe menos que os homens em certas profissões?

Bruna: Eu num sei muito bem mas há um tempo atrás eu vi um ... em um site de notícias ou artigo online explicando que é por causa do nível de escolaridade né que por muito tempo as mulheres quando elas tinham filhos ou cuidar da casa elas acabavam ééé... desistindo dos estudos e no emprego ganha mais quem tiver maior nível de escolaridade né, do homem nunca foi cobrado isso, cuidar da casa e dos filhos, e também tem a questão de que parece que oport...oportunidades boas assim de emprego são mais oferecidas as.. aos homens eee... também vi a questão, não lembro muito bem mas questão de assédio no trabalho que as mulheres mais isso e isso acaba inibindo elas de alguma forma de... de ter sucesso de... o assédio não denunciado também, elas não serem tão valorizadas, de fato é a falta de valor mas

eu não se explicar ao certo o porque mas essas explicações parecem bem... bem razoáveis, bem... tem crédito nelas eu acho.

Giovane: Olha, éé... pensando na cabeça assim de um chefe eu acho que eles olham por exemplo que a mulher ela tem licença maternidade entendeu, a mulher elaaa... normalmente ela queeee... que toma conta, toma conta assim entre aspas, não.. não é entre aspas mas tipo, ela que normalmente lida com os filhos entendeu, problemas relacionados a filho, então o chefe ele ooo... tipo não o chefe mas oooo.... oo... o contratante vamos dizer assim ele vai olhar tudo isso que em volta, que envolve contratar uma mulher, eu acho super errado assim super extremamente errado porqueee... ainda mais o caso por exemplo hmmm.. tipo porque demonstra assim você olhar tipo a mulher como mais... como um problema sabe, como se contratar uma mulher fosse um problema, não uma solução por exemplo, pra uma empresa, isso é extremamente errado, extremamenteee... sexista né eee.... é isso assim, o que eu acho assim que eles pensam é isso.

Elena: Por discriminação.

Thalita: Bom, a única coisa que eu consigo pensar que a mulher recebe menos é por ela ser mulher mesmo ee... eu acredito que é porque talvez ooo... os chefes acham que a ela é menos capacitada do que um homem mesmo sendo na mesma posição, no mesmo cargo sabe, é a única coisa que eu consigo pensar porque pra mim isso é um absurdo.

Cesar: Eu acho que desde sempre ééé... a sociedade foi ensinada de que a mulher é inferior ao homem, tato que estudando uma matéria agora aahn... a era victoriana no início do século 19 eleees.... eram muito machistas falavam que a mulheres, as mulheres realmente são inferiores aos homens, que elas pensam menos, são mais lentas, não são educadas e são tratadas obje... como objeto eee... eu acho queeee... até hoje ainda persiste mais ou menos um pensamento assim apesar que tenha evoluído, existe esse pensamento de que a mulher ainda é inferior ao homem por isso.

Poliana: Porque a mulher ainda é vista como a menos competente, como o sexo frágil né, porque nas, nas lideranças ainda ééé...nas lideranças ainda são ocupadas em sua maioria por homens né, então o patriarcalismo, o machismo, tudo impera né elaa... é difícil você ver uma mulher num meio, nos meios, éé... profissionais principalmente aqueles ocupados principalmente por homens, ééé, na política, na engenharia, e nessas áreas assim é complicado que elas acabam recebendo menos por conta desse... desse imposição ideológica que é colocado em relação a menos, a menor capacidade das mulheres né, e o que é completamente errado que elas já provaram que fazem tão bem ou melhor do que muitos homens e são ótimas em liderança e por isso elas merecem os mesmos salários, o mesmo reconhecimento já que fazem as mesmas coisas, e também possivelmente recebem menos porque tem essa possibilidade né de aaah vai ter filho tem que se afastar então pelo fato de ela ser uma progenitora né digamos ela acaba já perdendo a vantagem nesse meio masculino aí.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: não sei.

Brenda: machismo rrsrrs sexismo, maxismo esses problemas sociais que a gente vê, que o feminismo... e a igualdade de gênero vem tentando resolver né, exatamente por isso, porque essa cultura machista ainda é muito presente embora... a gente esteja... vá tentando... difundir né.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: por causa desses padrões, por causa dessa mentalidade de que o homem ele é superior, de que ele pode mais, de que a mulher vai ser submissa, de que a mulher sempre vai querer buscar, embora ela busque a igualdade, ela sempre ta tentando... sempre ta a um passo atrás do homem, toda vez que a mulher conquista um direito um, um, um, um... de fazer alguma coisa ou de estar em algum ambiente sempre tem aquela questão aaah mas o homem num sei o que, então isso se dá também no ambiente ééé... do trabalho né, e as vezes os próprios homens e as próprias mulheres como eu já disse antes causam isso né, a mulher... as vezes tem mais mulher do que homem num ambiente de trabalho mas aí a mulher fica éé...éé... com

picuinha, com ciúme e não sei o quê, enaltece mais o homem “aaah mas é melhor porque o homem é mais imparcial, aaah porque o homem fala menos, aaah porque não sei o quê” e aí acaba fazendo com que esses padrões sejam permanentes, e aí isso acontece no trabalho, a mulher vai acabar ééé... não sendo colocada como... né em um cargo de chefia porque ela vai supervisionar homem, como que vai fazer isso, enfim, o homem acaba né também não aceitando muito essa questão de, da mulher ser superior a ela, e aí a mulher mesmo que chegue lá ela nunca vai ter um salário igual, mesmo porque eles não vão.... não vão compartilhar ooo... o valor do salário, as vezes a mulher nem sabe na verdade que ta ganhando a menos.

Myrella: ééé...no caso das profissões tem aaa... aaa... aaa coisa que ooo... o homem geralmente ta em cargos maiores então é ele que define éé... se a mulher vai subir de cargo, se vai acontecer de aumentar o salário, receber bônus, essas coisas assim, e acaba o... que eles concordam entre si que não vale a pena porque é mulher éé... porque tem que receber menos, tem que cuidar de casa, de criança, tem essa questão aí da machisse que tipo a mulher não devia entrar no mercado de trabalho ainda, mesmo que a gente já tenha conseguido entrar, tem muita gente que acha que não, que mulher tem que ficar em casa, que não... não deve receber, que o dinheiro que vai... que receber tem que dar pro homem porque pra poder... que... daquela visão do homem financiando o homem vendo como é que o econô.. ééé... sendo o econômico da casa entendeu.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: porque ainda tem esseee... este... eu não sei falar essa palavra rsrs estereótipo de que a mulher é um sexo frágil sendo que não sabe, porque mulher eee... eu acho que mulheres em geral são mais carinhosas, são mais ééé... são mais delicadas, não delicadas de ai eu não sou, eu não sei fazer isso, mas no fato de é isso de serem pessoas mais empáticas, então eu acho que os homens pensam que isso é um defeito, sendo que o mundo seria muito melhor se todos fossem assim entãoooo... é isso.

Samuel: é eu concordo com ela ééé... sim rsrsrs eu não sei, é porque eu não sei o que falar disso eu acho queeee... é o que ela falou que é aaa... a questão da gravidez também que as... eu não sei, eu não sei o que falar, eu concordo com ela.

### **13)Você acha que a visão de gênero ainda é binária (homem heterossexual vs mulher heterossexual?)**

Bruna: desculpa, não entendi essa pergunta rsrs

Isabele: É porque tipo assim, a visão binária seria quando alguém fala aaah gênero, a gente entende gênero homem heterossexual e mulher heterossexual mas além disso também tem o gênero assim que não tá incluído nessa visão, que é, que são os homossexuais, as transexuais, e é isso basicamente. E na pergunta quer saber se você acha se a maioria da população ainda entende gênero como homem vs mulher, homem heterossexual que fica com mulher vs mulher heterossexual que fica com homem, ou se a sociedade já ta entendendo que existem dentro de gênero os gays, as lésbicas, os transexuais.

Bruna: Bem, eu acho queeee aaahn... com os outros gêneros como você explicou né de gays, trans ééé... bissexuais éé... pessoas também que não se identificam com gênero nenhum, que são os queers eu acho, também não tenho certeza, mas essa questão de gênero eu acho que ainda é nova, eu acho que pros mais tradicionais ainda... quando se fala de gênero, e no geral também, as pessoas ainda entendem homem hétero, entre aspas, vs mulher hétero só que pros.. pra... pra essa geração de agora, os mais novos né, ainda mais dependendo do ambiente que as pessoas estão como por exemplo na Universidade onde.. pelo menos na área de letras e pelo o que eu sei também na área de artes, minha irmã estuda artes aahn.. quando se fala de gênero eu acho que a gente não pensa só em.. nesse... nessa visão binária, mas acho que depende do contexto também hum... na Universidade isso ééé... é pensado, mas na minha, na escola que eu estudava antes, por exemplo, quando se falava de gênero automaticamente se pensava homem hétero, mulher hétero, mas.. como eu.... um exemplo também que eu acho que é dessa geração mais nova é que eu tenho uma outra irmã que estuda na faesa e lá, e ela faz biologia, e lá os colegas dela que tem a nossa idade assim de 21 anos aahn, eles, ou até mesmo... até uns 25 eles não pensam só mulher eee.... e homem hétero, mas também tem outra questão que

depende também da pessoa que você está convivendo, se tem alguém próximo de você que é gay, que é bissexual, transexual, quando fala de gênero você não vai pensar só nesses dois, homem hétero, mulher hétero, então depende do contexto, depende da pessoa que você tá convivendo, mas no geral... no geral eu vejo as pessoas mais pensando nessa visão binária.

Giovane: Eu acho que ainda é assim, é tipo uma meio que a base né que.. ainda tá tipo que fundamentada assim né, que o homem, que o homem que é o heterossexual e a mulher que é heterossexual né, mas é eu acho que a gente tá vivendo numa época de transição, assim, que tá sendo discutido tudo assim, tá tudo botando, tá sendo tudo... dialogado pra mim assim, então eu acho que no futuro próximo derrepente as pessoas já podem saber, ou lidar com a situação sabe, não lidar... não é lidar... mas tipo saber dialogar, saber discutir sem ser preconceituoso, digamos assim né eee... mas eu ainda acho que tem essa ideia que de, a gente ainda vive numa... numa sociedade binária né, o homem e a mulher heterossexual, ainda é o padrão né.

Elena: Sim, mas está mudando aos poucos.

Thalita: Bom, eu vou confessar que eu fico muito confusa quando perguntam isso porquee... pra mim em alguns casos sim, mas tem gente que não se sente bem mostrando, falando see... é uma coisa ou outra, então eu acho que pra mim, os dois ainda existem, binário ou não binário.

Cesar: com certeza, a visão de gênero é muuuito binária ainda, tanto em questão dee... identidade de gênero quanto de orientação sexual eeeee.... as pessoas não veem que existe todo ummm.... uma, um leque deee... de coisas, tem os assexuais, assexuados, os transexuais e etc.

Poliana: Com certeza a visão de gênero é binária éé.. não adianta é a primeira base de pensamento é essa com o tempo... é até difícil explicar eu acho que oo... o que complica mais ééé... não só a falta de informação mas também tantas nomenclaturas que foram criadas né, é bissexual, é transexual, é heterossexual, homossexual ééé... é tantas outras coisas que nem eu sei direito dizer, eu mesma confundo entendeu, mas eu compreendo, cada caso é um caso diferente, mas ééé... acho que todas essas nomenclaturas acabam confundindo as ideias de pessoas especialmente as mais conservadoras né, de pessoas de gerações anteriores e tudo, e elas não conseguem sair desse bi... binarismo né, não sei se, nem se existe essa palavra, não conseguem sair dessa... dicotomia aí, homem mulher heterossexual, pra ele éé... é difícil, eu acho que é a visão geral ainda é essa, ééé... tanto nas escolas, na própria educação é difícil ééé... os professores tão despreparados, a maioria até pra lidar com criança, até na questão das nomenclaturas em banheiro né, quem vai em banheiro aqui, quem vai em banheiro ali, éé... a própria sala de aula é difícil quando o professor não é hétero, a mulher também não, o jeito como se referir, como se comportar é difícil por conta dessa, dessa visão né binária.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: socialmente sim, que na realidade não é né, mas... socialmente sim.

Brenda: eu não entendi a pergunta.

Isabele: se ainda as pessoas enxergam o gênero como mulher e homem, mulher hétero e homem hétero.

Brenda: Sim... sim, infelizmente sim.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: muito ainda, embora hoje eu acho que as pessoas tenham mais liberdade de expressão né, eu costumo dizer que a gente ainda vive numa sociedade muito...é...como, ééé.... que ainda se aplica um falso mo... moralismo né porque isso ficou muito exposto, essa questão do gênero, da identidade né, das pessoas poderem se expressar eee...éé... aquelas pessoas que são contrárias a isso elas na verdade elas se calaram porque senão elas iriam contra uma onda que tava crescente né, então elas pararam de falar não foi porque elas não... tão aceitando ou algo assim, é porque se elas falarem vai ser uma coisa meio contra todo o movimento maior, mas as pessoas ainda continuam com essa questão de não o homem tem que ser homem, mulher tem que ser mulher, esse é o padrão masculino, esse é o padrão feminino e o que foge a isso não é certo e acabou.

Myrella: eu posso ta falando besteira mas muitas das coisas que acontecem tipoooo... ééé... você tem que ser um homem que gosta de mulher, você tem que ser uma mulher que gosta de homem, geralmente acontece eee.... eee... é mais divulgado em religião, que eu ouço muito falando de igreja inclusive ééé... gente falando tipo aaah ééé mulher tem que se portar assim, na própria igreja sabe, que é umaa... que era pra ser uma coisa mais paz e amor mais uma coisa ame todo mundo acaba sendo uma coisa ame só quem é assim, que não for assim você nãoo...

Paloma: não vai orar por ele.

Myrella: éé rsrs vai, vai ter que tirar eles da... dessa vida porque é um pecado né e sei lá o que, como se fosse assim a pessoa fosse inferior, fosseee... ééé...ééé... um monstro por ser o que ela é, sabe, porque não se encaixava no que acontece ee... essa coisa de machismo aí ta junto disso daí né mesmo ééé.... se a pessoa, por exemplo, se um cara for homossexual se ele tiver aaaa... a aparência de um cara hétero rsrs tipo assim ééé... aaaa... a roupa, não ter... não ficar andando de um jeito diferente aaa... eles vão, vão ter assim, vai passar despercebido, agora se for éé... uma mulher com um... uma roupa mais tipo uma bermuda ou coisa assim eles já vão jogar na cara, mesmo que hoje você tenha mais liberdade ainda assim tem muita repreensão sabe, mesmo pelas costas, pela frente, tanto faz a violência continua crescendo muito... muito mais ainda principalmente no Brasil né que é o país que mais mata LGBT e transexuais no mundo rsrs e metade dooo.. quase metade né das pessoas que morrem tão aqui no Brasil por serem homossexuais, por serem transexuais e não se encaixarem.

Paloma: e que se diz um país pouco preconceituoso.

Myrella: é, tipo, eu disse que é pouco preconceituoso porque a variedade de pessoas aqui é gigante mas mesmo assim o preconceito taa... ta embaixo do tapete aí, ninguém fala na cara, mas na hora de jogar pedra todo mundo joga rsrs sempre assim.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: sim né, aí na verdade eu não entendi essa pergunta não, acho que tá tudo errado homem ser homem e mulher ser mulher rsrsrs porque tipo assim gente, a gente tem que se amar, assim ó gente óó... vaaaa... ó a gente tem que amar pessoas sabe, não gêneros, tipo assim... ó pra mim a pessoa ela não escolhe ser hétero, ela... ou homossexual, ela já nasce, eu antigamente até ano passado eu pensava que isso eraa... achava que isso não era verdade assim mas eu não falava nada porque eu não sou então eu não tenhoo... ééé... local de fala, só que a minha prima elaaa... ela disse pra mim que ela é, era bi, só que pra me falar isso ela já veio com certo receio assim, falou assim "Jhulia você lembra quando eu era pequena que eu eraa... de tal jeito sabe" aí eu falei assim "sei" "então eu sou bi" e eu fiquei sem reação porque eu não reagi... eu não rea... eu nãoooo... não foi uma surpresa pra mim porque pra mim é normal a pessoaaa... é como se alguém chegasse pra mim e falasse assim eu sou hétero, eu não teria reação nenhuma, aí ela chegou e falou eu sou bi e eu também não tive reação nenhuma porqueee... ela tá hummm... se sentindo bem, elaaa... teve outro caso também que meu, meeeuuu... meu amigo chegou pra mim, me fez uma série de perguntas assim se eu era da igreja, se eu era ééé... homofóbica, mas é... ele chegou... ele chegou com medo assim estampado e depois falou assim, gente pra mim... pra mim... você não deveee... ééé... falar o que você é ou não é porque eu não chego nos lugares falando "gente eu tenho que confessar que eu sou hétero" eu não chego assim falando, pra mim eu acho queee... a gente... os... eu acho que não tem que existir gente, é uma coisa pessoal, você chega eee.. e beija a pessoa, independente seee... é homem ou mulher, chega e beija, não é oo... uma coisa que ai... muito difícil.

Samuel: sim, eu acho que sim mas não sei explicar igual como ela falou, ééé... o que mais eu posso falar? Eu acho que... que sim, igual eu tenho um, aaaaah lembrei de um exemplo de um bolsomion rsrs então...

Paloma: aaaaah vai cortar, vai cortar essa parte rsrsrsrs

Samuel: sim mas então no facebook né a gente compartilha, o negocio é ele fica compartilhando um monte de coisa aí ele bota assim ééé o negocio ééé... sendo homofóbico essas coisas ééé..

transfóbico aí ele coloca assim naaa... na legenda “XX, XY, não existe mais” aí um dia na aula de psicologia veio ooo... professor e ele falou que tem caso que a pessoa nasce com X...X...

Myrella: os órgãos trocados ou os aparelhos trocados...

Paloma: cromossomicamente ela ééé... a menina tinha um cromossomo indicando pra homem mas é.. toda composição secundária dela, toda característica secundária era de menina, e aí eles foram fazer o exame geneticamente, ela é diferente do gênero que ela apresentava.

Myrella: o que acontece né as vezes da pessoa ter tipo alguma coisa queeee... testículo por exemplo.

Paloma: esse na verdade é tipo um... um... um... hermafrodita? Quando tem uma genitália ambígua né.

Jamily: eu conheci uma pessoa assim gente, é tipo assim, ela, ela era uma menina assim só queeee... ela não desenvolviaaa... peito, ela não menstruava igual as meninasaaas geralmnetee... como acontece geralmente com meninas que não tem nenhum, ééé problema assim... eu não sei se isso seria um problema porque aí uma vez eu perguntei pra irmã dela porque eu fiquei com medo de perguntar pra ela e ela achar ruim mas ela disse assim “não que ooo... sistema dela assim, dentro dela assim ééé... masculino, porém ela por fora seria uma menina” só que a Luana ela eraaa... não tinha peito ela eraaa bem musculosa assim, ela éé.. só a única diferença é que ela tinha umaaa... pepeca eee... cabelo grande assim sabe, um cabelão, a única diferença era isso, e é genteeee... uma pessoa maravilhosa, maravilhosa, hoje em dia ela se assumiu trans e ela é um menino maravilhoso, gente...

Paloma: você pegava né?

Jamily: nossa eu pegava, sério, aí uma vez eu tava assim aí falei “nossa esse rapaz não me é estranho...” aí depois ele cheou “ei tudo bem” aí eu falei assim “ei e você é?” “agora Luan” aí eu falei “aah tá” porque antes era nomee... o nome era Luana né e desde aquela época que foi no ensino fundamental sofria muito bullying, muito bullying mesmo, nossa dava vontade de sair socando mas ela mesma já fazia isso, aí eu falo ela porque eu to me recordando de quando ela era ela, não era assumida ainda sabe, e ela sofria muito, ela não aparentava, ela não demonstrava porque ela se... ela seeee... ela meio que se defendia, mas eu tenho certeza que isso afetava ela de algum modo, tanto é que hoje em dia elaaa... namora, ela não, ele agora namora tal, se assumiu trans e é.

Samuel: mas aí voltando ao meu assunto aí eu vi que... achei uma maneira de desbançar o argumento do bolsominion, só que aí eu não tive paciência de ir lá porque nossa é muito enjoado, e aí isso ele, eleeee... pessoas de mente fechada ficam falando aaaahhh... e tem ainda gente que bota a religião no meio falando com a pessoa que tá com o demônio no corpo, eu “gente para com isso pelo amor de Deus” não precisa disso, deixa as pessoas serem as pessoas.

Jamily: esse pessoal fica colocando uma imagem de demônio muito feia porque eu acho que Jesus vai voltar mas vai voltar, como seee... fosse o alvo desse preconceito todo sabe, eee... e é isso se não eu vou mudar de assunto e falar uns negócio aqui que não deve... as pessoas tão usando o nome de Deus pra disseminar os seus ódios incubados aí.

Samuel: sim.

#### **14) Você já presenciou alguma situação de agressão ou preconceito contra algum homossexual? Ou conhece alguém que já passou por isso? Pode explicar?**

Bruna: Sim tipo... eu não vi mas aconteceu aahn na minha casa, eu tava dentro de casa um amigo... minha irmã ela tem um amigo de infância que é gay, eles são amigos até hoje, e isso foi há uns 5 anos atrás, eu morava na frente da praia e minha irmã, minha mãe, o namorado da minha mãe na época e dois amigos da minha irmã, os dois são gays, eles tavam na praia, eu tava dentro de casa ee... na praia oooo... o namorado da minha mãe ele deu um soco no rosto dooo... do.. de um dos amigos da minha irmã e segurou o pescoço dele ee... então éé... ele

agre... ele agrediu esse amigo daaa.. da, da minha irmã e enforcou ele mas por causa que minha mãe interrompeu não aconteceu nada de mais grave só...é... bem, eu não presenciei mas eu ouço muito isso ee.. no jornal mesmo mostra muito isso mas eu não presenciei.

Giovane: Olha isso é meio que tipo minha rotina assim sabe, eu passei por isso ee... conheço tipo pessoas que passou por isso, tenho... tem homossexuais na minha família entendeu, meu tio por exemplo é e ele já passou por isso pela família entendeu, a família tipo ser super tradicional, tipo tratar ele com homofobia assim tipo, por exemplo a minha adolescência e minha infância assim foi bem difícil assim, na família e fora dela assim porque bastante bullying entendeu mas ééé... mas tipo aaahn... no geral assim eu, eu presencio bastante, sabe bastante assim dentro da família e fora, é uma coisa que ainda faz parte da.. que.. eu acho que não vai mudar assim tipo a um curto prazo entendeu, pra mim, na minha família, na minha vida assim e pra outras pessoas mas... agressão de bater assim não, de espancamento nunca presenciei entendeu, graças a Deus, mas preconceito ééé.. é uma coisa tipo do dia a dia assim de... comigo e com outras pessoas, não tipo, no meu dia a dia não vou... não vou dizer que... que é dia a dia assim porque minha família é tradicional, é religiosa, cristã, tudo mais, mas eu acho que eles meio que tão aprendendo a lidar, então é uma coisa assim que eu dialogo bastante com eles sobre isso então... tá mudando lentamente sabe... maaas... é isso assim eu não tenho muito contato com... com comunidade assim LGBT, eu não tenho contato com.. com outras pessoas assim, meus amigos por exemplo normalmente são rsrs normalmente são mulheres héteras entendeu, então eu não tenho muito contato assim com... com agressões, com pessoas que sofreram agressões, sabe, homofobia, não, não tenho contato assim.

Elena: não.

Thalita: Bom situação de que... de ver a pessoa xingando assim eu já presenciei sim, mas não de...de agressão, de ba... de ver as pessoas batendo nas outras eee... seim eu conheço muita gente que já passou por isso e que são meus amigos hoje.

Cesar: Bom eu como homem gay já passei por algumas situações sim, como por exemplo eu tá andando com algum tipo de roupa... talvez considerada feminina ééé... fui olhado por muitas pessoas eee... com olhares de desaprovação, desaprovação obviamente né, então eu nuncaaa... fui assediado aaahn sei lá fisicamente, nunca fui agredido fisicamente, maaas... moralmente sim.

Poliana: Assim agressão não não me lembro não, tenho... tenho amigos né éé... homossexuais, mas preconceito é o tempo todo né, a gente vê... a gente vê através de piadinhas éé... dentro de sala de aula éé...aluno retorcendo o nariz pra professores homossexuais éé... na convivência mesmo eu já viiii... na minha própria família as pessoas são preconceituosas ééé... piadinhas assim, esses dias eu tava, essa semana né eu tava no carro com o meu pai e irmão aú eles, a gente foi nas paneleiras, olha a minha história, nas paneleiras comprar as painéis que a gente trabalha com restaurante e tal aqui em Guarapari e o rapaz que vendeu as painéis pro meu pai é homossexual né, não é a primeira vez que ele vende aí meu pai “é, é fulano que vendeu as painéis acho que ele é meio viadinho né, viadinho, não sei quê, aaah mas coitado, mas ele é gente boa né, ele é viadinho mas ele é gente boa” aí eu fiquei, aí eu falei porra desde quando a pessoa ser boa ou má é... quer dizer, ééé... depende da orientação sexual dela né, aí eu falei com ele e essas são as melhores pessoas, e é feio né, e eu falei com ele e é feio né ele falar assim, se referir é viadinho num sei o quê, e meu irmão também falou “aaah é mas ele é gente boa” vê só, na minha família é preconceito atrás do outro, infelizmente é difícil.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: eu presenciando... éé... já? Não lembro, não assim, agressão física não, isso eu tenho certeza, mas verbal eu devo ter mas eu não to lembrando.

Brenda: física também não, com amigos meus não, mas éé...verbal já vi muito, principalmente na minha cidade no interior, eu tinha certos amigos que eles eram mais... éé... extravagantes... sofriam muito preconceito lá, o pessoal chingava e tudo, chamava de viado na rua, fazia piadas e esse tipo de coisa.

Beatriz: o que eu vejo mais é as pessoas falando mal pelas costas sabe? Mas assim na cara eu nunca vi, eu vejo as pessoas por exemplo na minha família mesmo se... se for na rua eles não vão falar nada agora mas chega em casa sabe, ta ali e fica falando um monte de bosta.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Myrella: quanto a agressão não, agora preconceito já de “aaah nossa mas você é lésbica? Você não parece, você tem aaa... você usa maquiagem, você tem uma roupa tão bonitinha, como assim” tipooo...

Paloma: tão menininha.

Myrella: é! Mesma coisa com os homens também “noooossa mas você éé... é gay, não parece” é aquela coisa tipo vamos reverter “é porque você não.... não te pegaram direito ainda” né como se fosse assim outra... você vai mudar a cabeça de um dia pra noite porque te pegaram, não... não tem nada a ver essaaaa... rrsr...

Paloma: eu... eu na verdade assim, situação explícita com alguém não, mas assim em roda de amigos conversando éé... uma vez um amigo meu falou assim “aaah não sei o que porque a pessoa ééé... aaaah chega uma certa idade decide ser gay e não sei o que” aí eu falei assim ué gente mas como assim decide ser gay ééé aaaa... aí eu virei pra esse amigo meu e falei assim “me fala qual foi o dia, você lembra o dia exato que você falou não, hoje eu acordei hétero, eu sou hétero a partir de hoje” aí ele olhou pra mim e ficou “como?” aí eu falei “não, o dia que você acordou entre 12, 13 anos e falou não, e olhou pra uma menina e falou não, eu sou hétero, eu gosto de mulher mesmo, qual foi o dia que você escolheu?” aí ele falou assim “ué eu não escolhi não” aí eu falei “ué se você não escolheu ser hétero porque que você disse que uma pessoa escolheu ser gay, escolheu viver numa sociedade que... que é preconceituosa, que vai olhar pra ela se ela andar, se for um menino e andar meio rebolando vai chamar ele de viadinho e se for uma mulher e andar com uma roupa larga e falar mais grosso vai chamar ela de sapatão, você acha que a pessoa vai escolher viver numaa... numa sociedade preconceituosa simplesmente por escolher? Então me fala o dia que você escolheu ser hétero que aí eu vou dizer que realmente pra eles foi uma escolha” aí ele não soube responder, ele ficou calado, mudou de assunto, então assim sempre existem essas... essas conversas e as pessoas aaaa porque escolheu, aaaa porque é viadinho, aaa porque é sapatão, aaaa... sempre de uma forma beem inferi... de inferiorizar o indivíduo só por causa do dooo... do gênero dele.

Myrella: e a pessoa as vezes nem é né, só aparência dela, ela gosta de se vestir assim e as pessoas fica, fica jogando tipooo... como se fosse uma coisa aaa você não pode falar isso porque você é gay mas eu não sou gay, só só to usando assim porque eu me sinto confortável assim.

Paloma: e se fosse for também?

Myrella: é e se for não é tipo umaaa... uma ofensa chamar a pessoa de gay porque é gosto sabe.

Paloma: eu fico indignada com isso gente, que o que que influencia na vida da outra pessoa se ela ta beijando um menino, se ela ta beijando uma menina, se ela tá fazendo o que, se ela tá beijando os dois, é um problema dela, não interfere em nada na minha vida.

Myrella: e as pessoas acabam...

Paloma: só se for o meu parceiro aí eu vou ficar chateada porque tá me traindo mas se foi... fazer o que né mas o gênero dela acabou gente ela... ou ele né...

Myrella: as pessoas acabam confundindo né muito essa coisa de identidade pessoal e sexualidade, eles acham que é a mesma coisa, se você é uma mulher meio macho você tem que gostar de mulher porque é assim, eles acham que é assim, mas assim tem uma coisa não anula a outra, mas também não é obrigação sabe rrsrs não tem um padrão certo de, de aahn... de pessoa que gosta de, dee... de pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto sabe, não tem uma coisa fixa.

Dupla 3 Jamilly e Samuel:

Jamily: eu não... graças a Deus eu não conheço pessoalmente mas eu já fiquei sabendo de casos e é muito triste principal... uma coisa que me tocou muito, mesmo eu não conhecendo a pessoa, foi o caso daquela travesti a Dandara, gente toda vez... eu não sei se vocês ficaram sabendo mas... junta um grupo de héteros e espancou ela até a morte, gravaram e postaram no youtube, e é, nossa é muito triste, eu não consigo... falar dela seeem... sabe, seeer... ai gente eu não consigo falar dela mas é muito triste.

Samuel: então presenciar não mas jáá... já me contaram algumas situações, a não presenciei sim mas não de agressão éé... foi mais de verbal de piadinhas bestas essas coisas assim, mas conhecer alguém eu acho que não, eu acho que eu não conheço alguém que passo não, mas presenciar e ouvir histórias eu já ouvi bastante.

Jamily: eu acho que que... não se enquadra nesse daí não tenho certeza mas eu tenho um primo que ele tem 10 anos e ele é, ele é muito afeminado e ele sofre com isso indiretamente porque tipo assim a minha família olha pra ele "hmmm Marcelo já ta meio assim, vai ser viado" e não sei o que, não sei o que lá, eles falam isso como se fosse uma coisa ruim, gente os viados são as coisas mais maravilhosas que existem nesse mundo, eleees, sabe, eu sei que ele vai sofrer muito principalmente dentrp da família porque até hoje não tem nenhum caso na família de pessoas que se assumiram pra todo mundo, só tem esse caso da minha prima só que ela não é assumida abertamente pra todos e ele, e le é muito afeminado entãooo... ele vai crescer com isso com essa femini...

Samuel: feminidade.

Jamily: é isso aí, eee... tadinho, é isso.

### **15) Que medidas que você acha que poderiam ou deveriam ser tomadas para diminuir as agressões e preconceitos contra mulheres e homossexuais?**

Bruna: Leis já existem né contra agressão da mulher e agressão né aahn... mas deveriam existir leis aaahn.. mais.. ééé... centradas nos homossexuais por exemplo, e tanto as leis em relação às mulheres como leis de agressão no geral elas deveriam ter punições mais severas, e uma coisa que tá faltando também é empatia, muita gente deixa de lado porque pensa aah não é problema meu, ou muita gente aaahn... incentiva também, é incrível comooo... ultimamente pelo menos eu tenho visto muitas pessoas aahn... pararem de se filtrar e começar a ver as coisas como coisas normais eee... gente se revelando né que antes tinhaa... eu não sei se é por causa desse... desse... dessa campanha presidencial né, que agora a gente tem um novo presidente que incentiva essas coisas, mas muita gente parou de esconder, se esconder, e começou a mostrar um incentivo à agressões, mas ainda, ainda bem né também, ainda há gente que não gosta disso, que não concorda, mas tem muita gente que... meio que fecha os olhos pra isso, então eu acho que precisa de punições mais severas, precisa da lei de fato ser cumprida e de mais empatia.

Giovane: diálogo, educação entendeu, é uma coisa que por as pessoas não entender elaaas... elas tratarem com, com ignorância né, é uma coisa tipo básica do ser humano, quando a gente não entende algo a gente acha estranho entendeu, a gente tende aaa... aaa... aaa... a avaliar como ruim entendeu, mas se a gente trazer isso pro diálogo, trazer isso pra discussões éé... éé... homofobia e.. e sabe e... preconceito, a gente pode nuuum... aaaah... nummmm... curto a longo prazo a gente mudar sabe a situação, mas na minha opinião assim tudo resolve, tudo se resolve com educação e diálogo.

Elena: Leis/ medidas protetivas.

Thalita: Bom, o ideal seria dar um jeito dessas pessoas estudarem sobre, entenderem oooo.... o que realmente acontece, mas como sabemos que isso é um pouco impossível eu acho a questão da denúncia mesmo sabe, da pessoa sei lá... sei lá ser presa, acontecer alguma coisa bem séria que impacte a vida delas sabe.

Cesar: eu acho que pra combater o preconceito é muito importante que a gente aborde esses temas na escola só queeee... desdeeee... desde o ensino infantil, assim não desde o início do

infantil porque eu acho que as crianças não vão aahn ter tanto... conhecimento, mas eu acho que a partir do ensino fundamental já é importante a gente abordar assuntos como esse, e eu diria que pra diminuir as agressões eu acho que é primeiramente muito importante criminalizar a homofobia eee... éé... a lei Maria da Penha eu acho que aahn as punições deveriam ser um pouco mais brandas.

Poliana: Bom... medidas acho que seria mesmo aaa conscientização nas escolas, desde as crianças pequenas aprenderem ééé... aaa... a tratar igualmente essas pesssoas, ééé... conscientizar na questão da igualdade de gênero.. aaa... a opção sexual que todos são iguais ee.... eee... cada um tem que se preocupar com a própria vida, sabe eu acho que é questão de conscientização, propagandas ééé... na televisão e em meios de comunicação que se refiram à empatia ééé... pra que essas pessoas se coloquem mesmo né no lugar dos outros, pra que elas sintam o que os outros sentem quando são agredidos ou sofrem preconceito então acho que é mais isso é uma questão mais mesmo de conscientização, né apoio midiático né porque a própria mídia acaba se transmitindo ééé...como meio preconceituoso, então a gente tem visto ultimamente essas abordagens em novelas e tudo mais e eu acho uma... uma coisa legal quando começa a ter espaço né, esses grupos começam a ter espaço no... nos meios de cunicação.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Brenda: não sei, acho que a mesma questão que a gente vem até discutindo em aulas de psicologia que é uma questão de educação, é uma coisa básica do indivíduo, se ele nasce desrespeitando as pessoas ele não tem educação pra, ele não foi educado pra educar as pessoas ele vai desrespeitar de qualquer forma, ele vai seer... ééé... como é a palavra, esqueci, intolerante de todas as maneiras.

Beatriz: acho que isso, acho que só vem em mente palestras por exemplo na escola pra conscientização porque tem muita gente que os pais não falam em casa, como eu to dizendo as vezes fala até o contrário, faz a pessoa ser machistas, essas coisas então ter palestras nas escolas eu acho um... uma boa maneira porque as leis já tem né só, como muitas leis no Brasil as vezes não são postas em prática então tentar conscientizar o povo pra não precisar de colocar essas leis em prática.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: primeiro educação, e educação assim desde cedo, desde muito... muito cedo, na escola, na, na... dentro de casa, em discussões, em roda de amigo, em qualquer lugar que você tiver oportunidade de falar sobre, esclarecer sobre... sobre... acho que é extremamente importante, outra coisa que é importante é ter rigor nas leis e as vezes acabe sendo ééé... ééé... muito mimimi mesmo de tipo aaah não sei o que não foi por causa disso não, tem nada a ver, então assim as pessoas sempre tentam tirar o peso éé... de determinadas ações porque a pessoa tá sendo excluída ou ela tá sendo menosprezada ou tão agindo de preconceito com ela por causa da identidade de gênero dela, as pessoas sempre tentam tirar esse peso ee... num, num, num, num, num, não pode se fazer isso, quando a pessoa vive isso é diferente de você ver por fora, você só vai saber o que é uma determinada situação se você passar por ela, então eu não posso dizer com uma pessoa quando a pessoa fala "aaah porque eu sofro preconceito" "aaah sofre nada, você que acha que é isso" pow eu não tenho que achar isso, quem tem que saber é a pessoa, é ela que tá vivendo, e aí as pessoas tentam sempre tirar então tem que ter rigor mesmo, aconteceu determinada situação tem que ter punição, tem que ééé... procurar éé... quem tá errando pra tentar acertar, porque se não as pessoas nunca, se não tiver esse tipo de coisa as pessoas nunca, elas nunca vão mudar esse comportamento.

Myrella: uma ótima medida pra poder você buscar mais do assunto é procurar gente falando sobre isso, gente que ééé... mulheres falando sobre fe... o movimento feminista ééé... homossexuais falando sobre homossexualidade, cada um fala, inclusive em muitos vídeos no youtube, que existem muitos preconceitos que você tem, as vezes você nem sabe o que que é mas eles acabam falando "ó, isso daqui, você fala isso daqui, não tá pensando muito bem não, isso é meio que preconceituoso" e tal, então ééé... aaa.... entrar em contato mesmo com pessoas que saibam falar sobre o assunto, não só nas escolas, bu...buscar saber em casa, conversar com outras pessoas, porqueee... nem sempre ali você tem, consegue ter contato com

pessoalmente e tal, mas você pode ter um contato online ééé... descobrir mais sobre o assunto pesquisando mesmo no google ééé sabe... é muito fácil achar a informação hoje em dia eee... muita gente acaba não fazendo isso porque acha que o ponto de vista dele tá certo e pronto, mas tem que saber que tem outras pessoas diferentes de você.

Paloma: vou até voltar um pouquinho aí, a gente teve a prova no Enem agora no último domingo e uma prova assim recheada de coisas sobre feminismo, ééé.... violência contra a mulher, éé... preconceitos, enfim uma série de coisas e aí você abre a internet e aí você fala assim poxa isso aí tá bem difundido, as pessoas tão falando, mas você abre a internet um monte de comentários extremamente preconceituosos contra, aí você vê o governo tentando colocar esse assunto em volta né, pras pessoas saberem, pras pessoas discutirem, éé... trabalhar, trabalhar o tema, e aí um monte de gente na sociedade criticando porque acha inadmissível, acha uma besteira, porque acha desnecessário, o que que isso vai influenciar na vida de um futuro universitário, e eu fico me perguntando, a gente vive aonde? Em que país? Se não é uma coisa velada, se não é um falso moralismo eu não sei o que que é.

Myrella: inclusive tem gente queee... tipo, a questão do Enem ela falou sobre aí alguma coisa de direita, esquerda, tem pessoa falando “nooossa tem que falar que isso é de direita porque o... o Enem vai considerar errado como se eu escrever que é de esquerda” ou o contrário, só que assim são coisas científicas, não é uma prova que tá falando, são cientistas do mundo todo, são coisas que ainda são comprovadas e aí tem pessoa que quer ir contra só porque ela acha, ela tem um... umas pessoas que também vão jogando ideia aleatória assim ela vai pegando informação e vai fazendo o ponto de vista dela sem se basear em...em... em provas, em fatos reais que acontecem sabe assim, acontecem rrsrs.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: contra mulheres eu acho queeee... valer a Maria da Penha, porque a Maria da Penha tá aí só que quantas mulheres já não morreram segurando papel de boletim de ocorrência lá do nome da Maria da Penha com medida protetiva? Então eu acho que não adianta você aaa... você prender oo... o cara coom... usando a lei Maria da Penha mas soltar ele no outro dia e esse cara voltar e matar a mulher, terminar o serviço que ele começou, ééé... eu acho que a educação nas escolas seriaaaa... essencial, porque apesar dee... eu acho que as crianças geralmente passam mais tempo na escola em atividade assim do que com os pais, porque geralmente os pais trabalham e tal e na escola você teriaaaa... ééé... base por... de... do respeito que você não ia encontrar com os seus pais ééé... tanto praaaa... respeitar diversidade quanto pra respeitar as mulheres inde... independente de... de qualquer coisa mas o respeito tem que prevalecer de ambos... de ambas as partes mas considerando que hoje em dia as mulheres sofrem muito mais, a escola seria muito importante ééé... também se tivesse algumaaaa... alguma coisa que os pais pudessem fazer, sei lá palestra, aaaaah se os pais fossem nas reunião de pais na escola também seria ótimo, mas só que eles não vão e não deixam também a escola tomar as devidas precauções.

Samuel: aí depois fica falando que tem kit gay nas escolas mas nem sabe a vida escolar do filho.

Jamily: exatamente.

Samuel: é, então eu, eu concordo com o que ela falou tem... éé... uma... a lei ser mais ééé... ser maaaaaiis... a lei ser mais posta em prática e rigorosa e a questão das escolas também ééé deeee... discernir essaaa... aí, discernir aaa... discernir a igualdade pra todo mundo pra não... pra quando... porque eles tão se desenvolvendo na escola então se eles já tiverem essa instrução antes, quando crescerem tem menos chance de se tornarem alguuuumm... algum cara homofóbico ou machista.

Jamily: ééé ooo... o negocio pra mim é a escola, não tem outro jeito assim tem que ser a escola porque se a criança vai pra casa ela pode ter um ensino... um ensino religioso lá queeee... prega que a mulher é submissa ao homem, que não pode ter diversidade então na casa dela pode ser uma casa extremamente machista e homofóbica, ela vai pra escola e vai discernir esse ódio, esse machismo e essa homofobia agora se a escola chegar e falar assim “não, isso tá errado” eee... mas só que também, porém, entretanto, tem o fato daaa... da criança aprender essas coisas boas na escola, ir pra casa, falar o que... que aprendeu e aaas... e os pais se acharem no direito de falar que tá errado que... eeee... e re... repreender o filho, batendo, deixando de castigo,

fazendo tudo aquilo, e o filho vai acabar ficando com medo, vai ficar meio queeee... confuso, não sabe seee... no caso ele continua machista, ou se na escola ele continua sendo... ééé... respeitoso assim, então a criança fica muito confusa pra mim.

Samuel: sim.

**16)(Caso a entrevistada seja mulher) Você sofre algum medo que você acredita que aconteça pelo único fato de você ser mulher?**

Bruna: Sim, eu sofro até na verdade meio difícil de admitir mas eu sofro, tenho medo de andar na rua sozinha de noite, eu me sinto desconfortável num lugar onde tem muito homem, homens principalmente que eu não conheço é claro ee... eu, eu tenho esse tipo de medo, eu também tenho medo de sofrer o preconceito né na pele mas e não ter como me defender então eu sinto esse medo e sim... eu sinto... por isso queeee...eu também não vou muito à festa de carnaval porque já aconteceu de, de tentarem me agarrar mas sempre pelas minhas irmãs estarem junto eu consegui me safar, mas infelizmente eu tenho medo sim, não é um medo tão, tão forte é mais um receio mas eu digo que é medo também.

Elena: Sim, só por isso não curso matérias no período noturno.

Thalita: sim, tem a questão de assédio, de feminicídio, eu morro de medo porque a gente só por ser mulher sofre essas coisas eee... a gente vê que não é uma coisa específica ééé... porque nós somos mulheres e nós somos vistas como objetos, como questões de posse, e isso é muito sério, é um medo muito grande meu.

Poliana: Com certeza né, aaah a gente sofre medo, boto o pé fora de casa a gente já tem medo, a gente sempre éé... eu vivo sempre olhando pra trás, sempre eu acho que pode acontecer alguma coisa, esses dias um cara deu um pulo na minha frente e eu achei que ele ia me agarrar e eu saí à mil ééé... então medo de ta passando... de sair no escuro, sair a noite sozinha a gente tem medo de sair sozinha né, ser estuprada e a culpa ser sempre nossa por tudo ee... acho que esse é o principal medo, ééé... o próprio medo de também de não ganhar igual de sofrer desvantagem no emprego nem precisa ser em cargos de liderança mas em qualquer cargo, ééé... perder uma vaga por conta de ser mulher, mesmo você sendo mais competente, sofrer ééé... discriminação também de professor, assédio de professor, assédio é o tempo inteiro né... medo de, de, de ir a lugares que todo mundo vai, pegar um taxi, eu mesmo já passei por várias situações, eu tenho um azar com esse negócio que eu vou te contar, várias vezes eu peguei taxi e várias vezes eu tive problema, eu tive que abandonar, tive que bloquear, e eram todos assim, pareciam pessoas de confiança de minha mãe, eu tive que... aí eu contava que... mesmo eu contando as vezes que... eu tive que ouvir da minha cunhada "aaah mas você também da papo pra todo mundo, você conversa com todo mundo, você tem que entrar no taxi tem que ser bom dia, boa tarde, boa noite, seca, não tem que dar conversa" falei ué mas eu sou comunicativa, eu converso, eu bato papo com todo mundo, algo a pessoa faz algo errado e a culpa vai ser minha? Então é isso, meu medo é sempre esse de, eu até desanimei entendeu de... de conviver as vezes com as pessoas porque me desanima, eu fui num evento de futebol novamente e um senhor tava organizando, foi educado o tempo todo veio na minha casa, buscou éé... as bandeiras do botafogo e tudo pra expor lá e tal, correu tudo bem, pra mim esse senhor é um avô né, chegou no final do evento ele veio de assédio pra cima de mim, passando a mão no meu braço até quase chega no, no, no meu seio e eu fiquei desesperada, pensei meu Deus, aí eu dei um empurrão nele, levantei mas fiquei sem reação, não gritei peguei minhas coisas e fui embora, aí depois ele veio como se nada tivesse acontecido aí eu briguei, acusei ele ee.. esculachei, ele pediu desculpa, falou que, que.. ele foi éé.. fez errado, que isso não ia se repetir, blablabla, enfim né, devia ter jogado a merda no ventilador mas como sempre a gente acaba tendo medo, mas eu queimei o filme dele com uma pessoa do... do cerimonial que é uma moça né, filha do dono e ela contou pra família dela toda quer dizer... a imagem dee... de boa pessoa de bom homem de família quebrou ali naquele dia, mas nem todos ficaram sabendo né.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: aaah com certeza, ééé... como a Bianca tava falando ééé... essas coisas que a família fala de medo de você chegar em casa tarde é as vezes também não é só medo deles, porque

toda sociedade ta assim se você fica na rua você fica com medo de ter algum homem perto de você, você num ônibus se senta um homem do seu lado você não se sente tão segura como se fosse uma mulher igual coisas desse tipo, a gente sempre ééé... submetida aos homens independente daaa... da situação.

Brenda: Então, sim, também já teve situações de, eu não sei, tipo relacionado a segurança pública mesmo, ai já teve casos de recusar um trabalho a noite porque eu não poderia voltar pra casa sozinha, por medo de voltar pra casa sozinha ee... não sei, esse tipo de coisa.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Paloma: sim ué eu já até falei né as vezes você tá andando na rua geeente.... o homem ele olha, infelizmente, alguns homens olham pra mulher e olham como um ser inferior, então assim, as vezes vai ter um assalto, o cara vai com o intuito de assaltar, vê que é mulher ele já pensa n coisas né, eu acho que estupro acontece muito ééé...ééé... em decorrência disso, as vezes o primeiro intuito nem era esse, mas pelo simples fato da pessoa que ele tá assaltando ser uma mulher ele já se acha no direito de ééé... praticar o estupro também, então isso eu acho que é uma coisa que a mulher tem, eu particularmente tenho muito medo de tá andando na rua e de ser abordada eee.... ééé... pelo simples fato de eu ser mulher eu ser estuprada, isso não vai acontecer com homem, ele pode ter o medo de ser assaltado, não de ser estuprado né, então eu acho que em relação a violência eu acho que esse é uma das coisas mais assim ééé... marcantes, e é obvio que o homem tem mais força física, então assim as vezes o homo acha que só porque você é mulher, a gente já viu n casos ééé... sendo noticiados ééé... aaaa o homem começa a brigar com a mulher, até o que ela falou né, você vai numa boate, o homem vem, quer te dar um beijo, quer fazer alguma coisa, você fala que não, ele se acha no direito de te bater, de te empurrar, de fazer qualquer coisa porque ele tem mais força do que você né, e as vezes você não tem como revidar porque de fato você não tem tanta força quanto o homem em algumas situações né, e aí éé... dependendo do ambiente você ainda fica mais inibida ainda né, se tiver muito homem, então assim éé... éé... o fato de ser mulher em algumas situações é bem complicado.

Myrella: na verdade a principal situação que é de medo mesmo é na rua porque acontece de carro seguindo você devagar, de pesso... deee... cara parando e voltando pra poder vir falar com você, ou te seguindo, já aconteceu comigo inclusive, foi tenso sabe e vo.. vo... qualquer coisinha que você tem de diferente éé... é motivo pra eles mexerem com você, tipo assim eu ganhei uma rosa de aniversário dos meus pais, um bouquet eeee.... já veio um cara falando comigo “nooossa fui eu que te entreguei né, você... você gostou, você quer que eu vá pra sua casa” poxa, sabe, implicando comigo ééé... tipo não tinha o que fazer porque eu nunca sei se a pessoa vai ter alguma coisa que pode me machucar ééé... no bolso, enfim, se ela vai ter alguma reação violenta e tal, então você acaba passando por isso diariamente eee... sem poder fazer nada.

Paloma: você acaba sendo... as vezes a gente tem que ser omissa na, na, na ação com medo de acontecer alguma coisa pior.

Myrella: e é bem comum, mais comum do que parece, principalmente em lugares ééé... que não tem muita gente passando e tal que ali não tem como você pedir ajuda ééé... vem gente atrás de você as ve... aí você anda mais rápido e a pessoa vai junto com você, você sempre tem essa paranoia na cabeça mesmo que não seja um... ééé... uma pessoa perigosa você sempre vai achar que é porque ta, ta seguindo, ta junto com você ta... ta olhando você ta... saa... sabe, vários motivos, só o fato de ser homem mesmo você já fica com medo, independente da pessoa se ela estiver só passando na rua ou pedindo uma informação você vai ter medo da pessoa sabe.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: eu sofro, já sofri na verdade né mas... mas sofro ainda, porque se aconteceu uma vez pode acontecer de novo eee... aaaah, trabalho de escola, eu faço um técnico no IFES alí só que o IFES é uma escola de exatas, olha só nada a ver com o meu curso né, uma escola de exatas então eu já fiz trabalhos com meninos que eles falam “aaah eu vou apresentar isso porqueee... eu sou homem” sabe, aaah é muito difícil você lidar com uma pessoa machista, com a cabeça formada praticamente e você vê que você não pode fazaer nada, porque apesar de tudo você ainda ta num ambiente escolar barra profissional porque você tem que se preparar pra, pra sua vida fora da bolha né entãoooo... ééé... é muito difícil.

**17) Você acredita que a mulher tem a mesma liberdade para uma vida social que o homem tem?**

Bruna: Não eu não acho, até um tempo atrás eu achava que isso tava mudando, agora aahn.. eu acho que ainda não tem, ainda é julgada né see... seee.. sair com certo tipo de roupa, ainda é julgada pelo tipo de vocabulário que ela usa em público, tipo de língua, tipo de comportamento, se ela quer sair com mais de uma pessoa pra namorar mesmo não sendo algo sério se... ainda mais se ela tiver um filho, ou se... se ela tiver aí um emprego público, como sendo professora por exemplo, ou trabalhando em um cargo de... de respeito entre aspas né, porque todo cargo pra mim é de respeito, mas eu ainda acho que isso tem que mudar, mas pelo menos com as pessoas que eu convivo não é assim, é mais pras pessoas mais tradicionais e ultimamente muitas pessoas né tem se revelado ser como sendo tradicionais, então isso é uma coisa que ainda tem que mudar.

Giovane: Eu acredito assim que, que liberdade liberdade não tem sabe, não tem.. não tem 100% mas a situação tá mudando tipo... mas... ainda tem essa questão que eu já falei preconceito ainda que precisa ser mudado, precisa ser dialogado né, mas uma vida social eu acho que sim, em parte, é maaas... a situação ainda precisa mudar bastante né praaa... pra tornar digamos seguro sabe, mas no geral sim, eu acho que na minha opinião sim.

Elena: Acredito que sim, mas a crítica e o peso são muito maiores para o lado feminino, então, as mulheres acabam num paradoxo: ter a liberdade, mas arcar com as duras consequências de uma sociedade patriarcal.

Thalita: de jeito nenhum, hoje em dia não, a gente vê que o homem é muito mais livre pra pra fazer o que... o que que ele quiser do que a mulher, por exemplo seee... eu vou usar um exemplo muito clichê aqui, por exemplo se um homem vai numa festa e pega sei lá 10 mulheres ele é o pegador, mas se uma mulher vai fazer a mesma coisa, ela ééé... já vista comooo... como piranha sabe, é nesse modelo, o homem pode fazer meio o que ele quiser porqueee... a sociedade permite que ele faça mas a mulher não, porque a mulher tem que ser sempre comportadinha, bonitinha e não pode ousar, não pode usar uma roupa ousada entendeu.

Cesar: Assim né, na teoria a mulher ela tem a mesma liberdade que o homem, na teoria, só que na prática a gente sabe queeee... que é totalmente diferente que as mulheres ainda se sentem muito inseguras pra sair a, na rua, principalmente a noite, pra frequentar uma balada, praaa... pra sair pra beber, uma coisa que os homens fazem normalmente, ninguém... homens não saem com medo de casa aahn... com medo de apanhar, ser estupro sabe, e as mulheres ainda tem esse medo, então existe uma liberdade só que só na teoria mesmo.

Poliana: Obviamente que não, eu não acredito eee... e o que não.. não existe, a liberdade pra vida social, a mulher sai ééé... as que bebem são julgadas aah porque mulher que bebe é feio, o homem pode beber a vontade, mas a mulher que bebe é feio, eu não bebo mas se eu bebesse eu ia ficar puta se alguém falasse que aaah fulano que bebe é feio, ééé.. horários, o homem sai, dorme fora, pode chegar a hora que ele quiser, a mulher não, tem sempre aquele controle de horário, sempre vai dar confusão, se ela vive com a família, horário que chega, aquele controle o tempo inteiro querendo saber horário que sai, com quem vai, com quem chega, entendeu, então esse controle éé...é triplicado entendeu, o homem não tem que dar satisfação nenhuma mas a mulher tem a roupa que sai né, o homem sai do jeito que for, a mulher tudo éé.. é controlado então, as companhias, com quem sai, com quem não sai, é isso, tudo...tudo.

Alunos Morfosyntaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: não rsrs como tamo falando né, os homens pode ir na rua assim de noite quando quiser, aaah verdade também pode ficar sem camisa eles... pode fazer quase tudo que eles quiserem né, a gente tem que andar sempre bonitinha, sempre com a roupa bonitinha, maquiada, tudo nos trinque eles não, pode andar fedendo e a gente tem que amar eles do jeito que eles são e a gente não e a gente tem que se fantasiar.

Brenda: isso aí, idem.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Myrella: é que nem a questão da boate, por exemplo... uma coisa social que a pe... queeee.... muita gente não, não tem a oportunidade de ir, não consegue ir com medo de ser estuprada, violentada, assediada ééé... até espancada, então assim é muitos lugares que são considerados sociais mas ééé... você não pode entrar rsrs porque tem esse risco né que a pessoa sofre ééé... em qual... no lugar que ela tá só por...por estar no lugar.

Paloma: além disso a questão do horário né, homem qualquer horário que ele sai na rua ele tipo assim ele vai ter medo da violência, vai, mas a mulher vai ter medo da violência e sempre éé... da violência física, da violência sexual, então assim a mulher se torna muito mais vulnerável, então as vezes ela éé...éé... evita alguns padro... alguns comportamentos sociais de sair, de ir em determinados lugares ou ficar até determinado horário exatamente por isso, com medo desse... desse tipo de problema né, da violência seja ela de qual âmbito for.

Myrella: inclusive tem essa questão né de mulher geralmente não sair muito sozinha, sair sempre em grupo pra poder sempre, pra poder ter uma reação alguma coisa assim dee... não ééé... sofrer e tal acaba levando mais gente, ou então levando homem junto sabe, só pra poder se sentir menoos...

Paloma: mais segura né.

Myrella: é.

Paloma: menos vulnerável.

Myrella: menos vulnerável.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Samuel: eu acho que não porque as vezes a mulher ela sente medo dee... de ser, de agir como ela queria, de sair quando ela quisesse, igual nessa questão de quando você é criança "aah não fica até tarde na rua porque é coisa de menino" e quando você cresce você não pode ficar até tarde na rua porque alguém pode tee... te estuprar teee... é te querer fazer mal pra você, e não eu acho que não tem umaaa... a mesma liberdade que o homem tem, é.

Jamily: aaa e a gente também não tem a mesma liberdade ééé... tanto deee... tempo que você fica na rua como o tempo que você gasta em casa se tipo, você pode não tá na rua mas se você tiver em, em casa sendo improdutiva entre muitas aspas assim aí vai dar no mesmo porque você vai tááá... vai tá lá, você e um homem dentro de casa, você tá estudando o homem não tá fazendo nada, mas se a louça tá pra lavar quem vai ser a proca preguiçosa, a mulher, se aaa... se a, se o homem tá lá sem fazer nada e a, e aa... o chão tá sujo é a mulher que vai... vai ficar sofrendo porque nãooo... não vai limpar, se sei lá, ela tá lá fazendo, igual eu, eu to muito atolada de trabalho, chega em casa, meu primo tá de férias deee... e vai lá em casa, tá de férias e vai lá em casa mas tipo ele já é de casa praticamente, ele nãooo... não pode lavar um copo, eu... ele... ele suja as vezes eu termino de lavar louça ter... sério, deixo tudo limpinho, eu acabo de lavar, tiro o avental e ele vai lá e coloca o prato dele lá e ninguém fala nada porque? Poque ele é homem, se eu to lá fazendo os meus trabalhos eee... a negoço vai continuar lá aí ninguém fala nada e se eu falar nada eu que tô errada, entendeu.

Samuel: bota a cabeça dele na pia rsrsrsrs.

### **18) Por que algumas pessoas entendem o feminismo como um movimento agressivo ou como algo desnecessário?**

Bruna: aaaahn... ele devem, as pessoas devem confundir com femismo ou associar como se fosse o oposto de machismo, que machismo é uma agressão contra a mulher moral, psicológica, física eee... então eles devem entender que o feminismo é isso em relação aos homens, não como uma coisa buscando o direito, ou o direito das mulheres ou igualdade, eles devem entender que as mulheres querem ser melhor do que os homens ou que devem.. que querem agredir a moralidade do homem, eu acho que eles associam feminismo com o machismo, é o que eu acho eee.... também em todaaa... em, em, em todooo... hmmm eu acho que ideologia não é a palavra certa, mas... em... vou usar a palavra ideologia, em toda ideologia tem os extremos eee as pessoas... eee... o extremo sempre fica marcado tipo marchas agressivas mas eu acredito que o feminismo não faça isso, eu acho que aahn, existem sim mulheres que odeiam homens mas

isso não é feminismo, mas as pessoas devem associar isso com o feminismo achando que é a mesma coisa que machismo só que com homens.

Giovane: desinformação, eu acho assim que acontece tipo uma desinformação, as pessoas as vezes não procuram saber o que que é o feminismo e meio queeee... por notícias de jornal assim ve tipo as mulheres protestando acham que é alguma coisa agressiva assim, mas na minha opinião é desinformação, desinformação, a pessoa não procura saber ee... e préjulga né o que é o feminismo.

Elena: Provavelmente porque elas não compreendem ainda a importância do movimento feminista e as conquistas que esse movimento trouxe.

Thalita: eu acredito que na verdade eles não entendem né porque se veem que é desnecessário eles não entendem o motivo de que uma mulher é feminista e o que que ela luta, então... eu acho a questão de não entender é falta de informação ee... a questão de mulheres que... dizem que é desnecessário eeee... agressivo é porque elaa... ela tá tão, eu acredito que ela tá tão já manipulada pelo esse pensamento retrógrado da sociedade que ela não... não consegue ver semelhança nisso entendeu.

Cesar: primeiro são pessoas aaahn... ignorantes que não tem muita informação, geralmente são pessoas assim que não entendem o movimento feminista eee... eu acho que as vezes o movimento feminista é visto como agressivo porqueeee... eu acho queeee... aaahn, na verdade eu acho não, existem feministas que já tão cansadas já de lutar pelo movimento feminista entãoooo... talvez elas partam para um lado mais radical, que são as feministas radicais né, que aí realmente é... é um movimento, é uma vertente um pouco mais agressiva do movimento feminista que as pessoas não compreendem muito bem, então eu acho queeee... é realmente a falta de informação que faz as pessoas aaahn... verem o feminismo como algo desnecessário.

Poliana: Ué essas algumas pessoas entendem o movimento como agressivo ou algo desnecessário porque elas são pessoas machistas, né que formam o sistema e não aceitam perder o espaço pra mulheres, ou mulheres que aceitam que seus espaços são aqueles pré-determinados pela sociedade, então por isso elas acham um movimento agressivo, desnecessário porque aaah não preciso porque tem que aceitar, é isso mesmo né, a mulher nasceu pra, pra, pra ter filhos, cuidar da casa e do marido, pra que que vocês tão lutando com algo que é imposto né pela natureza se... a gente até estudou agora novamente no sétimo período a questão naturalismo né, é o que a natureza impõe né, é o fate, é o destino que, que a natureza impõe, éé... aaa... a mulher, a mulher tem que seguir aquilo, então quando ela se desvirtua, aaaah isso que eu ia falar lá em cima, outro texto que a gente leu do the yellow wallpaper, onde a mulher elaa... ela... ela teve uma depressão pós-parto ee... e ela foi considerada louca né, maluca, o médico ignorava o que... os relatos dela, inclusive o próprio marido dela era médico e.. e fazia pouco das palavras dela, as coisas que ela relatava, ele só se preocupava com a questão física, seee... se ela não tinha nenhuma alteração física pra ele ela tava bem, então tudo que fosse de... de outra coisa era coisa de maluquice de mulher, era né, as mulheres não eram vida né, não se dava importância a qualquer outra coisa, a qualquer outro distúrbio mental, emocional né, e mulher é muito mais do que uma questão física né, a gente tem muitaa... emoções a flor da pele, os hormônios e tudo mais, entãoooo.. esseee...algo desnecessário é essa desvalorização de tudo aquilo que a mulher era, de tudo aquilo que a mulher... a mulher merece ser né, e tem o direito de ser, então acredito que é por isso, é agressivo porque se considera que elas tão indo contra aquele sistema, que elas deveriam apenas aceitar e é isso aí esse pronto, aceita que dói menos.

Alunos Morfosyntaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: aah eu acho que são pessoas que não... não tão acostumadas a ouvir uma opinião contrária a delas né, se ouve uma pessoa falando ao contrário do que elas pensam elas já se acham ofendidas, consigo pensar nessa aplicação porque...

Brenda: eu acho porque elas entendem errado a essência do movimento ele acham que é um... uma coisa diferente do que é na realidade, a mulher não tá querendo nada a mais do que oo... o

que deveria ter, só ta correndo atrás dos direitos que ela é direito, coisas que deveria ter normalmente.

Dupla 2 Paloma e Myrella:

Myrella: então, porque na verdade eee... pelo o que eu sei, o feminismo começou com esse negocio de ideologia de gênero, mas tem algumas pessoas que tanto, tanto no movimento, tanto fora do movimento que as mulheres ééé... querem ser superiores e tal, acaba divulgando essa imagem errada e inclusive falando o nome errado porque feminismo é realmente sobre a igualdade de gênero mesmo, mas o femismo é sobre, é um movimento contrário ao machismo, muita gente acha que é a mesma coisa então acaba divulgando essas informações errado e a pessoa tem uma visualização errada do que é o movimento.

Paloma: eu acho que assim ééé... ééé... porque falta de informação mesmo, as pessoas acham que as mulheres querem ser melhores, é o que ela falou e é o que eu falei antes, as mulheres elas querem ter o.. a mesma condição éé... de ir e de vir, de trabalhar, de poder ééé... fazer qualquer coisa que ela quiser sem esse medo dee... pelo simples fato de ela ser mulher, então assim o feminismo ele busca isso, a igualdade de direito em relação a qualquer outro indivíduo né, aaa... tanto a mulheres quanto a homens, assim não... não tem distinção e aí o que eu acho que o que falta aí na verdade ééé... aaa... o conhecimento, por isso que as pessoas acham desnecessário, elas não conhecem né, ou se conhecem, conhecem dee... ouvir falar né, e as vezes compram um... um... uma argumentação ou um conceito de feminismo errado, e acabam ééé... perpetuando isso e passando pros outros aí eu acho que por isso que tem essa questão de achar que é desnecessário né, ou que é muito agressivo.

Myrella: tem a questão também né queeee... muita gente prefere que as pessoas sejam vistas como inferiores a elas pra poder não dar os mesmos direitos que ela né, continuar tendo o mesmo direito, o direito tipo... de ir pra um lugar tal sem se encontrar com outra pessoa que.. que não seja daquele padrão e tal e muita gente acaba fazendo isso por conforto né, tipo “aaah não, deixa do jeito que tá que tá bom pra mim que s não eu vou ter que dividir o dinheiro do país com eles também, eles vão conseguir lucrar mais, eu vou ter que... vou ter que trabalhar mais pra poder conseguir lucrar também, então deixa assim que tá bom que o povo lá embaixo vai.. não vai fazer... não vai conseguir chegar aqui em cima né, aí acaba sempre esses negocio né “nãã, deixa as mulheres alí ganhando menos porque se elas começarem a trabalhar e ganharem mais eu vou ter que me esforçar pra ganhar mais que elas” então tem essa questão de como... comodidade também.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: óóó, eu acho que é porque essa pessoa ainda não foi afetada diretamente com o machismo, ou então não percebeu porque geralmente eu, eu não conheço mulheres que não tenham sofrido com o machismo não, mas por exemplo a gente ééé... querendo ou não a gente tá numa posição muito maior do que aaa... anos aí anos atrás, hoje em dia a gente pode fazer coisas queeee... anos atrás, séculos atrás, décadas atrás a gente não poderia nem imaginar nem sonhar nem nada, agora chega as meninas, eu conheço meninas hoje em dia que fala assim “aah pra que ma.. pra que feminismo, vocês só querem, aaah associa feminismo com falta de higiene” gente... “a porque a mulher tem queeee... fa...ser... se depilar e homem não precisa e mulher vai ficar porca assim” a gente só quer que a mulher tenha o direito de escolher se quer se depilar ou não, por exemplo, porqueee... chega lá no serviço a mulher quer um serviço que sejaaa... é sei lá, diretora de um departamento de engenharia civil, mas aí não vai conseguir porque é uma mulher, feminismo só quer que a mulher tenha o mesmo direito gente, eu não entendo como que uma mulher é contra o feminismo, não me entra na cabeça gente, eu juro pra vocês não entra na cabeça, como, aaaai... é muito sem sentido.

Samuel: então eu acho que algumas pessoas elas tem medo da um... tem medo da... tem medo da mudança eu acho, não, tira essa parte, não faz sentido o que eu falei, então eu acho que é algumas pessoas elas confundem o feminismo com o que foi falado que é o femismi que é a mulher ser maior que o homem, mas não o feminismo ele quer uma sociedade igualitária, igualitária pra todos assim, e aí vem as pessoas e usam fakenews praaa... pra “aaah não sei o que a mulher feminista fez isso” mas é tudo mentira, botaram... fazem essas coisas e espalham e se informam... se informam de maneira errada sobre uma coisa que... que é boa pra todos nãã... não é ruim, então eu acho que eles tem, eles entendem esseee... femi.. éé... entendem

o feminismo como um movimento agressivo, desnecessário por causa que eles não são informados do que que é mesmo e o que que já fez, já fez muita coisa, então eles não tem essa... essa... informação certa sobre isso, eu acho que é isso.

Jamily: eu acho também que os homens tem medo gente, os homens... não generalizando não mas eu acho que eles tem medo da mulher fazer o trabalho dela ééé... melhor que ele e ficar sempre dee... de uma forma acima dele assim sabe e ele não ter mais essa... não ficar como o reizão lá que pode fazer tudo, eu acho que eles tem muito medo, muito medo da sociedade se tornar realmente igualitária e as mulheres ter o seu local de fala e ele não pode falar assim “não vou, você não vai fazer isso porque você é uma mulher” eu acho que eles tem muito medo disso, é.

**19) Você se sente preparada (o), como professora (or) (ou futura (o) professora (or)) para lidar com temas como igualdade de gênero e feminismo em sala de aula? Se você já é professor, já passou por alguma situação em sala? Ou presenciou algo como aluna (o)?**

Bruna: Eu sinto que eu tenho um conhecimento básico, eu sinto que eu saberia falar sobre isso, mas com certeza eu pesquisaria a respeito mais, pra poder ter mais certeza, mas eu.. eu sinto que eu consigo falar sobre esse assunto eee... tenho a capacidade de pesquisar mais pra saber eee... eu acho que eu tenho a calma e a, e a paciência também pra lidar com as respostas que os alunos trouxeram ou os tipos de discussões, mas eu não sei se a escola permitiria isso, mas a pessoa que, o professor que fizer isso tem que ter calma, tem que saber do assunto ee... tem que tomar cuidado também com as reações, tem que fazer de uma forma mais leve, indo assim pelas beiradas como que se fala porque, com certeza em algum momento vai ter alguém na sala de aula que não vai concordar com ele, algum aluno ou até mesmo na escola algum colega, mas eu sinto que eu poderia sim falar sobre esse assunto e até penso em falar sobre isso porque é algo muito importante pra ser falado, discutido principalmente com jovens, que eles ainda estão formando a cabeça, também com adultos mas quanto mais cedo conversar melhor.

Giovane: Olha eu pessoalmente eu já.. já dialoguei né com, dei aula semestre passado pra uma turma do núcleo de línguas eee.... cuja matéria eraaa.. assuntos controversos e a gente acabou tipo discutindo sobre assuntos sobre como... como desigualdade de gênero ee... eee... entre outras eeee... eu posso dizer assim que... que não precisa de muito, não precisa sabe de muita... de muito pra você dialogar esses temas em sala de aula, basta você saber ouvir assim, eee... eee... e procurar entender o outro né, não somente sabe jogar a sua opinião e esperar que o outro aceite né, mas dialogar, se botar no lugar do outro eee.. eee... e dar o primeiro passo assim que é você éé introduzir o tema eee.. sabe.. que na minha opinião tudo precisa ser.... tudo precisa ser debatido e discutido e sala de aula pra mim é um, é uuumm.. lugar bastante fértil assim pra.. de opiniões né eee... eee... experiências de vida que pode agregar bastante assim tipo a uma pesquisa sabe, é muito, é muito interessante, é um lugar bastante interessante pra você discutir esses temas eee... e eu acho assim queee... que estar preparado é... é... não é uma coisa tipo fixa sabe, tipo discuti esses temas na, na, na faculdade e agora eu vou, agora eu sou preparado pra discutir na sala de aula, não, não é assim, eu acho que é uma constante, é uma constanteee.. evolução sabe queee... eu acho.. mas o primeiro passo é você saber ouvir o outro e se colocar no lugar do outro, é isso.

Elena: Não. Nunca exerci a profissão.

Thalita: Então, eu não dou aula ainda mas pelo o que eu estud até agora na universidade eu acho que sim, eu estou preparada pra.. pra comentar sobre praa.... conscientizar os alunos sobre, só que é aquela coisa, aquele medo que de que o pai ou a mãe não vão gostar e vão bater na escola depois, mas se tivesse uma liberdade pra comentar sobre seria bem mais fácil.

Cesar: então eu como já professor já abordei alguns assuntos como feminismo em sala de aula, eee... uma vez aconteceeeuuu... uma coisa queee... na verdade eu não tava abordando aaahn igualdade de gênero nem feminismo, poréemmm... como eu ahn dou aula de inglês e aí eu usei um GIF do bonde das maravilhas dançando funk numaaa... numa unidade sobre artes, a gente tava falando sobre dança e eu usei esse GIF e aí maaaa... uma mulher, uma das minhas alunas, falou queee... esse tipo de dança denigre a imagem da mulher, que é muito feio mulher dançar funk, que é vulgar e etc, e aí eu fui e falei que não, não é, expliquei pra ela porque que o homem

éé... teoricamente pode, porque que a mulher não pode, e a gente discutiu um pouquinho eee...no final consegui até mudar a opinião dela.

Poliana: Enfim, na verdade eu não me sinto nem um pouco preparada para lidar com esses temas, eu me sinto encorajada a lidar com esses temas né, mas preparada não, nem um pouco, porque eu não fuiii... eu não recebi muito orientação né de como lidar com isso e as vezes o medo né que a gente tem de mexer nesse monte de... aaah....como é que se diz... nessa colmeia de abelhas aí... e se como professora eu já passei algumas situações em sala... aaah... eu acho que não... não me recordo de nada, ééé... apenas recentemente no estágio que eu estava fazendo só os meninos iam, iam pra frente pra participar do jogo, da dinâmica e nenhuma menina ia, e aí eu falei né mas daí fui eu que intervi, eu falei como assim onde é que tá o poder da mulherada, ninguém vai... vai assumir a frente e tal aí a menina se candidatou e foi lá pra frente toda né cheia de poder, não vou falar empoderada que já ficou chato, mas a menina foi lá pra lá toda poderosa né, ééé.. tomando a frente, ganhou, acertou a questão, aí depois que ela foi representar as demais passaram a participar mais também, mas precisou de um incentivo né meu pra que as meninas se manifestassem e acreditassem mais nelas naquela atividade, acho que foi mais isso, não me lembro de... de nada assim muito crítico não... e como aluna só mesmo alguns comentários machistas que vi de colegas né dentro das...das aulas, das discussões de sala de aula, tem um rapaz específico que ele sempre foi muito machista eee... ele era apedrejado na sala pela mulherada, e ate hoje ele é machista e isso e aquilo mas ele melhorou muito também, porque ele apesar de ser um cara chato em relação a essa questão do feminismo e igualdade de gênero elee... ele até é aberto né, a discussões, ele ouve opiniões, ele quer mudar, quer melhorar, então mais isso.

Alunos Morfossintaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: não, não me sinto preparada, tenho que me preparar mais porqueee... realmente não sei como que eu ia lidar pra conscientizar meus alunos sobre isso.

Brenda: não, eu não sei nem se eu vou conseguir ser professora em si, imagine jáá hummm.... uma matéria já pra difundir.

Beatriz: é eu quero ser mas isso realmente as vezes eu fico pensando assim mas eu fico muito confusa.

Dupla 2 Paloma e Myrella

Paloma: não, preparada eu acho que por mais que você conheça você não tá preparada porque cada situação é uma situação então você se depara com n situações principalmente em sala da aula, você conhece diversas situações de alunos e você tem que enfrentar cada uma delas, então trabalhar cada uma delas sempre vai te forçar aaa...aaa... buscar mais conhecimento, a saber mais do assunto pra você poder passar de forma correta determinada coisa pra aquele aluno, então assim preparada assim eu acho que por mais que você busque você nunca vai tá, sempre vai ter uma situação nova pra você tentar ééé... trabalhar ela, então assim a gente tá num processo de preparação.

Myrella: ééé... é que nem aprendizagem, quanto mais você aprende mais coisa tem pra descobrir então mesmo que você entenda de um assunto, você consiga falar de um assunto pode ter situações específicas que não se encaixam no que você aprendeu e você tem que buscar sempre mais informações ééé... mais pontos de vista e buscar entender os dois pontos de vista pra poder ver um.. um meio, um jeito que nenhum dos dois saiam prejudicados, então é uma coisa assim que mesmo que você éé... entenda e consiga fa... passar alguma coisa sobre o assunto você tem sempre que bu... que continuar buscando pra poder continuar passando coisas mais novas e diferentes pras pessoas conseguirem entender e conseguir fazerem ééé... de acordo com cada ééé... situação.

Paloma: e eu acho que cada vez que você passa por uma situação você aprende um pouco mais, até quando você tá ensinando né, você naquele momento dee... de discussão ou de troca de ideias ou de passar informação você aprende alguma coisa porque você tá vivenciando aquela situação, acho que tudo isso é muito válido.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: não, porqueee... as... acho que depende não porque eu ainda não consigo ter argumentos suficientes, eu acho que eu não consigo ter argumentos suficientes pra poder ééé... lidar com isso numa sala de aula porque a gente não sabe a realidade de cada aluno, por exemplo se o aluno é muito religioso ele vai chegar com... com... com todas os argumentos que ele tem sobre a bíblia e eu não vou falar sobre a bíblia porque eu vou tá desrespeitando a religião dele, apesar dele estar usando a religião pra... pra disseminar o ódio sabe, acho que eu... eu não to preparada não, to não.

Samuel: então, euuu... eu acho queee... eu não to preparado também não porque é uma situação complicada, tipo eu quero muito, se eu for professor eu quero muito trabalhar com essas questões, mas eu acho que ainda eu preciso meee... meee... meee... me qualificar e pensar numa estratégia de como trazer isso sem trazer uma confusão com os pais ou com alguns alunos que são mais mente fechadas assim então eu quero mas ainda não to preparado praa... pra fazer isso, mas eu quero chegar lá eeee.... e mudar... e mudar o pensamento deles, se alguém pensar assim.

Jamily: no ensino médio principalmente onde as pessoas estão sei lá com umaaa... uma base já, um... um final do ensino fundamental, no ensi... ó, eu acho que a parte mas ééé... fácil entre aspas de você conseguir mostrar a alguém que o mundo não é realmente daquele jeito é no... na transição do final do ensino fundamental pro ensino médio que as pessoas ainda tão meio que se descobrindo e tal, e a gente tem que aprender também com as criancinhas, porque se você perceber as crianças deee... sei lá, criancinhas mesmo não tem essa diferença, se ele vê uma, se a criança ver uma boneca ela vai brincar com uma boneca, se ela ver uma bola ela vai brincar com a bola, são os pais que falam "olha só, não faz isso" aí a criança vai e não vai fazer isso por causa dos pais, então se você mostrar pras criancinhas desde o início que elas tão certas, que éé.. é certo você brincar com qualquer coisa que você tá na mão já é um bom começo, e conseguir manter isso duranteee... o ensino fundamental, médio e assim pra vida toda vai ser melhor ainda.

Samuel: sim, concordo.

## **20)O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?**

Bruna: Eu acho importante colocar que como lidar com essas, com esses assuntos ou com as situações que poderemos algum dia pre... presenciar como, esses assuntos que eu falo, esses que a gente tá discutindo até agora né, sobre homossexualidade eee... feminismo eee.. comooo... comooo... ééé.... como que poderíamos abordar isso e quais éé...éé...é importante também falar que ééé.. o que fazer ééé... a importância de agir também ao ver uma agressão, oouu.. ai eu deixa eu ver se eu consigo explicar... criar....eu li um artigo sobre bullying que fala que é importante criar empatia com... para... para com as vítimas, eu acho que pra todo tipo de agressão é bom ééé....falar de empatia porque esse, essa é uma forma de lidar com isso e eu acho que é importante falar como lidar com isso, tem muitas pessoas que ficam tão perplexas que ela não conseguiu lidar com isso e é importante também falar ééé... sobreee... continuar lutando a favor da... dos direito, continuar conscientizando, é isso.

Giovane: Eu acho que seria super interessante um capítulo falando sobre como trazer esses temas né que foram discutidos para a sala de aula, mas não pelo, não somente a sala de aula, mas... na discussão entendeu, como trazer esses temas pra discussão, para a discussão né, para o diálogo, porqueee... até hoje são considerados temas éé... controversos né e não deveriam ser tipooo... deveriam ser tipo temas do dia a dia sabe, temas que.. que as pessoas pudessem dialogar sabe com mais liberdade mas não há, não tem tipo essa, essaaa.. liberdade de diálogo com esses temas, então eu acho que seria super interessante um capítulo falando sobre isso, como trazer, como abordar, a importância né, eee... e é isso.

Thalita: Bom eu não sei se você já vai colocar isso na sua dissertação, mas como você vai fazer um, um trabalho sobre feminismo e questão de gênero e as lutas sobre isso, eu acho importante você colocar os nomes de alguns... de algumas organizações porque aí a pessoa que vai ler se talvez ela não conhece ela vai procurar saber sobre, vai se informar e aí vai entender o que realmente se trata.

Cesar: na verdade eu não seeeeeiiii... exatamente qual é o tema, mas eu gostei muito das perguntas que foram feitas, achei bastante relevantes, assim né, provavelmente muito relevantes pra pesquisa aahn... e também eu achei muito relevante pra mim como... homem gay aahn... refletir um pouco sobre essas questões que são algumas coisas que eu nunca tinha parado pra pensar talvez eee... foi uma experiência bem legal, então eu não sei o que seria fundamental mas eu acho que como a gente tá falando sobre o feminismo e igualdade de gênero eu acho que seria aahn interessante vocês mostrarem alguns número de por exemplo crime, falar um pouco sobre feminicídio, porque eu acho que essas coisas que chocam que faz as pessoas mudarem de opinião por exemplo e abrir os olhos pro feminismo e ver que o feminismo não é um movimento desnecessário.

Poliana: Eu acredito que... que é legal que incluam éé.. as histórias reais né, por exemplo... contando a história como crônicas ou alguma coisa assim, contando a historinha deee....de todas, cada mulher vai ter uma história pra contar né, do que realmente aconteceu, e as histórias que... e os relatos que vocês acharem mais interessantes vocês podi... poderiam contar né, ou pedir pra pessoa fazer uma... uma pequena redação sobre o acontecido pra...pra detalhar melhor né como foi, eu acho que oo... que ooo... que isso... a apresentação das histórias de... de... das mulheres e talvez, não sei... aaa... aaa... trazer, trazer exemplos dessas, como eu falei literários entendeu, que... que mostrem, éé.. as reações das mulheres não apenas nos tempos de hoje, mas desde o início... sabe? Éééé... trazer ééé... esses textos é como eu falei do yellow wallpaper, doo... awakening ééé... trazer escritoras que lutaram, o que que elas fizeram, mostrar que de época em época isso tudo sempre acontece eu acho que a apresentação dessas épocas ee... ee...das diferentes autoras de diferentes, não só nas poesias, na, nas... nos textos literários mas também na arte né, que muitas mulheres tro....colocavam nomes de homens pra po...pra poderem expor e serem reconhecidas, serem aceitas como escritoras em editoras né, eu que essas questões seriam interessantes vocês colocarem na dissertação, ok?

Alunos Morfosyntaxe (feitas em duplas):

Dupla 1 Beatriz e Brenda:

Beatriz: não sei, não faço ideia.

Branda: também não, acho que ta suficiente.

Dupla 2 Paloma e Myrella

Paloma: acho que tem que bater muito na tecla, eu acho que você já deve fazer isso mas de que ééé... a questão de gênero ou de... de preconceitos as pessoas elas querem ter igualdades elas não querem ser melhores do que outro elas querem ééé... ter oo... todos os direitos garantidos assim como qualquer outra pessoa independente da cor, independente da religião, independente se ela é homem ou mulher independente de qualquer coisa o que elas querem é igualdade, eu não quero ser melhor nem pior do que o outro, eu quero ser igual, eu quero poder fazer as mesmas coisas sem nenhum problema.

Myrella: ééé inclusive tem que bus... sempre buscar saber até pra não confundir ooo... os termos, você falar de uma coisa querendo falar de outra, você falar de femismo por exemplo querendo falar de feminismo, falar de identidade sexual querendo ééé... falar de sexualidades coisa que.... são coisas diferentes.

Paloma: trabalhar questões de gênero, trabalhar éé... tipo assim a questão de ser transexual, bissexual, sabe, que as pessoas confundem muito isso também ééé... não entendem exatamente por não ser muito ééé... falado então teve uma vez que uma pessoa virou pra mim e falou bem assim “eu sou bissexual mas eu sou homoa... heteroafetiva” tipo assim você fica pensando como assim “aaah não porque eu... eu gosto de beijar meninas e meninos mas eu só me interesse afetivamente por homens” falei aaah ta, então assim cada dia que você ouve, você ouve uma coisa diferente, eu acho que ééé... esse boom de informações na verdade é que deixam as pessoas sem esse conhecimento que é tanta coisa ééé.... é tanto ééé... é tanta ééé... como é que fala... nomenclatura nova que aí as pessoas “aaah isso aí é tudo um bando de viado e sapatão e acabou” então assim as pessoas tem muita dificuldade ééé... eee... em relação a trans... transgênero né que a pessoa não necessariamente é homossexual mas ela não se identifica como... com aquele gênero que ela apresenta fisicamente então assim então acho que trabalhar isso é muito bacana, e o ambiente escolar é muito ééé... então assim eu acho que é o

ambiente mais propício né pra fazer isso, pena que hoje em dia eu acho que tá meio complicado fazer isso dentro de... de uma escola.

Myrella: é legal falar também da geração mimimi né que o povo fica falando que não pode fazer piada mais que tudo já é preconceito que não podeee... ééé... tipo chegar na pessoa eee.. queee... aaah já tá querendo ofender e tal mas na verdade éééé... queee.... virou modinha agora ser lésbica, sapatão, viado, ser do povo LGBT sendo que na verdade as pessoas, essas pessoas sempre existiram só que ééé... não assim de um dia pra noite viraram ééé.... só que não... não... não falavam até porqueeee... ééé... não queriam morrer eee... até porque por medo mesmo sabe, a pressão e agora que as pessoas tão querendo ééé... falar “não eu não quero ouvir isso porque isso ééé... ofende a minha pessoa” aí o povo fica falando que é mimimi que não... não tem o que falar porque é só brincadeira, não vai rolar nada, só que isso acaba gerando violência sim porque ééé... ééé... teve uma coisa... eu não sei o que que eu vi que falaram que o melhor jeito de descobrir ééé... ooo... os principais preconceitos da sociedade são nas piadas que as pessoas contam porque aaa... você vai descobrir que ééé... os preconceitos de gênero, de classe social deee... de cor, vai descobrir de todos os preconceitos que tem de acordo com as piadas, é o melhor jeito de descobrir o que que a sociedade precisa evoluir.

Dupla 3 Jamily e Samuel:

Jamily: nossa senhora.

Isabele: só uma opinião mesmo.

Jamily: eu acho que seria ééé... aaaa... a homofobia incluída com racismo, porque tipo assim os, os homossexuais brancos já sofrem, mas os homossexuais negros sofrem o dobro, não querendo desprezaaar... menosprezar o sofrimento dos outros mas é muito mais complicado porque a gente já tem um preconceito racial que já... que vem de anos e anos atrás, agora se você já é... pode falar preto? Porque eu já falo preto.

Isabele: pode.

Jamily: se já é preto eee... e homossexual nossa senhora você é uma afronta pra sociedade, você tá... você tá contra todos os negocio e você só quer viver e as pessoas querem que você seja igual a todos mais um poquinho querem que você nasça de novo porém branco e hétero, mas isso não vai acontecer entendeu, então eu acho que seria uma boa pra dissertação.

Samuel: e também, piorar tudo ainda transgênero negro.

Jamily: transgênero negro, porque se tem uma coisa que sofre, que eu vejo que é gente.... não mas esse é na cara de pau mesmo, é um transgênero negro, eu conheço uma pessoa que ela é transexual, tipo ela ééé... era homem né, agora mulher, e é negra, gente é uma coisa que você, aaah eu conheço gente que chamaaa... ela ainda pelo nome masculino, isso é muito triste porque a pessoa... o nome masculino ficou no passado, não é... a pessoa não existe mais não... não... antes era Michael, esse Michael morreu, não tem mais o Michael agora sei lá “aaah Nicole né, Nicole Michael, a não sei o que não sei o que lá” gente sofre muito e eles pensam que é só brincadeira mas essa brincadeira pode levar a depressão, que leva a morte, que leva aaa... as pessoas aaa... ficarem mais ame... mais amedrontadas ainda, então isso eu acho que seria bom pra dissertação.

Isabele: e você?

Samuel: é o que eu falei de transgêneros negros eee... também o que ela falou eu concordo.

Jamily: aaaa olha aqui rapidinho, outra afronta assim tirando a Pablo Vittar gente porque a Pablo é linda e ela é uma afronta a sociedade né, é um LGBT negro e gordo, gente é a coisa queeee...

Paloma: nossa você tá... você tá colocando muito preconceito, é muita coisa mesmo tá.

Jamily: gente, tipo assim...

Paloma: você ser negro, você ser fora de um padrão dee... de cor e ainda ser homossexual éé... e ser mulher, nossa se for mulher então nossa acabou, é difícil você agrega preconceitos né.

Jamily: e tipo assim, geralmente você vê o que, uma pessoa fora de um dos padrões assim, a pessoa é negra porém ela é magra, a pessoa é negra porém tem traços finos, a pessoa ela é... ela é homossexual porém ela é branca, a pessoa ela é gorda porém ela é hetero agora se uma pessoa éé... tem todos esses o que as pessoas não consideram padrão gente... ééé... e pior... e pior não, tipo assim essas pessoas existem, se... essas pessoas tão lá, você não tá vendo mas elas existem eee... elas são... elas se escondem... quantas pessoas elas tem medo por causa disso... é, acho que seria bom pra dissertação.

## QUESTIONÁRIO DE PERFIL

1) Nome completo e idade:

\_\_\_\_\_

2) Sexo:

(    ) Masculino

(    ) Feminino

3) Local de moradia:

Cidade: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

4) Quantas pessoas moram em sua residência, e quem são?

\_\_\_\_\_

5) Meio de transporte para a escola:

(    ) A pé    (    ) Bicicleta    (    ) Ônibus    (    ) Moto    (    ) Carro

(    ) Outro: \_\_\_\_\_

6) Qual o grau de escolaridade dos seus pais ou responsáveis?

(    ) Fundamental incompleto

(    ) Fundamental completo

(    ) Nível médio

(    ) Nível superior

7) Quantas pessoas de sua família (que moram com você) trabalham?

\_\_\_\_\_

8) Qual a renda mensal da família (aproximadamente)?

(    ) Menos de um salário mínimo

(    ) 1 a 2 salários mínimos

(    ) 2 a 3 salários mínimos

(    ) 3 a 5 salários mínimos

(    ) Mais de 5 salários mínimos

9) Marque apenas os itens que sua família possui:

(    ) Casa própria

(    ) Carro

- ( ) Moto
- ( ) Computador
- ( ) Internet
- ( ) Celular (coloque o número de aparelhos somados)

10) Qual a sua atividade de lazer preferida?

---



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Nome: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

**ENTREVISTA COM ALUNOS DA UNIVERSIDADE**

- 1) Como foi a sua formação como estudante nesta universidade?
- 2) Sobre sua formação acadêmica, em algum momento foi abordado o tema igualdade de gênero ou feminismo em sala de aula?
- 3) Em seu curso, foi oferecido em algum momento palestras, optativas, minicursos ou alguma atividade extracurricular que falasse sobre feminismo e igualdade de gênero?
- 4) Como você entende o feminismo e a igualdade de gênero?
- 5) Você acredita que a mulher enfrenta mais dificuldades do que os homens? Por que?

- 6) Por que perguntam em algumas entrevistas de trabalho se a mulher tem filhos?
- 7) Você já sofre sexismo?
- 8) O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES?
- 9) Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?
- 10) Quais são os problemas que, ao seu ver, a mulher ainda enfrenta na sociedade de hoje?
- 11) Você já se deparou com alguma situação de machismo ou preconceito envolvendo gênero?
- 12) Por que a mulher recebe menos que os homens em certas profissões?
- 13) Você acha que a visão de gênero ainda é binária (homem heterossexual vs mulher heterossexual)?
- 14) Você já presenciou alguma situação de agressão ou preconceito contra algum homossexual? Ou conhece alguém que já passou por isso? Pode explicar?
- 15) Que medidas que você acha que poderiam ou deveriam ser tomadas para diminuir as agressões e preconceitos contra mulheres e homossexuais?
- 16) (Caso a entrevistada seja mulher) Você sofre algum medo que você acredita que aconteça pelo único fato de você ser mulher?
- 17) Você acredita que a mulher tem a mesma liberdade para uma vida social que o homem tem?
- 18) Por que algumas pessoas entendem o feminismo como um movimento agressivo ou como algo desnecessário?
- 19) Você se sente preparada (o), como professora (or) (ou futura (o) professora (or)) para lidar com temas como igualdade de gênero e feminismo em sala de aula? Se você já é professor, já passou por alguma situação em sala? Ou presenciou algo como aluna (o)?
- 20) O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?

---

Autorização

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a publicação das respostas acima, ciente de que estas serão utilizadas no anonimato.

Sem mais,

---



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Nome: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

**ENTREVISTA COM PROFESSORES DA UNIVERSIDADE**

- 1) Como foi a sua formação acadêmica, em algum momento da graduação ou na pós foram abordadas teorias de gênero?
- 2) Como professor, em suas aulas você aborda temas como igualdade de gênero ou feminismo?
- 3) Você se sente preparado pela sua formação ou por outros estudos, como professor, para lidar com temas como os estudos de gênero e feminismo em sala de aula?
- 4) No currículo, você considera que existe abertura para a abordagem de temas como os estudos de gênero e feminismo nas aulas da graduação?
- 5) Como você entende o feminismo e a igualdade de gênero na sociedade de hoje?
- 6) Você acredita que a mulher enfrenta mais dificuldades do que os homens? Por que?
- 7) Por que perguntam em algumas entrevistas de trabalho se a mulher tem filho?
- 8) Você já sofre sexismo?

- 9) O que você pensa sobre o ensino público e privado, considerando as seguintes categorias: no Brasil, no ES em relação a temas como feminismo e igualdade de gênero?
- 10) Na sua opinião, qual seria a importância de abordar temas como igualdade de gênero em cursos da Universidade? E em escolas?
- 11) Quais são os problemas que, ao seu ver, a mulher ainda enfrenta na sociedade de hoje?
- 12) Você já se deparou com alguma situação de machismo ou preconceito envolvendo gênero? E em sala de aula?
- 13) Quais dificuldades você acredita que mulheres ainda sofrem diariamente apenas por serem mulheres? E homossexuais?
- 14) Você já presenciou alguma situação de agressão ou preconceito contra algum homossexual? Ou conhece alguém que já passou por isso?
- 15) Que medidas que você acha que poderiam ou deveriam ser tomadas para diminuir as agressões e preconceitos contra mulheres e homossexuais?
- 16) (Caso a entrevistada seja mulher) Você sofre algum medo que você acredita que aconteça pelo único fato de você ser mulher?
- 17) Por que algumas pessoas entendem o feminismo como um movimento agressivo ou como algo desnecessário?
- 18) O que, a seu ver, seria fundamental que incluíssemos na dissertação?

---

Autorização

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a publicação das respostas acima, ciente de que estas serão utilizadas no anonimato.

Sem mais,

---

